

Nova edição

# ITINERÁRIO JUVENIL

Temas para grupos de jovens (pós-crisma)

2º ANO



juventude  
patriarcado de Lisboa

# Introdução

---

O segundo ano do nosso itinerário é um convite a penetrar mais profundamente o segredo de Jesus, ou melhor, a conhecer mais intensamente a sua identidade. E, para o discípulo, conhecer o interior do seu Mestre significa ir mais longe no envolvimento com Ele e aceitar o desafio de O seguir de forma mais próxima e comprometida.

Na primeira etapa, a caminho do Natal, tendo a encarnação como meta e, como tal, a certeza de que a presença de Deus no meio dos homens aconteceu e acontece num homem – Jesus – somos chamados ao realismo da fé. Jesus, que nos reserva a totalidade da revelação acerca de Deus e do homem, é o conteúdo concreto e total da nossa fé. É a Ele que nos dirigimos e é d’Ele que partimos. Por isso, a experiência da fé é uma confiança e abandono a Jesus, no envolvimento de uma relação pessoal. E a esperança é a expectativa e o acolhimento de Deus em Jesus: ansiamos, sequiosos, a presença de Deus e reconhecemo-la inteira no rosto e na vida de Jesus.

A segunda etapa lança-nos um pouco mais longe: vamos do Natal à Páscoa, da Encarnação à Redenção, do início da vida à consumação da vida de Jesus. Neste trajecto, que culminará na doação da vida de Jesus, procuraremos ver o que está dentro dela. E essa é a surpresa maior: reconhecemos em Jesus o Filho de Deus e o Filho do Homem, Deus que se faz homem e o homem que é Deus. Por isso, podemos encontrar nele toda a profundidade do amor de Deus e toda a grandeza da majestade de Deus, mas podemos também encontrar toda a beleza e perfeição que Deus quer para o homem. Esse é o segredo do Reino de Deus que Jesus anuncia e que esperamos realizado na nossa vida à medida que Jesus toma conta dela.

Na terceira etapa, somos lançados da Páscoa pelos dinamismos do Espírito Santo. O Espírito oferecido por Jesus na sua ressurreição gera nos homens a vida de Jesus, com os seus critérios e força, com a novidade do seu amor e a certeza da sua vitória sobre todo o mal. Saídos da Páscoa, o Espírito leva-nos a reconhecer e construir as novas presenças de Jesus ressuscitado, seja a sua Igreja, sejam os sacramentos. No último trimestre daremos especial atenção ao Baptismo e à Eucaristia: fazem chegar até nós a presença real de Jesus ressuscitado, que nos comunica o seu Espírito e nos une a Ele e ao Pai, e que nos alimenta com o seu Corpo e Sangue. Estes são os sacramentos da vida nova e que nos tornam acessível e real a presença de Jesus para que a nossa vida se impregne inteiramente d’Ele.

---

## 2º Ano

# “Quem dizeis que eu sou?”

---

### Objectivos gerais

- Descobrir Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem;
- Aceitar o seguimento de Jesus, descobrindo no Evangelho os critérios e os valores de vida do discípulo;
- Experimentar a relação com Cristo, sobretudo na Oração e na Eucaristia.

### Índice

1º Bloco – Jesus, a surpresa de Deus (até ao Natal)	4
<b>I – Uma espera</b>	<b>5</b>
<b>II – Uma preparação</b>	<b>17</b>
<b>III – Um nascimento</b>	<b>26</b>
<b>IV – Celebração “Anuncio-vos uma grande alegria”</b>	<b>35</b>
2º Bloco – “Vinde e vede” (até à Páscoa)	40
<b>I – Um homem que é Deus</b>	<b>41</b>
<b>II – O enviado do Pai</b>	<b>59</b>
<b>III – A morte que gera vida</b>	<b>79</b>
<b>IV - Retiro – “Senhor, ensina-nos a rezar”</b>	<b>88</b>
3º Bloco – O mistério de uma presença (depois da Páscoa)	95
<b>I – O homem novo</b>	<b>96</b>
<b>II – A fracção do pão</b>	<b>108</b>
<b>III – O dom do Espírito</b>	<b>128</b>
<b>IV – Celebração “Reconheceram-n’O ao partir do pão”</b>	<b>153</b>

# 1º Bloco - **Jesus, a surpresa de Deus**

---

## INTRODUÇÃO

No início do segundo ano da nossa caminhada, somos convidados neste primeiro trimestre a acolher Jesus Cristo, a Palavra de Deus feita carne.

Começaremos por recordar a história do povo de Israel, que transformou em certeza a esperança no Messias prometido, relendo a mensagem dos Profetas, que preparam o coração da humanidade para a nova e eterna Aliança e fazem da palavra esperança conceito fundamental da existência humana.

Esperança que encarna em Jesus Cristo, o Filho de Deus, o pleno cumprimento da promessa feita por Deus ao seu povo. Promessa de Aliança eterna, que se renova na vida de cada homem e mulher do nosso tempo, sempre que acolhem a sua palavra e a celebram, na justa medida em que O escutam no silêncio orante da fé, que molda o nosso coração de filhos comprometidos com o Pai e com os homens nossos irmãos.

Terminaremos este percurso contemplando o mistério da Encarnação do Verbo de Deus. Por amor, Deus fez-se homem para ensinar aos homens os caminhos do amor, caminhos que nos levam a Deus, a uma vida que só n'Ele encontra sentido e fim.

## OBJECTIVOS

- Assumir a fé como uma atitude de confiança e entrega;
- Descobrir a esperança como acolhimento da promessa de Deus;
- Viver a encarnação de Jesus como Dom do amor de Deus;

## TEMAS

- I – Uma espera
- II – Uma preparação
- III – Um nascimento
- IV – Celebração “Anuncio-vos uma grande alegria”

## LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio

## 1º BLOCO

# I – Uma espera

---

### LINHAS GERAIS

Ao longo da história da salvação, Deus revela-se progressivamente aos homens, muitas vezes de forma inesperada, como uma surpresa que emerge e inunda de sentido a vida de cada um, mas sempre como um Deus que quer estabelecer com os homens uma aliança de amor. E se, muitas vezes, o povo não foi capaz de ser fiel à aliança, Deus não desistiu nunca de a renovar e actualizar.

A vontade de Deus de se revelar atinge a sua plenitude em Jesus Cristo, nova e eterna aliança entre Deus e os homens.

A certeza de um Deus que não abandona o homem, que vem constantemente ao encontro do seu povo para com ele estabelecer uma relação amorosa, e a promessa de uma nova e eterna aliança encheram de esperança o povo de Israel, que transformou esta esperança no alicerce do seu caminhar histórico.

A esperança de Israel é a certeza, muitas vezes sofrida e questionada, da presença de Deus; certeza que se fundamenta na promessa feita por Deus de que não abandonaria o seu povo. Esperança alimentada nas sucessivas alianças que Deus faz com o povo de Israel e pela voz dos Profetas que anunciam a vinda do Messias prometido, que estabelecerá, pela sua entrega na cruz, uma nova e eterna Aliança.

### O QUE SE PRETENDE

- Olhar a fé como dom de Deus;
- Entender a fé como uma atitude de confiança;
- Experimentar a fé como “luz no meio das trevas”;
- Viver a fé como confiança em Deus, nos outros e em si próprio.

# 1º Encontro

Neste encontro, começamos por olhar a fé como um dom de Deus para percebermos que esta se traduz numa atitude confiante.



Quadro ou cartolina e marcadores

Bíblia

Fotocópias dos números 153-165 do Catecismo da Igreja Católica

Folhas com o texto da oração inicial e da oração final



A mesma que foi rezada no primeiro encontro no primeiro ano do IJ. Para transmitir a noção de continuidade de vida em grupo

[Todos]

A vida passa depressa, Senhor,  
o tempo corre veloz.

Os dias sucedem-se ininterruptamente.

A vida é cada vez mais agitada.

Não há tempo para mais nada.

É preciso correr para acompanhar.

Mas hoje queremos parar um instante  
para falar convosco, Senhor,  
pois uma nova etapa começa agora.  
Hoje os nossos pensamentos  
são de gratidão:  
seria difícil enumerar os benefícios  
recebidos até o dia de hoje.

Queremos também pedir perdão,  
pois nem sempre levamos a vida a sério.  
Muitas vezes deixamos de cumprir  
as nossas obrigações.  
Falhamos tremendamente  
nas relações com os outros.  
Perdoai-nos, Senhor.

No começo deste novo ano pastoral  
queremos iniciar uma vida nova,  
uma vida mais autêntica  
e mais sincera.

Acompanhai-nos, Senhor,  
em cada dia.  
Firmai os nossos passos  
no caminho do bem.

Derramai a paz e o amor  
nos nossos corações  
para que possamos construir  
um mundo novo,  
onde reine a paz,  
a justiça e a fraternidade,  
onde se luta  
para acabar com a miséria,  
para aliviar os sofrimentos alheios.

Assim, a vossa presença  
marcará cada vez mais o nosso mundo.

Fortalecei-nos, Senhor,  
na nossa missão e guiai-nos hoje e sempre.  
Ámen.



1. O animador propõe uma “chuva de ideias” sobre a palavra FÉ, e regista os contributos de cada um.

2. Dividir em pequenos grupos e:  
Ler Gn 12,1-9 e Ex 3,1-10.

Cada um deverá analisar a atitude de Abraão e Moisés, salientando as características da atitude de fé de cada um.

3. Plenário das conclusões da reflexão.

4. Síntese final feita pelo animador, focando os seguintes aspectos:

- a fé é um dom que deve ser acolhido;
- a fé é uma resposta à iniciativa de Deus;
- a fé implica uma atitude: o desprendimento das “coisas” e a adesão a um projecto;
- pela fé “tornamo-nos capazes” de superar as dificuldades



20 | 21



**Cântico**

Eis-me aqui (CD Ecuménico Jovem II)

[Leitor]

Leitura da Epístola do apóstolo São Paulo aos Romanos  
Irmãos:  
Não foi por meio da Lei,  
mas pela justiça da fé,  
que se fez a Abraão ou à sua descendência  
a promessa de que receberia o mundo como herança.  
Portanto a herança vem pela fé,  
para que seja dom gratuito de Deus  
e a promessa seja válida para toda a descendência,  
não só para a descendência segundo a Lei,  
mas também para a descendência segundo a fé de Abraão.  
Ele é o pai de todos nós, como está escrito:  
«Fiz de ti o pai de muitos povos».  
Ele é o nosso pai diante d'Aquele em quem acreditou,  
o Deus que dá vida aos mortos  
e chama à existência o que não existe.  
Esperando contra toda a esperança,  
Abraão acreditou,  
tornando-se pai de muitos povos,  
como lhe tinha sido dito:  
«Assim será a tua descendência».  
Por este motivo é que isto «lhe foi atribuído como justiça».  
Palavra do Senhor.  
(Rom 4, 13.16-18.22)

[Todos]

O Senhor é minha luz e salvação.  
De quem hei-de ter medo?  
Quem hei-de temer?  
Ainda que um exército acampe contra mim,  
o meu coração não terá receio.  
Ainda que uma guerra estoure contra mim, mesmo assim hei-de confiar.

Só uma coisa peço ao Senhor:  
habitar na sua casa  
todos os dias da minha vida,  
Para fruir da sua doçura.  
Nos dias de infelicidade  
Ele me esconde o segredo da sua tenda.  
Vou cantar, vou tocar em honra do Senhor!

Ouve, ó Senhor, o meu grito de apelo,  
Tem piedade de mim e responde-me!  
O meu coração diz-me que eu procure o teu rosto.  
És Tu, ó Senhor, quem eu procuro,  
não me escondas a tua face!



Tu és o meu socorro,  
não me deixes, não me abandones,  
Meu Deus e salvador!  
Ensina-me o teu caminho, ó Deus!  
Guia-me por uma vereda plana!  
Eu creio que vou ver a bondade de Deus  
na terra dos vivos.

Espera em Deus, sê firme!  
Fortalece o teu coração e espera em Deus!  
[cf. Sl 27(26)]

*(Como é grande o teu nome, Jorge Paulo, Rezar com os salmos)*



O animador entrega a cada jovem um dos artigos do Catecismo da Igreja Católica (CIC 153-165), que explicam aspectos característicos da fé. Ao longo da semana, cada um analisa o seu artigo para o apresentar no próximo encontro.



### **Catecismo da Igreja Católica - Capítulo III - As características da fé**

#### *A fé é uma graça*

153. Quando Pedro confessa que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo, Jesus declara-lhe que esta revelação não lhe veio «da carne nem do sangue, mas do seu Pai que está nos Céus» (Mt 16, 17) (16). A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá “a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade”» (17).

#### *A fé é um acto humano*

154. O acto de fé só é possível pela graça e pelos auxílios interiores do Espírito Santo. Mas não é menos verdade que crer é um acto autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (como, por exemplo, quando um homem e uma mulher se casam), para assim entrarem em mútua comunhão. Por isso, é ainda menos contrário à nossa dignidade «prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador» (18) e entrar assim em comunhão íntima com Ele.

155. Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «Credere est actus intellectus assentientis veritati divinae ex imperio voluntatis, a Deo motae per gratiam» — «Crer é o acto da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus» (19).

#### *A fé e a inteligência*

156. O motivo de crer não é o facto de as verdades reveladas aparecerem como verdadeiras e

inteligíveis à luz da nossa razão natural. Nós cremos «por causa da autoridade do próprio Deus revelador, que não pode enganar-se nem enganar-nos» (20). «Contudo, para que a homenagem da nossa fé fosse conforme à razão, Deus quis que os auxílios interiores do Espírito Santo fossem acompanhados de provas exteriores da sua Revelação» (21). Assim, os milagres de Cristo e dos santos (22), as profecias, a propagação e a santidade da Igreja, a sua fecundidade e estabilidade «são sinais certos da Revelação, adaptados à inteligência de todos» (23), «motivos de credibilidade», mostrando que o assentimento da fé não é, «de modo algum, um movimento cego do espírito» (24).

157. A fé é certa, mais certa que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não pode mentir. Sem dúvida, as verdades reveladas podem parecer obscuras à razão e à experiência humanas; mas «a certeza dada pela luz divina é maior do que a dada pela luz da razão natural» (25). «Dez mil dificuldades não fazem uma só dúvida» (26).

158. «A fé procura compreender» (27): é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acreditou, e de compreender melhor o que Ele revelou; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (Ef 1, 18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os Liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons» (28). Assim, conforme o dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor» (29).

159. Fé e ciência. «Muito embora a fé esteja acima da razão, nunca pode haver verdadeiro desacordo entre ambas: o mesmo Deus, que revela os mistérios e comunica a fé, também acendeu no espírito humano a luz da razão. E Deus não pode negar-Se a Si próprio, nem a verdade pode jamais contradizer a verdade» (30). «É por isso que a busca metódica, em todos os domínios do saber, se for conduzida de modo verdadeiramente científico e segundo as normas da moral, jamais estará em oposição à fé: as realidades profanas e as da fé encontram a sua origem num só e mesmo Deus. Mais ainda: aquele que se esforça, com perseverança e humildade, por penetrar no segredo das coisas, é como que conduzido pela mão de Deus, que sustenta todos os seres e faz que eles sejam o que são, mesmo que não tenha consciência disso» (31).

#### *A liberdade da fé*

160. Para ser humana, «a resposta da fé, dada pelo homem a Deus, deve ser voluntária. Por conseguinte, ninguém deve ser constrangido a abraçar a fé contra vontade. Efectivamente, o acto de fé é voluntário por sua própria natureza» (32). «É certo que Deus chama o homem a servi-Lo em espírito e verdade; mas, se é verdade que este apelo obriga o homem em consciência, isso não quer dizer que o constranja [...]. Isto foi evidente, no mais alto grau, em Jesus Cristo» (33). De facto, Cristo convidou à fé e à conversão, mas de modo nenhum constrangeu alguém. «Deu testemunho da verdade, mas não a impôs pela força aos seus contraditores. O seu Reino [...] dilata-se graças ao amor, pelo qual, levantado na cruz, Cristo atrai a Si todos os homens (34)».

#### *A necessidade da fé*

161. Para obter a salvação é necessário acreditar em Jesus Cristo e n' Aquele que O enviou para nos salvar (35). «Porque “sem a fé não é possível agradar a Deus” (Heb 11, 6) e chegar a partilhar a condição de filhos seus; ninguém jamais pode justificar-se sem ela e ninguém que não “persevere

nela até ao fim” (Mt 10, 22; 24, 13) poderá alcançar a vida eterna» (36).

#### *A perseverança na fé*

162. A fé é um dom gratuito de Deus ao homem. Mas nós podemos perder este dom inestimável. Paulo adverte Timóteo a respeito dessa possibilidade: «Combate o bom combate, guardando a fé e a boa consciência; por se afastarem desse princípio é que muitos naufragaram na fé» (1 Tm 1, 18-19). Para viver, crescer e perseverar até ao fim na fé, temos de a alimentar com a Palavra de Deus; temos de pedir ao Senhor que no-la aumente (37); ela deve «agir pela caridade» (Gl 5, 6) (38), ser sustentada pela esperança (39) e permanecer enraizada na fé da Igreja.

#### *A fé – vida eterna iniciada*

163. A fé faz que saboreemos, como que de antemão, a alegria e a luz da visão beatífica, termo da nossa caminhada nesta Terra. Então veremos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), «tal como Ele é» (1 Jo 3, 2). A fé, portanto, é já o princípio da vida eterna:

«Enquanto, desde já, contemplamos os benefícios da fé, como reflexo num espelho, é como se possuíssemos já as maravilhas que a nossa fé nos garante haveremos de gozar um dia» (40).

164. Por enquanto porém, «caminhamos pela fé e não vemos claramente» (2 Cor 5, 7), e conhecemos Deus «como num espelho, de maneira confusa, [...] imperfeita» (1 Cor, 13, 12). Luminosa por parte d’Aquele em quem ela crê, a fé é muitas vezes vivida na obscuridade, e pode ser posta à prova. O mundo em que vivemos parece muitas vezes bem afastado daquilo que a fé nos diz: as experiências do mal e do sofrimento, das injustiças e da morte parecem contradizer a Boa-Nova, podem abalar a fé e tornarem-se, em relação a ela, uma tentação.

165. É então que nos devemos voltar para as testemunhas da fé: Abraão, que acreditou, «esperando contra toda a esperança» (Rm 4, 18); a Virgem Maria que, na «peregrinação da fé» (41), foi até à «noite da fé» (42), comungando no sofrimento do seu Filho e na noite do seu sepulcro (43); e tantas outras testemunhas da fé: «envoltos em tamanha nuvem de testemunhas, devemos desembaraçar-nos de todo o fardo e do pecado que nos cerca, e correr com constância o risco que nos é proposto, fixando os olhos no guia da nossa fé, o qual a leva à perfeição» (Heb 12, 1-2).

*(Catecismo da Igreja Católica, [www.vatican.va/arquivo](http://www.vatican.va/arquivo))*

“A fé permite um saber autêntico sobre Deus, que abrange toda a pessoa humana: é um “saber”, ou seja de um conhecer que confere sabor à vida, um novo gosto de existir, um modo jubiloso de estar no mundo. A fé manifesta-se no dom de si pelos outros, na fraternidade que torna o homem solidário, capaz de amar, vencendo a solidão que o torna triste. Por isso, este conhecimento de Deus através da fé não é unicamente intelectual, mas vital. É o conhecimento de Deus-Amor, graças ao seu próprio amor. Além disso, o amor de Deus faz ver, abre os olhos, permite conhecer toda a realidade, para além das perspectivas limitadas do individualismo e do subjectivismo que desorientam as consciências. Por isso, o conhecimento de Deus é experiência de fé e implica, ao mesmo tempo, um caminho intelectual e moral: tocados profundamente pela presença do Espírito de Jesus em nós, ultrapassamos os horizontes dos nossos egoísmos e abrimo-nos aos verdadeiros valores da existência.”

*(Papa Bento XVI, Audiência Geral, 21 de Novembro de 2012)*

*Abraão, nosso pai na fé*

A fé desvenda-nos o caminho e acompanha os nossos passos na história. Por isso, se quisermos compreender o que é a fé, temos de explicar o seu percurso, o caminho dos homens crentes, com os primeiros testemunhos já no Antigo Testamento. Um posto singular ocupa Abraão, nosso pai na fé. Na sua vida, acontece um facto impressionante: Deus dirige-lhe a Palavra, revela-Se como um Deus que fala e o chama pelo nome. A fé está ligada à escuta. Abraão não vê Deus, mas ouve a sua voz. Deste modo, a fé assume um carácter pessoal: o Senhor não é o Deus de um lugar, nem mesmo o Deus vinculado a um tempo sagrado específico, mas o Deus de uma pessoa, concretamente o Deus de Abraão, Isaac e Jacob, capaz de entrar em contacto com o homem e estabelecer com ele uma aliança. A fé é a resposta a uma Palavra que interpela pessoalmente, a um Tu que nos chama por nome.

Esta Palavra comunica a Abraão uma chamada e uma promessa. Contém, antes de tudo, uma chamada a sair da própria terra, convite a abrir-se a uma vida nova, início de um êxodo que o encaminha para um futuro inesperado. A perspectiva, que a fé vai proporcionar a Abraão, estará sempre ligada com este passo em frente que ele deve realizar: a fé «vê» na medida em que caminha, em que entra no espaço aberto pela Palavra de Deus. Mas tal Palavra contém ainda uma promessa: a tua descendência será numerosa, serás pai de um grande povo (cf. Gn 13, 16; 15, 5; 22, 17). É verdade que a fé de Abraão, enquanto resposta a uma Palavra que a precede, será sempre um acto de memória; contudo esta memória não o fixa no passado, porque, sendo memória de uma promessa, se torna capaz de abrir ao futuro, de iluminar os passos ao longo do caminho. Assim se vê como a fé, enquanto memória do futuro, está intimamente ligada com a esperança.

A Abraão pede-se para se confiar a esta Palavra. A fé compreende que a palavra — uma realidade aparentemente efémera e passageira —, quando é pronunciada pelo Deus fiel, torna-se no que de mais seguro e inabalável possa haver, possibilitando a continuidade do nosso caminho no tempo. A fé acolhe esta Palavra como rocha segura, sobre a qual se pode construir com alicerces firmes. Por isso, na Bíblia hebraica, a fé é indicada pela palavra 'emûnah, que deriva do verbo 'amàn, cuja raiz significa “sustentar”. O termo 'emûnah tanto pode significar a fidelidade de Deus como a fé do homem. O homem fiel recebe a sua força do confiar-se nas mãos do Deus fiel. Jogando com dois significados da palavra — presentes tanto no termo grego pistós como no correspondente latino fidelis –, São Cirilo de Jerusalém exaltarà a dignidade do cristão, que recebe o mesmo nome de Deus: ambos são chamados «fiéis». E Santo Agostinho explica-o assim: «O homem fiel é aquele que crê no Deus que promete; o Deus fiel é aquele que concede o que prometeu ao homem».

Há ainda um aspecto da história de Abraão que é importante para se compreender a sua fé. A Palavra de Deus, embora traga consigo novidade e surpresa, não é de forma alguma alheia à experiência do Patriarca. Na voz que se lhe dirige, Abraão reconhece um apelo profundo, desde sempre inscrito no mais íntimo do seu ser. Deus associa a sua promessa com aquele «ponto» onde desde sempre a existência do homem se mostra promissora, ou seja, a paternidade, a geração duma nova vida: «Sara, tua mulher, dar-te-á um filho, a quem hás-de chamar Isaac» (Gn 17, 19). O mesmo Deus que pede a Abraão para se confiar totalmente a Ele, revela-Se como a fonte donde provém toda a vida. Desta forma, a fé une-se com a Paternidade de Deus, da qual brota a criação: o Deus que chama Abraão é o Deus criador, aquele que «chama à existência o que não existe» (Rm 4, 17), aquele que, «antes da fundação do mundo, (...) nos destinou para sermos adoptados como seus filhos» (Ef 1, 4-5). No caso de Abraão, a fé em Deus ilumina as raízes mais

profundas do seu ser: permite-lhe reconhecer a fonte de bondade que está na origem de todas as coisas, e confirmar que a sua vida não deriva do nada nem do acaso, mas de uma chamada e um amor pessoais. O Deus misterioso que o chamou não é um Deus estranho, mas a origem de tudo e que tudo sustenta. A grande prova da fé de Abraão, o sacrifício do filho Isaac, manifestará até que ponto este amor originador é capaz de garantir a vida mesmo para além da morte. A Palavra que foi capaz de suscitar um filho no seu corpo «já sem vida (...), como sem vida estava o seio» de Sara estéril (Rm 4, 19), também será capaz de garantir a promessa de um futuro para além de qualquer ameaça ou perigo (cf. Heb 11, 19; Rm 4, 21).

*(Papa Francisco, Carta Encíclica Lumen Fidei, n. 8-11, 2013)*

## 2º Encontro

No segundo encontro deste tema, a proposta é experimentar a confiança como alicerce da vida humana e como um desafio para cada um. A partir daí, entender a fé como uma atitude de confiança em Deus.



Objectos para o Jogo do Kim

Jogo “Acreditar sem ver” - vendas (uma para cada elemento) e material para delimitar o percurso.

Folhas com texto para a oração



1. O animador faz um resumo do último encontro e propõe que cada um partilhe o trabalho que fez durante a semana sobre o artigo do CIC.
2. Jogo do Kim – o animador coloca cerca de 20 objectos numa mesa e convida os elementos do grupo a olharem, sem falar, durante um minuto. Em seguida, tapa os objectos e convida cada jovem a escrever num papel todos os objectos que estão na mesa. O objectivo será nomear o maior número possível de objectos.
3. No final do jogo o animador faz uma síntese: precisamos de ver as coisas para afirmar / provar / testemunhar a sua existência? E quando não as vemos?
4. Acreditar sem ver – todos os jovens tapam os olhos com uma venda, ficando apenas um elemento de fora. Esse elemento irá guiar o restante grupo num determinado percurso que eles não conhecem (preparado pelo animador). O objectivo é ser guiado por outro que vê por nós.
5. O animador faz a síntese do encontro, salientando que a fé é a confiança também naquilo que não se vê - “Felizes os que acreditam sem terem visto” (Jo 20,29). Deus fala ao coração e pede-nos que aceitemos o seu convite. E é preciso “ver” o projecto que Deus tem para nós, tal como Abraão e Moisés.





22 | 23

### **Cântico**

O Senhor é a minha força (Taizé)

[Em silêncio, cada um lê o texto]

«Porque Me viste, acreditaste. Felizes os que acreditam sem terem visto»

São palavras de Jesus a propósito da surpresa descrente de S. Tomé.

Se eu acredito e não vi, então sou mesmo feliz.

Porque será? Que felicidade é esta de que fala Jesus?

Acreditar sem ver implica um passo de entrega, confiança e liberdade

só possível se fundado no dom da Fé

e no vigor da Graça que opera em mim e apesar de mim.

Que seria de mim se não acreditasse

que «Tu és o Messias o Filho de Deus vivo»?

Que seria de mim, Senhor, se não acreditasse que Tu és

e estás sempre presente, sempre atento, sempre a meu lado?

É esta certeza que me sustenta no caminho

que teimo em percorrer rumo ao destino bom que por mim espera,

com hesitações e cansaços, sim, mas sempre a caminho.

A certeza de que Tu não me enganas porque és a Verdade,

que não me perco, porque Tu és o Caminho,

que não desisto, porque Tu és a Vida.

Sou mesmo feliz, posso dizê-lo, mesmo quando não Te ouço

mesmo quando não Te vejo,

mesmo quando o meu coração parece não arder,

como o dos discípulos de Emaús.

Sou mesmo feliz, porque esta felicidade não depende de mim

porque és Tu em mim e eu em Ti.

Obrigado, Senhor, por este milagre em cada dia repetido.

*(Rui Corrêa d'Oliveira, www.rr.sapo.pt, Abril 2013)*

Oração espontânea a partir de uma frase do texto

### **Cântico**

O Senhor é meu pastor (Confiarei)



### **Acreditar sem ver**

Deus não decepciona aquele que busca e espera n'Ele.

É belíssima a passagem de quando Moisés é levado pelo movimento das águas e é encontrado pela filha do Faraó. Para o povo sair da escravidão, o mar teve de se dividir. O povo, diante da impossibilidade de vencer as águas, volta-se contra o profeta e pergunta-lhe por que razão ele os retirara do Egipto, se eles não têm forma de ultrapassar o mar. Diante destas questões dele, o Senhor diz a Moisés apenas uma frase: "Diz ao povo que caminhe". Deus não lhe proferiu uma frase que garantisse o milagre, mas que requeria fé.

A expressão de Deus não é uma expressão que facilita a vida, mas que encoraja. O Senhor não facilita, pois quem facilita corre o risco de infantilizar o destinatário da mensagem. E Ele não nos quer infantis na fé. Deus quer-nos amadurecidos, prontos para dar o primeiro passo. Fé é saber acreditar quando tudo está ao contrário. Homem de fé não é aquele que vê. É o que não vê e mesmo assim não desiste.

Na experiência do povo de Israel, diante de um povo que o quer matar, Deus não facilita a vida a Moisés, mas requer a sua fé. O povo queria uma reposta mágica, mas Deus dá uma ordem que encoraja, que faz crescer dentro deles a lembrança de que aquele Deus que caminhou com eles não os deixará desamparados.

Nós não sabemos como será, mas não desistimos do que esperamos.

Quando tudo indicava que a morte iria chegar, com os pés na água, seguindo a ordem do Senhor, o milagre aconteceu.

Por um lado, eles estavam imobilizados pelo mar que podia afogá-los; por outro, pelo exército que os poderia matar. Aquele povo estava encurralado. Ser homem e mulher de fé é viver uma única alternativa: aquela de não poder recuar. É como diz Santo Agostinho: "Deus só nos pede aquilo que Ele já nos deu. Tudo está em nós sob forma de dom".

A experiência da fé move-nos para sermos o que realmente somos. Tu não tens outro destino, a não ser a santidade; da mesma forma que o povo de Israel não tinha outra opção a não ser a libertação.

*(www.cancaonova.com, 2008)*

### **A fé de Israel**

14. Na fé de Israel, sobressai também a figura de Moisés, o mediador. O povo não pode ver o rosto de Deus; é Moisés que fala com Jahvé na montanha e comunica a todos a vontade do Senhor. Com esta presença do mediador, Israel aprendeu a caminhar unido. O acto de fé do indivíduo insere-se numa comunidade, no «nós» comum do povo, que, na fé, é como um só homem: «o meu filho primogénito», assim Deus designará todo o Israel (cf. Ex 4, 22). Aqui a mediação não se torna um obstáculo, mas uma abertura: no encontro com os outros, o olhar abre-se para uma verdade maior que nós mesmos. Jean Jacques Rousseau lamentava-se por não poder ver Deus pessoalmente: «Quantos homens entre mim e Deus!» «Será assim tão simples e natural que Deus tenha ido ter com Moisés para falar a Jean Jacques Rousseau?»

A partir de uma concepção individualista e limitada do conhecimento é impossível compreender o sentido da mediação: esta capacidade de participar na visão do outro, saber compartilhado que é o conhecimento próprio do amor. A fé é um dom gratuito de Deus, que exige a humildade e a coragem de fiar-se e entregar-se para ver o caminho luminoso do encontro entre Deus e os homens, a história da salvação.

### **A plenitude da fé cristã**

15. «Abraão (...) exultou pensando em ver o meu dia; viu-o e ficou feliz» (Jo 8, 56). De acordo com estas palavras de Jesus, a fé de Abraão estava orientada para Ele, de certo modo era visão antecipada do seu mistério. Assim o entende Santo Agostinho, quando afirma que os Patriarcas se salvaram pela fé; não fé em Cristo já chegado, mas fé em Cristo que havia de vir, fé proclive para o evento futuro de Jesus.<sup>13</sup> A fé cristã está centrada em Cristo; é confissão de que Jesus é o Senhor e que Deus O ressuscitou de entre os mortos (cf. Rm 10, 9). Todas as linhas do Antigo Testamento se concentram em Cristo: Ele torna-Se o «sim» definitivo a todas as promessas, fundamento último do nosso «Ámen» a Deus (cf. 2 Cor 1, 20). A história de Jesus é a manifestação plena da fiabilidade de Deus. Se Israel recordava os grandes actos de amor de Deus, que formavam o centro da sua confissão e abriam o horizonte da sua fé, agora a vida de Jesus aparece como o lugar da intervenção definitiva de Deus, a suprema manifestação do seu amor por nós. A palavra que Deus nos dirige em Jesus já não é uma entre muitas outras, mas a sua Palavra eterna (cf. Heb 1, 1-2). Não há nenhuma garantia maior que Deus possa dar para nos certificar do seu amor, como nos lembra São Paulo (cf. Rm 8, 31-39). Portanto, a fé cristã é fé no Amor pleno, no seu poder eficaz, na sua capacidade de transformar o mundo e iluminar o tempo. «Nós conhecemos o amor que Deus nos tem, pois cremos nele» (1 Jo 4, 16). A fé identifica, no amor de Deus manifestado em Jesus, o fundamento sobre o qual assenta a realidade e o seu destino último.

*(Papa Francisco, Carta Encíclica Lumen Fidei, 2013)*



**1º BLOCO****II – Uma preparação****LINHAS GERAIS**

O povo de Israel, alimentado pela esperança do messias prometido, criou expectativas em relação à missão e pessoa de Jesus Cristo. Para muitos foi uma grande desilusão. Ele não era aquele que esperavam e, por isso, não o reconheceram, rejeitaram-n’O e contribuíram para a sua condenação. Tinham criado um deus à imagem dos seus desejos e aspirações e não foram capazes de escutar, com humildade de coração, a voz dum Deus que acabara de se revelar em plenitude na pessoa do seu filho Jesus Cristo.

Os poucos que O reconheceram, foram os que souberam contemplar, maravilhados, o mistério da Palavra Encarnada, que acolheram em silêncio orante a Boa Nova do Filho de Deus feito Homem.

Deus não é silêncio nem distância. Deus fala-nos! Deus quer falar ao homem, dar-se a conhecer. Por isso, a fé cristã é diálogo de comunhão amorosa entre Deus que se revela na sua palavra e o homem que escuta e responde. E se, no tempo presente, esse diálogo parece cada vez mais distante e inacessível, não é porque Deus se ausentou. O homem é que se afasta lentamente de Deus, sempre que deixa de escutar. A incapacidade de escutar, característica do homem contemporâneo, sempre rodeado de “ruídos” dispersantes e alienantes, tem-no levado tantas vezes ao vazio, a uma morte lenta e solitária, a uma existência que parece não ter sentido.

O silêncio é, para o cristão, um momento privilegiado de escuta da palavra e dos sinais de Deus. É da escuta que nasce a relação e o compromisso.

Deus continua a falar-nos hoje, de muitas formas, no meio das lutas, desejos, realizações e aspirações dos homens. Reconhecê-l’O é, antes de mais nada, escutá-l’O.

**O QUE SE PRETENDE**

- Compreender o valor da esperança como dom de Deus;
- Experimentar o silêncio como momento de escuta e de relação;
- Reconhecer os sinais de acolhimento no Povo de Deus;
- Viver a Palavra do Senhor como um dom da fé.

# 1º Encontro

Neste encontro introduzem-se os jovens no dinamismo da vivência de um povo que, como o de Israel, anseia por ver realizados os seus desejos e aspirações.



Notícias de jornais

Projector de vídeo e computador (para a hipótese de apresentação de diapositivos)

Velas e cruz



1. Ler algumas notícias escolhidas dos jornais (que depois se devem conservar para utilizar na Celebração do final do trimestre) e/ou visualizar uma apresentação com imagens/textos que foquem alguns dos principais problemas dos nossos dias.

2. Discutir os vários problemas enunciados, na perspectiva humana dos anseios dos povos (esperanças, fé e atitudes), fazendo um quadro-síntese dos principais problemas detectados.

3. Apresentar sumariamente o tempo de Cristo com os seus principais problemas sociais e políticos e as várias atitudes presentes, tendo em conta:

- A situação política e o domínio romano (as expectativas do povo e os seus desgostos)
- A comunidade judaica, os vários “grupos”: saduceus, fariseus, essénios e zelotas (a sua situação social, religiosa, as crenças e os “messianismos”).
- O profetismo e os “pobres de Yavé”: os que esperam de coração aberto o Messias “sofredor”, o Servo de Yavé.

(Um atlas bíblico pode fornecer algumas indicações precisas e claras sobre esta matéria; o animador poderá recorrer também ao texto de apoio nº 1).

4. Fazer algumas pontes entre os dois momentos enunciando problemas comuns. Poderá ser lido, em grupo, o texto de apoio nº 2.



**NOTA:** neste momento seria bom experimentar o silêncio, como espaço de acolhimento e de diálogo íntimo com Deus: Assim, e como o silêncio interior não é fácil de alcançar, propomos que, em primeiro lugar, se prepare o espaço em que a oração irá decorrer, com uma música de fundo adequada e alguns símbolos que revelem a “presença” de Deus (por exemplo: velas acesas, ou uma cruz...).

**Leitura** (por um dos elementos do grupo)

Deus é amigo do silêncio. Temos sede de encontrar Deus, mas Ele não se deixa descobrir nem no ruído nem na agitação.

Vê como a natureza, as árvores, as flores e a erva crescem num silêncio profundo. Vê como as estrelas, a lua e o sol se deslocam em silêncio. Quanto mais recebermos numa oração silenciosa, mais poderemos dar na nossa vida activa.

O silêncio dá-nos um olhar novo sobre todas as coisas. Temos necessidade deste silêncio para podermos tocar as almas dos outros.

O essencial não está naquilo que dizemos, mas naquilo que Deus nos diz e naquilo que Ele transmite por nosso intermédio.

Jesus ouve-nos sempre no silêncio. Nesse silêncio encontraremos uma energia nova e uma verdadeira unidade. A energia de Deus será a nossa, a fim de realizarmos todas as coisas na união dos nossos pensamentos com os seus, na união das nossas orações com as suas, na união das nossas acções com as suas, da nossa vida com a sua.

(Madre Teresa)

A partir deste texto, propor um momento de oração silenciosa de cerca de 5 minutos

### **Pai Nosso**

#### **Cântico**

Deixa Deus entrar



O animador propõe a cada jovem, que durante a semana, encontre duas ou três notícias e que as analise à luz do que foi abordado neste encontro (comparando as expectativas e anseios do tempo de Jesus com as do nosso tempo). Este trabalho não será para apresentar.



#### **Jesus e o seu tempo**

«Por volta do ano 30 da nossa era, um homem chamado Jesus começou a pregar na Galileia. Não era sacerdote, não pertencia a nenhum dos grupos existentes naquela época.

Não tinha feito estudos, era carpinteiro de profissão. Falou às vezes nas sinagogas, mas preferia o ar livre: o alto de um monte, uma praia à beira do mar de Tiberíades, as praças das aldeias. Começou a segui-l'O numerosa multidão; havia um grupo mais constante de discípulos e, entre estes, Ele escolheu doze a quem chamou apóstolos, isto é, enviados (ler: Mc. 1, 16-20; 3, 13-18).

#### Principais grupos influentes da época

Os romanos tinham-se apoderado da Palestina no ano 50 a.C. Reprimiam com dureza toda a veleidade de independência, mas eram tolerantes para com a religião e os costumes judaicos. A sua moeda favorecia o comércio. Mantinham em funções muitos dos poderes intermédios. O próprio Sinédrio, o grande conselho do Templo, podia julgar e condenar, excepto aplicar a pena de morte. Esses casos deviam ser levados ao Procurador Romano (na época, Pôncio Pilatos).

Os saduceus eram um grupo de famílias ricas e influentes, entre as quais se escolhia o Sumo sacerdote do Templo. Os saduceus só aceitavam os primeiros livros da Bíblia, atribuídos a Moisés. Desdenhavam dos Profetas e do seu apelo à verdade e à justiça social. Não acreditavam na Vida Eterna. Para eles, a religião era o culto. O esplendor de Jerusalém, do Templo e das cerimónias eram, em sua opinião, o sinal da glória e do poder de Deus. Embora, como todos os judeus, detestassem os romanos, tentavam obter um máximo de liberdade através da diplomacia e do compromisso.

Os fariseus pertenciam em geral à classe média. Tinham grandes qualidades e grandes defeitos. Eram profundamente religiosos. Liam Moisés e os Profetas, acreditavam na Vida Eterna, esperavam a vinda do Messias, que encabeçaria a libertação. Rezavam, faziam jejum, davam esmolas. Mas caíam facilmente no fanatismo e desprezavam os pecadores. A princípio, devem ter-se interessado por Jesus. Mas a relação que Jesus proclamava ter com o Pai indignou-os e levou-os a procurar a sua morte. A oposição entre os fariseus e os discípulos de Cristo cava-se no ano 70, quando os exércitos romanos destroem Jerusalém.

Os doutores da Lei eram entre catequistas e teólogos. Alguns eram saduceus, mas a maioria pertencia aos fariseus.

Os essênios eram semelhantes a monges, que viviam numa espécie de mosteiro no deserto, junto ao Mar Morto. A sua vida era oração, trabalho e ascese. Desprezavam o Templo e o seu culto, aguardavam o Messias. Tinham um rito de baptismo. É possível que João Baptista tenha sido educado pelos essênios.

Os zelotas eram uma esquerda revolucionária como o IRA na Irlanda ou a ETA no País Basco. Multiplicavam os atentados contra os romanos e procuravam desencadear uma insurreição geral. A dada altura, devem ter-se interessado por Jesus, e devem tê-lo abandonado quando O ouviram falar do perdão aos inimigos. Admite-se que o Apóstolo Simão, o Zeloso, tenha sido um zelota convertido.

As multidões admiravam os seus milagres e sentiam-se tocadas pelas suas palavras. «Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei» (Mt. 7, 29); «Nunca nenhum homem falou assim» (Jo. 7, 46; ler: Mc. 2, 1-13; 3, 7-10).

Ao contrário dos sacerdotes e dos doutores da Lei, que mantinham as distâncias, Jesus andava no meio dos pobres, mostrava consideração pelas mulheres, acarinhava as crianças; tinha compaixão pelos doentes e curava-os; sentava-se à mesa com os pecadores e, quando alguém O censurou por isso, respondeu: «Eu não vim chamar os justos, vim chamar os pecadores» (Mc. 2, 17).

Os bem-pensantes faziam troça, o próprio João Baptista, que se encontrava preso e a quem contavam estas coisas, estava perplexo (cf. Mt. 11, 2-6). Não era assim que imaginavam o Messias. O Messias há tanto tempo esperado devia ser um rei poderoso que, com o poder de Deus, expulsaria os romanos, acrescentaria o esplendor de Jerusalém e do Templo, castigaria os maus e instauraria a justiça. Só mais tarde os discípulos entenderam e então disseram-no num cântico, que S. Paulo transcreve na Epístola aos Filipenses: «Ele, que era de condição divina, não reivindicou ser tratado como Deus. Antes Se despojou a Si mesmo, tomando a condição de servo e obedecendo até à morte, e morte de cruz» (Fl. 2, 6-11).

Jesus viveu na terra sem poder. Não quis ser rei, nem diplomata, nem banqueiro, nem doutor, nem sequer padre. Nunca disse que era o Messias, a não ser à samaritana e, já perto do fim da sua carreira, a Pedro e aos apóstolos (cf. Mc. 8, 27-30). Por outro lado, criou entre Ele e nós um abismo doutro tipo. Nunca diz: «o nosso Pai», «o nosso Deus»; diz, consoante os casos, «o meu Pai», «o meu Deus», «o vosso Pai», «o vosso Deus». Considera-nos a todos como pecadores, mas lança o desafio: «quem de vós pode acusar-Me de pecado?» (Jo. 9, 46). Promete coisas e tem exigências que seriam sinal de loucura noutro homem qualquer: «Todo aquele que se declarar por Mim diante dos homens, também Eu Me declararei por ele diante de meu Pai; todo aquele que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante de meu Pai». «Quem ama o pai ou a mãe, o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim» (Mt. 10, 32-39; Lc. 14, 26-27). Afirma

que Ele próprio há-de julgar todos os homens e atribuir prémio ou castigo (Mt. 25, 31-46). À sua mensagem chama a Boa Nova, anuncia que vem instaurar o Reino de Deus (Mt. 4, 23; Lc. 16, 16; ver Mt. 9, 35-38).

O Reino de Deus não correspondia minimamente às expectativas dos judeus, e continua a não ter paralelo com aquilo que no mundo significa «reinar». Ignora o poder político, o poder das armas, o poder do dinheiro, o poder da sedução. Mas seria um erro grave concluir daqui que o Reino de Deus é simplesmente a Vida Eterna. Interrogado pelos fariseus sobre quando chegaria o Reino de Deus, Jesus respondeu-lhes: «O Reino de Deus não vem de maneira ostensiva. Ninguém poderá afirmar “ei-lo aqui” ou “ei-lo ali”, pois o Reino de Deus já está entre vós» (Lc. 17, 20-21).

No próprio dia da ascensão, um dos discípulos perguntava-Lhe: «Senhor, é agora que vais restaurar o reino de Israel?» Jesus deu a entender que não respondia a perguntas descabidas, e depois afirmou: «Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descera sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo» (Act. 1, 6-8).

O Reino de Deus começa quando os homens começarem a amar a Deus e a amar-se uns aos outros. É uma aventura sem fim, que culmina, de facto, na Vida Eterna. É obra de um poder novo, o poder do amor de Deus.

*(Catequese de Adultos, Lisboa, Patriarcado de Lisboa – Departamento da Catequese – Serviço de Adultos / Paulinas, 1999, pp. 20-23)*

## 2º Encontro

Neste encontro, reflectimos sobre as figuras de Maria e José, que encarnaram as aspirações do povo de Israel, no silêncio da escuta e no compromisso da esperança. Importa confrontar e comprometer os jovens com igual atitude de fé e esperança.



Folhas com passagem bíblica e pistas de reflexão (tantas quantos os elementos do grupo)  
Folha com Lc. 1, 46-55 e texto para a oração final



1. Fazer uma divisão em dois grupos: se possível um masculino e outro feminino, mesmo que o número de elementos não seja o mesmo.

2. Ao grupo feminino entregar a passagem **Lc 1, 26-38 (Maria)** e ao grupo masculino entregar a passagem **Mt 1, 18-25 (José)**, acompanhadas das pistas de reflexão:

Como descreves a reacção inicial de Maria / José?

Existiram momentos de hesitação / dúvida?

Qual foi a atitude / resposta ao desafio de Deus?

Se isto te acontecesse, qual seria a tua atitude / resposta?

3. Em plenário, partilha das conclusões da reflexão.

4. Síntese feita pelo animador, focando os seguintes aspectos:


### **Maria e José**

- Deus escolhe estas duas pessoas que tinham, nas suas vidas, atitudes de silêncio e oração, e por isso estavam disponíveis para escutar a Sua voz.
- A atitude de Maria e de José - como a única forma de ser fiel à promessa de Deus - com o que elas têm de comum: escuta, confiança, obediência à vontade de Deus.
- A forma simples e pobre como Maria acolhe a surpresa de Deus
- Em José, a justiça como sinal da presença amorosa de Deus – optando pela lei de Deus e não dos homens, para não difamar Maria
- A aceitação de Maria e José de uma missão que possibilita a nova esperança de Israel
- A “surpresa” de Deus que irrompe nas suas vidas e renova definitivamente a história
- A vinda de Jesus como resposta aos anseios de um povo, e pleno cumprimento da promessa do amor de Deus.

### **Nós, hoje**

- O mundo em que vivemos e cada um de nós como os “actores” desta mesma história de amor que Deus em nós recapitula continuamente.
- A esperança como um dom de Deus que se escuta no íntimo do coração e se vive na fidelidade à Sua Palavra.
- O sentido da esperança cristã, como uma forma de acreditar, uma certeza que provém da presença e da fidelidade de Deus a uma aliança de amor e que, por isso, é a nossa “segurança”.
- O papel de cada um no anúncio de uma esperança sempre renovada de transformar o mundo.
- O Advento como um tempo privilegiado da esperança e que, por isso, deve ser vivido, em silêncio, escuta e fidelidade.

 84 | 147 | 308

 **Cântico**  
Eis-me aqui, Maria

**Leitura**  
Magnificat (Lc. 1, 46-55)

### **Momento de silêncio**

[Todos]

Ajudai, ó Mãe, a nossa fé.  
Abri o nosso ouvido à Palavra,  
para reconhecemos a voz de Deus  
e a sua chamada.  
Despertai em nós o desejo

de seguir os seus passos,  
saindo da nossa terra  
e acolhendo a sua promessa.  
Ajudai-nos a deixar-nos tocar pelo seu amor,  
para podermos tocá-Lo com a fé.  
Ajudai-nos a confiar-nos plenamente a Ele,  
a crer no seu amor,  
sobretudo nos momentos de tribulação e cruz,  
quando a nossa fé é chamada a amadurecer.  
Semeai, na nossa fé, a alegria do Ressuscitado.  
Recordai-nos que quem crê nunca está sozinho.  
Ensinai-nos a ver com os olhos de Jesus,  
para que Ele seja luz no nosso caminho.  
E que esta luz da fé cresça sempre em nós  
até chegar aquele dia sem ocaso  
que é o próprio Cristo, vosso Filho, nosso Senhor.

*(Papa Francisco, Carta Encíclica Lumen Fidei, 2013)*

Avé Maria

### **Cântico**

Magnificat (Taizé)



Ouvimos ler, no Evangelho (Mt 1, 16.18-21.24<sup>a</sup>), que «José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu sua esposa» (Mt 1, 24). Nestas palavras, encerra-se já a missão que Deus confia a José: ser custos, guardião. Guardião de quem? De Maria e de Jesus, mas é uma guarda que depois se alarga à Igreja, como sublinhou o Beato João Paulo II: «São José, assim como cuidou com amor de Maria e se dedicou com empenho jubiloso à educação de Jesus Cristo, assim também guarda e protege o seu Corpo místico, a Igreja, da qual a Virgem Santíssima é figura e modelo» (Exort. ap. Redemptoris Custos, 1).

Como realiza José esta guarda? Com discrição, com humildade, no silêncio, mas com uma presença constante e uma fidelidade total, mesmo quando não consegue entender. Desde o casamento com Maria até ao episódio de Jesus, aos doze anos, no templo de Jerusalém, acompanha com solicitude e amor cada momento. Permanece ao lado de Maria, sua esposa, tanto nos momentos serenos como nos momentos difíceis da vida, na ida a Belém para o recenseamento e nas horas ansiosas e felizes do parto; no momento dramático da fuga para o Egipto e na busca preocupada do filho no templo; e depois na vida quotidiana da casa de Nazaré, na carpintaria onde ensinou o ofício a Jesus.

Como vive José a sua vocação de guardião de Maria, de Jesus, da Igreja? Numa constante atenção a Deus, aberto aos seus sinais, disponível mais ao projecto d'Ele que ao seu. E isto mesmo é o que Deus pede a David, como ouvimos na primeira Leitura: Deus não deseja uma casa construída pelo homem, mas quer a fidelidade à sua Palavra, ao seu desígnio; e é o próprio Deus que constrói a casa, mas de pedras vivas marcadas pelo seu Espírito. E José é «guardião», porque sabe ouvir a Deus, deixa-se guiar pela sua vontade e, por isso mesmo, se mostra ainda mais sensível com as pessoas que lhe estão confiadas, sabe ler com realismo os acontecimentos, está atento àquilo

que o rodeia, e toma as decisões mais sensatas. Nele, queridos amigos, vemos como se responde à vocação de Deus: com disponibilidade e prontidão; mas vemos também qual é o centro da vocação cristã: Cristo. Guardemos Cristo na nossa vida, para guardar os outros, para guardar a criação!

*(Papa Francisco, Homilia, 19 de Março de 2013)*

### **Feliz daquela que acreditou (cf. Lc 1, 45)**

58. Na parábola do semeador, São Lucas refere estas palavras com que o Senhor explica o significado da «terra boa»: «São aqueles que, tendo ouvido a palavra com um coração bom e virtuoso, conservam-na e dão fruto com a sua perseverança» (Lc 8, 15). No contexto do Evangelho de Lucas, a menção do coração bom e virtuoso, em referência à Palavra ouvida e conservada, pode constituir um retrato implícito da fé da Virgem Maria; o próprio evangelista nos fala da memória de Maria, dizendo que conservava no coração tudo aquilo que ouvia e via, de modo que a Palavra produzisse fruto na sua vida. A Mãe do Senhor é ícone perfeito da fé, como dirá Santa Isabel: «Feliz de ti que acreditaste» (Lc 1, 45).

Em Maria, Filha de Sião, tem cumprimento a longa história de fé do Antigo Testamento, com a narração de tantas mulheres fiéis a começar por Sara; mulheres que eram, juntamente com os Patriarcas, o lugar onde a promessa de Deus se cumpria e a vida nova desabrochava. Na plenitude dos tempos, a Palavra de Deus dirigiu-se a Maria, e Ela acolheu-a com todo o seu ser, no seu coração, para que n' Ela tomasse carne e nascesse como luz para os homens. O mártir São Justino, na obra Diálogo com Trifão, tem uma expressão significativa ao dizer que Maria, quando aceitou a mensagem do Anjo, concebeu «fé e alegria». De facto, na Mãe de Jesus, a fé mostrou-se cheia de fruto e, quando a nossa vida espiritual dá fruto, enchemo-nos de alegria, que é o sinal mais claro da grandeza da fé. Na sua vida, Maria realizou a peregrinação da fé seguindo o seu Filho. Assim, em Maria, o caminho de fé do Antigo Testamento foi assumido no seguimento de Jesus e deixa-se transformar por Ele, entrando no olhar próprio do Filho de Deus encarnado.

59. Podemos dizer que, na Bem-aventurada Virgem Maria, se cumpre aquilo em que insisti anteriormente, isto é, que o crente se envolve todo na sua confissão de fé. Pelo seu vínculo com Jesus, Maria está intimamente associada com aquilo que acreditamos. Na concepção virginal de Maria, temos um sinal claro da filiação divina de Cristo: a origem eterna de Cristo está no Pai — Ele é o Filho em sentido total e único — e por isso nasce, no tempo, sem intervenção do homem. Sendo Filho, Jesus pode trazer ao mundo um novo início e uma nova luz, a plenitude do amor fiel de Deus que Se entrega aos homens. Por outro lado, a verdadeira maternidade de Maria garantiu, ao Filho de Deus, uma verdadeira história humana, uma verdadeira carne na qual morrerá na cruz e ressuscitará dos mortos. Maria acompanhá-Lo-á até à cruz (cf. Jo 19, 25), donde a sua maternidade se estenderá a todo o discípulo de seu Filho (cf. Jo 19, 26-27). Estará presente também no Cenáculo, depois da ressurreição e ascensão de Jesus, para implorar com os Apóstolos o dom do Espírito (cf. Act 1, 14). O movimento de amor entre o Pai e o Filho no Espírito percorreu a nossa história; Cristo atrai-nos a Si para nos poder salvar (cf. Jo 12, 32). No centro da fé, encontra-se a confissão de Jesus, Filho de Deus, nascido de mulher, que nos introduz, pelo dom do Espírito Santo, na filiação adoptiva (cf. Gl 4, 4-6).

*(Papa Francisco, Carta Encíclica Lumen Fidei, 2013)*



**NOTA:** No próximo encontro o grupo construirá um presépio. Assim, é importante que no final deste encontro o animador, em conjunto com todos os jovens, decidam quais os materiais a utilizar. Pretende-se, não um presépio “tradicional”, mas um em que o ambiente reflecta a realidade urbanística e social onde o grupo está inserido (por exemplo, Jesus a nascer no meio dos prédios de uma cidade).

**1º BLOCO****III – Um nascimento****LINHAS GERAIS**

“No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus.

E o Verbo fez-se homem e veio habitar connosco.

E nós contemplamos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1, 1.14).

A promessa foi cumprida. Deus faz-se homem na pessoa de Jesus Cristo. O Verbo eterno, imagem perfeita do Pai, fez-Se carne, homem frágil, solidário com os homens fracos e mortais.

Sem perder a sua natureza divina, assumiu a natureza humana. Ele é verdadeiramente Deus connosco, nosso amigo e irmão. Compartilhou em tudo, excepto no pecado, a nossa condição humana, até ao quotidiano mais humilde. Experimentou fome e sede, trabalho, cansaço e sono. Conheceu alegria e pranto, compaixão e medo, amizade e desdém, surpresa e assombro, tristeza e solidão, tentação espiritual e tortura física. Cresceu «em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e dos homens» (Lc. 2, 52). Jesus Cristo, o Filho de Deus feito Homem, é o grande dom de Deus à Humanidade. Deus ama-nos ao ponto de se fazer Homem, para connosco partilhar os caminhos da vida. Em Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem, todas as esperanças e promessas do Antigo Testamento se cumprem.

Mistério da nossa fé, a Encarnação do Verbo abre a todos os homens as portas duma vida nova, uma vida em Deus e para Deus. Na verdade, o Verbo fez-se carne para nos salvar, para nos mostrar o infinito amor de Deus pelos Homens, para nos tornar participantes da natureza divina, para nos santificar.

**O QUE SE PRETENDE**

- Perceber o Natal como o pleno cumprimento das promessas;
- Acolher a Encarnação como o Amor que se faz homem, para amar e ser amado;
- Viver o Natal como dom;
- Experimentar o silêncio como momento de espera e como adoração perante a surpresa de Deus.

Propõem-se o desenvolvimento do tema em três encontros, com um percurso centrado no relato do nascimento de Jesus proposto por S. Lucas. A partir de um símbolo tradicional do Natal, o presépio, pretende-se confrontar as noções e vivências correntes associadas ao Natal com a centralidade do acontecimento de Jesus proposto pelo Evangelho.

# 1º Encontro



Folhas para entregar com texto do Evangelho de Lc 2, 6-20 para a oração  
Material para construção do presépio



Construir, em grupo, um presépio com o material que trouxeram (se possível, que fique como o presépio da comunidade durante o tempo do Natal).

O animador deve ter em conta, nomeadamente na escolha do local onde vai ser realizado o presépio, ou que seja facilmente transportável, porque este vai ser utilizado na celebração de final de trimestre

O presépio realizado não deve ser o tradicional presépio de Natal, mas sim a expressão plástica do Natal dos dias de hoje e o reflexo da realidade urbanística e social de onde o grupo se insere.



## Cântico

### Leitura

Diante do presépio um leitor lê o texto de Lc. 2, 6-20

Depois da leitura, entregar uma cópia a todos os jovens com a passagem Lc 2, 6-20

### Tempo de silêncio

Propor que cada um olhe o presépio e se interrogue, à luz do texto que acaba de ouvir, acerca daquilo que é fundamental na cena do nascimento de Jesus.

### Oração

Em conjunto proclamar o “Glória a Deus nas alturas”



Durante a semana cada um regista fotograficamente alguns elementos que remetem para o Natal (ex.: uma montra de uma loja, um presépio, uma campanha de solidariedade, uma pessoa com compras, etc...).

Os jovens deverão enviar as fotos durante a semana para o animador que preparar uma apresentação com as mesmas.

## 2º Encontro



Computador e projectador para apresentação de fotografias  
Quadro ou cartolina e marcadores para apontar o resultado da síntese  
Pequenos cartões e marcadores  
Folhas para entregar com o texto “A crise no primeiro Natal”



1. A partir da projecção das fotografias enviadas durante a semana, realizar um tempo de partilha em grupo acerca da experiência vivida.
2. Efectuar uma síntese dos elementos que reflectiram o verdadeiro significado do Natal e aqueles que consideraram supérfluos.
3. Acrescentar ao presépio construído no encontro anterior pequenos cartões onde são escritos os elementos que reflectem o verdadeiro significado do Natal.
4. O animador conclui este momento referindo a importância de tornar presente o Mistério do Natal nos dias de hoje.
5. Distribuição e leitura do texto “A crise no primeiro Natal” (ver Textos de Apoio)



9 | 76



**Cântico**

**Preces**

1. Pelo Papa N., pelos bispos, presbíteros e diáconos  
e por todos os fiéis que celebram este Natal,  
para que sintam grande alegria em seus corações,  
oremos.

**Todos: Ilumina, Senhor, a terra inteira.**

2. Pelas Igrejas que celebram o Natal,  
pelos cristãos que o celebram noutra dia  
e por todos os fiéis e catecúmenos,  
oremos.

**Todos: Ilumina, Senhor, a terra inteira.**

3. Pelos que correm ao presépio como os pastores,  
pelos que meditam em seu coração como Maria  
e pelos que contemplam o Menino como José,  
oremos.

**Todos: Ilumina, Senhor, a terra inteira.**

4. Pelos que anunciam a Boa Nova do Natal,  
pelos que a vivem com esperança em cada dia  
e pelos que dão glória a Deus construindo a paz,  
oremos.

**Todos: Ilumina, Senhor, a terra inteira.**

5. Para que os homens e as mulheres do mundo inteiro,  
nestes dias festivos do Natal,  
se reconheçam como irmãos e como irmãs,  
oremos.

**Todos: Ilumina, Senhor, a terra inteira.**

### Preces espontâneas

### Cântico

**NOTA:** Durante a semana, o animador deverá pensar na missão de rua que o grupo realizará no próximo encontro (local, horário, preparar cânticos de Natal, folhetos para entregar, etc.). Avisar que o encontro poderá ter maior duração (ponderar se o horário habitual de encontro de grupo será o melhor para a missão de rua. Se não, pensar num horário alternativo).



### A crise no primeiro Natal

A crise era séria, profunda, duradoura. Herodes, fascinado pelas obras públicas, não parava de construir estradas, palácios, quartéis, oprimindo o país com impostos. Depois do embelezamento grandioso do Templo, vieram as fortalezas, Masada e Herodium, e as novas cidades, Cesareia Marítima e Mamré. A dívida externa crescia e Império Romano ameaçava com austeridade ou a intervenção directa de um procurador. Já se falava da visita de um triunvirato de inspectores que iria pôr tudo às claras. Era até possível que Herodes viesse a ser deportado para a Gália, onde talvez acabasse a estudar Filosofia.

O povo, sucessivamente enganado por gerações de dirigentes, já não acreditava em nada. Israel sentia-se confuso e desorientado. Falava-se muito, mas não se resolvia nada. Zelotas e fariseus, hessénios e saduceus discutiam em múltiplos debates públicos sem chegar a qualquer conclusão. Havia muitas propostas, mas poucas soluções.

Pior, o povo da Aliança estava desanimado, deprimido, não via saída. Há tantos séculos que esperava o Messias, e nada. Queria uma resposta que viesse do Céu e resolvesse todos os problemas, mas isso parecia cada vez mais improvável.

Foi então que o “povo que andava nas trevas viu uma grande luz; habitavam numa terra de sombras, mas uma luz brilhou sobre eles” (Is 9,1). A solução veio do Alto, mas não caiu do Céu. Veio antes inesperada, explosiva, desconcertante, ultrapassando infinitamente o problema do momento. Não surgiu na capital, no palácio, na monarquia, mas num cantinho obscuro, um estábulo com uma manjedoura a servir de berço. Foi anunciada nos céus, mas só os que estavam calados puderam ouvir.

Hoje a nossa crise é séria, profunda, duradoura. Mas acontece depois daquele nascimento. Acontece depois de estarmos salvos. O Senhor já veio e ficou connosco. A resposta já chegou do Céu e o povo já deu por ela. No nosso Natal não temos de esperar por Ele. Ele é que está à nossa espera.

E parece que este ano vai voltar a ficar à espera. Porque nesta altura o Natal não calha nada bem.

O Governo anda aflito com a crise, nem sabe como sair dela. Estamos desanimados, medrosos, indignados. Se nem sequer sabemos para que lado é o fundo do túnel, como ver se lá há luz? A noite dificilmente poderia estar mais escura, os campos mais frios, a miséria mais palpável. Como ter cabeça para tratar do Natal?

Foi precisamente assim há dois mil anos. Na época as coisas estavam bem piores que hoje. Também havia imensas dificuldades, os impostos dos romanos eram enormes e a situação económica desastrosa. Estava tudo mal. Nem havia lugares na hospedaria. As condições dificilmente poderiam ser piores.

Mas as condições nada têm a ver com o Natal. O Natal é outra coisa: «Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu em volta deles; e tiveram muito medo. O anjo disse-lhes: “Não temais, pois anuncio-vos uma grande alegria, que será para todo o povo. Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor”» (Lc 2,9-11).

O mesmo anúncio é feito há dois mil anos, em tempos de paz e de guerra, em épocas de prosperidade e desgraça, em fases calmas e turbulentas. Há dois mil anos que o Natal calha sempre, e por isso calha nas situações mais variadas. Raramente calha bem. Mas o que interessa é que calhe.

Hoje como então, a solução dos nossos problemas, da crise e de todas as outras crises não está na capital, no palácio, mas no estábulo iluminado. E o anúncio é sempre igual. A única diferença está na resposta. Sabemos o que aconteceu então: «Os pastores disseram uns aos outros: “vamos a Belém, para ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer.”» (Lc 2,15).

Como será a nossa resposta este ano? Esta é a única dúvida que existe no Natal.

*(Contos de Páscoa, João César das Neves, 2012)*

## 2º Encontro



O necessário para a missão de rua

Folhas para entregar com o texto da oração inicial

Folhas para entregar com o ponto 11 da Síntese final



1. Cântico (de Advento / Natal)

2. Oração

[Todos]

Se procuras o Natal dos Pobres  
na cidade dos ricos,  
despe-te de ambições  
e de toda a veste pesada  
que te oprime e impede de seres livre.

Se procuras o Natal dos Peregrinos  
neste mundo de instalados,  
acende uma estrela  
que te guie na noite da fé,  
pois há natais proibidos na estrada  
e informadores de falsos messias.

Se procuras o Natal dos Poetas  
nesta cultura de ciências quadradas,  
deita por terra os fantasmas  
que habitam os teus castelos  
e não deixam passar o sol.

Se procuras o Natal de Francisco de Assis  
neste Gúbio global,  
abre o coração à paz,  
porque Belém, hoje,  
mais do que ponto geográfico,  
é referência para as encruzilhadas  
que há dentro de ti.

Se procuras o Natal dos Simples  
nesta sociedade complicada,  
descalça os preconceitos  
e mistura-te com as crianças  
para entrar com elas  
no Natal de Jesus Cristo.

*(Fr. Manuel Rito Dias)*

3. O animador apresenta a missão de rua que se vai seguir e sai com o grupo.

4. Regresso à sala de grupo.

5. Partilha da experiência de missão.

6. Síntese final feita pelo animador (completa se houver tempo).

Mesmo que não aconteça na íntegra, deve sempre ser entregue a cada jovem e lido nesta altura o ponto 11.

1. Jesus é o Messias anunciado e prometido por Deus ao Seu povo, na história da Salvação. Promessa preparada ao longo da história da salvação, até que os tempos se cumprissem, desde Abraão e Moisés, através de todos os profetas. Promessa especialmente explícita no livro de Isaías, como por ex. Is. 9, 1-6: «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz [...] porque um menino nasceu para nós, um filho nos foi dado».

2. No momento do Nascimento de Jesus o anjo anuncia aos pastores o acontecimento como

sendo o do Messias prometido a Israel: «Hoje, na cidade de David, nasceu-vos um Salvador, que é o Messias Senhor» (Lc 2,11).

3. Também São Paulo, apresentando aos Gálatas o Mistério de Cristo, lhes dá a conhecer que este nascimento era esperado: «Mas ao chegar a plenitude dos tempos, Deus enviou o Seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à Lei, para resgatar os que se encontravam sob o jugo da Lei e para que recebêssemos a adopção de filhos» (Gal. 4, 4-5).

4. «O Natal não é um apelo à boa vontade dos homens, mas anúncio radioso da boa vontade de Deus com os homens».

5. Natal é a plena manifestação do amor de Deus. Deus torna-se pequeno, nascido de mulher em tudo igual aos homens, excepto no pecado. Nasce para que todos sejam seus irmãos, filhos de Seu Pai.

6. Manifesta-se na pequenez, na simplicidade, num momento sem testemunhas nem alaridos. Maria e José estão sós e só eles são portadores do mistério.

7. O Natal é a contradição do esperado: uma criança, de todos dependente para se tornar homem.

8. Deus surpreende na simplicidade e só percebem o mistério aqueles que têm um coração pobre (de quem acolhe o oferecido e não cria expectativas, nem impõe condições).

9. «Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência Humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo excepto no pecado» (Concílio Vaticano II, Gaudium et Spes, n.º22).

10. Jesus, pelo seu nascimento, assumiu a nossa natureza humana e restituiu-nos a semelhança divina, deformada desde o princípio dos tempos pelo pecado. Todas as situações humanas são assumidas n'Ele.

11. Entregar a cada jovem: «Hoje o lugar onde vamos celebrar o Natal, a Encarnação, já não é um estábulo como foi há dois mil anos. Hoje esse “lugar” onde Jesus nasce é o nosso coração! Hoje Deus vem habitar entre os homens, vem fazer-se um de nós, no coração de cada homem e de cada mulher. Celebrar o Natal hoje é reviver a alegria que foi experimentada pelos pastores na noite em que foram inundados de luz e lhes foi anunciada a vinda do Senhor esperado.

No Natal as pessoas afoagam-se de prendas, oferecem todas as coisas, mas não se dão a si mesmas nessas prendas. Geralmente, dá-se a quem não precisa e esquece-se os que têm verdadeiras necessidades: os pobres, os doentes, os marginalizados, etc.

A melhor prenda de Natal é o próprio Jesus – Jesus é o dom que Deus nos dá e que nós precisamos de levar aos outros – precisamos oferecer o amor recebido, dando-nos a nós próprios.

O coração de cada crente é um presépio vivo que o Senhor Jesus enche da Sua graça e inunda da Sua luz e alegria».



12. Há um silêncio de preparação. Um silêncio de sossegar, de concentrar a atenção no que permanece. Esse silêncio é a ausência de ruído exterior para calar o interior e preparar o íntimo para a escuta.

13. Mas há o silêncio de quem não pode falar perante o maravilhamento do revelado, de quem cala para deixar falar a maravilha de Deus, porque o Mistério não se conta, revela-se do coração de Deus ao coração do Homem. Amar é adorar.

**NOTA:** O animador deverá pedir aos jovens para trazerem para o próximo encontro a lucerna que receberam na Vigília de Pentecostes (se foi o caso). Se não tiverem o animador deverá providenciar velas para cada um.



### «O povo que andava nas trevas viu uma grande luz» (Is 9, 1).

1. Esta profecia de Isaías não cessa de nos comover, especialmente quando a ouvimos na liturgia da Noite de Natal. E não se trata apenas dum facto emotivo, sentimental; comove-nos, porque exprime a realidade profunda daquilo que somos: somos povo em caminho, e ao nosso redor – mas também dentro de nós – há trevas e luz. E nesta noite, enquanto o espírito das trevas envolve o mundo, renova-se o acontecimento que sempre nos maravilha e surpreende: o povo em caminho vê uma grande luz. Uma luz que nos faz reflectir sobre este mistério: o mistério do andar e do ver.

Andar. Este verbo faz-nos pensar no curso da história, naquele longo caminho que é a história da salvação, com início em Abraão, nosso pai na fé, que um dia o Senhor chamou convidando-o a partir, a sair do seu país para a terra que Ele lhe havia de indicar. Desde então, a nossa identidade de crentes é a de pessoas peregrinas para a terra prometida. Esta história é sempre acompanhada pelo Senhor! Ele é sempre fiel ao seu pacto e às suas promessas. Porque fiel, «Deus é luz, e n'Ele não há nenhuma espécie de trevas» (1 Jo 1, 5). Diversamente, do lado do povo, alternam-se momentos de luz e de escuridão, fidelidade e infidelidade, obediência e rebelião; momentos de povo peregrino e momentos de povo errante.

E, na nossa história pessoal, também se alternam momentos luminosos e escuros, luzes e sombras. Se amamos a Deus e aos irmãos, andamos na luz; mas, se o nosso coração se fecha, se prevalece em nós o orgulho, a mentira, a busca do próprio interesse, então calam as trevas dentro de nós e ao nosso redor. «Aquele que tem ódio ao seu irmão – escreve o apóstolo João – está nas trevas e nas trevas caminha, sem saber para onde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos» (1 Jo 2, 11). Povo em caminho, mas povo peregrino que não quer ser povo errante.

2. Nesta noite, como um facho de luz claríssima, ressoa o anúncio do Apóstolo: «Manifestou-se a graça de Deus, que traz a salvação para todos os homens» (Tt 2, 11).

A graça que se manifestou no mundo é Jesus, nascido da Virgem Maria, verdadeiro homem e verdadeiro Deus. Entrou na nossa história, partilhou o nosso caminho. Veio para nos libertar das trevas e nos dar a luz. N'Ele manifestou-se a graça, a misericórdia, a ternura do Pai: Jesus é o Amor feito carne. Não se trata apenas dum mestre de sabedoria, nem dum ideal para o qual tendemos e do qual sabemos estar inexoravelmente distantes, mas é o sentido da vida e da história que pôs a sua tenda no meio de nós.

3. Os pastores foram os primeiros a ver esta «tenda», a receber o anúncio do nascimento de Jesus. Foram os primeiros, porque estavam entre os últimos, os marginalizados. E foram os primeiros

porque velavam durante a noite, guardando o seu rebanho. É lei do peregrino velar, e eles velavam. Com eles, detemo-nos diante do Menino, detemo-nos em silêncio. Com eles, agradecemos ao Pai do Céu por nos ter dado Jesus e, com eles, deixamos subir do fundo do coração o nosso louvor pela sua fidelidade: Nós Vos bendizemos, Senhor Deus Altíssimo, que Vos humilhastes por nós. Sois imenso, e fizestes-Vos pequenino; sois rico, e fizestes-Vos pobre; sois onnipotente, e fizestes-Vos frágil.

Nesta Noite, partilhamos a alegria do Evangelho: Deus ama-nos; e ama-nos tanto que nos deu o seu Filho como nosso irmão, como luz nas nossas trevas. O Senhor repete-nos: «Não temais» (Lc 2, 10). Assim disseram os anjos aos pastores: «Não temais». E repito também eu a todos vós: Não temais! O nosso Pai é paciente, ama-nos, dá-nos Jesus para nos guiar no caminho para a terra prometida. Ele é a luz que ilumina as trevas. Ele é a misericórdia: o nosso Pai perdoa-nos sempre. Ele é a nossa paz. *Ámen.*

*(Papa Francisco, Homilia da Solenidade do Natal do Senhor, 24 de Dezembro de 2013)*

## 1º BLOCO

# IV - Celebração “Anuncio-vos uma grande alegria” (Lc 2, 10)”

---

Para a celebração, o presépio terminado no encontro anterior deve estar montado no local escolhido pelo grupo, mas sem a figura do Menino, que entrará durante a celebração. Se se desejar, o ambiente poderá estar decorado com alguns motivos alusivos ao Natal.

Cada elemento do grupo deverá ter uma vela ou a lucerna que recebeu na Vigília de Pentecoste no 1º ano do IJ. Serão acesas num momento específico indicado na celebração.

Contudo, desde o início, deverá estar acesa uma vela maior, se possível colocada junto do presépio ou da Bíblia.

Antecipadamente, o animador deverá ter distribuído as diversas tarefas entre os elementos do grupo (leituras, quem coloca o Menino no presépio, etc.). Os cânticos deverão ser escolhidos previamente.

Os “presentes” com o texto indicado adiante poderão ficar junto ao presépio ou noutra local que se achar conveniente.

Preparar folhas com o texto do Evangelho e da oração conjunta que se lhe segue.

### **ESQUEMA DA CELEBRAÇÃO:**

1. Cântico “Emanuel” (Hino JMJ 2000)
2. De seguida, um leitor proclama a passagem de Is 35, 3-6.
3. Como resposta, todos recitam a seguinte oração:

Pai Nosso, Deus da confiança,  
que faz florescer desertos  
e desatar tantas paralisias,  
Tu estás a preparar em nós  
algumas das Tuas... surpresas.

E nós, Teu povo querido,  
dizemos no íntimo do coração:  
Vem salvar-nos!

Ajuda-nos a aprender com o profeta Isaías  
a sermos anunciadores de transformação  
dos desertos em jardins,  
nós que fizemos do jardim do mundo  
tantos desertos,  
nós que fizemos da força ágil do bem  
pés atados em ordem à solução feliz dos problemas.

Solta-nos, de novo,  
os pés, para nos mexermos,  
a garganta, para gritarmos,  
as mãos, para construirmos,  
o coração, para nos apaixonarmos,  
a vida, para sermos felizes.

Prepara-nos para a unidade  
com todos os que acreditam em Ti.

Vem salvar-nos do imobilismo.  
Vem salvar-nos da esterilidade.  
Vem pôr-nos no caminho do mundo novo.

*(Pe. Carlos A. Moreira Azevedo, Orações de Advento, Porto, Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, 1999)*

4. Numa atitude de espera pela vinda do Senhor, acendem-se as velas ou as lucernas. Este rito pode ser acompanhado de um cântico alusivo à luz (ex.: Na nossa escuridão, Senhor Tu és a Luz ou outro).

5. Animador faz uma introdução: “o texto que vamos escutar de seguida faz parte da tradição das primeiras Igrejas em que o autor pretende situar-nos, com recurso a figuras importantes da história, na data precisa do nascimento de Cristo.”

### **Anúncio do nascimento de Jesus**

Muitos séculos depois da criação do mundo, quando no princípio Deus criou o céu e a terra e formou o homem à sua imagem;

Muitos séculos depois do dilúvio, quando Deus, colocou nas nuvens o arco-íris, como sinal de aliança e de paz;

Vinte e um séculos depois da migração de Abraão, nosso pai na fé de Ur da Caldeia;

Treze séculos depois da saída do povo de Deus do Egipto, guiado por Moisés;

Cerca do ano mil depois da unção de David como rei, na semana sexagésima quinta segundo a profecia de Daniel;

Na Olimpíada centésima nonagésima quarta;

No ano setecentos e cinquenta e dois da fundação de Roma;

No ano quarenta e dois do império de Octaviano César Augusto;

Reinando a paz em todo o Orbe,

Jesus Cristo, Deus eterno e filho do eterno Pai, querendo consagrar o mundo com a sua vinda de misericórdia,

concebido pelo Espírito Santo,

decorridos nove meses depois de ter sido concebido,

nasce em Belém de Judá, da Virgem Maria, feito homem.

*(Martirologio Romano - tradução do Cônego José Ferreira)*

6. No final da leitura, é trazida a imagem do Menino, então colocada no presépio.

7. Aleluia

8. Evangelho: Lc 2, 1-14.

(apagar as velas)

9. Cântico de adoração (Ex.: Adoramus te, o Christe ou outro).

10. Breve silêncio

11. Tendo em atenção as experiências que o grupo viveu nos últimos encontros (construção do presépio, missão de rua) incentivar à oração espontânea / partilhada, em que cada um pode referir algo que o tenha tocado, um pedido ou um compromisso para o Natal que se aproxima.

12. Oração rezada por todos:

Rezemos ao Senhor  
para que nos dê a graça  
de ver na noite de Natal o presépio  
com a simplicidade dos pastores,  
para receber assim a alegria  
com a qual eles voltaram para casa.

Peçamos que nos dê  
a humildade e a fé  
com a qual São José  
contemplou o Menino que Maria  
tinha concebido pelo Espírito Santo.

peçamos que nos ajude a vê-lo  
com aquele amor  
com que Maria o contemplava.

Peçamos que a luz que viram os pastores  
também nos ilumine  
e que se cumpra em todo o mundo  
aquilo que os anjos cantaram  
naquela noite:  
“Glória a Deus nas alturas  
e paz na Terra aos homens por Ele amados”.

13. Cântico (Ex.: És a minha vida, Canção da Fraternidade ou outro)

14. Preces

Ó Cristo, os profetas anunciaram a tua vinda, os pobres desejaram-na.  
- A alegria do nosso coração está em Deus.

Os céus celebram o teu nascimento; os apóstolos, os mártires, os fiéis de todos os séculos repetiram os cânticos dos anjos.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

A tua Igreja louva-te em todas as línguas, porque viu a tua salvação.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

Filho de Deus, tu humilhaste-te tornando-te servo, para que nós nos pudéssemos levantar e partilhar a tua glória.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

Estávamos nas trevas e tu deste-nos a luz e a força, a paz e a alegria.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

Conduz-nos à tua vontade de amor; faz de nós um povo que te segue na santidade.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

Dá-nos corações generosos para escutar a tua Palavra. Produz em nós frutos abundantes.

- A alegria do nosso coração está em Deus.

## 15. Pai Nosso

## 16. Gesto simbólico

Embrulhado como um presente, é entregue a cada um a oração que se segue (por exemplo impressa num postal ou marcador de livros, decorada). Eventualmente, pode-se juntar algum símbolo, também dentro do presente (um Menino Jesus pequenino, uma estrela em barro, etc.). Desafiar os jovens a levarem o embrulho para casa para o abrirem na noite de Natal, tornando assim presente o grupo nesse momento especial.

## O PRESENTE DE DEUS

Eis a noite do Presente!

Deus não olha a despesas  
quando se dá.

A sua natureza não está em medir e calcular.

A sua natureza é amar.

E quando se ama, apenas uma coisa conta:  
tudo oferecer, tudo distribuir, tudo partilhar  
para fazer nascer nas pessoas amadas  
uma felicidade que permanece para além do tempo.

Eis a noite do Presente!

Deus não oferece nem ouro nem prata,  
nem bilhete gratuito de entrada no Reino!

É preciso desconfiar da acumulação  
de presentes demasiado brilhantes:  
revelam a incapacidade

de dar algo mais que objectos.

O presente é verdadeiro quando manifesta  
o desejo de se dar por amor.

Quando alguém ama, dá-se a si próprio.

Deus oferece-se ele próprio,  
com a sua eternidade e a sua divindade,  
com a sua Palavra e a sua vida.  
Deus mete-se inteiramente no seu Presente!

O Menino do presépio é o Presente de Deus:  
o dom total e absoluto do seu amor!

*(In Comunidade Verbum Dei de Lisboa, Caderno de Oração, Advento-Natal 1998)*

17. Cântico final (um cântico tradicional de Natal)

# 2º Bloco - “Vinde e vede”

---

## INTRODUÇÃO

Neste segundo trimestre, depois de termos meditado a pessoa e a missão de Jesus como realização das promessas de Deus ao Povo de Israel, iremos um pouco mais longe. Com os olhos pregados na Páscoa de Jesus, na sua morte dolorosa e na sua ressurreição luminosa, encontramos toda a força da identidade de Jesus e da sua acção salvadora: Ele é o Filho de Deus totalmente entregue às mãos dos homens e Ele é o Filho do Homem totalmente renascido da precariedade e da morte humana.

Se o anúncio pascal nos surpreende com a novidade da vitória sobre a morte e com o princípio da vida nova, espanta-nos ainda mais pela beleza de encontrar em Jesus Deus verdadeiro e homem verdadeiro. Por isso, com os apóstolos podemos reconhecer que Ele é Enviado do Pai, Aquele que fora prometido aos profetas, Aquele que vem de junto do Pai para se unir a nós, ao nosso mundo, à nossa carne e à nossa história.

Por ser do Pai e estar inteiro no meio do nosso mundo é que aceitamos como credível o anúncio do seu Reino: o Reino é a sua vida e a nossa com a d’Ele; o Reino é uma oferta de Deus e por isso, o Céu no meio da terra; o seu Reino é a nova humanidade que sai da sua Páscoa e que se realiza na vida de todos os que O aceitam inteiramente.

## OBJECTIVOS

- Descobrir Jesus como verdadeiro Deus e verdadeiro Homem;
- Reconhecer Jesus como o enviado do Pai;
- Predispor-se a acolher de Jesus o anúncio novo do Reino;
- Compreender a morte de Jesus como momento de doação máxima de Si mesmo e fonte de vida nova para toda a Humanidade

## TEMAS

- I – Um Homem que é Deus
- II – O enviado do Pai
- III – A morte que gera vida
- IV - Celebração / Retiro – “ Senhor ensina-nos a rezar” (Lc 11, 1)

## LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio



## 2º BLOCO

# I – Um homem que é Deus

---

### LINHAS GERAIS

A missão de Jesus durante a sua vida pública, desde o baptismo no rio Jordão, até à sua morte e ressurreição, foi toda ela marcada pelo anúncio do Reino de Deus. Toda a sua pregação e actuação têm como intenção a edificação do Reino dos Céus, que Cristo inaugura: O espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu, para anunciar a Boa Nova aos pobres; Enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, o recobrar da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18-19)

Todas as palavras e gestos de Jesus são anúncio da Boa Nova do Reino de Deus, que se revela em toda a sua missão. A pregação constitui, apenas, uma parte do ministério de Jesus. À sua palavra acrescenta-se a acção. Assim se começa a realizar o reino de Deus. As obras que Ele leva a cabo não são apenas suas, são também do Pai que actua por meio d'Ele no poder do Espírito Santo: Se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demónios, quer dizer, que chegou até vós o reino de Deus (Mt 12,28). Por Cristo, Deus vence o mal, realiza milagres, perdoa os pecadores, cura os doentes, convoca todos os homens para fazerem parte do seu Reino. Palavras e gestos, considerados em conjunto, constituem o ministério de Jesus de Nazaré, transformado numa missão feita de serviço e entrega amorosa.

A vida de Jesus é uma vida de plena comunhão com o Pai, por isso, é uma vida de oração. Cristo está em atitude de constante oração, pois é ela que solidifica a intimidade amorosa entre Pai e Filho. São muitas as passagens da Escritura que nos mostram a necessidade de Jesus se retirar para longe das multidões para estar a sós com o Pai. É nesse momentos que descobre o sentido da sua missão e procura o alimento que a sustenta. A oração de Jesus que somos convidados a descobrir neste tema do nosso itinerário é um desafio à nossa oração. Ser discípulo é aprender a rezar com o mestre, para que a nossa vida cristã seja comunhão orante com Deus e com os irmãos.

### O QUE SE PRETENDE

- Redescobrir Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem;
- Deixar-se encontrar por Jesus, imagem viva do Pai;
- Aprender de Jesus, o olhar, a palavra e o gesto que acolhe, inclui, defende, respeita, perdoa, apela à conversão, ensina a perdoar, ensina a amar, envia e desafia;
- Identificar a missão de Jesus como anúncio do Reino de Deus.

# 1º Encontro

Neste primeiro encontro sugerimos uma abordagem dos encontros de Jesus com diferentes pessoas, com o objectivo de neles descobrir a novidade que Jesus trouxe no modo como realizava esses encontros: olhares, gestos, atitudes, sentimentos, etc... Neles transparece a sua plena humanidade e desponta também a sua diferença, que decorre da relação única que tem com o Pai.



Folhas com passagens bíblicas acompanhadas dos textos explicativos (ver Textos de apoio)  
Folhas com oração final



1. Divisão em 4 grupos. A cada grupo é entregue uma passagem bíblica acompanhada do texto explicativo.

2. Cada grupo deverá representar a passagem bíblica e, com criatividade, transmitir os principais traços e atitudes humanas de Jesus reveladas nestes encontros.

3. No final o animador desafia os jovens a estarem atentos, durante os próximos dias, aos “encontros” entre as pessoas que os rodeiam. Quais as diferenças e semelhanças entre os encontros que acontecem à nossa volta (inclusive do grupo de jovens) e aqueles que Jesus teve.



Cântico  
Fica entre nós

[Todos]  
Jesus,  
ajuda-nos a espalhar o teu perfume  
onde quer que vamos.  
Inunda as nossas almas  
do Teu espírito e da Tua vida.  
Apodera-te do nosso ser  
de forma tão completa  
que as nossas vidas  
sejam um reflexo da Tua.  
Resplandece através de nós  
e permanece em nós  
de tal modo que cada pessoa que encontrarmos  
possa ver a Tua presença em nós.  
Que eles possam levantar os olhos  
e apenas ver-Te a Ti.  
Fica connosco e, como Tu,  
seremos uma luz para os outros.  
A luz não vem de nós próprios,  
só vem de Ti, ó Jesus.

Serás Tu que, através de nós,  
brilharás sobre os outros.  
Que nós possamos louvar-Te  
do modo que Tu preferes,  
irradiando sobre aqueles que nos rodeiam.  
Que falemos de Ti,  
não por palavras,  
mas pelo nosso exemplo,  
Pela força contagiosa,  
pela influência cativante do que nós fazemos,  
pela plenitude evidente do amor  
que está nos nossos corações.

(Madre Teresa, Oração, frescura de uma fonte)



### Zaqueu, cobrador de impostos

(Lc 19,1-10)

*Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. Vivia ali um homem rico, chamado Zaqueu, que era chefe de cobradores de impostos. Procurava ver Jesus e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. Correndo à frente, subiu a um sicómoro para o ver, porque Ele devia passar por ali. Quando chegou àquele local, Jesus levantou os olhos e disse-lhe: «Zaqueu, desce depressa, pois hoje tenho de ficar em tua casa.» Ele desceu imediatamente e acolheu Jesus, cheio de alegria. Ao verem aquilo, murmuravam todos entre si, dizendo que tinha ido hospedar-se em casa de um pecador.*

*Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: «Senhor, vou dar metade dos meus bens aos pobres e, se defraudei alguém em qualquer coisa, vou restituir-lhe quatro vezes mais.» Jesus disse-lhe: «Hoje veio a salvação a esta casa, por este ser também filho de Abraão; pois, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.*

Jesus tem um grande amor por todas as pessoas. Não exclui ninguém. Zaqueu fez uma experiência profunda deste amor. Teve uma experiência de encontro com Jesus que mudou a sua vida. Provocou nele uma profunda conversão.

Este relato é exclusivo do evangelho de Lucas. Zaqueu: o nome significa “puro”. Ele reúne em si dois mundos simbólicos apresentados por este evangelista: ele é o publicano que responde generosamente ao chamamento de Deus e é também um homem rico, alguém que tem bastante dificuldade em desprender-se dos bens materiais.

Pode encontrar-se em Zaqueu sete passos que são como pressupostos, para a sua experiência de encontro com Jesus. Em primeiro lugar, Zaqueu “desejava ver” Jesus, ou seja, estava curioso para saber quem era este homem que arrastava multidões junto de si. Talvez ouvisse falar de Jesus, o que despertou nele o desejo de ver, mas ainda não o conhecia. Jesus toma a iniciativa, vê Zaqueu em cima da árvore e chama-o pelo seu nome. Talvez Zaqueu se contentasse em ver Jesus, mas este, ao ver e deixar-se ver, não se contenta com isso: quer mais e mais profundo. O olhar de Jesus é misterioso, pois vê além daquilo que os mortais vêem. Mas o que Jesus viu neste baixinho, corrupto e explorador? Jesus decide hospedar-se em casa de Zaqueu. Jesus quer intimidade com este homem e Zaqueu é impelido pelo “desejo”. Este desejo fá-lo correr, subir à árvore, deixar o seu posto de cobrança de impostos, expor-se a críticas, entre outras situações. A vida de fé nasce e cresce juntamente com o desejo. É este o motor que move qualquer pessoa, independente do estado em que se encontra, para o encontro com Deus.

O desejo de ver Jesus faz Zaqueu misturar-se ao povo. Diz o texto que Zaqueu “correu adiante”.

Ele faz a sua parte e não fica parado. Não espera passivamente, mas movido por um desejo interior, deixa tudo o que está a fazer e corre à procura daquilo que o seu coração busca: ver Jesus. Zaqueu faz tudo o que pode para ver Jesus. Sendo de estatura baixa e devido ao grande número de pessoas que seguem Jesus, ele precisa de “subir” à árvore. O desejo gera a procura, desinstala-o e provoca-o a sair da rotina. Zaqueu não se importa com o que as pessoas vão dizer, ou se Jesus o repreenderá pelo que ele é e faz. Não mede as consequências, pois simplesmente quer ver Jesus. Subir à árvore requer esforço. É algo que ele não está habituado a fazer. Na vida espiritual o caminho não é diferente. Quem deseja entrar, progredir, ‘ver’ Jesus e com Ele caminhar, terá uma longa subida a realizar. Terá que canalizar todas as forças do corpo e da alma neste projecto. Esta subida requer renúncia da vontade própria, dos prazeres, da acomodação, do ter e do poder.

Quando se encontra com Jesus e os seus olhares se cruzam, nasce da parte de Jesus, uma proposta, um convite, um mandato. Jesus dá-lhe uma ordem: “Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa” (Lc 19,5). Ir ao encontro de Jesus requer abertura para acolher o seu pedido, a sua ordem. É ir em direcção a uma mudança de vida. Zaqueu ouve a ordem de Jesus e desce da árvore. Desce da sua vida quotidiana, deixa os seus afazeres, o seu egoísmo, o seu orgulho. Agora ele só tem olhos para Jesus.

O olhar e o convite de Jesus penetram no fundo da alma de Zaqueu, o que faz brotar a verdadeira alegria. “Recebeu-o alegremente”. É com esta alegria que Jesus é recebido em casa de Zaqueu. A alegria é consequência directa do encontro com Jesus. Esta alegria não nasce simplesmente da procura, mas porque recebeu Jesus em sua casa. Ele encontra o sentido da sua vida em Jesus. Tudo o que ele fazia antes agora não faz mais sentido. Zaqueu sente que é preciso algo mais, ou seja, dividir os seus bens com os pobres. Quem faz a experiência deste olhar de Jesus e ouve o seu chamamento, encontra o sentido da vida e tem pressa em fazer aquilo que Ele diz. A mudança não foi pela metade, foi radical e por isso a salvação aconteceu. Zaqueu aprende a partilhar. Dá a metade dos seus bens aos pobres. Zaqueu toma consciência daquilo que era e do que é chamado a ser. Percebe que a sua vida é incoerente com o projecto de Deus e toma uma decisão: “Restituirei o quádruplo”. Ele havia enriquecido porque na sua ganância, explorava os mais pobres. Zaqueu roubava, era ladrão. Depois da experiência com Jesus, ele decide restituir o quádruplo àqueles a quem havia roubado. Desta forma Zaqueu fica livre da riqueza que o mantinha preso e torna-se rico do Reino de Deus, para anunciar aquele por quem fora encontrado. “Hoje entrou a salvação nesta casa” (Lc 19, 9). Essa casa é o coração e a vida de Zaqueu. Agora há espaço para Jesus entrar na sua vida e, junto com Ele, a salvação.

Esta passagem bíblica mostra que é indispensável a procura e o esforço humano para que haja o encontro com Cristo. Porém, mesmo mediante esta procura humana, se Ele mesmo não tomar a iniciativa, o encontro não acontece. Jesus entrou em Jericó e chamou Zaqueu. O desejo de Deus encontra-se com o desejo do homem e o encontro acontece. A consequência deste encontro é a conversão, a mudança de vida.

### A Samaritana

(Jo 4,5-42)

*Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia.*

*Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: «Dá-me de beber.» Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a samaritana: «Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?» É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: «Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!»*

Disse-lhe a mulher: «Senhor, não tens sequer um balde e o poço é fundo... Onde consegues, então, a água viva? Porventura és mais do que o nosso patriarca Jacob, que nos deu este poço donde beberam ele, os seus filhos e os seus rebanhos?»

Replicou-lhe Jesus: «Todo aquele que bebe desta água voltará a ter sede; mas, quem beber da água que Eu lhe der, nunca mais terá sede: a água que Eu lhe der há-de tornar-se nele em fonte de água que dá a vida eterna.»

Disse-lhe a mulher: «Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter sede, nem ter de vir cá tirá-la.» Respondeu-lhe Jesus: «Vai, chama o teu marido e volta cá.» A mulher retorquiu-lhe: «Eu não tenho marido.»

Declarou-lhe Jesus: «Disseste bem: 'não tenho marido', pois tiveste cinco e o que tens agora não é teu marido. Nisto falaste verdade.»

Disse-lhe a mulher: «Senhor, vejo que és um profeta! Os nossos antepassados adoraram a Deus neste monte, e vós dizeis que o lugar onde se deve adorar está em Jerusalém.»

Jesus declarou-lhe: «Mulher, acredita em mim: chegou a hora em que, nem neste monte, nem em Jerusalém, haveis de adorar o Pai. Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus. Mas chega a hora - e é já - em que os verdadeiros adoradores hão-de adorar o Pai em espírito e verdade, pois são assim os adoradores que o Pai pretende.

Deus é espírito; por isso, os que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade.» Disse-lhe a mulher: «Eu sei que o Messias, que é chamado Cristo, está para vir. Quando vier, há-de fazer-nos saber todas as coisas.»

Jesus respondeu-lhe: «Sou Eu, que estou a falar contigo.»

Nisto chegaram os seus discípulos e ficaram admirados de Ele estar a falar com uma mulher. Mas nenhum perguntou: 'Que procuras?', ou: 'De que estás a falar com ela?'

Então a mulher deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse àquela gente: «Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?» Eles saíram da cidade e foram ter com Jesus.

Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo: «Rabi, come.» Mas Ele disse-lhes: «Eu tenho um alimento para comer, que vós não conheceis.» Então os discípulos começaram a dizer entre si: «Será que alguém lhe trouxe de comer?»

Declarou-lhes Jesus: «O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a sua obra. Não dizeis vós: 'Mais quatro meses e vem a ceifa'? Pois Eu digo-vos: Levantai os olhos e vede os campos que estão doirados para a ceifa. Já o ceifeiro recebe o seu salário e recolhe o fruto em ordem à vida eterna, de modo que se alegram ao mesmo tempo aquele que semeia e o que ceifa. Nisto, porém, é verdadeiro o ditado: 'um é o que semeia e outro o que ceifa'. Porque Eu enviei-vos a ceifar o que não trabalhastes; outros se cansaram a trabalhar, e vós ficastes com o proveito da sua fadiga.»

Muitos samaritanos daquela cidade acreditaram nele devido às palavras da mulher, que testemunhava: «Ele disse-me tudo o que eu fiz.» Por isso, quando os samaritanos foram ter com Jesus, começaram a pedir-lhe que ficasse com eles.

E ficou lá dois dias. Então muitos mais acreditaram nele por causa da sua pregação, e diziam à mulher: «Já não é pelas tuas palavras que acreditamos; nós próprios ouvimos e sabemos que Ele é verdadeiramente o Salvador do mundo.»

Jesus chegou à região da Samaria, chamada de Sicar. Ele está cansado da viagem e precisa de descansar por isso senta-se junto ao poço de Jacó. Neste mesmo lugar chega também uma mulher desconhecida. É uma samaritana que vem apanhar água do poço de Jacob.

Jesus inicia o diálogo e apresenta-se como alguém necessitado. Pede água à mulher desconhecida. Neste momento Jesus supera todo o preconceito que existia entre judeus e samaritanos e procura entrar no coração daquela mulher e dela receber ajuda. (As necessidades básicas unem-nos e convidam-nos a ajudarmo-nos uns aos outros, deixando de lado todas as diferenças.) Existe uma linguagem que aproxima todos os seres humanos: é a linguagem do cansaço, da sede de felicidade, da solidão, do medo ou da tristeza. E todo o ser humano experimenta algumas destas realidades em vários momentos de sua vida.

De uma forma espontânea, Jesus começa a falar com a mulher sobre aquilo que traz no seu coração e ela sente-se à vontade para falar dos conflitos entre os judeus e os samaritanos, assim como dos seus conflitos interiores: da relação com o seu marido, de onde está Deus e onde adorá-Lo. O encontro com Jesus acontece à beira do poço mostrando que, para encontrar a Deus, não é necessário ir a Jerusalém, nem entrar numa capela ou catedral. Mas, do lugar do trabalho quotidiano pode-se elevar o coração a Deus.

Jesus percebe a sede que habita o coração do Homem e sabe dialogar com todos, independente da sua situação, classe social e situação religiosa; e dos seus dramas mais íntimos a que ninguém tem acesso. Jesus percebe tudo que está no coração humano e tem o poder de restaurar a vida das pessoas. Jesus conhece a situação da samaritana e dos seus maridos, mas não a recrimina. Ele sabe acolher o sofrimento, o desespero, a solidão e a angústia das pessoas. A mulher fica surpresa ao perceber que Jesus não fala com superioridade nem com arrogância, atitudes a esperar de um judeu para com um samaritano e, mais ainda, de um homem para com uma mulher. Jesus não apresenta a lei e a moral, mas apresenta o amor misericordioso e gratuito de Deus que se manifesta por meio d'Ele. Cria-se um novo clima mais humano, fraterno, de confiança e abertura. Ela sente-se acolhida e amada por Deus. Agora Jesus pode falar sobre o passado da samaritana, fazendo referência aos seus maridos. Ele faz-lhe uma proposta nova para substituir o passado em que ela estava presa. Jesus vem substituir os numerosos maridos que ela teve, trazendo um sentido para a sua vida.

Jesus abre o seu coração a esta mulher: "Se conhecesses o dom de Deus" (Jo 4,10) e apresenta o maior presente que Deus dá: Ele próprio, como sentido para a vida humana. E mais, que este Dom é gratuito e para todos, sem exceção. A princípio parece que ela não percebe de que é que Jesus está a falar, pois naquela época, assim como hoje, nada é gratuito. Vive-se a base da troca. Por trás da bondade há sempre interesses. No decorrer do diálogo, Jesus desperta o interesse, o anseio de vida plena, que existe em todos os seres humano, ao falar da água que sacia a sede para sempre.

### Levi

(Mc 2, 13-17)

*Jesus saiu de novo para a beira-mar. Toda a multidão ia ao seu encontro, e Ele ensinava-os. Ao passar, viu Levi, filho de Alfeu, sentado no posto de cobrança, e disse-lhe: «Segue-me.» E, levantando-se, ele seguiu Jesus. Depois, quando se encontrava à mesa em casa dele, muitos cobradores de impostos e pecadores também se puseram à mesma mesa com Jesus e os seus discípulos, pois eram muitos os que o seguiam.*

*Mas os doutores da Lei do partido dos fariseus, vendo-o comer com pecadores e cobradores de impostos, disseram aos discípulos: «Porque é que Ele come com cobradores de impostos e pecadores?» Jesus ouviu isto e respondeu: «Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas sim os enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.»*

Neste relato Jesus está rodeado por uma multidão que vai à sua procura. Ele acolhe essa multidão e começa a ensiná-los. Porém, Ele não olha a multidão como uma massa: Ele olha, "vê" e dá atenção a cada pessoa em particular, como única.

Jesus "viu Levi". A iniciativa é de Jesus. Levi não pede atenção e não chama por Jesus, mas Jesus vê-o.

Levi era cobrador de impostos. Quando acontece o encontro com Cristo ele está sentado na banca dos impostos, a cobrar. Os cobradores de impostos eram considerados pecadores. Eram odiados por todos. Era, para os judeus, a pior espécie de pessoas. Os cobradores de impostos não recebiam salários. Roubando, ganhavam o necessário para viver na riqueza. Para a mentalidade da época,

Levi jamais mereceria a atenção de Jesus, mas é este que Jesus vê e depois chama. Levi faz a experiência da misericórdia de Deus na própria vida.

Jesus vê Levi no seu local de trabalho, “sentado no posto de arrecadação”. Lugar em que todos o podiam encontrar. Jesus encontra e olha cada pessoa no seu ambiente normal, fazendo o que lhe é próprio.

Levi está sentado. Estar sentado quer dizer estar parado num determinado lugar. Levi está sentado, ou seja, está a fazer aquilo que é normal. Está parado no seu mundo, preocupado com as suas coisas.

É de Jesus a iniciativa. Ele faz o convite “segue-me”. Jesus não dá explicações, não propõe seguranças, não diz para onde vai, não diz por quanto tempo, não diz como é a estrada nem o que é preciso fazer, não promete uma recompensa. A princípio é tudo muito obscuro. Não há nada pronto, estabelecido, nem seguro. É necessário caminhar atrás de Jesus e aos poucos ir descobrindo o caminho que deve ser feito.

Jesus vê e chama Levi. Este levanta-se. Fica extasiado, surpreso. Sente-se tocado pelo olhar e convite de Jesus. E por isso, no momento, não questiona nada. Ele poderia ter ficado sentado, mas não fez isso, certamente porque encontrou segurança naquela face amiga e acolhedora de Jesus; porque aquele olhar o envolveu de tal forma que não foi possível outra resposta a não ser o levantar-se; enfim, porque aquelas palavras ditas por Jesus tocaram o seu coração. E ninguém que faz a experiência do encontro com Jesus, com a verdade do Evangelho, permanece parado naquilo que é normal, no seu quotidiano, vivendo como se nada tivesse acontecido.

Levi seguiu Jesus. Ficar de pé é importante, mas não basta. Fazer a experiência do encontro é sentir-se tocado por Jesus e pôr-se a caminho. Lançar-se para uma nova etapa na vida, na qual Jesus faz a promessa: “Eis que estou convosco todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28,20). A vida cristã, o seguimento de Cristo é, em primeiro lugar, estar com Ele, estabelecer profundos laços de amizade. Só no segundo momento vem à missão, pois não é possível falar de Jesus, anunciar seu Evangelho, propor iniciativas concretas para a comunidade quando não se faz a experiência de estar com o Senhor: “Mestre, é bom estarmos aqui” (Lc 9, 33).

Jesus entra na casa de Levi. No mundo da Bíblia, casa é hospitalidade, intimidade. Jesus senta-se à mesa com os pecadores. É um sinal de comunhão. O lugar e o alimento são apenas ensejo para partilhar o que está lá no fundo da alma. Os dois partilham as suas vidas um com o outro e desta forma Levi já não pode continuar ser o mesmo de antes. Agora Jesus faz parte da vida de Levi e isso terá as suas consequências.

### **Bartimeu**

(Mc 10,46-52)

*Chegaram a Jericó. Quando ia a sair de Jericó com os seus discípulos e uma grande multidão, um mendigo cego, Bartimeu, o filho de Timeu, estava sentado à beira do caminho. E ouvindo dizer que se tratava de Jesus de Nazaré, começou a gritar e a dizer: «Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!» Muitos repreendiam-no para o fazer calar, mas ele gritava cada vez mais: «Filho de David, tem misericórdia de mim!»*

*Jesus parou e disse: «Chamai-o.» Chamaram o cego, dizendo-lhe: «Coragem, levanta-te que Ele chama-te.» E ele, atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: «Que queres que te faça?» «Mestre, que eu veja!» - respondeu o cego. Jesus disse-lhe: «Vai, a tua fé te salvou!» E logo ele recuperou a vista e seguiu Jesus pelo caminho.*

Jesus está a caminho de Jerusalém e a última etapa antes de lá chegar é a entrada e saída de Jericó. Aqui vai acontecer a última cura que Jesus realiza no Evangelho de Marcos. A cura de um

mendigo cego. A cegueira espiritual é característica dos grupos que se confrontavam com Jesus, de modo especial, os discípulos, que até o momento tinham percebido muito pouco a respeito de Jesus. Jesus aproxima-se justamente destes que estão cegos.

É o que nos mostra a passagem do encontro de Jesus com Bartimeu.

Outro dado importante é que tudo nesta passagem acontece à beira do caminho. A iniciativa do encontro é de Jesus, quando entra em Jericó. Por uma pessoa ele é capaz de tudo, até de dar a própria vida. Certamente Bartimeu não era visto pela maioria das pessoas que por ali passavam. Estava abandonado à sorte da vida. Jesus vai ao encontro daqueles que são os mais esquecidos e desprezados pela sociedade e, muitas vezes, pelos membros da Igreja, pelos que olham para o ser humano como um meio e não como um fim em si mesmos. Ao olhar o ser humano como meio para algo, procura-se nestas pessoas certas qualidades, capacidades, boa aparência, status, formação, etc. Pessoas como Bartimeu precisam de ajuda, mas por não apresentarem os requisitos que são procurados, tornam-se então invisíveis. Jesus, com tanta gente à sua volta, escolhe ir ao encontro dos menos favorecidos e dos ignorados por todos.

Jesus entrou em Jericó. Ele quer entrar na vida de cada ser humano. Não apenas passar, mas habitar em cada um e nele realizar maravilhas.

Bartimeu estava sentado, era cego e mendigava. Sentado, na Bíblia, é acomodado, conformado com a situação. É alguém que já desistiu de acreditar e de lutar por dias e situações melhores.

O cego gritou: “Jesus filho de David, tem piedade de mim”. O povo tenta fazê-lo se calar, mas ele não dá atenção aos outros, olha apenas para Jesus e implora.

Esta é como a oração da criança que pede aquilo de que realmente precisa. O que está no mais profundo do seu coração. É a oração mais humilde, sincera e comovente. Bartimeu não tem mais nada a perder. Não tem uma imagem a proteger. O seu grito vem do mais profundo do seu coração. Sozinho não pode mais nada. Já desistiu e já se acomodou à beira do caminho.

Bartimeu, ao ouvir dizer que Jesus estava a passar começa a gritar pedindo misericórdia. O desejo de Deus, desejo de Salvação está no mais profundo de cada pessoa.

Certamente o cego já tinha ouvido falar sobre Jesus. Agora, sente-se movido a clamar por socorro. Aqui, destaca-se a força da oração. Jesus parou para ouvir Bartimeu e ajudá-lo. Jesus tem compaixão. Compadece-se da miséria daquele cego indefeso, que está à margem e atende-o. Manda chamá-lo. Aqueles que mandavam o cego calar, agora, a pedido de Jesus, vão animá-lo a levantar-se e ir até Jesus.

Bartimeu larga tudo o que tinha e vai até Jesus. Não tinha muito, apenas o seu manto, porém este era a sua segurança e o seu chão. Poderia apenas ter tirado, mas não: lançou-o fora, porque confiou que não iria precisar mais dele, que Jesus o iri curar. Esta capa simboliza as falsas seguranças, comodismo, preconceitos, auto-suficiência, aquilo que cega e aprisiona o ser humano.

Em seguida ergue-se com um salto. Sai da sua situação actual. Faz a sua parte. Não fica à espera que tudo venha de Jesus. Algo dentro dele o impele. Este algo é o próprio Jesus. Em Jesus encontra força não só para levantar, mas para saltar. E por fim, vai falar com Ele. Jesus o atrai a Si.

Jesus pergunta: “Que queres que eu te faça?” Sabe o que o cego precisa, mas quer ouvir dele quais são as suas necessidades. Respeita o tempo, a situação e a liberdade de cada um. Hoje, Ele faz esta mesma pergunta a cada pessoa e pede uma resposta. Não invade a liberdade e individualidade. Espera e respeita o tempo de cada um. Pede o que é realmente necessário e importante.

Curado, Bartimeu segue Jesus e sobe com Ele para Jerusalém. Tornou-se discípulo. A consequência do dom de Deus é o seguimento. Só quem é tocado, curado e sente o amor de Jesus pode falar Dele e ajudar os outros a encontrá-lo. O que recebeu quer comunicar aos outros. Essa alegria enorme não pode ficar só para si.

*(Luciane Kudlawicz, Clodovis Boff, Os encontros com Jesus nos evangelhos: elementos para a iniciação cristã hoje, Caderno teológico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná)*



## 2º Encontro



Folhas com sopa de letras, uma para cada jovem (ver Textos de apoio)  
Folhas com texto da oração final



1. Entregar a cada jovem a sopa de letras – cada um deverá descobrir o nome das personagens dos encontros com Jesus (representados na reunião anterior) e também os aspectos e/ou atitudes comuns a esses encontros.

Soluções:

S	Q	E	Á	T	L	F	O	C	Ç	R	A	F	M	L	Ç	I	E	O	P
E	Í	S	B	G	R	E	Y	U	E	Ã	Z	Ó	A	N	Û	N	C	I	O
G	Z	A	U	M	E	N	V	R	B	G	L	E	B	I	T	Z	O	P	D
U	B	M	V	R	Q	I	Y	I	V	C	U	Ú	Q	J	E	T	C	Z	R
I	R	A	D	O	P	V	C	R	I	T	E	I	U	E	R	T	C	B	A
R	U	R	A	L	O	C	X	E	Ú	R	T	U	R	S	W	E	R	T	J
I	E	I	T	C	P	V	B	A	R	T	I	M	E	U	M	U	I	T	D
C	X	T	K	H	U	E	R	U	I	I	Y	E	Ã	S	Q	P	K	M	R
G	I	A	S	U	R	P	R	E	S	A	T	R	E	S	A	Ê	S	G	T
Ú	E	N	T	R	É	F	G	H	A	T	É	G	Y	S	D	C	I	N	W
A	E	A	F	Ó	G	R	A	N	T	M	É	E	A	F	E	O	G	A	S
O	J	U	V	E	T	U	E	D	E	T	F	S	U	L	A	N	E	F	D
B	O	M	L	E	S	V	P	A	S	L	I	T	H	E	S	V	U	H	J
S	E	Ã	L	E	E	I	A	R	I	F	U	O	G	B	C	E	U	J	I
I	T	I	N	L	I	X	E	T	O	U	A	S	D	A	V	R	E	L	E
L	I	N	D	E	R	G	J	O	Ã	C	E	R	T	U	P	S	Ç	A	C
S	O	P	A	T	E	V	B	Z	A	Q	U	E	U	Á	E	Á	R	E	V
F	D	I	Y	R	N	H	O	E	D	R	A	R	Í	A	G	O	O	R	B
I	T	G	F	V	B	O	P	E	A	E	T	Ç	A	Ó	R	B	A	B	É
S	E	N	T	I	D	O	S	U	L	Q	Z	D	E	Y	H	I	O	L	L

2. O animador apresenta os traços em comum – ver Textos de Apoio.

3. Síntese pelo animador

Jesus encontra-se com as pessoas de um modo diferente daquele que é realizado pelas outras pessoas.

Essa diferença é fruto da circunstância de Jesus não ser somente mais um homem. Ele é Deus encarnado. Ele é totalmente Homem e totalmente Deus, numa síntese única. O Seu modo de relação resulta naturalmente dessa síntese e é dela expressão.

Em cada encontro de Jesus é o próprio Deus que se faz encontro.

É em Jesus que cada um de nós aprende a fazer encontro, que cada um de nós aprende a ser Homem.

Pois, em Jesus a criação atinge a sua plenitude - Jesus é o Homem.



## Cântico

Quem as mãos estende

[Todos]  
Senhor Jesus,  
manso e humilde de coração,  
concede-me um coração semelhante ao Teu!

Contagia-me com a tua maneira de olhar,  
a tua maneira de ver,  
a tua maneira de estar...

Que toda a minha vida,  
os meus gestos, as minhas palavras,  
as minhas lágrimas, os meus sorrisos,  
falem de Ti e do Teu Reino,  
falem da vida verdadeira que vieste anunciar.

Senhor Jesus,  
Tu que és a Luz, ilumina a minha vida.  
Ilumina a vida dos que sofrem,  
dos que estão cansados e oprimidos.

Senhor Jesus, Tu que és a Porta,  
conduz-me à verdadeira liberdade.  
Que as minhas relações e os meus projectos  
comecem em Ti e em Ti terminem.

Senhor Jesus, Bom Pastor,  
faz-me dócil à Tua voz.  
Mostra-me os teus caminhos.  
Conduz-me pelo Teu caminho.

Sê Tu o meu alimento,  
a minha raiz, a minha rocha,  
a minha força e salvação.

Contagia-me, Senhor,  
com o Teu modo de ESTAR,  
com o Teu modo de AMAR,  
com o Teu modo de SER.  
*(Ir. Marta Heleno, aci - www.cnal.pt)*



Propor que durante a semana, e a partir das questões levantadas por Jesus aos seus discípulos (“quem dizem os homens que é o Filho do Homem?” e “E vós, quem dizeis que Eu sou?” (Mt 16,13-15)) em pequenos grupos ou individualmente, realizem um inquérito de rua com as seguintes questões:  
“O que dizem as pessoas de Jesus?”; “Para si, quem é Jesus?”. As respostas serão partilhadas no próximo encontro.



Dinâmica

Descobre o nome das personagens que se encontraram com Jesus e também os aspectos e/ou atitudes comuns a esses encontros.

S	Q	E	Á	T	L	F	O	C	Ç	R	A	F	M	L	Ç	I	E	O	P
E	Í	S	B	G	R	E	Y	U	E	Ã	Z	Ó	A	N	Ú	N	C	I	O
G	Z	A	U	M	E	N	V	R	B	G	L	E	B	I	T	Z	O	P	D
U	B	M	V	R	Q	I	Y	I	V	C	U	Ú	Q	J	E	T	C	Z	R
I	R	A	D	O	P	V	C	R	I	T	E	I	U	E	R	T	C	B	A
R	U	R	A	L	O	C	X	E	Ú	R	T	U	R	S	W	E	R	T	J
I	E	I	T	C	P	V	B	A	R	T	I	M	E	U	M	U	I	T	D
C	X	T	K	H	U	E	R	U	I	I	Y	E	Ã	S	Q	P	K	M	R
G	I	A	S	U	R	P	R	E	S	A	T	R	E	S	A	Ê	S	G	T
Ú	E	N	T	R	É	F	G	H	A	T	É	G	Y	S	D	C	I	N	W
A	E	A	F	Ó	G	R	A	N	T	M	É	E	A	F	E	O	G	A	S
O	J	U	V	E	T	U	E	D	E	T	F	S	U	L	A	N	E	F	D
B	O	M	L	E	S	V	P	A	S	L	I	T	H	E	S	V	U	H	J
S	E	Ã	L	E	E	I	A	R	I	F	U	O	G	B	C	E	U	J	I
I	T	I	N	L	I	X	E	T	O	U	A	S	D	A	V	R	E	L	E
L	I	N	D	E	R	G	J	O	Ã	C	E	R	T	U	P	S	Ç	A	C
S	O	P	A	T	E	V	B	Z	A	Q	U	E	U	Á	E	Ã	R	E	V
F	D	I	Y	R	N	H	O	E	D	R	A	R	Í	A	G	O	O	R	B
I	T	G	F	V	B	O	P	E	A	E	T	Ç	A	Ó	R	B	A	B	É
S	E	N	T	I	D	O	S	U	L	Q	Z	D	E	Y	H	I	O	L	L

- |                                     |                                    |
|-------------------------------------|------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Bartimeu   | <input type="checkbox"/> Conversão |
| <input type="checkbox"/> Anúncio    | <input type="checkbox"/> Levi      |
| <input type="checkbox"/> Samaritana | <input type="checkbox"/> Surpresa  |
| <input type="checkbox"/> Seguir     | <input type="checkbox"/> Jesus     |
| <input type="checkbox"/> Sentidos   | <input type="checkbox"/> Procura   |
| <input type="checkbox"/> Zaqueu     | <input type="checkbox"/> Gestos    |

## Elementos comuns nos textos do encontro anterior

### 1. Busca

Todo o ser humano traz dentro de si um profundo desejo pelo infinito, uma busca pelo sentido vida, por felicidade. Esta busca leva cada um a fazer experiências diversas, tomar diferentes caminhos, errar e acertar na vida, aproximar-se de Deus e noutros momentos, distanciar-se Dele. Todas as personagens referidas (nos textos do encontro anterior), de formas diferentes, estavam abertos, buscavam, procuravam alguma coisa. Não estavam satisfeitos nem acomodados na sua situação.

Zaqueu desejava ver Jesus, por isso foi ao seu encontro para vê-lo passar. Bartimeu, ao saber que Jesus passava, gritou por Ele e pediu a sua ajuda. A samaritana aceita dialogar com Jesus sem resistências. Levi segue-O imediatamente.

O desejo por Deus está em todo ser humano, mesmo que este não se dê conta disso. Ele procura Deus e está aberto para este encontro. Porém, muitas vezes, perde-se no caminho, procurando em lugares errados.

### 2. Os sentidos

Em todos os relatos, as experiências de encontro com Cristo acontecem por meio de alguns dos sentidos: ver, ouvir, falar, tocar, sentir.

Zaqueu viu e ouviu Jesus que olhou para ele e chamou-o: “desce depressa...” . E ele Sentiu-se tocado pelo olhar de Jesus. Bartimeu ouviu falar de Jesus, ouviu a voz dele “que queres que te faça?”. Sentiu a acção de Jesus “recuperou a vista”. Levi ouviu Jesus: “segue-me”, sentiu a força da sua presença. E a Samaritana, dialogou com Jesus, ouviu a sua voz, falou com Ele, viu Jesus, e foi tocada interiormente por sua presença e seu amor.

### 3. Símbolos e gestos

Quem procura o Senhor precisa de estar atento aos sinais e gestos. Quem quer proporcionar o encontro precisa usar de símbolos, gestos e sinais sensíveis que aproximem do mistério de Cristo. O próprio Jesus usou os símbolos do quotidiano para se revelar. Com a Samaritana usa o poço, a água, o cântaro; no caso de Zaqueu, Ele vai a casa; com Levi Ele também vai à sua casa, põe-se à mesa, partilha a refeição com os pecadores; com Bartimeu usa o caminho e a mediação das pessoas que o seguem para chamá-lo.

### 4. Surpresa

Em todos os relatos analisados os interlocutores surpreendem-se com Jesus. A Samaritana é surpreendida por um Judeu que fala com uma samaritana: “Sendo tu judeu, como me pedes de beber a mim que sou samaritana!...”; um homem que lhe oferece água sem ter com que tirá-la do poço; um homem que conhece a sua vida.

Alguns personagens, como Zaqueu, Bartimeu e Levi surpreendem-se por serem tratados de forma personalizada, no meio de tantas outras pessoas. Jesus deixa o que está a fazer para dar atenção inteiramente à pessoa que o procura.

### 5. Conversão

A partir dos evangelhos anteriormente reflectidos, fica evidente que depois do encontro com Cristo há uma verdadeira mudança de vida.

A Samaritana, após o encontro com Jesus Cristo, “deixou o seu cântaro, foi à cidade e disse aqueles homens: vinde e vede um homem que me contou tudo o que tenho feito. Não seria ele,

porventura, o Cristo?” (Jo 4,28-29). Ela encheu-se de alegria e júbilo, esqueceu o que estava a fazer, deixou de lado o seu trabalho, “buscar água”, pois era mais importante dar a conhecer na cidade o que Jesus tinha feito em sua vida.

Zaqueu, durante o encontro com o Senhor, decide devolver aos que sofreram o roubo o que tinha roubado. Ainda mais, decide distribuir os seus bens pelos pobres.

Bartimeu, cego, à margem da sociedade, passa a seguir Jesus, pois fez a experiência do Seu amor e torna-se discípulo, seguindo Jesus pelo caminho e anunciando a boa nova trazida por Ele.

Levi, imediatamente levanta-se do posto de arrecadação e segue a Jesus. Jesus fala com autoridade e por isso toca no mais profundo do coração de Levi. Não há outra resposta a não ser segui-lo. Então, abandona o trabalho que está a fazer e põe-se a caminho com Jesus. Não olha para trás, e sim para frente, para Jesus e a sua proposta. Torna-se seu discípulo.

## 6. Seguimento

Ser discípulo é viver a mensagem de Jesus. É estender o encontro e seus efeitos para o quotidiano. E a atitude fundamental do discípulo é escutar. Ouvir de coração aberto. É tomar consciência de que Ele nos escolheu e nos atraiu a Si, antes mesmo que nós o buscássemos. Ser discípulo é aprender o estilo de vida do mestre. É viver como o Mestre ensinou. Ser discípulo é seguir os passos do Mestre, se preciso, até a cruz.

O que sustenta a missão é o discipulado. É preciso permanecer com o Senhor, para dele receber a força, a sabedoria e o espírito da missão.

Se a Samaritana foi anunciar o Senhor, falou do que viveu. Falou do que aconteceu durante o tempo que esteve com Ele. Zaqueu, Levi e Bartimeu permaneceram seguindo o Senhor, aprendendo com Ele e praticando o que aprendiam. Na medida em que procuravam praticar o que aprendiam eram discípulos e também missionários. O primeiro, o grande encontro é um, porém precisa de ser cultivado para que continue a dar sentido à vida e à missão. O discípulo vive na presença do Senhor.

*(Luciane Kudlawicz, Clodovis Boff, Os encontros com Jesus nos evangelhos: elementos para a iniciação cristã hoje, Caderno teológico da Pontifícia Universidade Católica do Paraná)*

### **As mensagens humanas**

Os profetas costumavam viver retirados das pessoas; Jesus vive no meio do povo. Conhece os seus problemas e preocupações, fala a mesma língua e partilha com eles o seu destino. As injustiças, as marginalizações sociais, as aspirações dos mais necessitados são mensagens que chegam à sua consciência e o impelem à acção. Ele está aberto a todos. Através dos seus ensinamentos aparecem a variedade cultural do povo e os estratos sociais com as suas cicatrizes morais e ânsias de salvação. Jesus vai alimentando o que há de bom em cada um e curando a parte doente.

A vida e costumes do seu povo entraram pelos seus sentidos e conserva imagens vivíssimas da vida doméstica. O fermento que a mãe de família mete na farinha e a faz fermentar (Mt 13,33). As casas reduzidas das classes pobres com os móveis amontoados, que a mulher tem de afastar até encontrar a moeda que se perdeu (Lc 15,8). A bondade dos vizinhos que emprestam uns pães para obsequiar um amigo que chega a altas horas da noite (Lc 11,5). As saudações longas e cerimoniais, que Jesus proíbe aos seus discípulos face à urgência da missão (Lc 10,4). A lavagem das mãos (Mt 5,2) e o fato de cerimónia nos banquetes; até ser expulso o convidado descortês que não o levava (Mt 22,2). Estas passagens mostram a abertura de Jesus ao mundo familiar, que nos seus ensinamentos se veste de colorido e ganha vida, convertendo-se em meio de expressão das verdades que lhes quer transmitir.

As estridências do mundo social chegam também aos ouvidos de Jesus. A parábola do rico Epulão e o pobre Lázaro (Lc 16,19) onde os dois representam as duas classes extremas: a opulência e a indigência. O nobre que vai de viagem, que poderia representar Arquelau ou Herodes, viajando até Roma para assegurar a sua continuação no cargo e entrega uma quantidade de dinheiro aos seus empregados para que negociem com ela (Lc 19,12) é outro exemplo da classe endinheirada. Da mesma maneira que o proprietário da vinha que reclama dos vinhateiros o fruto que lhe corresponde (Mc 12,9). Estas parábolas reflectem o abuso e apego às riquezas e obrigam Jesus a exclamar: “Eu garanto-vos: um rico dificilmente entrará no reino dos céus!” (Mt 19,23). “Mas ai de vós, os ricos, porque já tendes a vossa recompensa!” (Lc 6,24).

A pedagogia de Jesus não para no censurável e negativo do comportamento humano; mas também motiva ideais mais altos e abre caminho para atingi-los. censura a insensatez do rico que pensa aumentar os seus celeiros para armazenar a sua colheita abundante: quando nessa mesma noite lhe pedirão contas da sua alma. Exorta os seus discípulos: “Vendei os bens e dai o seu dinheiro em esmola. Fazei bolsas que não envelhecem, um tesouro que não perde o seu valor no céu” (Lc 12, 13-33). Jesus busca o homem rico como Zaqueu, que acumulou riquezas por meios injustos e quando conheceu o reino de Deus dá metade dos seus bens aos pobres e devolve um quadrúplo a quem defraudou (Lc 19,5-8). José de Arimateia é outro homem rico que Jesus recebeu entre os seus discípulos (Mt 27,57).

Jesus está aberto à classe da alta sociedade, conhece as suas injustiças e ambições; denuncia os seus vícios; não para lançar-lhes em rosto os seus pecados, mas para que vejam a verdade e de convertam. A autoridade com que lhes fala e o amor que as suas palavras reflectem, buscando a sua felicidade, a sua salvação, ajuda-os a mudar de vida.

Jesus também conhece a classe média. Era formada pelos pequenos comerciantes, pelos artesãos, pelos fabricantes de perfumes, pelos que viviam da hospedaria, recebendo os peregrinos e outros grupos humanos numerosos. Nas parábolas aparecem os valores humanos que esta classe contém e se projectam no negócio da salvação.

É exemplar a inteligência do mercador que trafica com pedras preciosas que, quando encontra uma de grande valor, vende tudo quanto tem e compra-a (Mt 13,45-46). Assim se tem de fazer com a pérola do reino dos céus. O carinho e solicitude com que o pequeno proprietário cuida da sua quinta, encontramos-la no pastor que possui cem ovelhas e procura uma que se perdeu. Quando a encontra enche-se de alegria e todo contente põe-na aos ombros. Esta mesma preocupação sente Deus pelos pecadores e quando um se converte, o céu também se enche de alegria (Mt 18, 12-14). A dureza da vida dos pescadores, que sentem a inutilidade do seu trabalho, dispõe-nos a confiar em alguém que possa ajudá-los. Apesar do seu fracasso, pois estiveram a pescar toda a noite e não apanharam nada, são dóceis à voz do seu Mestre. Em seu nome lançam novamente as redes e espantam-se com a abundância da sua pesca (Lc 5,4-9). Isto é fruto de um trabalho que se faz em nome de Deus. As ondas baloiçam a barca, a ponto de quase afundar-se. Despertam o Mestre para que os ajude e Ele levantando-Se acalma a tempestade e vem uma grande bonança (Mt 8,24-27). Esta súplica descobre-lhes o valor da oração, feita a tempo e aproxima-os do mistério de Jesus. Os pobres aparecem nos jornaleiros contratados para trabalhar na vinha (Mt 20,1) e na viúva que lança umas pequenas moedas no cofre do templo (Lc 2,12). Pobres são os que acompanham Jesus e vão ao seu encontro pedindo que remedeie as suas necessidades. Jesus ouve estas mensagens de dor e pergunta: «“Que queres que Eu te fale?” O cego respondeu: “Senhor, eu quero ver de novo”. Jesus disse: “Vê. Salvou-te a tua fe”. No mesmo instante o cego começou a ver e seguia Jesus, glorificando a Deus» (Lc 18,41-42). Disse aos que O escutavam: Quando fizerdes um banquete, chama os pobres, os paráliticos, os coxos e os cegos e terás a felicidade de não te poderem pagar, porque receberás a recompensa na ressurreição dos mortos (Lc 14,13-14). Num estrato inferior de

pobreza e desamparo estavam os escravos que serviam o seu senhor somente pela comida. Jesus defende os seus direitos proclamando que o “operário é digno de ter o seu salário” (Lc 10,7).

As discriminações sociais eram outra das humilhações em Israel. A sociedade via com maus olhos os que exerciam ofícios desprezíveis, como os curtidores, os cocheiros, os traficantes de produtos do ano sabático e os que guardavam animais imundos. A parábola do filho pródigo quer exprimir o grau de degradação em que ele caiu, apresentando-o a apascentar porcos (Lc 15, 11-17). O grau de maior repulsa social era para com os publicanos e pecadores cujo trato devia evitar-se. Jesus abre-Se também a este grupo de marginalizados: «Estando Jesus à mesa em casa de Mateus, muitos cobradores de impostos e pecadores foram e sentaram-se à mesa com Jesus e os seus discípulos. Alguns fariseus viram isto e perguntaram aos discípulos: “Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores?”» (Mt 9,10-11). Uma mulher teve a coragem de entrar na casa do fariseu que convidara Jesus para comer e “colocou-se por detrás, chorando aos pés de Jesus; com as lágrimas começou a banhar-Lhe os pés. Depois enxugava-os com os cabelos e ungia-os com perfume” (Lc 7,38). Com estas expressões e gestos de dor queria tornar público o arrependimento da sua vida anterior. Estes dois exemplos manifestam o acolhimento dado por Jesus aos publicanos e pecadores e a confiança que despertava neles.

Jesus está aberto a todos e, conseqüentemente, também aos fariseus cuja religiosidade conhece bem e as suas tensões com as autoridades romanas. Quando os fariseus O acusam de expulsar os demónios em nome de Belzebu, entra em discussão com eles, mostrando-lhes que Satanás não pode estar contra si mesmo; mas que Ele expulsa os demónios com o poder de Deus. Sinal de que o reino de Deus chegou até eles (Mt 12, 24-29). Pretendendo tentá-Lo põem à prova o seu amor a Israel e a sua obediência às autoridades romanas. Perante a moeda que Lhe mostram diz-lhes que dêem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus (Mt 12, 13-17). Todos ficaram admirados. Mais uma prova de que Jesus está aberto a todos e de que muitos judeus confiam n’Ele, encontramos-na no pedido que Lhe fazem para que vá curar o criado do centurião. E dão-Lhe estas razões: “O oficial merece que lhe façam este favor, porque ele estima o nosso povo e até nos construiu uma sinagoga. Então Jesus pôs-Se a caminho com eles” (Lc 7,3-6).

O percurso que fizemos sobre a abertura de Jesus ao mundo fala-nos do amor que Lhe tinha. Ama os homens e este amor leva-O a conhecê-los, a estar junto deles, a descobrir as suas enfermidades e aspirações. O conhecimento do homem e das circunstâncias que O envolvem é um requisito prévio para empreender qualquer reforma a seu favor. Jesus acrescenta a isto a sua proximidade, a convivência dia após dia com aqueles que Se propõe evangelizar. A sua presença torna-se familiar, os seus ensinamentos tocam assuntos que a todos interessam e a sua linguagem é compreensível. Vejamos qual era a chave desta comunicação de Jesus com o mundo.

*(Darío Gutiérrez Martín, O lado humano de Jesus de Nazaré)*

### **Só «palavras de graça»**

Um dia, Jesus volta a Nazaré. Já Se tomara famoso em toda a Galileia: ensina nas sinagogas e todos Lhe fazem grandes elogios. «Como era seu costume, no sábado, entrou na sinagoga e levantou-Se para fazer a leitura. Deram-Lhe o rolo do profeta Isaías. Abrindo o livro, leu-o e, enrolando o volume, entregou-o ao empregado e sentou-Se. Quando os olhos de todos os que estão na sinagoga se fixam n’Ele, começa a dizer: “Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura que acabais de ouvir”».

A reacção dos seus conterrâneos a estas palavras é surpreendente. O evangelista nota: «Todos estavam admirados com as palavras cheias de graça que saíam da sua boca» (Lc 4, 14-22).

Não ficaram encantados por terem ouvido um orador brilhante, antes reagiram, irritados porque Jesus Se permitira dar uma interpretação inovadora e provocatória do texto bíblico.

Eles conheciam bem o livro de Isaías e sabiam que o profeta não anuncia somente a alegre notícia aos pobres, a liberdade aos escravos e o perdão das dívidas a quem está na prisão porque não pode restituir o que pediu emprestado. Sabiam também que ele promulga «o dia da vingança do nosso Deus» contra quem oprimiu Israel (Is 61, 2).

Jesus desilude os seus ouvintes, pois não alude a nenhum castigo, recusa falar de vinganças, proclama que já acabou o tempo de se ter medo de Deus. Da sua boca saem apenas «palavras cheias de graça», palavras de salvação, tanto para os estrangeiros como para os filhos de Abraão. E anuncia um ano jubilar sem fim, ano de misericórdia e de perdão incondicionais, ano de graça e de bênçãos para todos, mesmo para quem não as mereça.

A nossa vingança realiza-se quando conseguimos esmagar ou eliminar o inimigo. A vingança de Deus é o seu amor. Ele «vinga-Se» quando consegue transformar os homens-pecadores em filhos. É esta «a palavra cheia de graça» que sai da boca de Jesus no início da sua vida pública e é a última que pronuncia na cruz. Voltado para o criminoso que agoniza a seu lado, diz: «Hoje mesmo estarás comigo no paraíso» (Lc 23,43). «Hoje», a mesma palavra carregada de alegria e de esperança que ecoara na sinagoga de Nazaré.

### **Antes de todos e de tudo, o Pai**

Quantas vezes ouvimos os pais afirmar: já ninguém entende os jovens de hoje. E, por sua vez, eles repetem: é inútil continuar a discutir, é impossível entender-me com o meu pai e com a minha mãe.

Há muitas razões para interromper o diálogo (em família, na sociedade, entre as nações, entre os membros das diversas religiões, no interior da própria comunidade eclesial); mas há uma razão fundamental que, em regra, se esquece: não se compreenderão as palavras do homem se, antes, não se escutar a Palavra de Deus.

Jesus compreende o homem porque tem um ouvido sempre atento à voz do seu Pai: «O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que Me enviou» (Jo 4, 34); «Eu não falo por Mim. O Pai que Me enviou é que Me ordenou o que Eu devia dizer e anunciar» (Jo12;49).

Desde pequenino, manifesta uma necessidade incoercível de escutar esta voz que vem do alto. Os seus pais dirigem-se todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Ao fazer doze anos, Jesus vai com eles; passados os dias da festa, quando deveria voltar para casa, fica em Jerusalém, sem que os pais saibam disso. Três dias depois, encontram-n'Os sentado no meio dos doutores do templo, enquanto os escuta e os interroga.

Quando a mãe, angustiada, Lhe pergunta: «Filho, porque fizeste isto connosco?», Ele responde com duas perguntas: «Porque Me procuráveis? Não sabíeis que Eu devo estar na casa do meu Pai?» (Lc 2, 41-49).

Há um período da vida da criança que se chama precisamente a «idade das perguntas». Também Jesus passou por ele e fez muitas aos seus pais. As duas que Lhes faz, depois de ter sido encontrado em Jerusalém, deixa-os surpreendidos. Talvez tenha sido esta a primeira vez que eles não estiveram à altura de Lhe dar uma resposta, porque o evangelista sublinha a sua admiração: «Eles não compreenderam as suas palavras» (Lc 2, 50). Apercebem-se de que Ele começa a afastar-Se deles, da família, do povo da sua terra e de que dirige o seu olhar para o horizonte do mundo.

Conversa com os doutores do templo porque são eles quem conhece os Livros Sagrados, aqueles livros nos quais cada pessoa pode descobrir o projecto que Deus tem acerca dela. Interroga os rabinos para Se esclarecer. Eles admiram-se com as perguntas que revelam a sua inteligência viva e precoce. Jesus deixa-os atónitos e maravilhados pela paixão que dedica ao estudo da Bíblia.

A atitude constante de escuta da palavra do Pai é realçada, sobretudo no Evangelho de João. No encontro nocturno com Nicodemos, Jesus contrapõe o céu à terra, a mensagem dos homens à de Deus. E diz: «Eu venho do céu e testemunho o que vi e ouvi do Pai» (Jo 3, 32).



Numa das suas muitas discussões com os Judeus esclarece ainda melhor: «Aquele que Me enviou é verdadeiro e Eu digo ao mundo as coisas que Lhe ouvi». Não compreendem que Ele fala do Pai e, então, acrescenta: «Não faço nada por Mim mesmo, pois digo apenas aquilo que o Pai Me ensinou. Aquele que Me enviou está comigo. Ele não Me deixa sozinho, porque faço sempre o que Lhe agrada» (Jo 8, 26-29).

Eis o homem autêntico: aquele que não faz nada sem primeiro «pedir um parecer» a Deus.

### **A mão que cura**

Os doentes e as pessoas atormentadas por «espíritos imundos» recorrem a Jesus e, para serem curados, esforçam-se por tocar-Lhe. «Toda a multidão procurava tocar em Jesus, porque havia uma força que saía d'Ele e a todos curava» (Lc 6, 19). A mulher que, havia doze anos, sofria de hemorragias aproximou-se para tocar-Lhe, pois dizia: «Mesmo que toque só na sua capa, serei curada» (Mc 5, 28).

Quando Jesus toca nas orelhas do surdo, este começa a ouvir (Lc 22, 51). Quando toca nos olhos do cego, ele começa a ver (Mt 20, 24).

Diziam os rabinos que a impureza era mais contagiosa do que a santidade. Quem tocasse uma pessoa imunda ficaria contaminado. Em Jesus acontece o contrário: não é a força de morte que ultrapassa as barreiras e penetra n'Ele, provocando efeitos devastadores, mas é a força de vida que sai d'Ele e passa para o doente, curando-o. É como a luz que é mais forte do que a escuridão: se abirmos a janela de uma sala iluminada, não é a escuridão que entra, mas a luz que sai e se difunde.

Jesus não tem medo das pessoas impuras, não teme ser contaminado por elas, deixa os leprosos aproximarem-se d'Ele, estende a mão e toca neles (Mc 1, 41). O seu gesto não é unicamente um gesto de benevolência que pretende confortar quem se sente marginalizado; é, antes, a subversão do conceito do Deus pregado pelos guias espirituais do seu povo. O Deus que Ele revela não é o Deus distante, zangado e severo com quem cometeu erros, separado de quem está impuro, mas o Deus que Se abeira dos pecadores. Não é o Deus que espera os ímpios para ajustar contas com eles, mas o Deus que acarinha os excluídos, porque em cada homem, mesmo no que se precipitou no abismo mais profundo da culpa, Ele vê uma obra-prima de beleza, um filho a quem amar plenamente.

### **A compaixão por quem está à margem**

O homem não precisa só do alimento material. Mais do que desse pão, talvez ele tenha fome de paz, de liberdade, de solidariedade, de consolação e, sobretudo, de uma palavra que o ilumine e dê sentido à sua existência. E diante desta fome, Jesus também «tem compaixão».

Ele «passava por todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do reino e curando todas as doenças e enfermidades. Vendo as multidões, teve compaixão delas porque estavam cansadas e esgotadas, como ovelhas sem pastor» (Mt 15, 32-36).

Em Israel, havia pastores: os escribas, os fariseus, os rabinos, os chefes políticos, o rei Herodes Antipas, mas não manifestavam pelo seu povo os sentimentos de Jesus, não tinham palavras de vida e de esperança, não ofereciam o pão que sacia e a água que mata a sede.

Movido pela profunda compaixão que sente, Jesus chama os Doze e envia-os a anunciar a Boa Nova e a curar os doentes.

### **Sensível ao grito do marginalizado**

Um dia, contrariando as disposições da lei, um leproso aproxima-se de Jesus e pede-Lhe de joelhos: «Se quiseres podes purificar-me!» Note-se que não pede a cura, mas que «se torne purificado», isto é, que volte a estar em condições de reentrar na comunidade dos homens.

Mais do que uma doença em si mesma, o que mais o angustia é o facto de se sentir rejeitado por Deus - foi assim que lhe ensinaram os guias religiosos - e ser excluído da sociedade civil e religiosa.

Perante o seu pedido, Jesus comove-Se profundamente, escuta o coração, não as disposições dos rabinos que prescrevem a marginalização. Estende a mão, toca-o e cura-o (Mt 1, 40-42).

Recordo a agonia de um doente de Sida. Os amigos (ex-toxicodependentes e homossexuais), reunidos à volta da cama, abraçavam-no e beijavam-no. E respondiam ao pessoal hospitalar que lhes recomendava que se afastassem: «As nossas carícias neste momento são mais doces do que qualquer palavra e mais importantes do que qualquer medicamento. Ele deixar-nos-á com a alegria de quem se sentiu amado». Eu reflectia: quem mostra pelo marginalizado os sentimentos de Cristo, comove-se, aproxima-se, toca, faz que ele se sinta acolhido.

*(Fernando Armellini Giuseppe Moretti, Tinha Rosto e Palavras de Homem, 2ª edição, Lisboa, Paulinas, 1999 [excertos])*

## 2º BLOCO

# II – O enviado do Pai

---

### LINHAS GERAIS

Este é o meu filho muito amado, escutai-o! (Mc 9, 7)

Deus fez-se homem na pessoa do seu Filho Jesus Cristo. Esta é a grande surpresa da História da Humanidade. Deus veio ao encontro do homem, numa forma humana, num rosto humano. Em Jesus Cristo, descobrimos o olhar de Deus: Quem me vê, vê o Pai. (Jo 12,45) Olhar, que penetra do coração do homem, e o desafia a olhar para o alto numa atitude de diálogo e comunhão orante.

Jesus Cristo tem consciência de que é um com o Pai e entrega toda a vida nas suas mãos, fazendo sempre a vontade de seu Pai. E, se o seu rosto é um rosto humano, a sua palavra é palavra Divina. Reduzir Jesus Cristo a um simples homem bom é um perigo e uma tentação sempre constante. Ele é o Filho de Deus, imagem viva e perfeita do Pai, o Verbo Eterno.

Jesus Cristo é a proposta de Deus para a Humanidade. Proposta de salvação e libertação, que somos convidados a aceitar. Ele revela ao homem quem é Deus e o seu infinito amor pela humanidade, dando-nos a conhecer tudo o que Pai lhe transmite: Já não vos chamo servos mas amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai (Jo 15,15)

### O QUE SE PRETENDE

- Reconhecer nos gestos e acções de Jesus sinais do Reino de Deus;
- Perceber a missão libertadora de Jesus;
- Descobrir a oração como sustentáculo e factor de unificação da acção de Jesus.

# 1º Encontro



Bíblia

Folhas com texto do Papa Francisco



1. Partilhar, em plenário, o resultado do inquérito lançado no encontro anterior.

2. Em pequenos grupos ler os seguintes textos:

Jo 5, 19-24 ( Jesus enviado do Pai)

Mt 21, 23-27 (Autoridade de Jesus)

Mc 1, 23-28 (Autoridade de Jesus)

Jo 14, 1-14 (Quem vê Jesus vê o Pai)

Lc 4, 16-21 ( Missão de Jesus)

3. Com base nestas passagens bíblicas, identificar a fonte do “poder” e autoridade manifestadas por Jesus, em cada encontro.

4. Partilha em plenário, das conclusões alcançadas.

5. Síntese pelo animador :

Jesus tem profunda consciência de que é Filho de Deus e Imagem do Pai;

Jesus tem consciência de que a sua missão é o anúncio do Reino de Deus, para a salvação dos homens e glória de Deus.

Jesus é Deus que vem ao encontro do homem

Em cada encontro são estas as realidades por Cristo manifestadas.

Jesus tem consciência de que a humanidade é caminho para a revelação de Deus.

O mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo Encarnado.



74 | 77



Cântico

Como o Pai me amou

Leitura

“Estando o povo na expectativa e pensando intimamente se ele não seria o Messias, 16\*João disse a todos: «Eu baptizo-vos em água, mas vai chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo. 17\*Tem na mão a pá de joeirar, para limpar a sua eira e recolher o trigo no seu celeiro; mas queimará a palha num fogo inextinguível.» 18E, com estas e muitas outras exortações, anunciava a Boa-Nova ao povo.”

(Lc 3, 15-22)

**Silêncio**

## Oração espontânea



Em casa, ler as palavras do Papa Francisco acerca da autoridade de Jesus (entregar texto – ver Textos de apoio).



“Entraram em Cafarnaúm. Chegado o sábado, veio à sinagoga e começou a ensinar. E maravilhavam-se com o seu ensinamento, pois os ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da Lei. Na sinagoga deles encontrava-se um homem com um espírito maligno, que começou a gritar: «Que tens a ver connosco, Jesus de Nazaré? Vieste para nos arruinar? Sei quem Tu és: o Santo de Deus.» Jesus repreendeu-o, dizendo: «Cala-te e sai desse homem.» Então, o espírito maligno, depois de o sacudir com força, saiu dele dando um grande grito. Tão assombrados ficaram que perguntavam uns aos outros: «Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade que até manda aos espíritos malignos e eles obedecem-lhe!». E a sua fama logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia.” (Mc 1, 21-28)

Este trecho evangélico apresenta Jesus que, com a sua pequena comunidade de discípulos, entra em Cafarnaum, a cidade onde vivia Pedro e que naquele tempo era a maior da Galileia. E Jesus entra naquela cidade.

Narra o evangelista Marcos que Jesus, sendo aquele dia um sábado, foi imediatamente à sinagoga e pôs-se a ensinar (cf. v. 21). Isto faz pensar na primazia da palavra de Deus, Palavra que deve ser ouvida, Palavra que deve ser acolhida, Palavra que deve ser anunciada. Ao chegar a Cafarnaum, Jesus não adia o anúncio do Evangelho, não pensa primeiro onde hospedar, certamente necessário, a sua pequena comunidade, não perde tempo com a organização. A sua principal preocupação é comunicar a Palavra de Deus com a força do Espírito Santo. E as pessoas na sinagoga ficam admiradas, porque Jesus «lhes ensinava como alguém que tem autoridade, e não como os escribas» (v. 22).

Que significa «com autoridade»? Significa que nas palavras humanas de Jesus se sentia toda a força da Palavra de Deus, se sentia a própria autoridade de Deus, inspirador das Sagradas Escrituras. E uma das características da Palavra de Deus é que realiza aquilo que diz. Porque a Palavra de Deus corresponde à sua vontade. Enquanto que nós, muitas vezes, pronunciamos palavras vãs, sem raiz ou palavras supérfluas, palavras que não correspondem à verdade. Ao contrário a Palavra de Deus corresponde à verdade, é unidade com a sua vontade e realiza o que diz. Com efeito Jesus, depois de ter pregado, demonstra imediatamente a sua autoridade libertando um homem, presente na sinagoga, que estava possuído pelo demónio (cf. Mc 1, 23-26). Precisamente a autoridade divina de Cristo tinha suscitado a reacção de satanás, escondido naquele homem; Jesus, por sua vez, reconheceu imediatamente a voz do maligno e «disse severamente: “Cala-te e sai deste homem”!» (v. 25). Com a força da sua palavra, Jesus liberta a pessoa do maligno. E mais uma vez os presentes permanecem admirados: «comanda até os espíritos malignos e eles obedecem-lhe!» (v. 27). A Palavra de Deus faz-nos admirar. Possui a força de nos deixar surpreender.

O Evangelho é palavra de vida: não oprime as pessoas, ao contrário, liberta quantos são escravos de muitos espíritos malignos deste mundo: o espírito da vaidade, o apego ao dinheiro, o orgulho, a sensualidade... O Evangelho muda o coração, muda a vida, transforma as inclinações ao mal em propósitos de bem. O Evangelho é capaz de mudar as pessoas! É portanto tarefa dos cristãos difundir em toda a parte a sua força redentora, tornando-se missionários e arautos da Palavra de Deus. Também no-lo sugere o trecho de hoje o qual termina com uma abertura missionária e diz

assim: «E a sua fama — a fama de Jesus — logo se espalhou por toda a parte, em toda a região da Galileia» (v. 28). A nova doutrina ensinada com autoridade por Jesus é a que a Igreja leva ao mundo, juntamente com os sinais eficazes da sua presença: o ensinamento influente e a acção libertadora do Filho de Deus tornam-se as palavras de salvação e os gestos de amor da Igreja missionária. Recordai-vos sempre de que o Evangelho tem a força de mudar a vida! Não vos esqueçais disto. Ele é a Boa Nova, que nos transforma unicamente se nos deixarmos transformar por ela. Eis por que vos peço sempre que tenhais um contacto diário com o Evangelho, que o leiais todos os dias, um trecho, um excerto, que o mediteis e que o leveis convosco por toda a parte: no bolso, na bolsa... Ou seja, alimentai-vos todos os dias nesta fonte inexaurível de salvação. Não vos esqueçais! Lede um trecho do Evangelho todos os dias. É a força que nos muda, que nos transforma: muda a vida, muda o coração.

*(Papa Francisco, Angelus, Praça de São Pedro, 1 Fevereiro 2015)*

“Quando Cristo fala, os seus ouvintes escutam o homem Jesus mas é o Pai que se revela no seu Verbo encarnado. Mesmo que a fé não tenha ainda penetrado este mistério de unidade entre Ele e o seu Pai, as pessoas mais simples não podem deixar de se admirar: «Nunca ninguém falou como este homem!» (Jo 7,46). Quando Jesus age, as suas mais pequenas reacções, as mais humanas, e não apenas as suas acções «extraordinárias», exprimem um reflexo do mistério do Pai. Se Jesus é humilde, não é com o fim de «parecer» nem para nos tornar semelhantes à sua santidade, mas é a expressão verdadeira, da verdade do homem e da verdade de Deus: o nosso Pai é humilde, para além de tudo quanto somos capazes de imaginar. Quando Jesus chora, é porque o sofrimento misterioso do Pai amantíssimo entrou realmente na nossa carne. Todo o Evangelho deveria ser lido de novo a esta luz teofânica: cada aspecto da Kenose do Verbo, isto é, da nossa condição humana autêntica, manifesta o Santo de Deus que ali mergulhou. Graças ao baptismo do Filho na nossa humanidade, toda a carne – pessoa e comunidade, tempo e mundo, sofrimento e alegria, morte e vida – está impregnada da presença de Deus transcendente. De modo irreversível, o tempo é ungido com a sua plenitude. Não se trata ainda da nossa resposta nem da nossa participação, mas a partir de agora o rio de vida mudou o sentido da história.”

*(Jean Corbon, A fonte da liturgia, Lisboa, Paulinas, 1999, pág. 28 -29)*

## Catecismo da Igreja Católica

### Artigo 2 - «Creio em Jesus Cristo, seu único filho, nosso Senhor»

#### I. Jesus

**430.** Em hebraico, Jesus quer dizer «Deus salva». Quando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-Lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (Mc 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados»(Mt 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.

**431.** Nesta história da salvação, Deus não Se contenta com libertar Israel «da casa da escravidão» (Dt 5, 6), fazendo-o sair do Egipto. Salvou-o também dos seus pecados. Porque o pecado é sempre uma ofensa feita a Deus, só Ele é que pode absolvê-lo. É por isso que Israel, tomando cada vez mais consciência da universalidade do pecado, só poderá procurar a salvação na invocação do nome do Deus Redentor.

432. O nome de Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa do seu Filho feito homem para a redenção universal e definitiva dos pecados. Ele é o único nome divino que traz a salvação e pode desde agora ser invocado por todos, pois a todos os homens Se uniu pela Encarnação, de tal modo que «não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos» (Act 4, 12).

433. O nome de Deus salvador era invocado apenas uma vez por ano, pelo sumo-sacerdote, para expiação dos pecados de Israel, depois de ter aspergido o propiciatório do «santo dos santos» com o sangue do sacrifício. O propiciatório era o lugar da presença de Deus. Quando São Paulo diz de Jesus que Deus O «ofereceu para, n'Ele, pelo seu sangue, se realizar a expiação» (Rm 3, 25), quer dizer que, na sua humanidade, «era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo» (2 Cor 5, 19).

434. A ressurreição de Jesus glorifica o nome de Deus salvador porque, a partir daí, é o nome de Jesus que manifesta em plenitude o poder supremo do nome que está acima de todos os nomes» (Fl 2, 9-10). Os espíritos maus temem o seu nome e é em seu nome que os discípulos de Jesus fazem milagres, porque tudo o que pedem ao Pai, em seu nome, Ele lho concede.

435. O nome de Jesus está no centro da oração cristã. Todas as orações litúrgicas se concluem com a fórmula «*per Dominum nostrum Jesum Christum* – por nosso Senhor Jesus Cristo». A Ave-Maria culmina nas palavras «e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus». A oração-do-coração dos Orientais, chamada «oração a Jesus», diz: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador». E muitos cristãos morrem, como Santa Joana d'Arc, tendo nos lábios apenas uma palavra: «Jesus».

## II. Cristo

436. Cristo vem da tradução grega do termo hebraico «Messias», que quer dizer «ungido». Só se torna nome próprio de Jesus porque Ele cumpre perfeitamente a missão divina que tal nome significa. Com efeito, em Israel eram ungidos, em nome de Deus, aqueles que Lhe eram consagrados para uma missão d'Ele dimanada. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raros casos, dos profetas. Este devia ser, por excelência, o caso do Messias, que Deus enviaria para estabelecer definitivamente o seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor, ao mesmo tempo como rei e sacerdote mas também como profeta. Jesus realizou a expectativa messiânica de Israel na sua tríplice função de sacerdote, profeta e rei.

437. O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: «nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é Cristo, Senhor» (Lc 2, 11). Desde a origem, Ele é «Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (Jo 10, 36), concebido como «santo» no seio virginal de Maria. José foi convidado por Deus a «levar para sua casa Maria, sua esposa», grávida d'«Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo» (Mt 1, 20), para que Jesus, «chamado Cristo», nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de David (Mt 1, 16).

438. A consagração messiânica de Jesus manifesta a sua missão divina. «Aliás, é o que indica o seu próprio nome; porque no nome de Cristo está subentendido Aquele que ungiu. Aquele que foi ungido e a própria Unção com que foi ungido. Aquele que ungiu é o Pai, Aquele que foi ungido é o Filho, e foi-o no Espírito que é a Unção». A sua eterna consagração messiânica revelou-se no tempo da sua vida terrena, quando do seu baptismo por João, altura em que «Deus O ungiu com o Espírito Santo e poder» (Act 10, 38), «para que se manifestasse a Israel» (Jo 1, 31) como seu Messias. As suas obras e palavras dá-lo-ão a conhecer como «o santo de Deus».

439. Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito, mas não sem reservas, uma vez que esse título

era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano, essencialmente político.

**440.** Jesus aceitou a profissão de fé de Pedro, que O reconhecia como o Messias, anunciando a paixão próxima do Filho do Homem. Revelou o conteúdo autêntico da sua realeza messiânica, ao mesmo tempo na identidade transcendente do Filho do Homem «que desceu do céu» (Jo 3, 13) e na sua missão redentora como Servo sofredor: «O Filho do Homem [...] não veio para ser servido, veio para servir e dar a vida como resgate pela multidão» (Mt 20, 28). Foi por isso que o verdadeiro sentido da sua realeza só se manifestou do cimo da cruz. E só depois da ressurreição, a sua realeza messiânica poderá ser proclamada por Pedro perante o Povo de Deus: «Saiba, com absoluta certeza, toda a casa de Israel, que Deus fez Senhor e Messias esse Jesus que vós crucificastes» (Act 2, 36).

### III. Filho único de Deus

**441.** Filho de Deus, no Antigo Testamento, é um título dado aos anjos, ao povo eleito aos filhos de Israel e aos seus reis. Nestes casos, significa uma filiação adoptiva, que estabelece entre Deus e a sua criatura relações de particular intimidade. Quando o Rei-Messias prometido é chamado «filho de Deus», isso não implica necessariamente, segundo o sentido literal de tais textos, que Ele seja mais que um simples ser humano. Os que assim designaram Jesus, enquanto Messias de Israel, talvez não tenham querido dizer mais.

**442.** Mas não é este o caso de Pedro, quando confessa Jesus como «Cristo, o Filho de Deus vivo», porque Jesus responde-lhe solenemente: «não foram a carne nem o sangue que to revelaram, mas sim o meu Pai que está nos céus» (Mt 16, 17). De igual modo, Paulo dirá, a propósito da sua conversão no caminho de Damasco: «Quando aprovou a Deus – que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça – revelar o seu Filho em mim, para que O anuncie como Evangelho aos gentios...» (Gl 1, 15-16). «E logo começou a proclamar nas sinagogas que Jesus era o Filho de Deus» (Act 9, 20). Será este, desde o princípio, o núcleo da fé apostólica, primeiramente professada por Pedro como fundamento da Igreja.

**443.** Se Pedro pôde reconhecer o carácter transcendente da filiação divina de Jesus-Messias, foi porque Este lha deixou perceber nitidamente. Diante do Sinédrio, à pergunta dos seus acusadores: «Então, tu és o Filho de Deus?» Jesus respondeu: «É como dizeis, sou» (Lc 22, 70). Já muito antes, Ele Se designara como «o Filho» que conhece o Pai, diferente dos «servos» que Deus anteriormente enviara ao seu povo, superior aos próprios anjos. Ele distinguiu a sua filiação da dos Seus discípulos, nunca dizendo «Pai nosso», a não ser para lhes ordenar: «vós, quando rezardes, dizei assim: Pai nosso» (Mt 6,9); e sublinhou esta distinção: «o meu Pai e vosso Pai» (Jo 20, 17).

**444.** Os evangelhos referem, em dois momentos solenes, no baptismo e na transfiguração de Cristo, a voz do Pai, que O designa como seu «filho muito-amado». Jesus designa-Se a Si próprio como «o Filho único de Deus» (Jo 3, 16), afirmando por este título a sua preexistência eterna. E exige a fé «no nome do Filho único de Deus» (Jo 3, 18). Esta profissão de fé cristã aparece já na exclamação do centurião diante de Jesus crucificado: «Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus!» (Mc 15, 39); porque somente no Mistério Pascal o crente pode dar pleno significado ao título de «Filho de Deus».

**445.** É depois da ressurreição que a filiação divina de Jesus aparece no poder da sua humanidade glorificada: «Segundo o Espírito santificante, pela sua ressurreição de entre os mortos, Ele foi estabelecido como Filho de Deus em poder» (Rm 1, 4). E os Apóstolos poderão confessar: «Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como a Filho único, cheio de graça e de verdade» (Jo 1, 14).



#### IV. Senhor

446. Na tradução grega dos Livros do Antigo Testamento, o nome inefável sob o qual Deus Se revelou a Moisés, YHWH, é traduzido por «Kyrios» («Senhor»). Senhor torna-se, desde então, o nome mais habitual para designar a própria divindade do Deus de Israel. É neste sentido forte que o Novo Testamento utiliza o título de «Senhor», tanto para o Pai como também – e aí é que está a novidade – para Jesus, assim reconhecido como sendo Ele próprio Deus.

447. O próprio Jesus veladamente atribui a Si mesmo este título, quando discute com os fariseus sobre o sentido do Salmo 110, e também, de modo explícito, ao dirigir-Se aos Apóstolos. Ao longo de toda a vida pública, os seus gestos de domínio sobre a natureza, sobre as doenças, sobre os demónios, sobre a morte e o pecado, demonstravam a sua soberania divina.

448. Muitíssimas vezes, nos evangelhos, aparecem pessoas que se dirigem a Jesus chamando-lhe «Senhor». Este título exprime o respeito e a confiança dos que se aproximam de Jesus e d'Ele esperam socorro e cura. Pronunciado sob a moção do Espírito Santo, exprime o reconhecimento do Mistério divino de Jesus. No encontro com Jesus ressuscitado, transforma-se em adoração: «Meu Senhor e meu Deus» (Jo 20, 28). Assume então uma conotação de amor e afeição, que vai ficar como típica da tradição cristã: «E o Senhor!» (Jo 21, 7).

449. Ao atribuir a Jesus o título divino de Senhor, as primeiras confissões de fé da Igreja afirmam, desde o princípio, que o poder, a honra e a glória, devidos a Deus Pai, também são devidos a Jesus, porque Ele é «de condição divina» (Fl 2, 6) e o Pai manifestou esta soberania de Jesus ressuscitando-O de entre os mortos e exaltando-O na sua glória.

450. Desde o princípio da história cristã, a afirmação do senhorio de Jesus sobre o mundo e sobre a história significa também o reconhecimento de que o homem não deve submeter a sua liberdade pessoal, de modo absoluto, a nenhum poder terreno, mas somente a Deus Pai e ao Senhor Jesus Cristo: César não é o «Senhor». «A Igreja crê... que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontra no seu Senhor e Mestre».

451. A oração cristã é marcada pelo título de «Senhor», quer no convite à oração: «O Senhor esteja convosco», quer na conclusão da mesma: «Por nosso Senhor Jesus Cristo», quer ainda pelo grito cheio de confiança e de esperança: «Maran atha» («O Senhor vem!») ou «Marana tha» («Vem, Senhor!») (1 Cor 16, 22): «Amen, vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20).

### Artigo 3 - O filho de Deus fez-se homem

#### I. Porque é que o Verbo encarnou?

456. Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem».

457. O Verbo fez-Se carne para nos salvar, reconciliando-nos com Deus: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (1 Jo 4, 14). «E Ele veio para tirar os pecados» (1 Jo 3, 5):

«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador: prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?».

458. O Verbo fez-Se carne, para que assim conhecêssemos o amor de Deus: «Assim se manifestou

o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (I Jo 4, 9). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16).

**459.** O Verbo fez-Se carne, para ser o nosso modelo de santidade: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...]» (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-o» (Mc 9, 7). De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento.

**460.** O Verbo fez-Se carne, para nos tornar «participantes da natureza divina» (2 Pe 1, 4): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus». «Porque o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses» (84). «Unigenitus [...] Dei Filias, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factos homo – O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses».

## II. A Encarnação

**461.** Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: Jo 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conservado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» (Fl 2, 5-8).

**462.** A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (Heb 10, 5-7, citando o Sl 40. 7-9, segundo os LXX).

**463.** A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (1 Jo 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o seu princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» (1 Tm 3, 16).

## III. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem

**464.** O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade da fé, teve a Igreja de a defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos, perante heresias que a falsificavam.

**465.** As primeiras heresias negaram menos a divindade de Cristo que a sua verdadeira humanidade (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos que a fé cristã insistiu sobre a verdadeira Encarnação do Filho de Deus «vindo na carne». Mas, a partir do século III, a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samossata, num concílio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adopção. O primeiro Concílio ecuménico de Niceia, em 325, confessou no seu Credo que o Filho de Deus é «gerado, não criado, consubstancial ('homoúsios') ao Pai»; e

condenou Ario, o qual afirmava que «o Filho de Deus saiu do nada» e devia ser «duma substância diferente da do Pai».

**466.** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem». A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade. Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado dum alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne».

**467.** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto dum alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase».

**468.** Depois do Concílio de Calcedónia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o quinto Concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 553, confessou a propósito de Cristo: «não há n'Ele senão uma só hipóstase (ou pessoa), que é nosso Senhor Jesus Cristo, um da santa Trindade». Tudo na humanidade de Cristo deve, portanto, ser atribuído à sua pessoa divina como seu sujeito próprio; não só os milagres, mas também os sofrimentos e a própria morte: «Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da Santíssima Trindade».

**469.** Assim, a Igreja confessa que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

«Id quod fuit remansit, et quod non fuit assumpsit» – «Continuou a ser o que era e assumiu o que não era», como canta a Liturgia Romana. E a Liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: «Ó Filho único e Verbo de Deus, sendo imortal. Vos dignastes, para nossa salvação, encarnar no seio da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e sem mudança Vos fizestes homem e fostes crucificado! Ó Cristo Deus, que por Vossa morte esmagastes a morte, que sois um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!».

#### **IV. Como é que o Filho de Deus é homem**

**470.** Uma vez que, na união misteriosa da Encarnação, «a natureza humana foi assumida, não absorvida», a Igreja, no decorrer dos séculos, foi levada a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, a mesma Igreja teve de lembrar repetidamente que a natureza humana de Cristo pertence, como própria, à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Ele fez e faz

nela, depende de «um da Trindade». Portanto, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Santíssima Trindade. E assim, tanto na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os costumes divinos da Trindade:

«O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado».

#### A ALMA E O CONHECIMENTO HUMANO DE CRISTO

471. Apolinário de Laodiceia afirmava que, em Cristo, o Verbo tinha ocupado o lugar da alma ou do espírito. Contra este erro, a Igreja confessou que o Filho eterno assumiu também uma alma racional humana.

472. Esta alma humana, que o Filho de Deus assumiu, é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Como tal, este não podia ser por si mesmo ilimitado. Exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Foi por isso que o Filho de Deus, fazendo-Se homem, pôde aceitar «crescer em sabedoria, estatura e graça» (Lc 2, 52) e também teve de Se informar sobre o que, na condição humana, deve aprender-se de modo experimental. Isso correspondia à realidade do seu abatimento voluntário na «condição de servo».

473. Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua pessoa. «A natureza humana do Filho de Deus, não por si mesma, mas pela sua união com o Verbo, conhecia e manifestava em si tudo o que é próprio de Deus». É o caso, em primeiro lugar, do conhecimento íntimo e imediato que o Filho de Deus feito homem tem do seu Pai. O Filho também mostrava, no seu conhecimento humano, a clarividência divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens.

474. Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios eternos que tinha vindo revelar. O que neste domínio Ele reconhece ignorar declara, noutra parte, não ter a missão de o revelar.

#### A VONTADE HUMANA DE CRISTO

475. De igual modo, a Igreja confessou, no sexto Concílio ecuménico, que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas mas cooperantes, de maneira que o Verbo feito carne quis humanamente, em obediência ao Pai, tudo quanto decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação. A vontade humana de Cristo «segue a sua vontade divina, sem fazer resistência nem oposição em relação a ela, antes estando subordinada a essa vontade onnipotente».

#### O VERDADEIRO CORPO DE CRISTO

476. Uma vez que o Verbo Se fez carne, assumindo uma verdadeira natureza humana, o corpo de Cristo era circunscrito. Portanto, o rosto humano de Jesus pode ser «pintado». No VII Concílio ecuménico, a Igreja reconheceu como legítimo que ele fosse representado em santas imagens.

477. Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, «Deus que, por sua natureza, era invisível, tornou-Se visível aos nossos olhos». Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços do seu corpo humano, de tal modo que, pintados numa imagem sagrada, podem ser venerados porque o crente que venera a sua imagem, «venera nela a pessoa nela representada».

### O CORAÇÃO DO VERBO ENCARNADO

478. Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» (Gl 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação, «*praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* é considerado sinal e símbolo por excelência... daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens».

(*Catecismo da Igreja católica, Primeira parte, Segunda Secção, Capítulo Segundo, Artigos 2 e 3, www.vatican.va*)

## 2º Encontro

Pretende-se, neste encontro apresentar a acção de Jesus, os seus gestos, como sinais da realeza misericordiosa de Deus. As obras que leva a cabo não são apenas suas, são também do Pai que actua por meio d'Ele pelo poder do Espírito Santo. Por meio d'Ele Deus vence o mal, cura os doentes, perdoa os pecadores e convoca a comunidade.



### Bíblias



1. Em plenário, são lidas as seguintes passagens bíblicas:

- Mt 4,1-11 (Tentações no deserto)
- Mt 20,29-21-3 (Milagre de Jesus)
- Mc 2,3-17 (Na mesa com os pecadores)
- Mt 5, 13-16 (A comunidade cristã)
- Mt 13, 18-23 (Parábola do semeador)

2. Para cada leitura identificar a forma como Jesus anunciou o Reino de Deus.

3. Dividir em 5 grupos. Entregar uma passagem bíblica a cada grupo. Perceber como é que hoje nós somos chamados a anunciar o Reino de Deus. De forma criativa criar um spot publicitário que actualize a mensagem de Jesus para os dias de hoje.

4. Apresentação do resultado dos trabalhos de grupo.

5. Síntese feita pelo animador:

Jesus rejeita as tentações: nega a falsa prosperidade material, porque primeiro está o reino de Deus e a Sua justiça; nega a popularidade obtida através do milagre espectacular, porque não se deve instrumentalizar Deus em função das nossas necessidades; nega a ambição do poder temporal, porque a verdadeira libertação do homem nasce do coração.

A natureza de Jesus Filho de Deus manifesta-se no serviço humilde e na entrega de Si próprio na cruz.

Os milagres revelam a energia libertadora do reino de Deus e, ao mesmo tempo testemunham que Jesus é o enviado pelo Pai como salvador do homem.

Jesus oferece, como sinal da salvação, o encontro de festa com os pecadores que, acolhendo a Sua palavra, aceitam reconciliar-se com Deus.

Jesus constitui uma verdadeira comunidade com os seus discípulos. Recebendo d'Ele o dom do reino, eles transformam-se no novo rosto do povo de Deus.

 89**Cântico**

O Reino de Deus (Taize)

Leitura (por um dos jovens)

Cristo é tudo para nós.

Se desejas tratar das tuas feridas, Ele é o médico.

Se ardes de febre, Ele é a nascente restauradora.

Se estás oprimido pela culpa, Ele é a justiça.

Se tens necessidade de ajuda, Ele é a força.

Se temes a morte, Ele é a vida.

Se desejas os Céus, Ele é o caminho.

Se foges das trevas, Ele é a luz.

Se procuras comida, Ele é o alimento.

Provai, pois, e vede como o Senhor é bom.

Feliz do homem que n'Ele espera.

(Santo Ambrósio, Tratado sobre a Virgindade, 16)

**Cântico**

O Reino de Deus (Taize)

**O filho como Deus**

As três espécies em que se divide a comunicação de Jesus com o Pai não existem realmente separadas; mas nascem, crescem e interactuam segundo o desenvolvimento humano. Também nisto Jesus quis ser semelhante a nós; portanto, este facto convida-nos a dirigir o nosso olhar para o nascimento da experiência de Deus na criança. A ideia de Deus no homem lança as suas raízes nos anos da infância, se encontrar um ambiente propício. Por volta dos quatro anos, a criança aprende a comunicar-se com Deus através das suas orações. Crê em Deus apoiando-se na autoridade dos seus pais, que se vê reforçada quando o que eles dizem e ensinam é confirmado pelo exemplo da sua vida. Aos sete anos, idade das operações concretas, cresce a comunicação com Deus que Se torna mais próximo e Se revela à criança nas coisas e acontecimentos religiosos. Estas vivências religiosas, como a sua falta, têm grande repercussão na sua vida adulta. Por volta

dos doze anos (que segundo a terminologia de J. Piaget, é a idade das operações formais), sujeita à crítica tudo quanto creu e viveu pelo testemunho dos outros. A ideia de Deus e o que ela implica passa pelo tribunal da razão do adolescente que, por si mesmo, quer conhecer o que há de verdade neste facto. Momento crucial na vida do adolescente que, se for bem vivido, o fortalecerá nos seus valores religiosos.

A infância de Jesus desenvolve-se num ambiente impregnado de religiosidade, que é potenciado pelo culto e pelo ensino da sinagoga. Este clima tão propício ajuda a despertar em Jesus a consciência da sua filiação divina, que nasce num processo de comunicação com Deus. A linguagem das criaturas, que Lhe falam do seu criador e a história do povo eleito que crê e espera um salvador, estimulam essa consciência. A inteligência descobre o conteúdo destes sinais que, com a iluminação divina, adquirem a sua verdade. São Lucas, ao narrar a cena de Jesus no templo, “sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas”, a ponto de “todos os que O ouviam ficarem maravilhados com as suas respostas”, quer mostrar o seu desenvolvimento humano. Pois “Jesus crescia em sabedoria, estatura e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2, 46-52).

A consciência da sua filiação divina vai aumentando ao longo da sua vida. “Pode-se falar, então, de uma comunidade fundamental no desenvolvimento, que vai desde a autoconsciência original não reflectida do Nazareno até à sua consciência reflectida e à interpretação que dela faz a comunidade das origens” ..., “mas que também entre o momento tematizado e o reflectido da consciência de Jesus é possível detectar uma mudança na evolução gradual”. Jesus vai adquirindo maior consciência de Si mesmo e da missão que tem de realizar. A consciência da sua filiação divina terá momentos de maior clareza e outros de escuridão, próprios da sua condição de homem que peregrina na companhia de outros homens até à casa do Pai, até tudo estar consumado (Jo 19, 30); contudo, no conjunto da sua vida esta experiência mantém-se firme. A coerência entre o que Jesus ensina e pratica mergulha aqui as suas raízes. «Como já antes se disse, se aceitarmos em Jesus uma experiência especial de Deus, que apoia toda a sua mensagem, e se essa experiência de Deus se exprime na sua Boa Nova do “Pai celestial”, então também se deve aceitar que Jesus se comprometeu a Si mesmo como “Filho de Deus”, já que outra coisa seria contrária à recta razão.» Jesus exprime a consciência da sua filiação divina e a sua relação com Deus por meio da palavra abba. Este termo não aparece na literatura rabínica e o judaísmo palestino evita a expressão pai-filho para evitar qualquer semelhança com as religiões e culturas vizinhas. Por esta razão, a ideia veterotestamentária de que o Messias era igual a Filho de Deus encontrou dificuldades em ser aceite. No Antigo Testamento a palavra abba encerrava a autoridade no ensino, o cuidar de uma pessoa, protecção, ajuda... No tempo de Jesus estava associada a fazer a vontade de Deus que era o núcleo central da espiritualidade judaica. Jesus, em consequência com tudo isto, diz: “Pai, [...] não se faça a minha vontade, mas a tua” (Lc 22, 42). Empregava-se também em sentido sapiencial que se reflectia em: “Eu Te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos. [...] ninguém conhece o Pai, a não ser o Filho e aquele a quem o Filho O quiser revelar” (Mt 11, 25-27). Davam mais importância ao nome Altíssimo, inefável, que no tempo de Jesus não se podia pronunciar e quando chamavam a Deus “Pai” teriam de juntar dono e senhor do universo.

A palavra abba foi tomada da vida familiar; mas nos lábios de Jesus contém a consciência da sua existência, a ternura da sua filiação divina e a confiança no seu poder. É a manifestação mais expressiva das suas relações com Deus. No tempo de Jesus, não surpreendia que esta palavra fosse usada pelas crianças, nem também “que na vida quotidiana até os filhos já crescidos chamassem aos seus pais já não abê, mas abba”. “Como vemos então, é na vida familiar de todos os dias que se chama abba ao pai”. Aliás, Jeremias assegura que o termo “Pai” aparece mais de cento e setenta vezes na boca de Jesus; umas vezes, diz Pai em geral, como acerca do dia do juízo que “ninguém

sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas só o Pai” (Mt 24, 36). Noutras ocasiões, dirigindo-Se aos seus discípulos diz-lhes: “Sede misericordiosos como vosso Pai é misericordioso” (Lc 6, 36). As expressões “meu Pai” são numerosas: “meu Pai entregou-Me tudo a Mim” (Mt 11, 27); “nas coisas de meu Pai”; “como meu Pai Me confiou o Reino”; “Aquele que meu Pai me prometeu” (Lc 2, 49; 22, 39; 24, 49).

São João distingue a filiação divina de Jesus da dos homens: “Subo para junto de meu Pai, que é vosso Pai, de meu Deus, que é vosso Deus” (Jo 20, 17). Jesus condessa-Se Filho de Deus, embora sirva de escândalo para os fariseus que pretendem matá-Lo. Pergunta-lhes qual é a sua obra boa que os leva a quererem apedrejá-Lo e respondem-Lhe: “Não queremos apedrejar-Te por boas obras, mas por blasfémia: Tu és apenas homem e fazes-Te passar por Deus” (Jo 10, 33). Quando comparecer diante do tribunal do Sinédrio e o pontífice Lhe perguntar se é Filho de Deus, responderá: “Sou” (Mc 14, 62).

A palavra abba não se encontra nas orações judaicas porque era uma falta de respeito dirigir-se a Deus. “O facto de Jesus Se atrever a dar este passo significa algo de novo e inaudito. Ele fala a Deus como um filho com seu pai, com a mesma simplicidade, o mesmo carinho e a mesma segurança. Quando Jesus chama a Deus Abba revela-nos qual é a essência da sua relação com Ele”. A conservação do termo abba em aramaico por aquelas comunidades cristãs, que Paulo menciona (Rm 8, 15; Gl 4, 6), para quem era uma palavra estranha, demonstra a significação e veneração que encontravam nela por ter sido usada pelo próprio Jesus.

A palavra do Abba é fonte de toda a vida de Jesus. O seu ensino será a transmissão daquilo que o Pai Lhe revelar tornando-se, desta maneira, a sua consciência em centro da revelação divina. Jesus descobrir-nos-á o mistério trinitário, como fonte de vida e amor das Três Pessoas Divinas, convidando o homem a entrar nesta comunicação. Neste mistério encontra o sentido da sua existência e a dos homens seus irmãos, que têm de ser um reflexo da luz e do amor do Pai. “Só partindo de Jesus de Nazaré, da sua experiência do Abba – fonte e alma da sua mensagem, da sua acção e da sua morte – e da sua ressurreição podemos dizer algo significativo sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.

Jesus descobriu o sentido da sua existência e quer ser um reflexo do amor de Deus aos homens. Dir-lhes-á tudo o que sabe do Pai e porá os poderes divinos, que recebeu, ao serviço dos homens. A missão de anunciar o reino de Deus é árdua e difícil, mas nestas dificuldades experimentará também o amor e o poder de Deus. Assim diz aos seus discípulos que tenham fé e esperança como um grão de mostarda (Lc 17, 6), para que façam as obras que Ele faz e ainda maiores (Jo 14, 12). Por isso, “a partir da sua vivência do abba, Jesus pode anunciar aos homens a mensagem de uma esperança que não pode deduzir-se da nossa história de experiências individuais ou sociopolíticas, embora essa esperança tenha de realizar-se neste mundo. O que levou Jesus a tomar consciência dessa possibilidade e dessa certeza de esperança foi a originalidade da sua experiência de Deus, que tinha sido preparada durante séculos na vida religiosa dos judeus fiéis a Javé”.

A comunicação de Jesus com o Pai torna-se mais viva e expressiva na oração, onde Ele recebe luz e forças para realizar a sua missão. Apresenta diversas modalidades: faz-se súplica, pedindo ajuda para as obras que vai realizar; torna-se acção de graças porque foi escutado e converte-se em adoração que se prolonga pela noite fora. Nestas relações de Jesus com o Pai descobrimos o núcleo central da sua vida e à volta do qual anda toda a sua actividade. Se se descurar o estudo destas relações, corre-se o perigo de não entender a mensagem de Jesus e a sua realidade histórica. A comunicação de Jesus com o Pai não só nos descobre a sua vida, mas também nos faz encontrar o sentido da sua existência e o impulso para a levar à sua plenitude. Portanto, transformam-se em relações modelares para todos. «Só me resta afirmar que Jesus teve a vivência de uma relação com Deus que, por um lado, experimentou como única e nova em relação aos outros



homens e, por outro lado, considerou como modelar para a relação dos outros homens com Deus. Jesus compreendeu que a sua nova e única relação filiar com o “Pai” era decisiva para toda a humanidade, porque nela se realizava, de forma nova e irrevogável, a proximidade de Deus em relação a todos os homens». Portanto, à medida que entrarmos nas relações de Jesus com o Pai conhecermos melhor os mistérios da salvação.

*(Darío Gutiérrez Martín, O lado humano de Jesus de Nazaré)*

## 3º Encontro



Computador e projector de vídeo para apresentação de diapositivos  
Cópias do questionário para entregar  
Cópias da cruz para entregar  
Cópias do texto da Madre Teresa



1. O animador inicia o encontro fazendo a ponte do encontro anterior em que vimos Jesus a anunciar o Reino, para este encontro em que vamos aprender com Jesus a orar. Cada momento da vida de Jesus é uma constante relação com o Pai, relação que é alimentada pela oração, onde Jesus recebe tudo e se entrega totalmente ao Pai.

2. Projecção dos dois primeiros slides da apresentação.

3. Entrega do questionário a cada jovem (ver documentos de apoio). Dar tempo de reflexão pessoal para preenchimento.

4. Partilha dos resultados do questionário, acompanhada pela projecção dos respectivos slides.

5. Visualização da apresentação até o fim

6. Plenário onde o animador faz uma síntese sobre a oração de Jesus, a partir das pistas seguintes, ao mesmo tempo que tenta estabelecer a ponte entre a atitude de Jesus e o modo como isso se pode concretizar na vida pessoal de oração de cada jovem.

- Como se vive e se exprime a relação filial com o Pai?
- Basta a obediência, o trabalho, a dedicação ao próximo? Ou também é necessário o diálogo da oração?
- Jesus ora participando assiduamente na liturgia de Israel. Invoca o Pai em público, no meio da sua própria actividade.
- Retira-se longas horas, em solidão, para o deserto ou para os montes, de noite ou de manhã cedo.
- A sua oração consiste em estar diante do Pai como Filho, em perfeita reciprocidade, na alegria do Espírito Santo.
- Do diálogo de intimidade retira energia e inspiração para a Sua missão, principalmente nos momentos decisivos.

## Eu rezo porque...

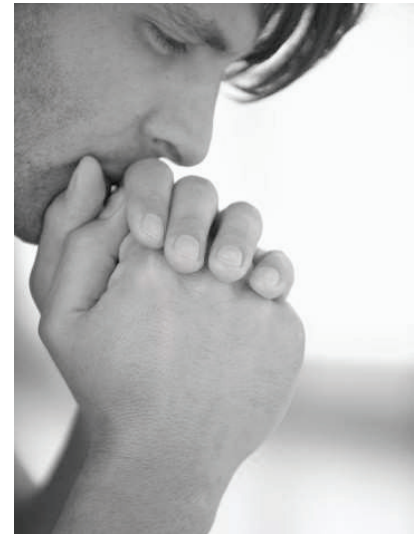
- ... sempre o fiz.
- ... amo a Deus.
- ... sinto necessidade.
- ... me sinto bem.
- ... confio em Deus.
- ... gosto de me sentir perto de Deus.
- ... Deus é o meu confidente.
- ... sinto a Sua presença amiga.
- ... Lhe quero agradecer algo.
- ... Lhe quero pedir alguma coisa.

## Eu não rezo porque...

- ... não sinto necessidade.
- ... não tenho tempo.
- ... não sei rezar.
- ... acho perda de tempo
- ... não encontro o momento adequado.
- ... não sei se Deus me escuta.
- ... prefiro fazer coisas úteis aos outros.
- ... não recebo resposta.
- ... \_\_\_\_\_.

## Eu rezo quando...

- ...tenho problemas.
- ...surgem dúvidas.
- ...me encontro só.
- ...vejo alguma tragédia.
- ...ouço alguma má notícia.
- ...vejo tudo negro.
- ...tudo corre bem.
- ...me sinto amado(a).
- ...estou contente.
- ...me deito.
- ...lhe quero pedir algo.



## Eu rezo...

- ... na igreja.
- ... no carro.
- ... no meu quarto.
- ... na escola.
- ... no autocarro.
- ... na praia.

## 1 EU QUERO REZAR!

(TOMA A DECISÃO DE REZAR)

Ao longo do dia tomas decisões, estudas, divertes-te, falas com os que te rodeiam ou estás sozinho.

Em todos esses momentos Deus, que te ama e te conhece, está contigo! E está à espera que decidas falar com Ele. Avança, sem medo!

## 2 AOS POUCOS CHEGO LÁ...

(COMEÇA POR PEQUENOS OBJECTIVOS)

Não aches que és logo o Super-Homem ou a Super-Mulher da oração! Senão depois não vais cumprir e desiludes-te. ☹

Começa, por exemplo, por decidir que rezas de manhã e/ou à noite.

## 4 NO SPOT PERFEITO!

(PREPARA UM LOCAL PARA REZAR)

Para rezar escolhe um sítio onde gostes de estar e onde te sintas à vontade – no teu quarto, na tua Igreja, na tua secretária, no sofá. E arranja alguma coisa que te inspire a rezar: um livro com orações, a Bíblia, uma imagem...

## 3 TENHO TEMPO!

(RESERVA UNS MINUTOS PARA REZAR)

Não é preciso marcar reuniões com Deus! Ele está sempre disponível para ti. ☺ Mas para ser mais fácil escolhe uma hora fixa (o hábito ajuda), uma hora calma (à noite, por exemplo) uma hora que não penses que podias estar a fazer outra coisa.

## Porque não?

À noite:

✚ Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo

💬 Em silêncio penso no meu dia – todos os que encontrei, tudo o que pensei, o que fiz e disse.

🙏 Meu Deus, obrigado por este dia e por tudo o que vivi de bom. Perdoa-me na situações em que pequei contra Ti, contra os outros ou contra mim mesmo, e traz de novo paz ao meu coração. Abençoa o amanhã e faz-me acordar para Te louvar e amar os que encontrar no meu caminho. Ámen.

Pai Nosso....

✚ Em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo

 474 | 477**Leitura** (por um dos jovens)

Jesus é o Filho do Homem, o salvador que sofre humilhações e perseguições e, que no futuro virá na glória, pois este é o caminho para a vontade do Pai. Até aqui vemos Jesus a anunciar o reino, a rezar e a fazer da sua vida uma ininterrupta relação com o Pai. Jesus agora mostramos que o cumprimento do reino de Deus passa por um caminho que nos surpreende, que não esperávamos... Jesus mostra-nos que para além dos ensinamentos e de cada uma das suas acções, o que mais conta é a entrega total de Si mesmo, amadurecida durante toda a vida e concluída na Páscoa.

Um acontecimento marca um ponto de viragem na sua vida: a transfiguração. Por meio dela, Jesus prepara os seus discípulos para o tempo do sofrimento e da paixão.

**Leitura** (por um dos jovens)**Transfiguração de Jesus**

Uns oito dias depois destas palavras, levando consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar. Enquanto orava, o aspecto do seu rosto modificou-se, e as suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante. E dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias, os quais, aparecendo rodeados de glória, falavam da sua morte, que ia acontecer em Jerusalém.

Pedro e os companheiros estavam a cair de sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus e os dois homens que estavam com Ele. Quando eles iam separar-se de Jesus, Pedro disse-lhe: «Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas: uma para ti, uma para Moisés e outra para Elias.» Não sabia o que estava a dizer. Enquanto dizia isto, surgiu uma nuvem que os cobriu e, quando entraram na nuvem, ficaram atemorizados. E da nuvem veio uma voz que disse: «Este é o meu Filho predilecto. Escutai-o.»

Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou só. Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, nada contaram a ninguém do que tinham visto. (Lc 9,28-36)

**Cântico**

O Senhor é meu pastor (Confiarei)



O animador propõe que cada um, ao longo da semana, façam o exercício de “subir ao monte com Jesus”. Desafia cada jovem a, todos os dias, escolher um momento para fazer a sua oração.

Entrega a cada um a cruz com as pistas de oração (ver Documentos de apoio). Esta cruz deverá estar dobrada até formar um quadrado. Cada lado deve ser desdobrado pela ordem indicada, até ficar aberto em cruz.

Entregar o texto da Madre Teresa (ver Textos de apoio), para ser lido em casa nos momentos de oração.

NOTA: O animador pode convidar os jovens a descarregar uma aplicação móvel relacionada com a oração diária.



## Uma oração simples

O meu segredo é a própria simplicidade: rezo.

Os apóstolos pediram a Jesus: “Ensina-nos a rezar”. Viram-n’O rezar muitas vezes e sabiam que flava com o Pai. O que foram estas horas de oração? Tudo o que sabemos vem do amor constante de Jesus ao Pai: “Meu Pai!”. E Jesus ensina aos discípulos um modo simples de falar com Deus.

A oração, para dar frutos, deve vir do coração para tocar o coração de Deus. Vejam como Jesus ensina a oração aos seus discípulos: Chamai a Deus vosso Pai, louvai e glorificai o seu nome: “Pai nosso que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome”.

Fazei a sua vontade, pedi-lhe pão espiritual e temporal para cada dia: “venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dai hoje”.

Pedi o perdão dos vossos pecados e a capacidade de perdoar aos outros, e também a graça de serem libertados do mal que está em nós e nos rodeia: “Perdoai-nos as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Não nos deixeis cair em tentação mas livrai-nos do mal”.

A oração perfeita não consiste num grande número de palavras, mas no fervor do desejo que animava o coração de Jesus.

Nós passamos por altos e baixos, a doença e o sofrimento. Isso faz parte da cruz. Quem imita Jesus em plenitude deve também tomar parte na sua Paixão. É por isso que temos necessidade da oração, temos necessidade do pão da vida; é por isso que fazemos a adoração e procuramos o arrependimento.

Nós complicamos a oração como complicamos muitas outras coisas. Ela é – para vós, para mim, para todos nós – amar Jesus com um amor sem reserva e sem limite. E esse amor sem reserva e sem limite é posto em prática sempre que fazemos o que Jesus nos diz: “Amai-vos como Eu vos amei”.

O amor é um fruto de todas as estações, está à mão de cada um. Todos o podem apanhar sem limitações.

Para os homens do Antigo Testamento, Deus apresentava-se grande na sua majestade, grande na sua criação. Com a vinda de Jesus, Ele torna-se um de nós, porque o seu Pai amou tanto o mundo que nos deu o seu Filho. E Jesus revela-nos o seu amor ao Pai, e quis que aprendêssemos a rezar, amando-nos uns aos outros como o Pai nos amou.

Jesus não cessava de dizer: “Amo-vos. Amai o Pai como Ele vos amou”. E o seu amor foi a cruz, o seu amor foi o pão da vida. Jesus quer que rezemos com um coração límpido, com um coração simples, com um coração humilde. “Se não vos fizerdes crianças, não podeis aprender a rezar, não podeis entrar nos Céus, não podeis ver a Deus”. Tornar-se uma criança significa ser um com o Pai, amar o Pai, estar em paz com o Pai, o nosso Pai.

*Eu venho a Ti, Jesus, para que me dês o Teu carinho antes de começar o meu dia. Que os Teus olhos repousem nos meus um instante. Faz que leve comigo a certeza da tua amizade. Enche o meu espírito para que eu seja capaz de suportar o deserto do ruído. Que o Teu resplendor abençoado cubra os meus pensamentos. E dá-me força para estar com aqueles que precisam de mim.*

*(Madre Teresa, A oração como uma fonte)*

### A oração

A oração é outro dos elementos em que se apoia a esperança de Jesus. A sua vida está impregnada de espírito de oração(...). Aqui vamos realçar os aspectos que se referem ao seu ensino. A oração

como fonte de iluminação do que tem de fazer e a forma de levá-lo a cabo, assim como a força para vencer as dificuldades. A desproporção existente entre os meios humanos com que conta e a obra que tenta realizar leva-o à comunicação com Deus. A oração de Jesus apresenta muitas facetas.

A comunicação com o Pai prolonga-se durante todo o dia, embora haja momentos em que se torna mais intensa e recolhida. Recorre a Deus para que O ilumine sobre o que tem de dizer e fazer. “O Pai, que me enviou, é que me ordenou o que eu devia dizer e anunciar.[...] O que eu digo, digo-o conforme o Pai me disse” (Jo 12,49-50). “Jesus foi para a montanha a fim de rezar e passou toda a noite em oração a Deus”, antes de escolher os seus discípulos. Com frequência “Jesus retirava-se para lugares desertos a fim de rezar” (Lc 6,12;5,16). Reza antes de começar o trabalho: “De madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus levantou-se e foi rezar num lugar deserto” (Mc 1,35). Elogia a conduta de Maria em atitude contemplativa (Lc 19,42).

A oração converte-se em acção de graças, que brota espontaneamente dos lábios de Jesus, pelos milagres realizados: “Eu sei que sempre ME ouves. Mas falei por causa das pessoas que me rodeiam, para que acreditem que Tu me enviaste” (Jo 11,42). Também dá graças a Deus “porque escondestes estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelastes aos pequeninos” (Mt 11,25).

A força da oração reflecte-se nas parábolas do juiz iníquo que, perante os rogos da viúva se decide a fazer justiça e o amigo inoportuno que, altas horas da madrugada, pede ao seu vizinho que lhe empreste três pães e não pára enquanto não consegue o que pede (Lc 18,1; 11,5). Jesus experimentou que só com a oração e o jejum se vence o mal (Mc 9,29).

Jesus tem a experiência da eficácia da sua oração; por isso recomenda aos seus discípulos que orem sem desfalecer para alcançarem o que pedem. “Garanto-vos que se tiverdes fé e não duvidardes, fareis não só o que eu fiz com a figueira mas também podereis dizer a esta montanha “Tira-te daqui e lança-te ao mar” e isso acontecerá. E tudo o que na oração pedirdes com fé, recebê-lo-eis.” (Mt 21,21-22). Exorta também a uma oração confiada: “Eu vou para o Pai. O que pedirdes em meu nome, eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho” (Jo 14,14). Assim, a oração transforma-se em luz para ver o que se há-de fazer e força para o realizar, como Jesus garante com a sua palavra.

*(Darío Gutiérrez Martín, O lado humano de Jesus de Nazaré)*

## 2º BLOCO

# III – A morte que gera vida

---

### LINHAS GERAIS

Mais cedo ou mais tarde, quase sempre de forma inesperada, somos confrontados com um grito de dor. Por muito que nos custe admitir, a experiência do sofrimento faz parte da condição humana. Basta olharmos à nossa volta ou para dentro de nós próprios, e facilmente nos damos conta da existência de diversos tipos de sofrimento: psicológico, físico, moral, espiritual ou, ainda mais doloroso e misterioso, o sofrimento do inocente e aquele que é causado pelo mal.

Mais radical ainda é o sofrimento provocado pela morte, pois põe em causa a própria existência humana e o sentido da vida. Quando alguém que amamos nos deixa, o coração sangra e a dor, por instantes, abafa toda a nossa esperança e vontade de viver.

Mas a verdade é esta e temos de a enfrentar: o mistério do sofrimento e da morte faz parte da vida de todos os homens.

É nos momentos de dor que surge a revolta e a incompreensão que facilmente levam o homem à solidão e ao desespero. Porquê? Para quê? São as perguntas que invadem o nosso pensamento e fazem nosso o grito do Senhor na cruz: meu Deus, meu Deus porque me abandonaste! (Mc 15, 34)

Se insistimos numa resposta racional e lógica ao mistério do sofrimento e da morte, apenas encontraremos o abismo e o sem sentido da existência. É no instante da dor que a nossa fé é posta à prova. Não temos outra alternativa senão olhar para o sofrimento de Cristo na cruz, e acreditar que da morte nasce a vida. O extremo do amor de Jesus por nós não consiste, em primeiro lugar, em retirar o sofrimento do mundo nem do coração humano. Consiste primeiramente em unir-Se a esse sofrimento “por nossa causa” para em segundo lugar e como consequência expulsar de nós a opacidade e a solidão do sofrimento. Que Deus assume o sofrimento humano e faz dele caminho de passagem para uma experiência de comunidade e de vida, é o centro do Evangelho, como é o centro da vida cristã. É o centro da notícia que estamos chamados a transmitir e anunciar. Este é o mistério fundamental da nossa fé.

Na cruz, Jesus Cristo torna caminho de vida e de salvação, todas as formas de sofrimento e de morte, que nos oprimem e escravizam. A cruz é para nós a certeza de que a ressurreição é a última e decisiva palavra de Deus. E é à medida que o homem toma a sua cruz, unindo-se espiritualmente à cruz de Cristo, que o sofrimento humano se torna caminho de salvação e de vida.

### O QUE SE PRETENDE

- Compreender o sofrimento como fazendo parte da condição humana;
- Tomar consciência das atitudes que tomamos face ao sofrimento e à morte;
- Reconhecer a radicalidade da vida de Cristo que pelo amor vence a morte;
- Assumir, como cristãos, o anúncio da Vida que vence a morte.

O tema desenvolve-se em dois momentos/encontros.

O primeiro introduzirá os jovens na dimensão humana da dor, o segundo procurará despertá-los para a atitude de Cristo face à cruz, levando a uma mudança de atitude que se alicerça numa nova compreensão da vida e do papel do amor que vence o sofrimento e a morte.

# 1º Encontro



Jornais, revistas, cartolinas, tesouras, colas  
Cópias do texto de João Paulo II para a oração



1. Formar grupos de trabalho e entregar a cada um, um conjunto de jornais e revistas.

2. Cada grupo selecciona e recorta notícias que considera associadas ao tema “sofrimento” e prepara para o plenário a apresentação dos cartazes e a resposta às seguintes questões:

- Porque razão identificaram determinada notícia como situação de sofrimento?
- Como é que o mundo vê hoje o sofrimento?

3. Plenário dos resultados dos trabalhos de grupo.



Entrega do texto

A realidade do sofrimento levanta uma pergunta quanto à essência do mal: o que é o mal? Esta pergunta parece inseparável, num certo sentido, do tema do “sofrimento”. A resposta cristã neste ponto é diversa daquela que é dada por certas tradições culturais e religiosas, para as quais a existência é um mal de que é necessário libertar-se. O Cristianismo proclama que a existência é essencialmente um bem e o bem daquilo que existe; professa a bondade do Criador e proclama o bem das criaturas. O homem sofre por causa do mal, que é uma certa falta, limitação ou distorção do bem. Poder-se-ia dizer que o homem sofre por causa de um bem do qual não participa, do qual é, num certo sentido, excluído, ou do qual ele próprio se privou. Sofre em particular quando “deveria” ter participação num determinado bem — segundo a ordem normal das coisas — e não a tem.

O sofrimento humano constitui em si próprio como que um “mundo” específico, que existe juntamente com o homem, que surge nele e passa, ou então que as vezes não passa, mas se consolida e aprofunda nele. Este mundo do sofrimento, abrangendo muitos, numerosíssimos sujeitos, existe por assim dizer na dispersão. Cada um dos homens, mediante o seu sofrimento pessoal, por um lado constitui só uma pequena parte desse “mundo”; mas, ao mesmo tempo, esse «mundo» está nele como uma entidade finita e irrepetível.

Deste modo, aquele mundo de sofrimento, que afinal tem o seu sujeito em cada homem, parece transformar-se na nossa época — talvez mais do que em qualquer outro momento — num particular “sofrimento do mundo”: de um mundo que se acha, como nunca, transformado pelo progresso operado pelo homem; e está ao mesmo tempo, como nunca, em perigo por causa dos erros e culpas do mesmo homem.

*(João Paulo II, carta Apostólica Salvifici Doloris – Sentido cristão do sofrimento humano, 1984)*

Pai Nosso

**Cântico:** Na nossa escuridão (Taizé)





Propor uma atitude de atenção/escuta, ao longo da semana, perante as situações que se vivem e presenciam de sofrimento humano.

## 2º Encontro



Cópias frente e verso da folha “A morte que gera vida” (ver Textos de apoio)  
Cópias das folhas com texto para o momento de oração



1. Partilhar o que foi visto/vivido, ao longo da semana, face ao sofrimento dos homens.

2. Conversar sobre o que os jovens conhecem do sofrimento de Cristo e sobre a sua atitude face a este.

3. Entregar a cada jovem a folha em anexo para leitura conjunta das passagens bíblicas e partilha das respostas às perguntas em plenário.

4. Síntese feita pelo animador

A Cruz, escândalo e loucura, para os judeus e para os gentios, é assumida por Cristo como instrumento de salvação. O sofrimento ganha um novo significado, já não é uma humilhação do homem fraco, mas um caminho de redenção do Homem que, em Deus, e na obediência ao Pai, transpõe a dicotomia entre a vida e a morte. Em Cristo abrem-se as “portas” da felicidade, pois para quem com Ele trilhar o caminho humano que passa, necessariamente pelo sofrimento e pela limitação, mas que permanecer fiel ao Pai e em obediência à sua vontade, a morte é apenas uma passagem, pois a vida vencerá, na Ressurreição.

Cristo morre na cruz porque aceitou o sofrimento como homem e ressuscita porque, pelo sofrimento assumido por amor, venceu a morte.



476



Para este momento o animador deverá preparar um ambiente de oração, idealmente com uma cruz grande no meio da sala, no chão, e algumas velas.

Convida os jovens a sentarem-se no chão, à volta da cruz.

### **Cântico**

Senhor Jesus, Tu és luz do mundo (Taize)

[Leitor]

Jesus põe-se do lado dos fracos e dos pobres. À primeira vista é um escândalo ou uma pura

loucura. Dando a sua vida na cruz, ele escolhe o último lugar e aceita a vergonha do fracasso. Ele assume sobre si próprio o peso do sofrimento, do ódio e da morte, para nos libertar desse mesmo peso. Desta forma, ele inscreve o sim de Deus no mais profundo da condição humana. Mesmo maltratado pelos homens, Jesus não retira esse sim ao ser humano. É a sua missão: ele realiza-a e paga o seu preço.

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra**

[Leitor]

Na cruz, Jesus abre os braços para reunir toda a humanidade e toda a criação no amor de Deus. Ele é a manifestação da bondade de Deus por cada ser humano. Para reconciliar a humanidade com Deus, «Jesus esvaziou-se a si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens... tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Filipenses 2,5-11).

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra**

[Leitor]

No momento em que leva aos ombros toda a humanidade, Jesus não esquece a dor daqueles que lhe são muito próximos. Vê ao seu lado Maria, a sua mãe, e pede a João, o discípulo que ama especialmente, para tomar conta dela a partir daquele momento (João 19,26-27). Assim, muito humildemente, debaixo da cruz nasce a Igreja.

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra!**

[Leitor]

Na cruz, Cristo partilha tudo connosco, inclusivamente o silêncio de Deus: a única resposta ao seu próprio sofrimento é um grande silêncio. Jesus faz a experiência do que significa sentirmo-nos longe de Deus, abandonados. No entanto, no coração desse abandono, utiliza as palavras do salmista e clama com voz forte: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» (Mateus 27,46). Desta forma, até este abandono é inserido no diálogo de amor entre Jesus e o seu Pai.

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra!**

[Leitor]

A cruz ultrapassa o nosso entendimento, mas ao celebrar este acontecimento compreendemos cada vez melhor a esperança extraordinária à qual ele nos abre. Essa esperança não é um optimismo vago. Pôr a nossa confiança em Cristo, morto e ressuscitado, abre os nossos corações para enfrentarmos as situações difíceis com lucidez. Numa comunhão pessoal com ele, Cristo comunica-nos um novo impulso.

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra!**

[Leitor]

Podermo-nos reunir desta forma à volta da cruz, para que o mistério pascal se torne cada vez mais no mistério fundamental da nossa vida, é algo de muito precioso. E Cristo toma sobre si próprio aquilo que é pesado para nós. Ele diz-nos no Evangelho: «Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que eu hei-de aliviar-vos» (Mateus 11,28).

[Todos]

**A Cruz não tem a última palavra!**

*(Irmão Alois de Taizé, Ousar acreditar , adaptação do texto “A Cruz não tem a última palavra”)*

**Cântico**

Ninguém te ama como eu



Ver páginas seguintes.

# A MORTE QUE GERA VIDA

## 1 PEDRO PERANTE O ANÚNCIO DA MORTE FEITO POR CRISTO

A partir desse momento, Jesus Cristo começou a fazer ver aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e sofrer muito, da parte dos anciãos, dos sumos sacerdotes e dos doutores da Lei, ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar.

Tomando-o de parte, Pedro começou a repreendê-lo, dizendo: «Deus te livre, Senhor! Isso nunca te há-de acontecer!» Ele, porém, voltando-se, disse a Pedro: «Afasta-te, Satanás! Tu és para mim um estorvo, porque os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens!»

(Mt 16, 21-23)

## 4 COROAÇÃO DE ESPINHOS

Os soldados levaram-no para dentro do pátio, isto é, para o pretório, e convocaram toda a coorte. Revestiram-no de um manto de púrpura e puseram-lhe uma coroa de espinhos, que tinham entretido.

Depois, começaram a saudá-lo: «Salve! Ó rei dos judeus!» Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam sobre Ele e, dobrando os joelhos, prostravam-se diante dele. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e revestiram-no das suas vestes.

(Mc 15, 16-20)

## 7 ANÚNCIO DE PEDRO

Homens de Israel, escutai estas palavras: Jesus de Nazaré, Homem acreditado por Deus junto de vós, com milagres, prodígios e sinais que Deus realizou no meio de vós por seu intermédio, como vós próprios sabeis, este, depois de entregue, conforme o desígnio imutável e a previsão de Deus, vós o matastes, cravando-o na cruz pela mão de gente perversa.

Mas Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte.

(Act 2, 22-24)

## 2 ENCONTRO COM O CIRENEU

À saída, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e obrigaram-no a levar a cruz de Jesus.

(Mt 27, 32)

## 5 INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

Quando chegou a hora, pôs-se à mesa e os Apóstolos com Ele. Disse-lhes: «Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco, antes de padecer, pois digo-vos que já não a voltarei a comer até ela ter pleno cumprimento no Reino de Deus.»

Tomando uma taça, deu graças e disse: «Tomai e reparti entre vós, pois digo-vos que não tornarei a beber do fruto da videira, até chegar o Reino de Deus.»

Tomou, então, o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o meu corpo, que vai ser entregue por vós; fazei isto em minha memória.»

Depois da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo: «Este cálice é a nova Aliança no meu sangue, que vai ser derramado por vós.»

No entanto, vede: a mão daquele que me vai entregar está comigo à mesa! O Filho do Homem segue o seu caminho, como está determinado; mas ai daquele por meio de quem vai ser entregue!»

Começaram a perguntar uns aos outros qual deles iria fazer semelhante coisa.

(Lc 22, 14-23)

## 8 PEDRO E MALCO

Nessa altura, Simão Pedro, que trazia uma espada, desembainhou-a e arremeteu contra um servo do Sumo Sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O servo chamava-se Malco. Mas Jesus disse a Pedro: «Mete a espada na bainha. Não hei-de beber o cálice de amargura que o Pai me ofereceu?»

(Jo 18, 10-11)

## 3 TENTAÇÕES DE PEDRO

Estando Pedro em baixo, no pátio, chegou uma das criadas do Sumo Sacerdote e, vendo Pedro a aquecer-se, fixou nele o olhar e disse-lhe: «Tu também estavas com Jesus, o Nazareno.» Mas ele negou, dizendo: «Não sei nem entendo o que dizes.» Depois, saiu para o átrio e um galo cantou. A criada, vendo-o de novo, começou a dizer aos que ali estavam: «Este é um deles.» Mas ele negou outra vez.

Pouco depois, os presentes disseram de novo a Pedro: «Com certeza que és um deles, pois também és galileu.» Ele começou, então, a dizer imprecações e a jurar: «Não conheço esse homem de quem falais!» E logo cantou o galo pela segunda vez.

Pedro recordou-se, então, das palavras de Jesus: «Antes de o galo cantar duas vezes, tu me terás negado três vezes.» E desatou a chorar.

(Mc 14, 66-72)

## 6 ORAÇÃO NO JARDIM DAS OLIVEIRAS

Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras. E os discípulos seguiram também com Ele. Quando chegou ao local, disse-lhes: «Orai, para que não entreis em tentação.» Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua.»

Então, vindo do Céu, apareceu-lhe um anjo que o confortava. Cheio de angústia, pôs-se a orar mais instantaneamente, e o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra. Depois de orar, levantou-se e foi ter com os discípulos, encontrando-os a dormir, devido à tristeza. Disse-lhes: «Porque dormis? Levantai-vos e orai, para que não entreis em tentação.»

(Lc 22, 39-46)

Ele, que é de condição divina,  
 não considerou como uma  
 usurpação ser igual a Deus;  
 no entanto, esvaziou-se a si mesmo,  
 tomando a condição de servo.  
 Tornando-se semelhante aos homens  
 e sendo, ao manifestar-se,  
 identificado como homem,  
 rebaixou-se a si mesmo,  
 tornando-se obediente até à morte  
 e morte de cruz.

Por isso mesmo é que Deus  
 o elevou acima de tudo  
 e lhe concedeu o nome  
 que está acima de todo o nome,  
 para que, ao nome de Jesus,  
 se dobrem todos os joelhos,  
 os dos seres que estão no céu,  
 na terra e debaixo da terra;  
 e toda a língua proclame:  
 «Jesus Cristo é o Senhor!»,  
 para glória de Deus Pai.

(Fl 2, 6-11)



## Perguntas

- ♦ Quais são as várias atitudes perante a morte de Jesus?
- ♦ Qual a importância da Cruz como sinal de amor?
- ♦ A morte é o fim da vida ou uma passagem?



## YOUCAT

### 98. Deus quis a morte do Seu próprio Filho?

**A causa última da violenta morte de Jesus encontra-se por trás das trágicas condições externas. Jesus foi «entregue segundo o desígnio imutável e a previsão de Deus» (Act 2,23). Para que nós, filhos do pecado e da morte, tivéssemos a Vida, «a Cristo, que não conhecera o pecado», o Pai do Céu «identificou-O com o pecado» (2 Cor 5,21). A grandeza do sacrifício que Deus pediu ao Seu Filho correspondia à grandeza da entrega de Cristo: «E que hei-de dizer? «Pai, salva-Me desta hora» Mas por causa disto é que Eu cheguei a esta hora.» (Jo 12,27) De ambos os lados encontra-se o amor, que se confirma exteriormente na cruz. [599-609, 620]**

Para nos salvar da morte, Deus entregou-Se a uma missão perigosa: Ele introduziu no mundo da morte um “medicamento de imortalidade”, o Seu Filho Jesus Cristo (Santo Inácio de Antioquia). Pai e Filho estavam indissociavelmente aliados nesta missão, preparados e ansiosos para a tarefa de, por amor, tomarem sobre Si o que havia de mais extremo, em benefício da humanidade. Deus quis realizar um intercâmbio para nos salvar para sempre: Ele quis dar-nos a Sua Vida eterna, para desfrutarmos da Sua alegria, e quis sofrer a nossa aflição, o nosso abandono e a nossa morte, para em tudo estar em comunhão connosco, para nos amar até ao fim e para além da morte... A morte de Cristo é da vontade do Pai, mas não é a Sua última palavra. Desde que Cristo morreu por nós, podemos trocar a nossa morte pela Sua Vida.

*«Não foi a morte que Lhe agradou, mas a vontade daquele que morreu livremente, que exterminou a morte através daquela morte, que tornou possível a salvação e restaurou a inocência, que triunfou sobre os principados e as potestades, que despojou o inferno e enriqueceu o Céu, que pacificou o que está no Céu e na Terra e tudo congregou.»*

(São Bernardo de Claraval)

### **Atitudes frente à Cruz de Cristo**

Podemos observar casos típicos dos que rodeavam a Cristo durante a Sua Paixão e que continuam ainda hoje: os traidores, como Judas (e dentro de nós há sempre um candidato a Judas); os cobardes, como Pilatos (quem não se identifica com ele?); os volúveis e convertidos, como Pedro, que tanto se entusiasma, como se acobarda e nega (mas Pedro, ao contrário de Judas, chorou amargamente o seu pecado); os corajosos, como João e Maria que não arredaram pé da cruz (estes enamorados da Cruz do Senhor estão dispostos a dar a vida por Ele, como ainda hoje tantos mártires).

Mais em particular, a atitude dos verdadeiros crentes diante do crucifixo devia ser: de gratidão (graças ao sangue do Senhor fomos redimidos), de pedir perdão, pois também os nossos pecados contribuíram para a Sua paixão; de participação e adesão à cruz de Cristo, tomando corajosamente a nossa cruz de cada dia e seguindo-O; de solidariedade com a cruz dos outros, feitos Cireneus de todos os que sofrem no corpo ou no espírito.

S. Tomás de Aquino indica algumas razões por que morreu o Senhor e que podem ser outros tantos motivos para sofrermos por Ele e pelo próximo. Além de morrer pelos nossos pecados, Jesus deu-nos exemplo e imensas lições na cruz: de caridade (não há maior prova de amor...), de paciência (como ovelha que é levada ao matadouro sem abrir a boca), de humildade (não há maior humilhação que deixar-se matar), de obediência à vontade do Pai; de desprezo pelas honras terrenas (toda a vaidade e prazer morrem na cruz).

### **Atitudes frente à nossa cruz**

Não falta o sofrimento na nossa vida, mais ou menos intenso, mais ou menos de ordem física (doença), ou psíquica e espiritual (medo da morte, medo da solidão, do futuro; desânimos, traições, desilusões, pecados...). O homem, de braços abertos, é uma cruz. A cruz acompanha-nos desde o nascer ao morrer. Há alguns que sofrem mais física ou moralmente, mas todos têm a sua dose e já hoje, mesmo gozando, carregam inconscientemente com o peso do sofrimento futuro.

Só que cada um carrega a sua cruz de modo e com atitudes diferentes: com desespero e revolta (como Judas, que se foi enforcar), com resignação mais ou menos activa ou passiva (como o Cireneu ou o bom ladrão), com amor e dedicação, como Maria, e tantos outros que aceitam mais ou menos generosamente o sofrimento na sua vida. Se não chegam a dizer como S. Paulo: “longe de mim gloriar-me a não ser na Cruz de Cristo”, avançam corajosamente para a frente com a cruz aos ombros, não por masoquismo, derrotismo ou miserabilismo, mas conscientes de que só pela cruz se caminha para a luz, que o caminho da salvação é estreito. E têm coragem ainda para ajudar os outros a levar a sua cruz; antes, a sua cruz é a do próximo, passando a vida a recolher os “crucifixos” vivos, todos os que sofrem, particularmente os mais abandonados e desprezados da sociedade (como Madre Teresa e tantas outras mães ou irmãs ou irmãos escondidos).

- Na Eucaristia celebramos o mistério da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor, como um único mistério pascal, inseparável. Não há glorificação ou exaltação que não parta da Cruz. Mas a cruz é meio e não fim. Comungando o Ressuscitado, com Ele ressuscitaremos e triunfaremos da morte. (*Boa Nova do Domingo, Tempo Comum*)

### **Uma força consoladora no sofrimento**

São Paulo, falando aos cristãos de Corinto das suas tribulações e sofrimentos, coloca a sua fé em relação com a pregação do Evangelho. De facto, diz que nele se cumpre esta passagem da Escritura: «Acreditei e por isso falei» (2 Cor 4, 13). O Apóstolo refere-se a uma frase do Salmo 116, onde o salmista exclama: «Eu tinha con-fiança, mesmo quando disse: “A minha aflição é muito grande!”» (v. 10). Falar da fé comporta frequentemente falar também de provas dolorosas, mas é precisamente nelas que São Paulo vê o anúncio mais convincente do Evangelho, porque é na

fraqueza e no sofrimento que sobressai e se descobre o poder de Deus que supera a nossa fraqueza e o nosso sofrimento. O próprio Apóstolo se encontra numa situação de morte que redundará em vida para os cristãos (cf. 2 Cor 4, 7-12). Na hora da prova, a fé ilumina-nos; e é precisamente no sofrimento e na fraqueza que se torna claro como «não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus, o Senhor» (2 Cor 4, 5). O capítulo 11 da Carta aos Hebreus termina com a referência a quantos sofreram pela fé, entre os quais ocupa um lugar particular Moisés que tomou sobre si a humilhação de Cristo (cf. vv. 26.35-38). O cristão sabe que o sofrimento não pode ser eliminado, mas pode adquirir um sentido: pode tornar-se acto de amor, entrega nas mãos de Deus que não nos abandona e, deste modo, ser uma etapa de crescimento na fé e no amor. Contemplando a união de Cristo com o Pai, mesmo no momento de maior sofrimento na cruz (cf. Mc 15, 34), o cristão aprende a participar no olhar próprio de Jesus; até a morte fica iluminada, podendo ser vivida como a última chamada da fé, o último «Sai da tua terra» (cf. Gn 12, 1), o último «Vem!» pronunciado pelo Pai, a quem nos entregamos com a confiança de que Ele nos tornará firmes também na passagem definitiva.

A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. Os que sofrem foram mediadores de luz para tantos homens e mulheres de fé; tal foi o leproso para São Francisco de Assis, ou os pobres para a Beata Teresa de Calcutá. Compreenderam o mistério que há neles; aproximando-se deles, certamente não cancelaram todos os seus sofrimentos, nem puderam explicar todo o mal. A fé não é luz que dissipa todas as nossas trevas, mas lâmpada que guia os nossos passos na noite, e isto basta para o caminho. Ao homem que sofre, Deus não dá um raciocínio que explique tudo, mas oferece a sua resposta sob a forma duma presença que o acompanha, duma história de bem que se une a cada história de sofrimento para nela abrir uma brecha de luz. Em Cristo, o próprio Deus quis partilhar connosco esta estrada e oferecer-nos o seu olhar para nela vermos a luz. Cristo é aquele que, tendo suportado a dor, Se tornou «autor e consumidor da fé» (Heb 12, 2).

O sofrimento recorda-nos que o serviço da fé ao bem comum é sempre serviço de esperança que nos faz olhar em frente, sabendo que só a partir de Deus, do futuro que vem de Jesus ressuscitado, é que a nossa sociedade pode encontrar alicerces sólidos e duradouros. Neste sentido, a fé está unida à esperança, porque, embora a nossa morada aqui na terra se vá destruindo, há uma habitação eterna que Deus já inaugurou em Cristo, no seu corpo (cf. 2 Cor 4, 16 — 5, 5). Assim, o dinamismo de fé, esperança e caridade (cf. 1 Ts 1, 3; 1 Cor 13, 13) faz-nos abraçar as preocupações de todos os homens, no nosso caminho rumo àquela cidade, «cujo arquitecto e construtor é o próprio Deus» (Heb 11, 10), porque «a esperança não engana» (Rm 5, 5).

Unida à fé e à caridade, a esperança projecta-nos para um futuro certo, que se coloca numa perspectiva diferente relativamente às propostas ilusórias dos ídolos do mundo, mas que dá novo impulso e nova força à vida de todos os dias. Não deixemos que nos roubem a esperança, nem permitamos que esta seja anulada por soluções e propostas imediatas que nos bloqueiam no caminho, que «fragmentam» o tempo transformando-o em espaço. O tempo é sempre superior ao espaço: o espaço cristaliza os processos, ao passo que o tempo projecta para o futuro e impele a caminhar na esperança.

*(Papa Francisco, Carta Encíclica Lumen Fidei, n. 56-57, 2013)*

## 2º BLOCO

# IV – Retiro “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11, 1)

Esta proposta de retiro procura fazer um itinerário desde a oração do Antigo Testamento, passando pela oração de Jesus, até à oração da Igreja. Partindo da experiência pessoal de oração de cada jovem, este percurso é feito sobretudo a título individual e na relação com a Palavra de Deus.

O esquema proposto estrutura-se em função de um fim-de-semana (sexta à noite a Domingo ao almoço), podendo ser ajustado para menos tempo, omitindo, por exemplo, a etapa respeitante aos salmos e passando imediatamente da experiência pessoal de oração ao confronto com a experiência orante de Jesus através do Pai Nosso.

O animador deverá ter todo o material preparado, pedindo aos jovens que tragam um símbolo que, para eles, expresse a sua experiência de oração e/ou as dificuldades que têm em rezar. Cada participante deverá também trazer uma Bíblia e a sua lucerna ou vela.

## ESQUEMA PROPOSTO

### Sexta-feira (noite, após o jantar)

- Partilha dos símbolos trazidos por cada jovem (em plenário).
- Momento de oração da noite, convidando-se cada jovem a deixar o seu símbolo no local de oração.

### Sábado - manhã

A experiência de oração do Antigo Testamento: os Salmos

- Breve oração da manhã
- Em plenário, espalhar vários envelopes com um título no exterior e, dentro, um salmo com ele relacionado, bem como um pequeno texto que elucide o seu sentido e o contexto em que foi escrito.  
Ex. Oração na adversidade (Sl. 3; Sl. 6; Sl. 140; Sl. 141...)  
O caminho da justiça (Sl. 1, Sl. 14...)  
Sede de Deus (Sl. 62, 2-9)  
A alegria (Sl. 149; Sl. 150...)  
Louvor da misericórdia de Deus (Sl. 9, Sl. 117...)  
Permanecer na presença de Deus (Sl. 5...)  
A majestade de Deus (Sl. 28...)  
Confiança (Sl. 10...)  
Elogio da Palavra de Deus (Sl. 18...)  
Deus é providente (Sl. 32...)  
Deus é a nossa força (Sl. 17...)  
A bondade de Deus (Sl. 35...)

...



Importa ter em conta a caminhada do grupo, podendo o animador seleccionar salmos mais acessíveis, devendo, contudo, possibilitar alguma diversidade de situações neles retratadas.

Para uma boa contextualização dos salmos, pode recorrer-se, entre outros, aos livros:

Os Salmos: Vida e Oração, de J. Machado Lopes (Lisboa, Difusora Bíblica, 1985)

Saltério, Secretariado Nacional de Liturgia, Gráfica de Coimbra

Nestes livros é apresentada de forma breve, para cada salmo, a respectiva estrutura, o contexto em que foi escrito, uma proposta de leitura cristã e uma oração redigida a partir do mesmo.

- O animador convida cada um dos jovens a escolherem um envelope com o título que se ajusta com a situação ou a experiência por si vivida. Abertos os envelopes, propõe que, individualmente, cada um leia atentamente o salmo que lhe calhou, procurando perceber o seu contexto, sublinhando o que mais lhe chama a atenção e, a partir do mesmo, redija uma oração pessoal, um novo “salmos” onde possa expressar perante Deus o que meditou.

- Após um tempo individual de reflexão, a manhã poderá ser concluída com um tempo conjunto de oração, onde cada um partilha o texto que redigiu e o junta ao símbolo trazido na noite anterior.

### **Sábado – tarde**

A experiência de oração de Jesus – O Pai Nosso

- Após o almoço, dividir os jovens em pequenos grupos, atribuindo a cada um deles uma das frases do Pai Nosso. Para introduzir este trabalho, convém relembrar as conclusões do encontro sobre a oração de Jesus e o animador poderá também recorrer ao Youcat, nºs 511 a 517.

- Para os trabalhos em grupo, sugerimos o livro: Pai Nosso... Um itinerário bíblico, do Irmão John de Taizé (Braga, Editorial Apostolado da Oração, 1997). Além de uma introdução geral, capítulos curtos dedicados precisamente a cada uma das frases do Pai Nosso com pequenas perguntas para reflexão pessoal ou em grupo. Assim, podem entregar-se fotocópias do capítulo respectivo a cada grupo, propondo para reflexão as perguntas aí existentes ou outras feitas pelo animador. No Youcat, nºs 518-527, encontra-se também a explicação para cada frase do pai Nosso, que se pode juntar ao texto anterior.

- A meio da tarde, pedir que, à luz do que cada grupo meditou sobre o Pai-Nosso, cada jovem faça uma reflexão pessoal sobre a sua experiência de oração a partir de estas ou outras perguntas:

- Como tem sido a minha oração?
- A minha oração é fugir ou é contemplar corajosamente o que Deus me pede?
- Quando rezo, unifico os meus desejos e os conflitos interiores, na confiança de que Deus me liberta e fortalece?
- Acredito que Jesus reza em mim e que, pelo seu Espírito, me permite viver sempre unido ao Pai?
- Sinto que Cristo é a minha força e a minha vitória?
- Estou mais preocupado em dizer coisas a Deus ou em escutar o que Ele tem para me dizer?
- Quando rezo, peço a Deus que realize a minha vontade ou abandono-me ao que Ele quer para a minha vida?
- Sou capaz de me abandonar n’Ele e permanecer simplesmente na Sua presença, sabendo que Ele me aceita sempre, tal como sou?

Deixar com cada jovem um cartão onde ele escreverá o seu compromisso concreto relativamente à oração, alertando-o de que este será necessário levá-lo para a oração da noite, ainda que não para ser lido para os outros.

- Ao fim da tarde, se for possível ter a presença de um sacerdote, este poderá estar disponível para confissões.

### Noite – Permanecer em oração com Jesus

Propõe-se um tempo de oração mais prolongado em volta da cruz ou de um ícone com o rosto de Cristo.

\* Cântico inicial: “Permaneça junto de Mim, ora e vigia”

\* Invocação do Espírito

Leitura de Rom. 8, 15-16.26.

\* Cântico (ao Espírito Santo)

\* O animador introduz brevemente o tempo da vigília, propondo um percurso com Jesus ao longo da sua Paixão e Morte. Respondendo ao apelo de Jesus, importa permanecer com Ele na oração. Tal como Ele fez, rezar-se-ão os salmos, prolongando-os agora com os Louvores a Deus, de S. Francisco de Assis.

\* Salmo

[Todos]

Ouve, Senhor, as minhas palavras,  
escuta a minha súplica,  
atende à voz do meu clamor.  
Só a ti é que eu rezo.  
Logo pela manhã, ouves a minha voz;  
mal nasce o dia, exponho o meu pedido  
e aguardo ansiosamente.

Desagrada-te a arrogância e a mentira,  
a violência e a fraude.  
Todos os que assim procedem têm o coração em ruínas  
e a sua boca é um sepulcro aberto.

Mas eu, pela abundância do teu amor,  
hei-de entrar na tua casa para te adorar.  
Conduz-me pelos caminhos da justiça  
e aplanas diante de mim o teu caminho.

Alegrem-se todos os que se refugiam em ti  
pois Tu os proteges.  
Exultem os que amam o teu nome  
pois Tu abençoa o justo e o circundas com a tua bondade.  
(Jorge Paulo, *Como é grande o teu nome, rezar com os salmos*)

\* Cântico

\* Louvores a Deus (podem ser recitados por um ou mais leitores, eventualmente com alguma música de fundo).

Tu és santo, Senhor Deus único, o que fazes maravilhas.

Tu és forte,

Tu és grande,

Tu és altíssimo,

Tu és rei onnipotente,

Tu, Pai santo, rei do céu e da terra!

Tu és trino e uno, Senhor Deus, todo o bem.

Tu és bom, todo o bem, o soberano bem,

Senhor Deus, vivo e verdadeiro!

Tu és caridade, amor!

Tu és sabedoria!

Tu és humildade!

Tu és paciência!

Tu és formosura!

Tu és mansidão!

Tu és segurança !

Tu és descanso!

Tu és gozo e alegria!

Tu és a nossa esperança!

Tu és justiça e temperança!

Tu és toda a nossa riqueza e saciedade!

Tu és beleza!

Tu és o protector !

Tu és o nosso guarda e defensor!

Tu és fortaleza!

Tu és consolação!

Tu és a nossa esperança!

Tu és a nossa fé!

Tu és a nossa caridade!

Tu és a nossa grande doçura.

Tu és a nossa vida eterna,

o Senhor grande e admirável,

o Deus onnipotente,

o misericordioso Salvador!

(S. Francisco de Assis: Escritos, biografias, documentos, Fontes Franciscanas, tomo I)

\* Leitura de Jo. 13, 1-5.12-17; 15, 1-17 (Lava-pés; o mandamento novo).

\* Cântico: Como o Pai Me amou, Ubi caritas, ou outro.

\* Leitura de 1Cor. 11, 23-26 (relato da instituição da Eucaristia; poderá ser seguido de um cântico).

\* Leitura de Jo. 19, 25-30 (morte de Jesus).

\* Tempo de silêncio. Se houver um sacerdote presente, poderá fazer a prostração perante a cruz, explicando o gesto como sinal profundo de adoração. Quem preside convida os jovens a adorarem a cruz (por ex., após deitar a cruz, colocar a sua cabeça sobre a mesma, em sinal de adoração e de entrega a Cristo de tudo o que pesa no seu coração). Este momento poderá ser acompanhado de alguns cânticos.

\* Após a adoração, convidar os jovens a colocar, junto do respectivo símbolo deixado no dia anterior, o cartão onde escreveram o seu compromisso.

\* Preces (já preparadas pelo animador ou espontâneas).

\* Pai nosso.

\* Rito da luz. Quem preside convida os jovens a acender a vela ou a lucerna, como sinal da espera da ressurreição.

\* Cânticos que prolonguem o tempo de oração.

\* No final da oração, far-se-á o convite ao silêncio, prolongando o tempo de escuta durante a noite. Poder-se-á utilizar o seguinte texto:

“Quando a nossa oração pessoal parece pobre e as nossas palavras pouco apropriadas, não nos detenhamos no caminho.

Um dos desejos profundos da nossa alma não é o de realizar uma comunhão com Deus?

Três séculos depois de Cristo, um cristão africano chamado Agostinho escrevia: «Um desejo que chama Deus já é oração. Se queres rezar sem cessar, nunca cesses de desejar...»

Uma grande simplicidade de coração dá apoio à oração contemplativa. A simplicidade é fonte de alegria. Ela concede que nos abandonemos a Deus, que nos deixemos levar a ele.

Nesta vida de comunhão, Deus, que permanece invisível, não nos fala forçosamente com palavras humanas. Fala-nos, sobretudo, por intuições que brotam no silêncio.

O silêncio, na oração, parece não ser nada. E, contudo, nesse silêncio, o Espírito Santo pode conceder-nos acolher a alegria de Deus, que vem tocar o fundo da alma”

*(Irmão Roger, Carta de Taizé 2003, “Deus só pode amar”)*

## **Domingo – A oração da Igreja**

\* Oração da Manhã

Sugere-se um esquema de Laudes, abreviado ou mais longo, consoante a caminhada do grupo, explicando o porquê desta proposta de oração por parte da Igreja. Para explicar este momento, pode recorrer-se à Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas, onde se desenvolve as raízes bíblicas desta forma de oração e o esquema adoptado na sua estruturação.

\* Tempo de silêncio para reflexão do Evangelho do dia.

\* Preparação da Eucaristia (pode distribuir-se a preparação dos diversos momentos por pequenos grupos)

\* Eucaristia.

Sugere-se que, durante a celebração, se faça a renovação das promessas baptismais e, antes da oração eucarística, no início da celebração ou na homilia, se coloque em evidência a Eucaristia como a grande oração de acção de graças da Igreja. Aconselha-se igualmente a dar um especial relevo ao Pai nosso, meditado no dia anterior. Como gesto de envio, poderão ser colocadas algumas frases ou um símbolo (Ex: uma cruz, um pequeno ícone com o rosto de Cristo, um livro...) junto dos símbolos deixados pelos jovens no início do retiro, que deverão ser levados por cada jovem no final da celebração.

# 3º Bloco - O mistério de uma presença

---

## INTRODUÇÃO

Neste terceiro trimestre somos convidados a aprofundar a nossa condição de discípulos de Jesus. Não somente de simpatizantes da pessoa Jesus ou da sua doutrina, mas antes de discípulos com relação viva e pessoal com Ele. Por isso, ao longo desta etapa somos mergulhados nas fontes do discipulado e da sua sustentação.

A primeira fase, que arranca precisamente do tempo pascal que estamos a viver, leva-nos ao acontecimento que virou a página da história humana: Jesus ressuscitou. A ressurreição de Jesus abre-nos, não só a novidade da vitória sobre a morte e de uma nova qualidade de vida, mas também a revelação definitiva de Jesus e do seu Reino. O discípulo “arranca” a sua fé do conhecimento desta realidade. Todavia, ser discípulo implica uma tal relação com a pessoa de Jesus que o próprio discípulo se redefina pessoalmente a partir d’Ele. Ora essa é a importância do baptismo: o discípulo é mergulhado na ressurreição de Jesus e transformado no Cristo ressuscitado. Ser baptizado significa que foi chamado a entrar no dinamismo novo da ressurreição de Cristo e se tornou participante da própria vida de Cristo ressuscitado. Acolhe-se o seu Espírito e este gera no discípulo essa novidade que é ser capaz da relação filial com o Pai e ser capaz de um amor que vence o egoísmo e a solidão até à entrega da vida. Por isso, viver como discípulo, é uma constante actualização do baptismo, ou seja, é a abertura à acção profunda do Espírito e a afirmação permanente nas lutas do mundo de uma nova forma de ser: vencer todas as mortes e semear um novo amor e uma nova justiça que brota de Jesus ressuscitado e do seu Evangelho. Mas, no caminho longo do discípulo, é necessário alimento, que o faça “regressar” à Páscoa de Jesus e que o faça renovar a força dessa Páscoa. É o que nos leva, neste trimestre, a aprofundar o sentido da missa no itinerário do discípulo. Ela é o acontecimento da Páscoa de Jesus tornado presente, vivo e actuante para quem o celebra hoje. Ela não é mera memória ou registo, ou teatro dos acontecimentos: é o próprio acontecimento da morte e ressurreição de Jesus a alcançar-nos e a alimentar-nos. Para o discípulo, celebrar a missa é regressar à fonte da sua vida e reactivar a força de vida nova que a Páscoa de Jesus nos oferece. A missa é renovação da vida a partir da sua origem e é uma oferta de comunhão intensa e real com a própria pessoa de Jesus: celebrar plenamente este sacramento permite acolher a renovada união que Jesus estabelece connosco e afirmar a nossa vontade permanente de sermos d’Ele. Desta união resulta uma transferência de amor, de graça e de vida, que inunda o discípulo e o torna capaz de crescer à estatura de Cristo, unindo-o ao seu Corpo (a Igreja) e alicerçando-o na missão. A união a Jesus e à sua Páscoa, na eucaristia, são reais e eficazes, pelo que o discípulo não vive de uma história contada, mas de um acontecimento e de uma pessoa que está viva e actuante.

A última etapa conduz-nos a um aprofundamento da relação com o Espírito Santo e da sua acção na vida do discípulo. Ser discípulo de Jesus implica viver pelo seu Espírito, ou seja, estar internamente mobilizado pelo Espírito Santo, pelo Espírito de Jesus, que O levou à missão e à entrega da vida. O Espírito é o “segredo” de Jesus: o Espírito é o vínculo de amor que O une ao Pai e que O anima e impulsiona a realizar a vontade do Pai. Por isso, o discípulo, que recebeu o Espírito Santo, recebeu essa força de amor que o faz filho (e introduz na relação íntima com o Pai) e o impulsiona para continuar a missão de Jesus na Igreja. É pela acção do Espírito que a Igreja mantém a sua fidelidade vital a Jesus e à Páscoa: o discípulo, pelo Espírito, torna-se construtor da Igreja e dinamizador da sua acção no meio do mundo. É o Espírito Santo que faz brotar a lucidez, a ousadia, a força para lançar as sementes do Reino no meio do mundo e chamar à alegria e à paz todos os homens.

## OBJECTIVOS

- Compreender a ressurreição de Jesus como elemento central da fé cristã
- Reconhecer os sinais actuais da presença do Ressuscitado;
- Viver o Baptismo num espírito filial e de missão;
- Perceber a Eucaristia como celebração do mistério pascal e elemento estruturante da Igreja e da sua missão;
- Comprometer-se com o dinamismo novo suscitado pelo Espírito.

## TEMAS

I – O Homem novo

II – A Fracção do Pão

III – O Dom do Espírito

IV – Celebração “Reconheceram-n’O ao partir do pão” (cf. Lc. 24, 30-31)

## LEGENDA



Material



Dinâmica



Referências YouCat



Oração



Compromisso



Textos de apoio

### 3º BLOCO

# I – O homem novo

## LINHAS GERAIS

*Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou. (Lc 24,5-6)*

A ressurreição de Cristo é o momento central e decisivo da fé cristã: Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação não tem sentido e também não tem sentido a vossa fé (1Cor 15,14). Mas Cristo ressuscitou! Esta é a verdade inabalável na qual se alicerça toda a nossa fé, a fé da Igreja que ao longo da história não se cansa de anunciar em palavra e gestos a presença de Deus Vivo. Se Cristo estivesse morto, tudo seria vão. A fé seria uma mera ideologia, a simples memória dum homem bom e justo. A vida, um mero intervalo de tempo entre o nascimento e a morte. A morte teria a última e derradeira palavra. Mas na cruz, a morte foi vencida, as portas da eternidade foram abertas a toda a humanidade e a vida, que brota do amor feito de entrega, sai vitoriosa para sempre. Cristo libertou-nos de todas as formas de prisão e opressão. A ressurreição do Senhor é a liberdade e a salvação dos Homens. Na manhã de domingo de Páscoa um sepulcro vazio indicava que algo de radicalmente novo tinha sucedido. Depois desse momento tudo foi diferente. Ele estava vivo! E, nesse instante, a humanidade percebeu que nada, nem mesmo a morte nos pode separar do amor de Cristo. Cristo vive para sempre e o seu reinado é para toda a eternidade.

A ressurreição de Jesus Cristo é o cumprimento de todas as promessas do Antigo testamento e o culminar de toda a vida a sua vida. É a confirmação da Divindade de Jesus, a certeza de que o Verbo encarnou verdadeiramente para iniciar um tempo novo e uma nova humanidade. Ao vencer o pecado e a morte, com a sua entrega amorosa na cruz, Jesus Cristo inaugura uma vida nova na qual todos somos convidados a participar pelo nosso baptismo. Pelo baptismo tornamo-nos filhos de Deus, revestimo-nos de Cristo, participamos da sua morte e ressurreição, tornámo-nos novas criaturas, chamados a viver na santidade a caminho da eternidade.

## O QUE SE PRETENDE

- Compreender a Ressurreição como o momento crucial da vida de Cristo;
- Tomar consciência da importância da Ressurreição, como anúncio do Reino de Deus;
- Compreender a centralidade do baptismo na vida cristã;
- Assumir o carácter baptismal da nossa caminhada de fé;
- Comprometer-se, no quotidiano, a viver como “novas criaturas”.

O tema vai desenvolver-se em dois encontros.

O primeiro debruçar-se-á sobre a Ressurreição de Cristo e os relatos das testemunhas e no segundo encontro apresentar-se-á o baptismo, fruto e sinal da presença vivificadora do Espírito, como um “nacer” de novo, um anúncio do Reino que Cristo veio instaurar.



# 1º Encontro



## Bíblias

Quadro ou papel A3 para desenhar e marcadores

Textos para a oração



1. O animador cria 2 ou 3 equipa, consoante o número e elementos do grupo. A cada equipa são entregues 2 ou 3 passagens bíblicas:

- Lc 24, 36-43 – os Apóstolos
- Lc 24, 13-35 - os companheiros de Emaús
- Jo 20, 24-29 – Tomé
- Jo 21, 1-13 – a pesca milagrosa
- Jo 21, 15-19 – Pedro
- Act 9, 1-9 – Saulo

2. Uma parte da equipa descreve em mímica ou desenha (é proibido falar!) a passagem para os restantes elementos, até estes adivinharem. Passado o tempo limite escolhido para cada prova, e se a passagem não for desvendada, o animador pergunta à outra equipa presente se sabe a resposta. Se não, é revelada a passagem e lida.

O processo repete-se até todas as passagens serem lidas.

3. No final do jogo, o animado faz uma síntese, realçando:

- A importância da Ressurreição de Cristo que nos introduz na realidade do Reino de Deus, que cada um de nós, pela união a Cristo, deve construir neste mundo.
- A descoberta do Ressuscitado e da Boa Nova que Ele anunciou como um caminho a seguir, em que se reconhecem os “passos” / sinais da sua presença
- A Ressurreição como anúncio da vida nova e da nova criação que se gera na alegria e na fidelidade.
- A Ressurreição como prova suprema do amor de Deus que “exige” dos homens a fé, a conversão e o testemunho do amor.



104 | 105 | 106 | 108



## Cântico

Somos testemunhas da ressurreição

Silêncio

Momento inicial de silêncio em que cada um recorda uma das passagens que escutou no início do encontro e reflecte como pode transpor essa Palavra para a sua vida.

Leitura (por um dos jovens)

Eu vi o Senhor

Maria estava junto ao túmulo, da parte de fora, a chorar. (...) Voltou-se para trás e viu Jesus, de pé, mas não se dava conta que era Ele. E Jesus disse-lhe: «Mulher, porque choras? Quem procuras?» Ela, pensando que era o encarregado do horto, disse-lhe: «Senhor, se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste, que eu vou buscá-lo.» Disse-lhe Jesus: «Maria!» Ela, aproximando-se, exclamou em hebraico: «Rabbuni!» - que quer dizer: «Mestre!» Jesus disse-lhe: «Não me detenhas, pois ainda não subi para o Pai; mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: 'Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus.'» Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: «Vi o Senhor!» E contou o que Ele lhe tinha dito.

Silêncio

[Todos]

Tu, Ressuscitado,  
desceste  
até à morte  
e até todos  
os que a morte enterrou.

Desce também até mim  
até tudo o que em mim estiver morto,  
e a tudo  
o que espera pela Tua vida  
e pela Tua luz.

Tu ressuscitaste verdadeiramente  
do túmulo  
e trazes os mortos para a vida,  
a escuridão para a luz  
e os pecadores para a reconciliação  
do Pai.

Ressuscita-me também a mim,  
dos meus túmulos,  
e traz o que em mim está morto para a vida,  
as minhas imperfeições para o olhar de amor  
e a minha culpa  
para os braços abertos do Pai.  
Amen.  
(Georg Lengerke, Youcat Orações)

Pai Nosso

Cântico  
Somos testemunhas da ressurreição

**NOTA:** pedir para que todos tragam para o próximo encontro uma foto do seu baptismo.



O Tríduo inicia com a comemoração da Última Ceia. Jesus, na vigília da sua paixão, ofereceu ao Pai o seu corpo e o seu sangue sob as espécies do pão e do vinho e, oferecendo-os como alimento aos Apóstolos, ordenou-lhes que perpetuassem a oferenda em sua memória. O Evangelho desta celebração, recordando o lava-pés, expressa o mesmo significado da Eucaristia sob outra perspectiva. Jesus — como um servo — lava os pés de Simão Pedro e dos outros onze discípulos (cf. Jo 13, 4-5). Com este gesto profético, Ele exprime o sentido da sua vida e da sua paixão, como serviço a Deus e aos irmãos: «De facto, o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir» (Mc 10, 45).

Isto aconteceu também com o nosso Baptismo, quando a graça de Deus nos lavou do pecado e nos revestimos de Cristo (cf. Cl 3, 10). Isto acontece todas as vezes que repetimos o memorial do Senhor na Eucaristia: fazemos comunhão com Cristo Servo para obedecer ao seu mandamento, o de nos amarmos uns aos outros como Ele nos amou (cf. Jo 13, 34; 15, 12). Se recebermos a sagrada Comunhão sem estar sinceramente dispostos a lavar-nos os pés uns aos outros, não reconhecemos o Corpo do Senhor. É o serviço de Jesus que se doa a si mesmo, totalmente.

E, depois de amanhã, na liturgia da Sexta-Feira Santa meditamos sobre o mistério da morte de Cristo e adoramos a Cruz. Nos últimos momentos de vida, antes de entregar o espírito ao Pai, Jesus disse: «Tudo está consumado» (Jo 19, 30). Que significa esta palavra? Jesus que diz: «Tudo está consumado»? Significa que a obra de salvação está completada, que todas as Escrituras encontram o seu pleno cumprimento no amor de Cristo, Cordeiro imolado.

No decorrer dos séculos há homens e mulheres que com o testemunho da sua existência reflectem um raio deste amor perfeito, pleno, incontaminado. Aprecia-me recordar uma testemunha heróica dos nossos dias, padre Andrea Santoro, sacerdote da diocese de Roma e missionário na Turquia. Alguns dias antes de ser assassinado em Trebisonda, escrevia: «Estou aqui para habitar no meio deste povo e permitir que Jesus o faça emprestando-lhe a minha carne... Só nos tornamos capazes de salvação oferecendo a própria carne. O mal do mundo deve ser carregado e o sofrimento partilhado, absorvendo-o na própria carne até ao fim, como fez Jesus» (A. Polselli, Padre Andrea Santoro, *Le eredità [As heranças]*, Città Nuova, Roma 2008, p. 31). Este exemplo de um homem do nosso tempo, e de muitos outros, nos amparem na oferenda da nossa vida como dom de amor aos irmãos, à imitação de Jesus. E também hoje há tantos homens e mulheres, verdadeiros mártires que oferecem a sua vida com Jesus para professar a fé, unicamente por este motivo. Trata-se de um serviço do testemunho cristão até ao sangue, serviço que Cristo nos prestou: redimiu-nos até ao fim. E é este o significado daquela palavra «Está completado». Que bonito que será que nós, no fim da nossa vida, com os nossos erros, pecados, e também com as nossas boas acções, com o nosso amor ao próximo, possamos dizer ao Pai como Jesus: «Está completado»; não com a perfeição com que Ele o disse, mas dizer: «Senhor, fiz tudo o que podia. Está completado». Adorando a Cruz, olhando para Jesus, pensemos no amor, no serviço, na nossa vida, nos mártires cristãos, e também nos fará bem pensar no fim da nossa vida. Nenhum de nós sabe quando será, mas podemos pedir a graça de poder dizer: «Pai, fiz o que pude. Está completado».

O Sábado Santo é o dia no qual a Igreja contempla o «repouso» de Cristo no túmulo depois do combate vitorioso da cruz. No Sábado Santo a Igreja, identifica-se mais uma vez com Maria: toda a sua fé está reunida nela, a primeira e perfeita discípula, a primeira e perfeita crente. Na obscuridade que envolve a criação, ela permanece sozinha a manter acesa a chama da fé, esperando contra qualquer esperança (cf. Rm 4, 18) na Ressurreição de Jesus.

E na grande Vigília Pascal, na qual ressoa de novo o Aleluia, celebramos Cristo Ressuscitado centro e fim da criação e da história; vigiamos cheios de esperança na expectativa da sua nova vinda, quando a Páscoa terá a sua plena manifestação.

Às vezes a escuridão da noite parece penetrar na alma; outras vezes pensamos: «agora já não há nada a fazer», e o coração não encontra mais a força para amar... Mas precisamente naquela

escuridão Cristo acende o fogo do amor de Deus: um clarão rasga a obscuridade e anuncia um novo início, algo começa na escuridão mais profunda. Nós sabemos que a noite é «noite funda», é mais escura pouco antes que comece o dia. Mas precisamente naquela escuridão é Cristo que vence e que acende o fogo do amor. A pedra do sofrimento está afastada cedendo o lugar à esperança. Eis o grande mistério da Páscoa! Nesta santa noite a Igreja entrega-nos a luz do Ressuscitado, para que em nós não haja mais a lamentação de quem diz «agora já não...», mas a esperança de quem se abre a um presente cheio de futuro: Cristo venceu a morte, e nós com Ele. A nossa vida não termina diante da pedra de um sepulcro, a nossa vida vai além com a esperança em Cristo que ressuscitou precisamente daquele sepulcro. Como cristãos somos chamados a ser sentinelas da manhã, que sabem distinguir os sinais do Ressuscitado, como fizeram as mulheres e os discípulos que acorreram ao sepulcro na alvorada do primeiro dia da semana.

*(Papa Francisco, Audiência geral, 1 de Abril 2015)*

### **A ressurreição de Jesus: de que se trata?**

“Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé. E resulta até que acabamos por ser falsas testemunhas de Deus, porque daríamos testemunhos contra Deus afirmando que Ele ressuscitou a Cristo.” (1 Cor 15,14-15). Com estas palavras, São Paulo põe drasticamente em relevo a importância que a fé na ressurreição de Jesus Cristo tem para a mensagem cristã no seu conjunto: ela é o seu fundamento. A fé cristã fica de pé ou cai com a verdade do testemunho segundo o qual Cristo ressuscitou dos mortos. (...)

Somente se Jesus ressuscitou é que aconteceu algo de verdadeiramente novo, que muda o mundo e a situação do homem. Então Ele, Jesus, torna-se o critério em que nos podemos fiar; porque, então, Deus manifestou-se verdadeiramente.

(...) A ressurreição é o ponto decisivo. Que Jesus tenha existido só no passado ou, pelo contrário, exista também no presente depende da ressurreição. No «sim» ou no «não» a esta questão, pronunciamo-nos não sobre um acontecimento particular ao lado de outros, mas sobre a figura de Jesus enquanto tal.

Por isso é necessário ouvir, com atenção particular, o testemunho sobre a ressurreição que nos oferece o Novo Testamento. Entretanto, devemos começar por constatar que tal testemunho, considerado do ponto de vista histórico, se nos apresenta sobre uma forma particularmente complexa, que levanta muitas questões.

O que é que aconteceu? Vê-se claramente, nas testemunhas que encontraram o Ressuscitado, que não era fácil exprimi-lo. Viram-se diante de um fenómeno totalmente novo para elas, porque ultrapassava o horizonte das suas experiências. E se a realidade do sucedido as deixou, por um lado, fortemente agitadas e as impeliu a testemunhá-la, por outro, contudo, tratava-se de uma realidade totalmente inusitada. São Marcos narra-nos que os discípulos, ao descerem do monte da Transfiguração, reflectiram preocupados sobre a palavra de Jesus segundo a qual o Filho do Homem haveria de «ressuscitar dos mortos». E perguntavam entre si o que quereria dizer «ressuscitar dos mortos». Em que consiste de facto isso? Os discípulos não o sabiam; só o encontro com a realidade lhes permitia aprendê-lo.

(...)

Os testemunhos neotestamentários não deixam qualquer dúvida sobre o facto de, na ressurreição do Filho do Homem, ter sucedido algo totalmente diverso. A ressurreição de Jesus foi a evasão para um género de vida totalmente novo, para uma vida já não sujeita à lei do morrer e do transformar-se, mas situada para além disso – uma vida que inaugurou uma nova dimensão de ser homem. Por isso, a ressurreição de Jesus não é um acontecimento singular que possamos menosprezar e que pertença apenas ao passado, mas sim uma espécie de «mutação» decisiva

(expressão equivocada, mas usada aqui analogicamente), um salto de qualidade. Na ressurreição de Jesus, foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro, um novo género de futuro para os homens.

Portanto, com razão ligou Paulo inseparavelmente entre si a ressurreição dos cristãos e a ressurreição de Jesus «[...]se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou [...] Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, como primícias dos que morreram» (1 Cor 15, 16.20). A ressurreição de Cristo ou é um acontecimento universal, ou não existe, diz-nos São Paulo. E somente se a entendermos como acontecimento universal, como inauguração de uma nova dimensão da existência humana, é que estaremos no caminho de uma interpretação justa do testemunho sobre a ressurreição presente no Novo Testamento.

Por isso se compreende a peculiaridade de tal testemunho neotestamentário. Jesus não voltou a uma vida humana normal nesse mundo, como sucedera com Lázaro e os outros mortos ressuscitados por Ele. Ele saiu para uma vida diversa, nova: saiu para a vastidão de Deus e é a partir dela que se manifesta aos seus.

Mesmo para os discípulos, tratava-se de uma realidade totalmente inesperada, frente à qual precisaram de tempo para se orientar. É verdade que a fé judaica conhecia a ressurreição dos mortos no fim dos tempos. A vida nova estava associada ao início de um mundo novo e, nesta perspectiva, até se compreendia bem: se há um mundo novo, existe também nele, naturalmente, um modo de vida novo. Mas uma ressurreição para uma condição definitiva e diferente no meio do mundo velho que continua a existir, isso não estava previsto e, portanto, inicialmente, não era sequer compreensível. Por isso, num primeiro tempo, a promessa da ressurreição continuou a ser inatingível para os discípulos. (...)

A ressurreição foi para os discípulos, tão real como a cruz; pressupõe que eles tenham sido simplesmente conquistados pela realidade, que depois de toda a hesitação e a maravilha inicial, já não tenham podido opor-se à realidade: é verdadeiramente Ele. Ele vive e falou-nos, concedeu-nos tocá-l'O, embora já não pertença ao mundo das coisas que normalmente se podem tocar.

*(Papa Bento XVI, Jesus de Nazaré)*

## 2º Encontro



Fotos do baptismo  
Folhas com os textos do Papa Francisco e oração  
Bíblia



1. Pôr em comum as fotos do baptismo de cada um.
2. Questionar: quem se lembra da data do seu baptismo?
3. Ler o texto do Papa Francisco:

“Muitos de nós não recordam minimamente a celebração deste Sacramento, e é óbvio, se fomos baptizados pouco depois do nascimento. Fiz esta pergunta duas ou três vezes, aqui, na praça:

quem de vós conhece a data do próprio Baptismo, levante a mão. É importante conhecer o dia no qual eu fui imergido precisamente naquela corrente de salvação de Jesus. E permito-me dar um conselho. Mas, mais do que um conselho, trata-se de uma tarefa para hoje. Hoje, em casa, procurai, perguntai a data do Baptismo e assim sabereis bem o dia tão bonito do Baptismo. Conhecer a data do nosso Baptismo significa conhecer uma data feliz. Mas o risco de não o conhecer significa perder a memória daquilo que o Senhor fez em nós, a memória do dom que recebemos. Então acabamos por considerá-lo só como um evento que aconteceu no passado — e nem devido à nossa vontade, mas à dos nossos pais — por conseguinte, já não tem incidência alguma sobre o presente. Devemos despertar a memória do nosso Baptismo.”

*(Papa Francisco, Audiência geral, 8 de Janeiro de 2014)*

4. Alguns, ou mesmo todos, já assistiram à celebração do sacramento do Baptismo. Partilhar, em grupo, de que símbolos / momentos se recordam.

5. Ler Jo 3, 1-8

Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, um chefe dos judeus. Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe: «Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» Em resposta, Jesus declarou-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer do Alto não pode ver o Reino de Deus.» Perguntou-lhe Nicodemos: «Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?»

Jesus respondeu-lhe: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. Aquilo que nasce da carne é carne, e aquilo que nasce do Espírito é espírito. Não te admires por Eu te ter dito: ‘Vós tendes de nascer do Alto.’ O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito.»

6. Reflectir e responder, em plenário:

- 1) O que é que este texto tem a ver com o Baptismo?
- 2) O que é que este texto tem a ver com a ressurreição de Jesus?
- 3) O que é que este texto tem a ver com a vida nova dos baptizados?

(Pistas para o animador conduzir esta partilha: Jesus revela a Nicodemos que para a vida segundo o Espírito que Ele traz é necessário nascer de novo.

Este “nascer de novo” significa morrer para o passado e abraçar uma nova vida.

Jesus, nesta conversa, antecipa o acontecimento da sua morte e ressurreição. Estas são a porta para uma vida nova e para a estrada do Reino de Deus.

Esta vida nova começa em nós precisamente pelo Baptismo em que, com Cristo, morremos para o pecado.

A vida cristã é, por isso, uma caminhada baptismal, guiada pela atitude de conversão, de confiança e identificação com Cristo. E é isto que, no dia-a-dia, faz acontecer o Reino de Deus)

7. Ler o texto do Papa Francisco:

“Pode surgir em nós uma pergunta: mas o Baptismo é realmente necessário para viver como cristãos e seguir Jesus? Não é no fundo um simples rito, um acto formal da Igreja para dar o

nome ao menino ou à menina? É uma pergunta que pode surgir. E a este propósito, é esclarecedor quanto escreve o apóstolo Paulo: «Ignorais, porventura, que todos nós, que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na Sua morte? Pelo baptismo sepultámo-nos juntamente com Ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova» (Rm 6, 3-4). Por conseguinte, não é uma formalidade! É um acto que diz profundamente respeito à nossa existência. Uma criança baptizada ou uma criança não baptizada não é a mesma coisa. Uma pessoa baptizada ou uma pessoa não baptizada não é a mesma coisa. Nós, com o Baptismo, somos imergidos naquela fonte inesgotável de vida que é a morte de Jesus, o maior acto de amor de toda a história; e graças a este amor podemos viver uma vida nova, já não à mercê do mal, do pecado e da morte, mas na comunhão com Deus e com os irmãos.”

*(Papa Francisco, Audiência geral, 8 de Janeiro de 2014)*



### **Cântico**

Vós que fostes baptizados em Cristo

Leitura Mt 3, 13-17 (lida por vários jovens e intercalada com o cântico)

[Leitor]

Somos chamados a viver o nosso Baptismo todos os dias, como realidade actual na nossa existência. Se seguimos Jesus e permanecemos na Igreja, mesmo com os nossos limites, com as nossas fragilidades e os nossos pecados, é precisamente graças ao Sacramento no qual nos tornámos novas criaturas e fomos revestidos de Cristo.

Cântico

O reino de Deus (Taizé)

[Leitor]

É em virtude do Baptismo que, libertados do pecado original, somos inseridos na relação de Jesus com Deus Pai; que somos portadores de uma esperança nova, porque o Baptismo nos dá esta nova esperança: a esperança de percorrer o caminho da salvação, a vida inteira. É esta esperança que nada e ninguém pode desiludir, porque a esperança não decepciona.

Cântico

O reino de Deus (Taizé)

[Leitor]

Recordai-vos: a esperança no Senhor nunca desilude. É graças ao Baptismo que somos capazes de perdoar e amar também quem nos ofende e nos faz mal; que conseguimos reconhecer nos últimos e nos pobres o rosto do Senhor que nos visita e se faz próximo.

Cântico

O reino de Deus (Taizé)

[Leitor]

O Baptismo ajuda-nos a reconhecer no rosto dos necessitados, dos sofredores, também do nosso

próximo, a face de Jesus. Tudo isto é possível graças à força do Baptismo!

Cântico

O reino de Deus (Taizé)



Compromisso individual: como batizados, durante a próxima semana, com que palavras e gestos podemos levar aos outros o Reino de Deus?



### **Ser batizado é mergulhar no amor e renascer do céu**

Naquele tempo, João começou a pregar, dizendo: «Vai chegar depois de mim quem é mais forte do que eu, diante do qual eu não sou digno de me inclinar para desatar as correias das suas sandálias. Eu batizo na água, mas Ele baptizar-vos-á no Espírito Santo». Sucedeu que, naqueles dias, Jesus veio de Nazaré da Galileia e foi batizado por João no rio Jordão. Ao subir da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito, como uma pomba, descer sobre Ele. E dos céus ouviu-se uma voz: «Tu és o meu Filho muito amado, em ti pus toda a minha complacência». (Evangelho do Domingo do Baptismo do Senhor, Marcos 1, 7-11)

Uma narrativa que, como tantas cenas de salvação da Bíblia, como a própria origem do mundo, é escrita com imagens de água. O rito do Baptismo tem impresso este selo primordial do nascimento e renascimento: a imersão na água inicia no ser humano um novo nascimento.

Como no Jordão, quando uma voz do céu diz «Tu és o meu Filho muito amado». Também no nosso Baptismo Deus sussurrou: tu és o meu filho, aquele que Eu amo. Palavras pelas quais eu recebi o meu nome, “Filho”; palavras nas quais está o meu nascimento de uma nascente de céu. «Em ti pus toda a minha complacência.» Um termo fora do comum, mas em cuja raiz vibra um sentimento bem conhecido: alegria, satisfação, comprazimento; e que contém uma declaração do compromisso de Deus sobre nós: antes que faças alguma coisa, assim como és, tu és do meu agrado e dás-me alegria.

Antes que eu responda, antes que eu seja bom, sem outro motivo a não ser a sua gratuidade, Deus repete-te: fazes-me feliz. Deus diz «sim» a mim, antes que eu diga «sim» a Ele: é esta «a graça de Deus».

Jesus foi batizado e, saindo da água, viu rasgarem-se os céus e o Espírito descer para Ele como uma pomba. Os céus rasgam-se como se já não pudessem abarcar um amor que não se pode conter, abrem-se como os braços da amada para o seu amado.

Deste céu aberto vem, como pomba, a vida de Deus. Pousa sobre ti, envolve-te, entra em ti e, pouco a pouco, modela-te, transforma os teus pensamentos, afectos, esperanças, segundo a lei doce, exigente, serena do verdadeiro amor.

O termo grego “baptismo” significa imersão; quem é batizado é imergido em Deus. Mas o que aconteceu um dia, naquele rito longínquo, continua a acontecer em cada nosso dia.

Neste momento, em cada um dos nossos momentos, estamos imersos em Deus como dentro do nosso ambiente vital, dentro de uma nascente que continua a jorrar, ventre que alimenta, aquece e protege. E faz nascer.

É um Baptismo que recebo agora, um Baptismo existencial, quotidiano, no qual continuo a nascer, a ser gerado por Deus: «Todo aquele que ama nasceu de Deus e chega ao conhecimento de Deus» (1 João 4, 7). Amar faz nascer, volta a impelir o motor da vida.

Ser batizado é estar imerso no amor, nascer novo e diferente, nascer com a respiração do céu.

*(P. Ermes Ronchi, “Avvenire”, site do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura, publicado em 10 de Janeiro de 2015)*



O Evangelho de São João narra a conversa nocturna de Cristo com Nicodemos. Tendo ido ao encontro de Cristo, este membro do Sinédrio exprime a sua fé: «Rabbi, sabemos que vieste, como Mestre, da parte de Deus, pois ninguém pode fazer milagres que Tu fazes, se Deus não estiver com ele» (Jo 3, 2). Jesus responde- lhe: «Em verdade, em verdade te digo: Quem não nascer de novo, não pode ver o Reino de Deus» (Jo 3, 3). Nicodemos pergunta- Lhe: «Como pode nascer um homem sendo velho? Poderá entrar pela segunda vez no seio de sua mãe e voltar a nascer?» (Jo 3, 4). Jesus responde: «Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus. O que nasceu da carne é carne, e o que nasceu do Espírito é espírito» (Jo 3, 5-6).

Jesus faz com que Nicodemos passe das realidades visíveis às invisíveis. Cada um de nós nasceu de um homem e de uma mulher, dum pai e duma mãe; este nascimento é o ponto de partida de toda a nossa existência. Nicodemos pensa nesta realidade natural. Ao contrário, Cristo veio ao mundo para revelar outro nascimento, o nascimento espiritual. Quando professamos a nossa fé, dizemos quem é Cristo: «Creio num só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigénito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: gerado, não criado, consubstancial ao Pai, consubstantialis Patri. Por Ele todas as coisas foram feitas, per quem omnia facta sunt. E por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e Se fez homem, descendit de caelis et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria virgine e homo factus est». Sim, jovens, meus amigos, o Filho de Deus também Se fez homem por vós, por cada um de vós!

«Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus» (Jo 3, 5). Deste modo, para entrar no Reino, o homem deve nascer de novo, não segundo as leis da carne, mas segundo o Espírito. O baptismo é precisamente o sacramento deste nascimento. O Apóstolo Paulo explica-o em profundidade, na passagem da Carta aos Romanos que acabámos de escutar: «Ignorais, porventura, que todos nós, que fomos baptizados em Jesus Cristo, fomos baptizados na Sua morte? Pelo baptismo sepultámo-nos juntamente com Ele, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, mediante a glória do Pai, assim caminhemos nós também numa vida nova» (Rm 6, 3-O Apóstolo oferece-nos aqui o sentido do novo nascimento; mostra porque o sacramento do baptismo se realiza pela imersão na água. Não se trata duma imersão simbólica na vida de Deus. O baptismo é o sinal concreto e eficaz da imersão na morte e na ressurreição de Cristo. Compreendemos, então, porque a tradição ligou o baptismo à Vigília pascal. É neste dia, e sobretudo nesta noite, que a Igreja revive a morte de Cristo, que a Igreja inteira é tomada no cataclismo desta morte, da qual surgirá uma vida nova. A vigília, no sentido próprio da palavra, é então a expectativa: a Igreja espera a ressurreição, espera a vida que será a vitória sobre a morte e levará o homem a esta vida.

A toda a pessoa que recebe o baptismo é dado participar na ressurreição de Cristo. São Paulo retorna muitas vezes a este tema que resume o essencial do verdadeiro sentido do baptismo. Ele escreve: «Uma vez que nos tornámos com Ele num mesmo ser por uma morte semelhante à Sua, também o seremos por uma ressurreição semelhante» (Rm 6, 5). E também: «Sabemos todos que o velho homem foi crucificado com Ele, para que o corpo do pecado fosse destruído, a fim de já não sermos escravos do pecado. Na verdade, aquele que morreu está absolvido do pecado. Se morrermos em Cristo, com Ele também havemos de viver, pois sabemos que Cristo, ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre Ele. Porque, quanto a Ele, morreu pelo pecado, morreu uma só vez; mas a Sua vida é uma vida para Deus. Do mesmo modo, vós também considerai- vos mortos para o pecado e vivos para Deus, em Jesus Cristo» (Rm 6, 6-11). Com Paulo, queridos jovens, vós dizeis ao mundo: a nossa esperança é firme; por Cristo, vivemos para Deus.

Ao evocar nesta noite a Vigília pascal, abordamos os problemas essenciais: a vida e a morte, a mortalidade e a imortalidade. Na história da humanidade, Jesus Cristo inverteu o sentido da existência humana. Se a experiência quotidiana nos mostra esta existência como uma passagem para a morte, o mistério pascal abre-nos a perspectiva duma vida nova, para além da morte. Eis por que a Igreja, que professa no seu Credo a morte e a ressurreição de Jesus, tem todas as razões para pronunciar também estas palavras: «Creio na ressurreição da carne e na vida eterna».

Caros jovens, sabeis o que o sacramento do Baptismo faz de vós? Deus vos reconhece como Seus filhos e transforma a vossa existência numa história de amor com Ele. Torna-vos conformes a Cristo, para que possais realizar a vossa vocação pessoal. Veio fazer aliança convosco e ofereceu-vos a Sua paz. Viveis já como filhos da luz, que sabem ter sido reconciliados mediante a Cruz do Salvador!

«Mistério e esperança do mundo futuro» (S. Cirilo de Jerusalém, Catequese mistagógica, 10, 12), o baptismo é o mais belo dom de Deus, que nos convida a tornar-nos discípulos do Senhor. Introduce-nos na intimidade de Deus, na vida trinitária, desde hoje até à eternidade. É uma graça dada ao pecador, que nos purifica do pecado e nos abre um futuro novo. É um lavacro que expurga e regenera. É uma unção, que nos configura com Cristo, Sacerdote, Profeta e Rei. É uma luz, que ilumina o nosso caminho e lhe dá o seu pleno sentido. É uma veste de força e de perfeição. Revestidos de branco no dia do nosso baptismo, como o estaremos no último dia, somos chamados a conservar cada dia o seu esplendor e a reencontrá-lo graças ao perdão, à oração e à vida cristã. O Baptismo é o sinal de que Deus nos alcançou no nosso caminho, de que tornou bela a nossa existência e transforma a nossa história numa história santa.

Vós fostes chamados, escolhidos por Cristo para viver na liberdade dos filhos de Deus, fostes também confirmados na vossa vocação baptismal e habitados pelo Espírito Santo, para anunciar o Evangelho com toda a vossa vida. Ao receberdes o santo crisma, empenhais-vos com todas as vossas forças por fazer crescer pacientemente o dom recebido, pela recepção dos sacramentos, em particular da Eucaristia e da Penitência que mantêm em nós a vida baptismal. Como baptizados, dais testemunho de Cristo mediante o cuidado duma vida recta e fiel ao Senhor, o que convém manter pela luta espiritual e moral. A fé e o agir moral estão ligados. Com efeito, o dom recebido levamos a uma conversão permanente, para imitar Cristo e corresponder à promessa divina. A palavra de Deus transforma a existência daqueles que a acolhem, pois é a regra da fé e da acção. Na sua existência, para respeitar os valores essenciais, os cristãos fazem também a experiência do sofrimento que pode ser exigido por opções morais opostas aos comportamentos do mundo e, portanto, às vezes heróicas. Mas a vida bem-aventurada com o Senhor comporta este preço. Caros jovens, o vosso testemunho tem este preço. Conto com a vossa coragem e a vossa fidelidade.

É no meio dos vossos irmãos que deveis viver como cristãos. Pelo baptismo, Deus dá-nos uma mãe, a Igreja, com a qual crescemos espiritualmente, para caminhar na via da santidade. Este sacramento integra-vos num povo, torna-vos participantes na vida eclesial e dá-vos irmãos e irmãs a amar, para «sermos um em Cristo» (Gl 3, 28). Na Igreja, não há fronteiras; somos um só povo solidário, composto de múltiplos grupos segundo as culturas, as sensibilidades e os modos de agir diversos, em comunhão com os Bispos, pastores do rebanho. Esta unidade é um sinal de riqueza e de vitalidade. Na diversidade, seja o vosso primeiro cuidado a unidade e a coesão fraterna, que permitem o desenvolvimento pessoal de maneira serena e o crescimento de todo o corpo.

Contudo, o Baptismo e a Confirmação não afastam do mundo, pois partilhamos as alegrias e as esperanças dos homens de hoje e oferecemos a nossa contribuição à comunidade humana, na vida social e em todos os sectores técnicos e científicos. Graças a Cristo, estamos próximos de todos os

nossos irmãos e somos chamados a manifestar a alegria profunda que se sente em viver com Ele. O Senhor chama-nos a cumprir a nossa missão lá onde estamos, pois «tão importante é a missão a que Deus nos destinou, que não nos é consentido abandoná-la» (cf. Carta a Diogneto, VI, 10). Qualquer coisa que fizermos, a nossa existência é para o Senhor, nisto consiste a nossa esperança e o nosso título de glória. Na Igreja, a presença de jovens, de catecúmenos e de novos batizados é uma grande riqueza e uma fonte de vitalidade para toda a comunidade cristã, chamada a prestar contas da sua fé e a testemunhá-la até aos extremos confins da terra.

*(Papa João Paulo II, Vigília da XII Jornada Mundial da Juventude, Paris, 22 de Agosto de 1997)*

**3º BLOCO****II – A fracção do pão****LINHAS GERAIS**

*Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna (...) permanece em mim e Eu nele. (Jo 6, 56)*

Porque nos amou até ao fim, isto é, para sempre, Jesus Cristo torna-se presença real na vida dos homens no sacramento da Eucaristia. Sempre que celebramos a Eucaristia Jesus Cristo vem ao nosso encontro para renovar e actualizar a Aliança de Deus com os homens, realizada no sacrifício da cruz. A eucaristia não é uma encenação da última ceia. Nela, a pessoa de Cristo torna-se realmente presente através da sua palavra e do seu corpo e sangue.

A Eucaristia é a última ceia, chegada até nós hoje. Domingo após domingo, dia após dia, Cristo renova o seu sacrifício, associando-nos a Ele. Em cada Missa Jesus entrega-nos ao Pai, renova a nossa filiação Divina, e derrama pela Igreja as graças da salvação. Celebrar a eucaristia é celebrar a Páscoa do Senhor, a Sua morte e Ressurreição. É também celebrar a nossa própria Páscoa, passagem da morte à participação na glória de Deus, caminho de libertação para todos os que fazem da vida uma peregrinação que tem como meta o coração do Pai.

Sacramento da unidade, na eucaristia, Cristo associa-nos a Si, ao seu corpo do qual comungamos congregando-nos como irmãos. Somos de Cristo porque comungamos o seu corpo, somos irmãos porque comungamos do mesmo Senhor. Comungar do corpo do Senhor, um gesto que muitas vezes se transforma numa rotina sem sentido, é tornarmo-nos membros de Cristo e irmãos uns dos outros, é tornarmo-nos naquele que comungamos, formando assim um só corpo - a Igreja.

Alimento dos crentes, é o pão vivo descido do céu, que dá força e sentido à vida, que alimenta a nossa fome de amor e nos torna capazes de testemunhar em todos os momentos a quem pertencemos e para onde caminhamos.

**O QUE SE PRETENDE**

- Tomar consciência de que no centro da Eucaristia está a celebração do mistério da morte e Ressurreição de Jesus Cristo;
- Compreender que o sacramento da Eucaristia é a presença máxima de Jesus Cristo através da Palavra e da partilha do seu Corpo e Sangue;
- Tomar consciência que a comunhão é a forma plena de participação na Eucaristia.
- Aprender que na Eucaristia o pão e o vinho se transformam na presença no corpo e sangue de Cristo.
- Compreender que pela Eucaristia, Cristo, através do Espírito Santo, nos transforma no Seu corpo que é a Igreja;
- Experimentar na vida a graça e a caridade que brota da Eucaristia;
- Viver a missão como consequência da Missa.

O tema será desenvolvido ao longo de três encontros, partindo da vivência da Eucaristia (pessoal e das primeiras comunidades cristãs) para um maior aprofundamento da celebração em função da imagem das duas mesas – a da Palavra (2º encontro) e da Eucaristia (3º encontro).

# 1º Encontro



## Bíblia

Cópias do texto “A Eucaristia” (ver Textos de apoio)

Cópias do texto para oração



1. O animador deve dar início ao encontro com um plenário onde lança algumas perguntas e regista as respostas num quadro. Poderá fazer estas perguntas ou outras que ache oportunas:

- O que leva algumas pessoas a abandonar a missa dominical?
- Porque é que algumas pessoas dizem: “a missa não me diz nada”?
- E nós: porque é que vamos à missa dominical?
- O que é que procuramos na missa?
- O que é que há de importante para irmos à missa?
- Qual a importância da missa na minha vida?
- O que é a missa para mim?

2. Dividir em grupos. Cada grupo lê as passagens Act 2, 42-47 e Act 20, 7-11.

Convidar cada grupo a ver como procediam os primeiros cristãos, respondendo às seguintes perguntas:

- Qual a importância dos encontros para os primeiros cristãos?
- Como eram realizados os encontros?
- Com quem é que realizavam os encontros?
- O que é novidade ou já conhecido para nós neste texto?

3. Em plenário, apresentação das conclusões a que chegaram.

4. De seguida são distribuídas as cópias do texto “A Eucaristia” e em grupo é lido o excerto “**O que é a Eucaristia? Qual é o meu lugar nela?**”

5. Síntese do animador de acordo com os tópicos seguintes:

- A Eucaristia é acção de graças e de louvor ao Pai
- A Eucaristia é sacrifício comemorativo de Cristo e do seu Corpo que é a Igreja
- A Eucaristia é presença real e verdadeira de Cristo
- A Eucaristia é refeição e alimento
- A Eucaristia é comunhão e faz-nos um com Cristo
- A Eucaristia é já antecipação do banquete celeste



Durante a semana, cada deverá ler e reflectir sobre o texto integral “A Eucaristia”.  
Convidar à participação numa Missa durante a semana.



208-212  
216 | 217 | 219



[Todos]

Bem eu sei a fonte que mana e corre,  
embora seja noite.

Aquela eterna fonte não a vê ninguém  
e bem sei onde é e donde vem,  
embora seja noite.

Não sei a fonte dela, que não há,  
mas sei que toda a fonte vem de lá,  
embora seja noite.

Não pode haver, eu sei, coisa tão bela  
e céus e terra beleza bebem dela,  
embora seja noite.

Porque não pode ali o fundo achar,  
eu sei que ninguém a pode atravessar,  
embora seja noite.

A claridade sua não escurece  
e sei que toda a luz dela amanhece,  
embora seja noite.

Tão caudalosas são suas correntes  
que regam céus, infernos e as gentes,  
embora seja noite.

E desta fonte nasce uma corrente  
e bem sei eu que é forte e onnipotente,  
embora seja noite.

E das duas a corrente que procede  
sei que nenhuma delas a precede,  
embora seja noite.

e esta eterna fonte está escondida  
em este vivo pão a dar-nos vida,  
embora seja noite.

Aqui está a chamar as criaturas  
que bebem desta água, e às escuras,

porque é de noite.

Esta viva fonte que desejo,  
em este pão de vida, aí a vejo,  
embora de noite.

Cântico  
Como o Pai me amou



## A EUCARISTIA

### O sacramento da presença de Jesus

A Eucaristia completa a iniciação cristã. Ela é a fonte e o ponto culminante de todos os sacramentos: tudo provém dela e tudo leva a ela. Com efeito, ela contém tudo o que o cristianismo é, ou seja, Cristo glorioso, vivo entre nós. Por ela, vem-nos toda a bênção divina; por ela, voltam ao Pai todo o louvor, toda a acção de graças, toda a súplica, toda a oferenda que Lhe dirigimos.

Também se lhe chama muitas vezes 'o Santíssimo Sacramento'. Ela tem, aliás, um sem-número de nomes: refeição (ou ceia) do Senhor, banquete das núpcias do Cordeiro, fracção do pão, celebração eucarística, santo sacrifício, sacrifício de louvor, oferenda espiritual, liturgia sagrada e divina (Oriente), os santos Mistérios, a comunhão, a santa Missa ...

### Duplamente implantada na criação e na cultura

Por dois aspectos, a Eucaristia está enraizada no húmus da criação e da cultura humana: ela é refeição e sacrifício. Ou, para dizer o mesmo numa única expressão tomada da história das religiões, ela é refeição sacrificial.

O pão e o vinho estão no coração da criação. São a síntese de tudo o que a terra pode dar de riqueza, de segurança e de energia, de frutos amadurecidos ao sol de Deus, de esconjuro da pobreza e da morte. O pão assegura ao homem vida e meios de subsistência, o vinho coroa-o de alegria.

Mas o pão e o vinho não são apenas fruto da bênção divina e da fertilidade da nossa mãe terra. São também fruto do trabalho dos homens. Simbolizam a nossa participação. Pertencem não só à natureza mas também são cultura. No pão e no vinho estão entrelaçados bênção divina, esforços do homem e exuberância da natureza. "Bendito sejas, Senhor, Deus do universo, pelo pão que recebemos da vossa bondade, fruto da terra e do trabalho do homem, que hoje Vos apresentamos...".

Há, desde sempre, um dinamismo irresistível que faz com que, tendo recebido os frutos, eles sejam de novo oferecidos a Deus. Passa-se da fruição à renúncia, do acolhimento à restituição, da refeição ao sacrifício. No princípio do Verão, em toda a parte, na alegria de ter colhido os primeiros frutos, o homem põe-se a caminho, carregado com as primícias - os primeiros frutos - para as oferecer a Deus. Exprime assim o que sente no fundo de si mesmo: tudo o que a terra produz pertence a Deus, é d'Ele. Apenas nos é emprestado. Não somos os proprietários, apenas os administradores.

Só mais tarde se tornará evidente que Deus não nos pede que lhe devolvamos o que colhemos da sua mão, mas que Ele nos quer a nós próprios em todo o nosso ser. O verdadeiro sacrifício é o dom de si mesmo.

### **O pão da salvação e o vinho do Reino que vem**

No terriço da refeição e do sacrifício vai fixar-se toda uma história religiosa do pão e do vinho, refeição e sacrifício, como a areia se aglutina à beira-mar. Descobrimos estes aluviões nos relatos da antiga Aliança.

Desde havia séculos, todos os anos Israel oferecia as primícias ao seu Criador. De repente, vai acrescentar-se uma coisa, um quadro histórico. Os pães ázimos da refeição pascal lembram a saída do Egipto. Deus salvou Israel das mãos do Faraó, mas tudo teve de se passar tão depressa que a massa não teve tempo de levedar, e o povo teve que levar pães sem fermento. A partir de então, todas as vezes que os filhos de Israel tomam o pão nas suas mãos, bendizem a Deus.

Mas também se pensa no maná, esse pão vindo do céu que, no deserto, salvou Israel da fome. Isto significa que o pão já não remetia para os benefícios do Deus Criador, mas antes para a sua poderosa intervenção libertadora na história.

Também intervém qualquer coisa que diz respeito ao vinho. A bênção do cálice no fim de toda a refeição judaica já não é apenas acção de graças pelo “fruto da videira” , mas olhar antecipador para o vinho que Israel há-de beber no Reino que vem, quando o Messias vier.

### **A última ceia**

Jesus prossegue na mesma linha. Ele vai perscrutar ainda o mistério do pão e do vinho assim como o do sacrifício, e tirar daí coisas ainda bem mais profundas. Pão e vinho tornam-se o seu próprio Corpo e o seu próprio Sangue;

Na multiplicação dos pães, toma-se evidente que Jesus, só por Si, pode salvar de uma situação sem saída, e dar pão em abundância àqueles que O escutam. A insuficiência da antiga criação dá lugar à abundância irresistível da nova era. Há tanto pão que sobejam vários cestos. A antiga criação não podia suscitar uma coisa assim; era precisa uma nova criação. O mesmo se passa com o vinho. Em Caná, o embaraço dos noivos dá lugar à munificência de seis talhas cheias de vinho. O vinho da segunda criação é muito mais abundante que o da primeira.

Mas, por mais estranho que pareça, em toda esta profusão e exuberância há sempre como que uma nota discordante. Os relatos terminam em tom menor. Depois da multiplicação dos pães e do anúncio da Eucaristia no discurso do Pão da Vida (Jo 6), muitos discípulos de Jesus vão-se embora dizendo: “Duras são estas palavras! Quem pode escutá-las?” (Jo 6,60). Os Doze quase os acompanham! Aferram-se às palavras de Jesus, mas compreender é que eles não podem. É já a cruz que projecta a sua sombra. O mesmo acontece em Caná. “Que temos nós com isso, mulher?”, diz Jesus a sua mãe, “a minha hora ainda não chegou” (Jo 2, 4). Uma alusão bem clara à ‘hora’ da paixão. Assim, refeição e sofrimento ficam ligados entre si. A refeição do Senhor será também o memorial da sua paixão e da sua morte. É esse o sacrifício.

Tudo isto se toma realidade na última ceia. Aí todos os eixos se juntam: o do pão e do vinho, o da refeição e do sacrifício, o da oferenda e do dom de si. A criação e a redenção; ontem, hoje e amanhã. “Isto é o meu Corpo que será entregue por vós” - “Este é o cálice do meu Sangue... que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados”.

### **“Fazei isto em memória de Mim”**

“Fazei isto em memória de Mim” , disse Jesus. Nunca testamento algum foi respeitado com maior cuidado que o de Jesus, “até que Ele venha”.

Desde as origens, a Igreja tem observado escrupulosamente este memorial: manteve -se fiel à “fracção do pão” (cf. Act 2, 42) e permitiu “partir o pão na casa dos fiéis” (cf. Act 2, 46). Era sobretudo ao domingo, primeiro dia da semana e dia da ressurreição, que os cristãos se reuniam para “partir o pão” (cf. Act 20, 7).

E isto manter-se-á até ao nosso tempo em todas as comunidades cristãs. A estrutura de base da



celebração eucarística é a mesma em toda a parte; mas passou pelas culturas oriental e ocidental, dando-lhe cada uma um toque específico: ritual da corte imperial de Bizâncio, devoção íntima à cruz da Idade Média, sentido da presença real na época do Concílio de Trento e da Contra-Reforma, sentido da comunidade e da solidariedade do nosso século, etc. Já para não falar das várias artes - estatuária, pintura e música - que produziram muitas obras-primas em tomo da liturgia, como uma auréola em torno do sol.

A Igreja também aprofundou a sua visão teológica do mistério da Eucaristia. Ela passeia pelo jardim, nunca completamente explorado, da sua fé, expondo à vista aqui e além uma planta ou uma flor delicada: esse tesouro estava ali desde sempre, mas na sombra, e agora pode aparecer à luz.

### **O que é a Eucaristia? Qual é o meu lugar nela?**

Antes de mais, é acção de graças e louvor ao Pai. Primeiro, pela criação, pois tudo o que Deus fez ou deu - natureza e cultura, objectos e pessoas, tempo e história - tudo é entregue ao Pai no sacrifício da cruz de Jesus. Todos os eixos da criação e da história convergem para a cruz, e dela partem para Deus, seu fim último. Pela cruz de Jesus, a Igreja pode, em nome de todos os homens, agradecer a Deus e louvá-l'O por todas as suas maravilhas. Ela empresta os seus lábios a todo um universo sem voz para dirigir a Deus a homenagem que Lhe pertence.

A Eucaristia é sacrifício comemorativo de Cristo e do seu Corpo que é a Igreja. Em todas as eucaristias aparecem estas palavras: "Celebrando agora, Senhor, o memorial da morte e ressurreição de vosso Filho, nós Vos oferecemos...". É o cerne da Eucaristia. Ela é memória, memorial. Não se trata de uma simples recordação sem consistência. Não, um memorial litúrgico torna de novo presente o que era passado. A morte e a ressurreição de Jesus não são aqui apenas evocadas: são representadas e proclamadas. E, porque a Eucaristia é essa espécie de memória realista da morte sacrificial na cruz, ela própria é sacrifício. É claro que, visto a Eucaristia depender inteiramente do sacrifício da cruz, ela não se adiciona à cruz; Cristo não morre uma segunda vez. Mas, dado que Cristo e a sua Igreja são um enquanto Esposo e Esposa, a missa é também o sacrifício de toda a Igreja. Não que a Igreja acrescente seja o que for ao sacrifício de Cristo, mas por Lhe estar associada de maneira totalmente activa.

Na Eucaristia, Cristo está realmente presente pela força da sua palavra e do Espírito Santo. Ele está presente na sua Igreja de muitas maneiras: na sua palavra, na oração da Igreja ("Onde estiverem reunidos, em meu nome, dois ou três, Eu estou no meio deles", Mt 18,20), nos pobres, nos doentes, nos cativos (cf. Mt 25,31-46), nos sacramentos, na missa e na pessoa do padre. Mas em parte alguma Ele está presente de maneira tão intensa como no pão e no vinho (Constituição sobre a Liturgia, nº 7). Porquê?

No pão e no vinho, Cristo está presente em pessoa e inteiramente. "Verdadeira, real e substancialmente" afirma tradicionalmente a Igreja. 'Verdadeiramente' significa não por assim dizer, como por uma metáfora; 'realmente' quer dizer não como imagem ou como um símbolo vazio; 'substancialmente' quer dizer não parcialmente ou apenas pelo seu poder: Ele próprio está ali integralmente.

A fé na presença real é mais manifesta quando falamos a Jesus depois de ter comungado ou durante a adoração. Reflectamos um instante. Quando o carteiro nos mete uma carta debaixo da porta e nós damos por isso no outro extremo da casa, não fazemos conversa. Mas se o carteiro toca à porta e nos dá o envelope em mão, falamos, pelo menos, para dizer "obrigado". Uma carta é uma coisa, a que ninguém fala; o carteiro, pelo contrário, é alguém, a quem se fala. Se nunca falamos da Eucaristia ao Senhor, estaremos seguros de acreditar que Ele está nela no seu corpo vivo?

Finalmente, a Eucaristia é refeição e alimento. Tudo o que os alimentos fazem no nosso corpo faz o

Senhor na nossa alma. E que faz Ele? A comunhão faz-nos intimamente um com Ele. “Quem come a minha carne e bebe o meu sangue”, diz Ele, “fica em Mim e Eu nele” (Jo 6,56). A comunhão faz-nos viver eternamente da própria vida que Cristo recebe do Pai e que está no Pai; essa vida não conhece nem morte nem corrupção. A comunhão apaga os nossos pecados veniais; é instrumento de perdão para as nossas faltas diárias. Preserva-nos também de faltas mais graves. A Eucaristia é cimento de unidade para a Igreja. Ela une-nos a Cristo, mas ao Cristo total, isto é, a todos os nossos irmãos e irmãs.

A comunhão cria laços vertical e horizontalmente: “Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (I Cor 10, 17). De um modo particular, a comunhão obriga-nos em relação aos pobres. “Vós tomais o Sangue do Senhor e nem reconheceis o vosso irmão. Vós desonrais esta mesa quando acreditais que aquele que para ela foi convidado (o pobre) não é digno de partilhar o vosso pão. Deus declarou-vos livres dos vossos pecados para que pudésseis vir sentar-vos a esta mesa. Porque não sois também mais misericordiosos?” (S. João Crisóstomo).

A Eucaristia é já antecipação do banquete celeste. Ela não é apenas olhar para trás para o passado: ceia, cruz e ressurreição. Tende em esperança para a vinda de Cristo. Aqui vimo-l’O apenas esfumado, na fé; depois vê-l’O-emos face a face. “Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” (aclamação depois da consagração).

(Cardeal Godfried Danneels, *O Jardim das sete fontes*)

### **A Igreja vive da Eucaristia**

A Igreja vive da Eucaristia. Esta verdade não exprime apenas uma experiência diária de fé, mas contém em síntese o *próprio núcleo do mistério da Igreja*. É com alegria que ela experimenta, de diversas maneiras, a realização incessante desta promessa: « Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo » (Mt 28, 20); mas, na sagrada Eucaristia, pela conversão do pão e do vinho no corpo e no sangue do Senhor, goza desta presença com uma intensidade sem par. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança. O Concílio Vaticano II justamente afirmou que o sacrifício eucarístico é « fonte e centro de toda a vida cristã ». Com efeito, « na santíssima Eucaristia, está contido todo o tesouro espiritual da Igreja, isto é, o próprio Cristo, a nossa Páscoa e o pão vivo que dá aos homens a vida mediante a sua carne vivificada e vivificadora pelo Espírito Santo ». Por isso, o olhar da Igreja volta-se continuamente para o seu Senhor, presente no sacramento do Altar, onde descobre a plena manifestação do seu imenso amor.

2. Durante o Grande Jubileu do ano 2000, pude celebrar a Eucaristia no Cenáculo de Jerusalém, onde, segundo a tradição, o próprio Cristo a realizou pela primeira vez. *O Cenáculo é o lugar da instituição deste santíssimo sacramento*. Foi lá que Jesus tomou nas suas mãos o pão, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: « Tomai, todos, e comei: Isto é o meu Corpo que será entregue por vós » (cf. Mt 26, 26; Lc 22, 19; 1 Cor 11, 24). Depois, tomou nas suas mãos o cálice com vinho e disse-lhes: « Tomai, todos, e bebei: Este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos para remissão dos pecados » (cf. Mc 14, 24; Lc 22, 20; 1 Cor 11, 25). Dou graças ao Senhor Jesus por me ter permitido repetir no mesmo lugar, obedecendo ao seu mandato: « Fazei isto em memória de Mim » (Lc 22, 19), as palavras por Ele pronunciadas há dois mil anos.

Teriam os Apóstolos, que tomaram parte na Última Ceia, entendido o significado das palavras saídas dos lábios de Cristo? Talvez não. Aquelas palavras seriam esclarecidas plenamente só no fim do *Triduum Sacrum*, ou seja, aquele período de tempo que vai da tarde de Quinta-feira Santa até à manhã do Domingo de Páscoa. Nestes dias, está contido o *mysterium paschale*; neles está

incluído também o *mysterium eucharisticum*.

3. Do mistério pascal nasce a Igreja. Por isso mesmo a Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial. Isto é visível desde as primeiras imagens da Igreja que nos dão os Actos do Apóstolos: « Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão, e às orações » (2, 42). Na « fracção do pão », é evocada a Eucaristia. Dois mil anos depois, continuamos a realizar aquela imagem primordial da Igreja. E, ao fazê-lo na celebração eucarística, os olhos da alma voltam-se para o Tríduo Pascal: para o que se realizou na noite de Quinta-feira Santa, durante a Última Ceia, e nas horas sucessivas. De facto, a instituição da Eucaristia antecipava, sacramentalmente, os acontecimentos que teriam lugar pouco depois, a começar da agonia no Getsémani. Revemos Jesus que sai do Cenáculo, desce com os discípulos, atravessa a torrente do Cedron e chega ao Horto das Oliveiras. Existem ainda hoje naquele lugar algumas oliveiras muito antigas; talvez tenham sido testemunhas do que aconteceu junto delas naquela noite, quando Cristo, em oração, sentiu uma angústia mortal « e o seu suor tornou-se-Lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra » (Lc 22, 44). O sangue que, pouco antes, tinha entregue à Igreja como vinho de salvação no sacramento eucarístico, começava a ser derramado; a sua efusão completar-se-ia depois no Gólgota, tornando-se o instrumento da nossa redenção: « Cristo, vindo como Sumo Sacerdote dos bens futuros [...] entrou uma só vez no Santo dos Santos, não com o sangue dos carneiros ou dos bezerros, mas com o seu próprio sangue, tendo obtido uma redenção eterna » (Heb 9, 11-12).

4. A hora da nossa redenção. Embora profundamente turvado, Jesus não foge ao ver chegar a sua « hora »: « E que direi Eu? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que cheguei a esta hora! » (Jo 12, 27). Quer que os discípulos Lhe façam companhia, mas deve experimentar a solidão e o abandono: « Nem sequer pudestes vigiar uma hora Comigo. Vigiai e orai para não cairdes em tentação » (Mt 26, 40-41). Aos pés da cruz, estará apenas João ao lado de Maria e das piedosas mulheres. A agonia no Getsémani foi o prelúdio da agonia na cruz de Sexta-feira Santa. A hora santa, a hora da redenção do mundo. Quando se celebra a Eucaristia na basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém, volta-se de modo quase palpável à « hora » de Jesus, a hora da cruz e da glorificação. Até àquele lugar e àquela hora se deixa transportar em espírito cada presbítero ao celebrar a Santa Missa, juntamente com a comunidade cristã que nela participa.

« Foi crucificado, morto e sepultado; desceu à mansão dos mortos; ressuscitou ao terceiro dia ». Estes artigos da profissão de fé ecoam nas seguintes palavras de contemplação e proclamação: *Ecce lignum crucis in quo salus mundi pependit. Venite adoremus* - « Eis o madeiro da Cruz, no qual esteve suspenso o Salvador do mundo. Vinde adoremos! » É o convite que a Igreja faz a todos na tarde de Sexta-feira Santa. E, quando voltar novamente a cantar já no tempo pascal, será para proclamar: *Surrexit Dominus de sepulcro qui pro nobis pependit in ligno. Alleluia* - « Ressuscitou do sepulcro o Senhor que por nós esteve suspenso no madeiro. Aleluia ».

5. *Mysterium fidei*! - « Mistério da fé ». Quando o sacerdote pronuncia ou canta estas palavras, os presentes aclamam: « Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus! ».

Com estas palavras ou outras semelhantes, a Igreja, ao mesmo tempo que apresenta Cristo no mistério da sua Paixão, revela também o seu próprio mistério: *Ecclesia de Eucharistia*. Se é com o dom do Espírito Santo, no Pentecostes, que a Igreja nasce e se encaminha pelas estradas do mundo, um momento decisivo da sua formação foi certamente a instituição da Eucaristia no Cenáculo. O seu fundamento e a sua fonte é todo o *Triduum Paschale*, mas este está de certo modo guardado, antecipado e « concentrado » para sempre no dom eucarístico. Neste, Jesus Cristo entregava à Igreja a actualização perene do mistério pascal. Com ele, instituíra uma misteriosa « contemporaneidade » entre aquele *Triduum* e o arco inteiro dos séculos.

Este pensamento suscita em nós sentimentos de grande e reconhecido enlevo. Há, no evento

pascal e na Eucaristia que o actualiza ao longo dos séculos, uma « capacidade » realmente imensa, na qual está contida a história inteira, enquanto destinatária da graça da redenção. Este enlevo deve invadir sempre a assembleia eclesial reunida para a celebração eucarística; mas, de maneira especial, deve inundar o ministro da Eucaristia, o qual, pela faculdade recebida na Ordenação sacerdotal, realiza a consagração; é ele, com o poder que lhe vem de Cristo, do Cenáculo, que pronuncia: « Isto é o meu Corpo que será entregue por vós »; « este é o cálice do meu Sangue, [...] que será derramado por vós ». O sacerdote pronuncia estas palavras ou, antes, coloca a sua boca e a sua voz à disposição d'Aquele que as pronunciou no Cenáculo e quis que fossem repetidas de geração em geração por todos aqueles que, na Igreja, participam ministerialmente do seu sacerdócio.

11. « O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue » (1 Cor 11, 23), instituiu o sacrifício eucarístico do seu corpo e sangue. As palavras do apóstolo Paulo recordam-nos as circunstâncias dramáticas em que nasceu a Eucaristia. Esta tem indelevelmente inscrito nela o evento da paixão e morte do Senhor. Não é só a sua evocação, mas presença sacramental. É o sacrifício da cruz que se perpetua através dos séculos. Esta verdade está claramente expressa nas palavras com que o povo, no rito latino, responde à proclamação « mistério da fé » feita pelo sacerdote: « Anunciamos, Senhor, a vossa morte ».

A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência, porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação. Esta não fica circunscrita no passado, pois « tudo o que Cristo é, tudo o que fez e sofreu por todos os homens, participa da eternidade divina, e assim transcende todos os tempos e em todos se torna presente ».

Quando a Igreja celebra a Eucaristia, memorial da morte e ressurreição do seu Senhor, este acontecimento central de salvação torna-se realmente presente e « realiza-se também a obra da nossa redenção ». Este sacrifício é tão decisivo para a salvação do género humano que Jesus Cristo realizou-o e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado o meio para dele participarmos como se tivéssemos estado presentes. Assim cada fiel pode tomar parte nela, alimentando-se dos seus frutos inexauríveis. Esta é a fé que as gerações cristãs viveram ao longo dos séculos, e que o magistério da Igreja tem continuamente reafirmado com jubilosa gratidão por dom tão inestimável. É esta verdade que desejo recordar mais uma vez, colocando-me convosco, meus queridos irmãos e irmãs, em adoração diante deste Mistério: mistério grande, mistério de misericórdia. Que mais poderia Jesus ter feito por nós? Verdadeiramente, na Eucaristia demonstra-nos um amor levado até ao « extremo » (cf. Jo 13, 1), um amor sem medida.

12. Este aspecto de caridade universal do sacramento eucarístico está fundado nas próprias palavras do Salvador. Ao instituí-lo, não se limitou a dizer « isto é o meu corpo », « isto é o meu sangue », mas acrescenta: « entregue por vós (...) derramado por vós » (Lc 22, 19-20). Não se limitou a afirmar que o que lhes dava a comer e a beber era o seu corpo e o seu sangue, mas exprimiu também o seu valor sacrificial, tornando sacramentalmente presente o seu sacrifício, que algumas horas depois realizaria na cruz pela salvação de todos. « A Missa é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, o memorial sacrificial em que se perpetua o sacrifício da cruz e o banquete sagrado da comunhão do corpo e sangue do Senhor ».

A Igreja vive continuamente do sacrifício redentor, e tem acesso a ele não só através duma lembrança cheia de fé, mas também com um contacto actual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado. Deste modo, a Eucaristia aplica aos homens de hoje a reconciliação obtida de uma vez para sempre por Cristo para humanidade de todos os tempos. Com efeito, « o sacrifício de Cristo e o sacrifício da Eucaristia são um único sacrifício ». Já o afirmava em palavras

expressivas S. João Crisóstomo: « Nós oferecemos sempre o mesmo Cordeiro, e não um hoje e amanhã outro, mas sempre o mesmo. Por este motivo, o sacrifício é sempre um só. [...] Também agora estamos a oferecer a mesma vítima que então foi oferecida e que jamais se exaurirá ».

A Missa torna presente o sacrifício da cruz; não é mais um, nem o multiplica. O que se repete é a celebração memorial, a « exposição memorial » (*memorialis demonstratio*), de modo que o único e definitivo sacrifício redentor de Cristo se actualiza incessantemente no tempo. Portanto, a natureza sacrificial do mistério eucarístico não pode ser entendida como algo isolado, independente da cruz ou com uma referência apenas indirecta ao sacrifício do Calvário.

13. Em virtude da sua íntima relação com o sacrifício do Gólgota, a Eucaristia é sacrifício em sentido próprio, e não apenas em sentido genérico como se se tratasse simplesmente da oferta de Cristo aos fiéis para seu alimento espiritual. Com efeito, o dom do seu amor e da sua obediência até ao extremo de dar a vida (cf. Jo 10,17-18) é em primeiro lugar um dom a seu Pai. Certamente, é um dom em nosso favor, antes em favor de toda a humanidade (cf. Mt 26, 28; Mc 14, 24; Lc 22, 20; Jo 10, 15), mas primariamente um dom ao Pai: « Sacrifício que o Pai aceitou, retribuindo esta doação total de seu Filho, que Se fez “obediente até à morte” (Flp 2, 8), com a sua doação paterna, ou seja, com o dom da nova vida imortal na ressurreição».

Ao entregar à Igreja o seu sacrifício, Cristo quis também assumir o sacrifício espiritual da Igreja, chamada por sua vez a oferecer-se a si própria juntamente com o sacrifício de Cristo. Assim no-lo ensina o Concílio Vaticano II: « Pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, [os fiéis] oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela».

(Papa João Paulo II, Carta Encíclica *A Igreja vive da Eucaristia*, 2003)

## 2º Encontro



### Bíblias ou Missal

Envelopes com várias partes da missa

Cópias do texto sobre a Lectio Divina para entregar



1. O animador divide os jovens em grupos e distribui a cada grupo um envelope com as várias partes da missa e pede que cada grupo as coloque por ordem e que justifique o porquê da ordem escolhida.

(Ordem Correcta)

Entrada

Acto Penitencial

Glória

1ª leitura

Salmo

2ª Leitura

Evangelho

Homilia

Credo

Oração Eucarística

## Comunhão Bênção e envio

2. Em grupo ler o Evangelho Lc 24, 13-35 e o texto Apologia I de S. Justino (anexo I).
3. De seguida, cada grupo responde à questão: “Quais as semelhanças e diferenças com a Missa que hoje celebramos”?
3. Em plenário, cada grupo partilha o resultado dos seus trabalhos.
4. Síntese feita pelo animador, explicando brevemente a estrutura da Eucaristia, a partir da imagem das duas mesas – a da Palavra e a da Eucaristia. Faz também referência ao valor da escuta da palavra, como preparação para o encontro mais íntimo com Cristo na mesa da Eucaristia, no Banquete Eucarístico.
5. O animador apresenta o método da Lectio Divina (anexo III), entregando a cada elemento do grupo uma folha com a explicação dos sete passos.



213 | 214 | 215



### Lectio divina

O animador deverá indicar a passagem bíblica do Evangelho do Domingo seguinte ao encontro. Cada um dos jovens, individualmente, percorre os passos da Lectio Divina tendo por base esse texto.

### Pai Nosso

### Cântico

Como são belos os pés



Depois da descrição dos Actos dos Apóstolos, a primeira notícia detalhada sobre a eucaristia no cristianismo antigo é-nos oferecida pelo filósofo mártir Justino, que por volta do ano 150, escreve uma apologia [defesa] do cristianismo, dirigida aos políticos do tempo.

Quanto a nós, depois de ter purificado (baptizado) quem se converteu e abraçou a fé, conduzimo-lo junto dos que chamamos irmãos, no lugar em que nos reunimos para rezar.(...)

Terminadas as orações, trocamos entre nós um beijo de paz. Depois, àquele que preside à assembleia dos irmãos, é levado um pão e um cálice de água e vinho que ele toma em sua mão, dando louvor e glória ao Pai do universo, em nome do Filho e do Espírito Santo, e faz uma longa acção de graças por estes bens que Ele, por sua graça, nos concedeu. Quando termina a oração de acção de graças todo o povo presente exclama, respondendo: «ámen». A palavra ‘ámen’ significa, na língua hebraica, ‘assim seja’. Depois que o oficiante terminou a acção de graças e todo o povo respondeu, aqueles que nós chamamos diáconos distribuem a cada um dos presentes, para que cada um deles tome parte, no pão eucarístico e no vinho misturado com água, e levam-no também aos que não estão presentes.

Nós chamamos «eucaristia» este alimento. (...) De facto, nos não os recebemos como se fossem um comum pedaço de pão e uma bebida comum: foi-nos ensinado que, do mesmo modo que o Logos de Deus, o nosso Salvador Jesus Cristo se fez carne, e assumiu, portanto a carne e o sangue para a nossa salvação, assim também este alimento se tornou eucaristia graças à oração feita com as mesmas palavras de Cristo (...). Na verdade, os apóstolos, nas suas memórias que são chamadas Evangelhos, testemunham-nos que lhes foi dada esta ordem: Jesus, depois de ter tomado o pão e dado graças, disse: «Fazei isto em minha memória, isto é o meu corpo». Do mesmo modo, depois de ter tomado o cálice, deu graças e disse: «este é o meu sangue»; e distribuiu-o apenas a eles.

Desde aquele dia, renovamos sempre entre nós este acontecimento. Além disso, os que têm mais posses ajudam todos os necessitados e estamos sempre em comunhão uns com os outros. Bendizemos ao Criador do universo por todos os dons que recebemos, pelo seu Filho Jesus Cristo e pelo Espírito Santo. E naquele que chamamos «dia do Sol» [domingo] todos os habitantes das cidades e dos campos se reúnem num mesmo lugar para ler as memórias dos apóstolos ou os livros dos profetas durante o tempo disponível. Logo que o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convida a que todos imitemos estes belos exemplos. Depois todos nos pomos em pé e rezamos juntos em alta voz; e depois que, como dizíamos antes, todos concluímos a oração, são trazidos o pão, o vinho e a água: então o oficiante, de modo semelhante, pronuncia orações e acções de graças com todo o fervor de que é capaz, e o povo exclama, respondendo «ámen». Em seguida faz-se a distribuição da eucaristia para que cada um tome parte dela e é também enviada aos ausentes, por meio dos diáconos. Aqueles que têm mais posses e que quiserem, fazem uma oferta, por livre decisão e (oferecem) o que lhes parece; e aquilo que é recolhido é depositado junto do oficiante. Este provê a ajudar os órfãos, as viúvas, os pobres devido a doença ou por qualquer outro motivo, aqueles que estão na prisão, os hóspedes estrangeiros, numa palavra, toma conta de todos os necessitados. Reunimo-nos todos juntos em assembleia no dia do Sol [domingo] porque este é o primeiro dia, no qual Deus criou o mundo, depois de ter plasmado as trevas e a matéria; além disso, neste mesmo dia, Jesus Cristo, o nosso Salvador, ressuscitou dos mortos: tinham-no crucificado, de facto, na vigília do dia de Saturno [sábado], enquanto o dia depois do dia de Saturno [sábado], que é o dia do Sol [domingo], apareceu aos seus apóstolos e discípulos e deu-lhes estas instruções que nós agora expusemos à vossa consideração”.

*(S. Justino, Filósofo e Mártir (100-165) , Primeira Apologia, 65-67)*

## A LECTIO DIVINA

A lectio divina nasce da convicção de que a Escritura tem a ver com a vida e foi escrita para fecundar a vida. A lectio divina consiste em escutar com o coração recolhido e saborear com a consciência de ser amado, a mensagem de Deus fixada nos textos bíblicos. Na lectio divina une-se a vida e a doutrina em volta do mistério salvífico de Jesus Cristo. É uma leitura vivificante, crente e orante, desinteressada e gratuita da Palavra de Deus, uma leitura orientada para a oração e que culmina nela.

A lectio divina tem uma dinâmica própria onde se entrecruzam várias etapas.

### **1 - Preparação para escutar a Palavra**

Tento acalmar-me, recolher-me, fazer silêncio por dentro. Tomo consciência de que Deus me está presente, me acolhe e me quer comunicar tudo o que é. Ponho-me na sua presença e peço ao Espírito que me ilumine com a sua luz.

### **2 – Leitura**

Faço uma leitura atenta do texto escolhido sem pressa, várias vezes, para o saborear. Dou atenção ao contexto, às personagens, aos motivos...

### **3 – Meditação**

Olho para Jesus e pergunto-me: que sente e que pretende? Que aspecto da sua personalidade me surpreende mais? Que palavra me toca mais? Que relação tem o texto com a minha vida actual? Abre-me horizontes, interpela-me a alguma mudança?

### **4 – Oração**

Respondo à Palavra em diálogo com Deus. Se ilumina o meu pecado, peço perdão; se me ajuda a ver o vazio de amor, desperta a súplica e a intercessão; se me ensina a ver a minha história como história de salvação então louvo e bendigo o Senhor.

### **5 – Contemplação**

A contemplação é a fase central da oração. Contemplo a manifestação de Deus na minha vida. Deixo-me mergulhar no coração de Deus para que Ele me encha das Suas atitudes. Aqui prostro-me e adoro o Senhor.

### **6 – Discernimento**

Procuro a vontade de Deus à luz da sua Palavra. Releio a Palavra de Deus na situação concreta em que me encontro: é Deus que me fala aqui e agora!

### **7 – Acção**

A Palavra é como a água vinda do céu e que não volta sem antes ter produzido o fruto desejado, não pode ficar sem resposta. E a minha resposta deve ser de acção, compromisso e testemunho, ou seja, permitir que a Palavra de Deus dê frutos na minha vida.

As várias etapas complementam-se de modo a possibilitar que a Palavra de Deus encha o nosso espaço interior, sendo que cada um poderá usar com criatividade e flexibilidade as várias etapas. O método da lectio divina aprende-se a praticar.

A lectio divina é um acto pessoal de quem faz uma paragem para escutar, meditar e rezar com a Palavra de Deus, mas é também uma acção eclesial na medida que envolve a pessoa que é Pedra Viva da Igreja e assim constrói comunhão.



## 3º Encontro



Cópias do texto “A oração eucarística” e da tabela explicativa da Oração Eucarística II (frente e verso)

Textos para a oração



1. O animador começará por fazer a ligação entre este encontro e o anterior, de modo a estabelecer-se desde logo a relação entre a Liturgia da Palavra e a Liturgia Eucarística. Nesta a Oração Eucarística é o centro é o cume de toda a celebração eucarística, é o lugar privilegiado em que a Igreja expressa a sua fé eucarística, em que se sente envolvida, pois realiza o “memorial da morte e Ressurreição de Cristo”. Por isso iremos dar-lhe mais atenção.

2. O animador entrega a tabela explicativa da Oração Eucarística II (ver Textos de apoio) a cada jovem.

3. Em pequenos grupos, a partir da Oração Eucarística II, encontrar elementos relacionados com os seguintes aspectos:

- A presença real de Cristo na Eucaristia – a água e o vinho passam a ser corpo e sangue de Cristo.
- Aquele que comunga o corpo de Cristo transforma-se em Corpo de Cristo, que é a Igreja.
- A comunhão com a Igreja, com a humanidade e com os que já partiram.
- Aqueles que comungam o Corpo de Cristo dão na vida testemunho de caridade, serviço, esperança na ressurreição e na última vinda de Cristo.

4. Plenário - o animador escuta as respostas e destaca uma ou duas frases que respondam a cada um dos aspectos enunciados anteriormente.



216-221



Cânticos propostos: “Senhor, eu creio que sois Cristo”; “Tomo este pão e este vinho”; “O Senhor é meu pastor”

[Todos]

Pai de misericórdia,

Tu nos enviaste o Teu Filho.

Ele nos fala pela Palavra da Escritura.

Ele se oferece a nós sob a forma

de pão e vinho.

Tu mesmo, ó Deus, vens até mim.

Chego como um doente ao médico da vida,

como um impuro à fonte da misericórdia,

como um cego à luz da claridade eterna,

como um pobre ao Senhor

do Céu e da terra.

Concede que eu não receba o sacramento  
do Corpo e Sangue de Jesus apenas exteriormente,  
mas que, interiormente, também receba a Sua natureza e força,  
e assim seja incluído no mistério do Seu corpo.

Querido Pai, deixa-me ver o Teu Filho amado  
que já nesta vida recebo com rosto descoberto  
para todo o sempre.  
Ámen.

*(Adaptação de uma oração de São Tomás de Aquino, Youcat Orações)*

### **A Oração Eucarística**

«É neste momento que se inicia o ponto central e culminante de toda a celebração, a Oração Eucarística, que é uma oração de acção de graças e de consagração. O sacerdote convida o povo a elevar os corações para o Senhor, na oração e na acção de graças, e associa-o a si na oração que ele, em nome de toda a comunidade, dirige a Deus Pai por Jesus Cristo. O sentido desta oração é que toda a assembleia dos fiéis se una a Cristo na proclamação das maravilhas de Deus e na oblação do sacrifício.

Como elementos principais da Oração Eucarística podem enumerar-se os seguintes:

**Acção de graças** (expressa de modo particular no prefácio): em nome de todo o povo santo, o sacerdote glorifica a Deus Pai e dá-Lhe graças por toda a obra da salvação ou por algum dos seus aspectos particulares, conforme o dia, a festa ou o tempo litúrgico.

**Aclamação**: toda a assembleia, em união com os coros celestes, canta ou recita o Sanctus (Santo). Esta aclamação, que faz parte da Oração Eucarística, deve ser cantada ou recitada por todo o povo juntamente com o sacerdote.

**Epiclese**: consta de invocações especiais, pelas quais a Igreja implora o poder divino para que os dons oferecidos pelos homens sejam consagrados, isto é, se convertam no Corpo e Sangue de Cristo; e para que a hóstia imaculada, que vai ser recebida na comunhão, opere a salvação daqueles que dela vão participar.

**Narração da instituição e consagração**: mediante as palavras e gestos de Cristo, realiza-se o sacrifício que o próprio Cristo instituiu na Última Ceia, quando ofereceu o seu Corpo e Sangue sob as espécies do pão e do vinho e os deu a comer e a beber aos Apóstolos, ao mesmo tempo que lhes confiou o mandato de perpetuar este mistério.

**Anamnese**: em obediência a este mandato, recebido de Cristo Senhor através dos Apóstolos, a Igreja celebra o memorial do Senhor, recordando de modo particular a sua bem-aventurada paixão e a sua gloriosa ressurreição e ascensão aos Céus.

**Oblação**: neste memorial, a Igreja, de modo especial aquela que nesse momento e nesse lugar está reunida, oferece a Deus Pai, no Espírito Santo, a hóstia imaculada. A Igreja deseja que os fiéis não somente ofereçam a hóstia imaculada, mas aprendam a oferecer-se também a si mesmos e, por Cristo mediador, se esforcem por realizar de dia para dia a unidade perfeita com Deus e entre si, até que finalmente Deus seja tudo em todos.

**Intercessões**: por elas se exprime que a Eucaristia é celebrada por toda a Igreja, tanto do Céu como da terra, e que a oblação é feita em proveito dela e de todos os seus membros, vivos e defuntos, chamados todos a tomar parte na redenção e salvação adquirida pelo Corpo e Sangue de Cristo.

**Doxologia final**: exprime a glorificação de Deus e é ratificada e concluída pela aclamação do povo.

A Oração Eucarística exige que todos a escutem com reverência e em silêncio, e que nela participem por meio das aclamações previstas no próprio rito.

*(Instrução Geral do Missal Romano, n° 54-55)*

ORAÇÃO EUCARÍSTICA II	
<b>Prefácio</b>	<p>Senhor, Pai santo, Deus eterno e onnipotente, é verdadeiramente nosso dever, é nossa salvação, dar-Vos graças sempre e em toda a parte por Jesus Cristo, vosso amado Filho. Ele é a vossa Palavra, por quem tudo criastes. Enviado por Vós como Salvador e Redentor, fez-Se homem pelo poder do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria. Para cumprir a vossa vontade e adquirir para Vós um povo santo, estendeu os braços e morreu na cruz; e, destruindo assim a morte, manifestou a vitória da ressurreição. Por isso, com os Anjos e os Santos, proclamamos a vossa glória, cantando numa só voz:</p>
<i>Sanctus</i>	<p>Santo, Santo, Santo, Senhor Deus do universo. O céu e a terra proclamam a vossa glória. Hossana nas alturas. Bendito O que vem em nome do Senhor. Hossana nas alturas.</p>
<i>Post Sanctus</i>	<p>Vós, Senhor, sois verdadeiramente santo, sois a fonte de toda a santidade.</p>
<b>1ª Epiclese</b>	<p>Santificai estes dons, derramando sobre eles o vosso Espírito, de modo que se convertam para nós, no Corpo e Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.</p>
<b>Narração da Instituição e Consagração</b>	<p>Na hora em que Ele Se entregava, para voluntariamente sofrer a morte, Tomou o pão e, dando graças, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo:</p> <p><b>Tomai, todos, e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós.</b> De igual modo, no fim da Ceia, tomou o cálice e, dando graças, deu-o aos seus discípulos, dizendo:</p> <p><b>Tomai, todos, e bebei: este é o cálice do meu Sangue, o Sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós e por todos, para remissão dos pecados. Fazei isto em memória de mim.</b></p>

<b>Aclamação</b>	Mistério da fé! Anunciamos, Senhor, a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!
<b>Anamnese e Oblação</b>	Celebrando agora, Senhor, o memorial da morte e ressurreição do vosso Filho, nós Vos oferecemos o pão da vida e o cálice da salvação e Vos damos graças porque nos admitistes à vossa presença para Vos servir nestes santos mistérios.
<b>2ª Epiclese</b>	Humildemente Vos suplicamos que, participando no Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos, pelo Espírito Santo, num só corpo.
<b>Intercessões</b>	Lembra-Vos, Senhor, da vossa Igreja, dispersa por toda a terra, e tornai-a perfeita na caridade em comunhão com o Papa N., o nosso Bispo N. e todos aqueles que estão ao serviço do vosso povo.  Lembra-Vos também dos [outros] nossos irmãos que adormeceram na esperança da ressurreição, e de todos aqueles que na vossa misericórdia partiram deste mundo: admiti-os na luz da vossa presença. Tende misericórdia de nós, Senhor, e dai-nos a graça de participar na vida eterna, com a Virgem Maria, Mãe de Deus, os bem-aventurados Apóstolos e todos os santos que desde o princípio do mundo viveram na vossa amizade, para cantarmos os vossos louvores, por Jesus Cristo, vosso Filho.
<b>Doxologia</b>	Por Cristo, com Cristo, em Cristo, a Vós, Deus Pai todo-poderoso na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória agora e para sempre.  Ámen.

### **Eucaristia e missão**

84. Na homilia durante a celebração eucarística com que solenemente dei início ao meu ministério na Cátedra de Pedro, disse: «Não há nada de mais belo do que ser alcançado, surpreendido pelo Evangelho, por Cristo. Não há nada de mais belo do que conhecê-Lo e comunicar aos outros a amizade com Ele». (233) Esta afirmação cresce de intensidade, quando pensamos no mistério eucarístico; com efeito, não podemos reservar para nós o amor que celebramos neste sacramento: por sua natureza, pede para ser comunicado a todos. Aquilo de que o mundo tem necessidade é do amor de Deus, é de encontrar Cristo e acreditar n'Ele. Por isso, a Eucaristia é fonte e ápice não só da vida da Igreja, mas também da sua missão: «Uma Igreja autenticamente eucarística é uma Igreja missionária». (234) Havemos, também nós, de poder dizer com convicção aos nossos irmãos: «Nós vos anunciamos o que vimos e ouvimos, para que estejais também em comunhão conosco» (1 Jo 1, 2-3). Verdadeiramente não há nada de mais belo do que encontrar e comunicar Cristo a todos! Aliás, a própria instituição da Eucaristia antecipa aquilo que constitui o cerne da missão de Jesus: Ele é o enviado do Pai para a redenção do mundo (Jo 3, 16-17; Rm 8, 32). Na Última Ceia, Jesus entrega aos seus discípulos o sacramento que actualiza o sacrifício que Ele, em obediência ao Pai, fez de Si mesmo pela salvação de todos nós. Não podemos abeirar-nos da mesa eucarística sem nos deixarmos arrastar pelo movimento da missão que, partindo do próprio Coração de Deus, visa atingir todos os homens; assim, a tensão missionária é parte constitutiva da forma eucarística da existência cristã.

### **Eucaristia e testemunho**

85. A missão primeira e fundamental, que deriva dos santos mistérios celebrados, é dar testemunho com a nossa vida. O enlevo pelo dom que Deus nos concedeu em Cristo, imprime à nossa existência um dinamismo novo que nos compromete a ser testemunhas do seu amor. Tornamo-nos testemunhas quando, através das nossas acções, palavras e modo de ser, é Outro que aparece e Se comunica. Pode-se afirmar que o testemunho é o meio pelo qual a verdade do amor de Deus alcança o homem na história, convidando-o a acolher livremente esta novidade radical. No testemunho, Deus expõe-Se por assim dizer ao risco da liberdade do homem. O próprio Jesus é a testemunha fiel e verdadeira (Ap 1, 5; 3, 14); veio para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37). Nesta ordem de ideias, apraz-me retomar um conceito caro aos primeiros cristãos mas que nos interpela também a nós, cristãos de hoje: o testemunho até ao dom de si mesmo, até ao martírio, sempre foi considerado, na história da Igreja, o apogeu do novo culto espiritual: «Ofereci os vossos corpos» (Rm 12, 1). Pense-se, por exemplo, na narração do martírio de São Policarpo de Esmirna, discípulo de São João: o seu caso, dramático, é todo ele descrito como uma liturgia; mais ainda, como se o próprio mártir se tornasse Eucaristia. (235) Pensemos também na consciência eucarística que Inácio de Antioquia exprime tendo em mente o seu martírio: considera-se «trigo de Deus» e, pelo martírio, deseja transformar-se em «pão puro de Cristo». (236) O cristão, quando oferece a sua vida no martírio, entra em plena comunhão com a páscoa de Jesus Cristo e, assim, ele mesmo se torna Eucaristia com Cristo. Não faltam, ainda hoje, à Igreja os mártires, nos quais se manifesta de modo supremo o amor de Deus. E, mesmo que não nos seja pedida a prova do martírio, sabemos, porém, que o culto agradável a Deus postula intimamente esta disponibilidade (237) e encontra a sua realização no feliz e convicto testemunho perante o mundo numa vida cristã coerente nos diversos sectores onde o Senhor nos chama a anunciá-Lo.

### **Jesus Cristo, único Salvador**

86. Sublinhar a ligação intrínseca entre Eucaristia e missão faz-nos descobrir também o conteúdo supremo do nosso anúncio. Quanto mais vivo for o amor pela Eucaristia no coração do povo cristão, tanto mais clara lhe será a incumbência da missão: levar Cristo; não meramente uma

ideia ou uma ética n'Ele inspirada, mas o dom da sua própria Pessoa. Quem não comunica a verdade do Amor ao irmão, ainda não deu bastante. A Eucaristia enquanto sacramento da nossa salvação chama-nos assim, inevitavelmente, à unicidade de Cristo e da salvação por Ele realizada a preço do seu sangue. Por isso, do mistério eucarístico acreditado e celebrado nasce a exigência de educar constantemente a todos para o trabalho missionário, cujo centro é o anúncio de Jesus, único Salvador. (238) Isto impedirá de confinar, em chave meramente sociológica, a obra decisiva de promoção humana que todo o processo de evangelização autêntico sempre implica.

*(Papa Bento XVI, Exortação apostólica Sacramento de caridade, 2007)*

**3º BLOCO****I – O dom do Espírito****LINHAS GERAIS**

*Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abbá! Pai! (Gal 4, 6)*

O Espírito Santo é o amor feito dom que brota (procede) da relação entre o Pai e Filho. É o Espírito Santo, que nos introduz na comunhão com Deus. Por meio d'Ele, o amor de Deus é derramado em nossos corações e o Pai e o Filho passam a habitar em nós.

É Ele que age no interior de cada homem e nos suscita a fé: Ninguém pode dizer 'Jesus é o Senhor', a não ser pela acção do Espírito Santo (1Cor 12, 3). O Espírito é Deus em nós, que nos enche de dons e nos põe em comunhão permanente com o Pai e o Filho.

O Espírito de Cristo ressuscitado, derramado no coração dos seus filhos desde o dia do baptismo, anima e renova continuamente a sua Igreja, impregnando-a do seu amor e sabedoria.

É o Espírito de Cristo glorioso que a constrói, anima e santifica fazendo dela povo de Deus e Templo do Espírito Santo. Por isso este povo é chamado a viver segundo o Espírito, a ser no meio do mundo semente de vida nova que dá frutos de caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e temperança.

**O QUE SE PRETENDE**

- Aprofundar o conhecimento e a relação com o Espírito Santo;
- Reconhecer o Espírito Santo como o Amor entre o Pai e o Filho: a terceira pessoa da Santíssima Trindade;
- Reconhecer que é pelo Espírito Santo que somos discípulos de Jesus Cristo e que é o Espírito Santo que faz a Igreja.

Para este tema propomos a realização de três encontros. Nos primeiros dois encontros propõe-se um conhecimento um pouco mais aprofundado dos frutos e dons do Espírito Santo.

No terceiro encontro propõe-se que os jovens identifiquem os dons do Espírito Santo exercidos nos diferentes serviços da comunidade a que pertencem e cada um é convidado a reconhecer em si mesmo os sinais da presença do Espírito e a importância de os colocar ao serviço do bem comum.



# 1º Encontro



## Bíblia

### Tronco de árvore

Folhas em forma de fruto ou bolas de esferovite ou de Natal “transformadas” em frutos pendurados na árvore. Num lado terá escrito o nome do fruto do Espírito Santo e do outro a frase que o descreve.

Cópias do texto para a oração



1. O animador coloca ao grupo várias questões para lançar o tema deste encontro:

- O que é o Espírito Santo?
- Como e quando é que ele foi relevado?
- Qual a sua acção?
- O que ele traz à nossa vida?

2. Animador: a solenidade do Pentecostes leva-nos a reviver os primórdios da Igreja. O livro dos Actos dos Apóstolos narra que, cinquenta dias depois da Páscoa, na casa onde se encontravam os discípulos de Jesus, «de repente, veio do céu um fragor, como se soprasse um vento impetuoso... e ficaram todos cheios do Espírito Santo» (2, 2-4). Os discípulos ficaram completamente transformados por esta efusão: o medo é substituído pela coragem, o fechamento cede o lugar ao anúncio e cada dúvida é afugentada pela fé repleta de amor. É o «baptismo» da Igreja, que assim encetava o seu caminho na história, orientada pelo vigor do Espírito Santo.

Ler Act 2, 1-4

3. Animador: mesmo depois deste acontecimento, o Espírito Santo era ainda desconhecido de muitos Cristãos. Existe até uma passagem que relata esse mesmo desconhecimento – ler Act 19, 1-7.

Na maioria das vezes, o Espírito age no coração dos homens de maneira pouco espetacular. Na maior parte do tempo, ele dá-nos frutos “normais”, silenciosos. Estes frutos são dados a todos, pessoalmente e em comunidade.

Ler Gal. 5, 16-26

4. De seguida cada jovem retira um fruto da árvore e lê a frase que está atrás e que descreve esse fruto do Espírito Santo.

### **Amor/Alegria**

É a caridade. Amar os outros como Deus nos ama.

Sermos mesmo felizes por acreditar em Deus, por saber que somos amados. Uma alegria que existe apesar dos sofrimentos que nos possam acontecer.

### **Paz/Paciência**

Viver em paz interior para podermos ser sinal de amor para o mundo.

Suportar as contrariedades, as doenças, os obstáculos e as perseguições. Não nos revoltarmos com Deus, aceitar o que Ele coloca no nosso caminho.

**Amabilidade**

Termos sempre o coração preparado para fazer o bem que pudermos por todas as pessoas que pudermos. Estar atento aos outros. Sermos simpáticos, educados.

**Bondade/Fidelidade**

É fazer o bem sempre, sem medida e sem esperar contrapartidas. Ter bom coração, amar a sério. Sermos fiéis à nossa Fé católica. Sabermos que pertencemos a uma Igreja e permanecer sempre com Jesus no caminho da nossa vida.

**Humildade**

Reconhecimento de que toda a grandeza e glória da vida vêm de Deus, que ilumina a verdadeira condição de cada um.

**Auto domínio**

Sermos capazes de controlar os desejos e pensamentos que sabemos não serem bons para nós. Respeitar o nosso corpo e o dos outros.

5. Partilha: que sinais identificas em ti, na tua forma de ser e de estar (atitudes, gestos, palavras, pensamentos, sentimentos, desejos) que são reveladores da presença do Espírito Santo?

6. Convidar cada jovem a identificar qual o fruto do Espírito que, em seu entender, caracteriza mais o elemento do grupo que se senta ao seu lado direito. Justificar a sua escolha.



113 | 120 | 311

**Cântico**

Vem Espírito de amor (Taizé)

[Todos]

Divino Espírito Santo, Sopro eterno de Amor entre o Pai e o Filho!  
Hoje venho pedir-te de coração aberto, os teus doze frutos:

O fruto da caridade, que me faça amar a Deus de todo o coração  
e ao meu próximo como a mim mesmo.

O fruto da alegria, que me faça viver intimamente consolado,  
sem nunca desanimar, por mais que esteja sofrendo.

O fruto da paz, que me faça viver espiritualmente tranquilo,  
ainda que esteja passando as maiores tribulações internas ou externas.

O fruto da paciência,  
que me ajude a sofrer qualquer coisa por amor a Deus.

O fruto da amabilidade, que me faça solidário  
e amigo com todos que precisarem de mim.

O fruto da bondade, que me torne atencioso para com todos,  
principalmente com os mais necessitados.

O fruto da fidelidade, que me faça crer firmemente na vossa Palavra,  
revelada no Universo, na História, na Bíblia e na Igreja.

O fruto da humildade, que me leve a ser simples  
e a aceitar viver no silêncio e nas coisas pequenas.

O fruto da castidade, para que eu respeite o meu corpo  
e o dos meus irmãos e irmãs,  
como templos sagrados onde Tu queres habitar para sempre.

Divino Espírito Santo, faz que os teus frutos cresçam em mim cada dia mais,  
para que eu possa contemplar eternamente, de corpo e alma,  
a tua glória no Pai e no Filho Jesus.  
Ámen.

Leitor: Vinde, Espírito Santo!  
Enchei os corações de vossos fiéis, e acendei neles o fogo do vosso amor.  
Enviai, Senhor, o vosso Espírito, e tudo será criado.  
Todos: E renovareis a face da terra.

Leitor: Ó Deus, que iluminastes os corações de vossos fiéis  
com a luz do Espírito Santo,  
concedei-nos, pelo mesmo Espírito,  
que apreciemos rectamente todas as coisas  
e nos alegremos sempre de sua consolação.  
Por Cristo, Senhor nosso.  
Todos: Ámen.

### **Pai-Nosso**

**Cântico**  
Espírito de amor”



«Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós (...) Recebei o Espírito Santo» (Jo 20, 21.22): diz-nos Jesus. A efusão do Espírito, que tivera lugar na tarde da Ressurreição, repete-se no dia de Pentecostes, corroborada por sinais visíveis extraordinários. Na tarde de Páscoa, Jesus aparece aos Apóstolos e sopra sobre eles o seu Espírito (cf. Jo 20, 22); na manhã de Pentecostes, a efusão acontece de forma estrondosa, como um vento que se abate impetuoso sobre a casa e irrompe na mente e no coração dos Apóstolos. Como resultado, recebem uma força tal que os impele a anunciar, nas diferentes línguas, o evento da Ressurreição de Cristo: «Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas» (Act 2, 4). Juntamente com eles,

estava Maria, a Mãe de Jesus, a primeira discípula, e ali se torna Mãe da Igreja nascente. Com a sua paz, com o seu sorriso, com a sua maternidade, acompanhava a alegria da jovem Esposa, a Igreja de Jesus.

A palavra de Deus – especialmente neste dia – diz-nos que o Espírito age nas pessoas e comunidades que estão repletas d’Ele, fá-las capazes de receber Deus («capax Dei» – dizem os Santos Padres). E que faz o Espírito Santo por meio desta capacidade nova que nos dá? Guia para a verdade completa (Jo 16,13), renova a terra (Sal 103/104) e produz os seus frutos (Gal 5, 22-23). Guia, renova e dá frutos.

No Evangelho, Jesus promete aos seus discípulos que, quando Ele tiver regressado ao Pai, virá o Espírito Santo que os «há-de guiar para a verdade completa» (Jo 16, 13). Chama-Lhe precisamente «Espírito da verdade», explicando que a sua acção será introduzi-los sempre mais na compreensão daquilo que Ele, o Messias, disse e fez, nomeadamente da sua morte e ressurreição. Aos Apóstolos, incapazes de suportar o escândalo da Paixão do seu Mestre, o Espírito dará uma nova chave de leitura para os introduzir na verdade e beleza do evento da Salvação. Estes homens, antes temerosos e bloqueados, fechados no Cenáculo para evitar repercussões da Sexta-feira Santa, já não se envergonharão de ser discípulos de Cristo, já não tremerão perante os tribunais humanos. Graças ao Espírito Santo, de que estão repletos, compreendem «a verdade completa», ou seja, que a morte de Jesus não é a sua derrota, mas a máxima expressão do amor de Deus; um amor que, na Ressurreição, vence a morte e exalta Jesus como o Vivente, o Senhor, o Redentor do homem, o Senhor da história e do mundo. E esta realidade, de que são testemunhas, torna-se a Boa Notícia que deve ser anunciada a todos.

Depois o Espírito Santo renova – guia e renova – renova a terra. O Salmo diz: «Se envias o teu Espírito, (...) renovas a face da terra» (Sal 103/104, 30). A narração dos Actos dos Apóstolos sobre o nascimento da Igreja encontra uma significativa correspondência neste Salmo, que é um grande louvor de Deus Criador. O Espírito Santo, que Cristo enviou do Pai, e o Espírito que tudo vivifica são uma só e mesma pessoa. Por isso, o respeito pela criação é uma exigência da nossa fé: o «jardim» onde vivemos é-nos confiado, não para o explorarmos, mas para o cultivarmos e guardarmos com respeito (cf. Gn 2, 15). Mas isto só é possível, se Adão – o homem plasmado da terra – se deixar, por sua vez, renovar pelo Espírito Santo, se deixar re-plasmar pelo Pai segundo o modelo de Cristo, novo Adão. Então sim, renovados pelo Espírito, podemos viver a liberdade dos filhos em harmonia com toda a criação e, em cada criatura, podemos reconhecer um reflexo da glória do Criador, como se afirma noutra Salmo: «Ó Senhor, nosso Deus, como é admirável o teu nome em toda a terra!» (8, 2.10). Guia, renova e dá, dá fruto.

Na Carta aos Gálatas, São Paulo quer mostrar qual é o «fruto» que se manifesta na vida daqueles que caminham segundo o Espírito (cf. 5, 22). Temos, duma parte, a «carne» com o cortejo dos seus vícios elencados pelo Apóstolo, que são as obras do homem egoísta, fechado à acção da graça de Deus; mas, doutra, há o homem que, com a fé, deixa irromper em si mesmo o Espírito de Deus e, nele, florescem os dons divinos, resumidos em nove radiosas virtudes que Paulo chama o «fruto do Espírito». Daí o apelo, repetido no início e no fim como um programa de vida: «caminhai no Espírito» (Gal 5, 16.25).

O mundo tem necessidade de homens e mulheres que não estejam fechados, mas repletos de Espírito Santo. Para além de falta de liberdade, o fechamento ao Espírito Santo é também pecado. Há muitas maneiras de fechar-se ao Espírito Santo: no egoísmo do próprio benefício, no legalismo rígido – como a atitude dos doutores da lei que Jesus chama de hipócritas –, na falta de memória daquilo que Jesus ensinou, no viver a existência cristã não como serviço mas como interesse pessoal, e assim por diante. Ao contrário, o mundo necessita da coragem, da esperança, da fé e da perseverança dos discípulos de Cristo. O mundo precisa dos frutos, dos dons do Espírito Santo, como elenca São Paulo: «amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade,

mansidão, autodomínio» (Gal 5, 22). O dom do Espírito Santo foi concedido em abundância à Igreja e a cada um de nós, para podermos viver com fé genuína e caridade operosa, para podermos espalhar as sementes da reconciliação e da paz. Fortalecidos pelo Espírito – que guia, guia-nos para a verdade, que nos renova a nós e à terra inteira, e que nos dá os frutos – fortalecidos no Espírito e por estes múltiplos dons, tornamo-nos capazes de lutar sem abdições contra o pecado, de lutar sem abdições contra a corrupção que dia a dia se vai estendendo sempre mais no mundo, e dedicar-nos, com paciente perseverança, às obras da justiça e da paz.

*(Papa Francisco, Missa da Solenidade de Pentecostes, 24 Maio 2015)*

A solenidade do Pentecostes leva-nos a reviver os primórdios da Igreja. O livro dos Actos dos Apóstolos narra que, cinquenta dias depois da Páscoa, na casa onde se encontravam os discípulos de Jesus, «de repente, veio do céu um fragor, como se soprasse um vento impetuoso... e ficaram todos cheios do Espírito Santo» (2, 2-4). Os discípulos ficaram completamente transformados por esta efusão: o medo é substituído pela coragem, o fechamento cede o lugar ao anúncio e cada dúvida é afugentada pela fé repleta de amor. É o «baptismo» da Igreja, que assim encetava o seu caminho na história, orientada pelo vigor do Espírito Santo.

Aquele acontecimento, que transforma o coração e a vida dos Apóstolos e dos outros discípulos, repercute-se imediatamente fora do Cenáculo. Com efeito, aquela porta que ficou fechada durante cinquenta dias, finalmente foi aberta de par em par, e a primeira Comunidade cristã, não mais fechada em si mesma, começa a falar às multidões de diferentes proveniências sobre as maravilhas de Deus (cf. v. 11), ou seja, sobre a Ressurreição de Jesus, que fora crucificado. E cada um dos presentes ouve os discípulos falarem na sua própria língua. O dom do Espírito restabelece a harmonia das línguas que se tinha perdido em Babel e prefigura a dimensão universal da missão dos Apóstolos. A Igreja não nasce isolada, mas universal, una, católica, com uma identidade específica mas aberta a todos, não fechada, com uma identidade que abrange o mundo inteiro, sem excluir ninguém. A mãe Igreja não fecha a porta na cara de ninguém! Nem sequer ao maior pecador, a ninguém! E isto devido à força, à graça do Espírito Santo. A mãe Igreja abre de par em par as suas portas a todos, porque é mãe.

O Espírito Santo derramado durante o Pentecostes no coração dos discípulos é o começo de uma nova estação: a estação do testemunho e da fraternidade. É uma estação que vem do alto, vem de Deus, como as chamas de fogo que pousaram sobre a cabeça de cada discípulo. Era a chama do amor que queima toda a aspereza; era a língua do Evangelho que ultrapassa os confins postos pelos homens e sensibiliza os corações da multidão, sem qualquer distinção de língua, raça ou nacionalidade. Como naquele dia de Pentecostes, o Espírito Santo é derramado continuamente também hoje sobre a Igreja e sobre cada um de nós, para que abandonemos as nossas mediocridades e os nossos egoísmos e comuniquemos ao mundo inteiro o amor misericordioso do Senhor. Comunicar o amor misericordioso do Senhor: eis a nossa missão! Também nós recebemos o dom da «língua» do Evangelho e do «fogo» do Espírito Santo para que, enquanto anunciamos Jesus ressuscitado vivo e presente no meio de nós, aqueçamos o nosso coração e também o coração dos povos, aproximando-os d'Aquele que é Caminho, Verdade e Vida.

Confiemo-nos à intercessão maternal de Maria Santíssima, que estava presente como Mãe no meio dos discípulos no Cenáculo: é a mãe da Igreja, a mãe de Jesus que se tornou mãe da Igreja. Confiemo-nos a Ela a fim de que o Espírito Santo desça abundantemente sobre a Igreja do nosso tempo, encha os corações de todos os fiéis e faça arder neles o fogo do seu amor.

*(Papa Francisco, Regina Coeli, Solenidade de Pentecostes, 24 Maio 2015)*

### Os frutos do Espírito

Não há muitos anos atrás, falar dos frutos do Espírito Santo tenha um significado preciso e claro: tratava-se de um conjunto de virtudes que todo o cristão, completada a iniciação cristã (logo, já confirmado), era chamado a viver, conduzido pelo Espírito; conjunto esse apresentado a partir da lista referida por S. Paulo aos cristãos da Galácia (cf. Gal 5,22).

Hoje, porém, o seu significado é mais amplo. Sem negar a doutrina tradicional (muito válida), aquela expressão tem um alcance e um horizonte mais vasto. Na linha do próprio Novo Testamento, parece querer apontar em primeiro lugar para a Vida Nova dada pelo Pai em Jesus Cristo, e alimentada sob a condução do Espírito Santo. É a vida de Deus em nós.

De facto, aquele que recebe o Espírito de Deus é divinizado, configurado com Cristo, assimilado à Páscoa de Cristo; toma-se uma realidade nova (cf. 2 Cor 5, 17). A presença cristificante do Espírito Santo no cristão passa a modelar o ser e o agir do discípulo do Senhor. Os que vivem segundo o Espírito passam a desejar as coisas do Espírito (cf. Rom 8, 5). É o próprio Espírito quem nos atesta a nossa nova condição de filhos de Deus, co-herdeiros com Cristo, chamados à glória n'Ele. O grande fruto do Espírito em nós é podermos dirigir a Deus esta palavra: "Abba, Pai" (cf. Rom 8,14-17).

Vejam agora algumas manifestações concretas desta Vida Nova no cristão, às quais, por isso, também designaremos por "frutos do Espírito Santo".

#### 1) Mandamento Novo: serviço da caridade (Jo 13,1-20;1 Cor 13, 1-13).

A Páscoa de Jesus é a manifestação máxima do mistério da, missão e da pessoa do Filho de Deus encarnado; e S. João introdu-la com o episódio do lava-pés. Para ele, ao chegar a hora para a qual o Messias viera ao mundo e vinha sendo conduzido pelo Espírito manifesta-se claramente o amor sem limites, levado até ao fim: Jesus despoja-se de Suas vestes, ajoelha-Se e lava os pés aos discípulos! O Mestre faz-Se escravo e servo! Inicia assim a hora da Cruz: também aí será despojado das vestes, far-Se-á pequeno e sofrerá a morte do escravo ou marginalizado.

Este gesto de serviço urge como central; a ponto de ser necessário para que se possa tomar parte com Cristo (cf. Jo 13, 8). Pois ele é sinal do verdadeiro amor, no qual alguém é capaz de se entregar pelo outro; a caridade autêntica ensina-nos a tomarmo-nos pequenos e servos, para elevar os outros.

Na mesma linha, S. Paulo apresenta no seu hino à caridade, a grande novidade cristã: não interessa tanto aquilo que se faz, importa antes a caridade com que se o faz. Esta, própria de Deus, é a maior de todas as virtudes e a única que permanece (cf. I Cor 13, 13). É o Espírito quem conduz o discípulo nesta identificação com Deus, até que este alcance o estado de homem perfeito, a medida da estatura de plenitude de Cristo (cf. Ef 4, 13). A caridade é, pois, o primeiro dos frutos do Espírito Santo.

#### 2) Vida de ressuscitados: paz e perdão (Jo 20,19-23; Gal 4, 6).

A narrativa pascal do evangelho segundo S. João apresenta-nos a aparição do Ressuscitado aos doze, na qual Ele lhes concede o dom do Espírito Santo, simultaneamente com a Sua paz e o perdão dos pecados. Do mesmo modo que com a caridade, a paz e o perdão não são meros bem-estar ou ausência de guerra e um qualquer processo psicológico de desculpabilização. A paz e o perdão são o estado e o dinamismo próprios de quem já vive a vida de Deus. São a nova realidade em que vive aquele que se reveste do Homem Novo (cf. Ef 4, 24), que é tomado filho de Deus, que acolhe o Espírito de Seu Filho (cf. Gal 4, 6).

Para S. Paulo, a paz é um dos desejos do homem espiritual, que vive pelo Espírito (cf. Rom 8, 6). De facto, n'Ele cada um vai-se tornando habitação de Deus, assente na pedra angular que é Cristo. E assim fortalecidos nesta Rocha firme, nem a tempestade da fragilidade e do pecado, da dor e da

injustiça, deitam a casa abaixo: no meio desta realidade passageira, o discípulo permanece, pelo Espírito, ancorado na paz e no perdão do Senhor.

3) A verdade que liberta (Jo 14, 26; Gal 5, 1).

Um outro fruto de Espírito Santo, prometido por Cristo, é o conhecimento de todas as coisas, o conhecimento da verdade. Mais que um saber teórico ou doutrinal, a verdade é o próprio Cristo (cf. Jo 14, 6), é a Luz que revela a cada um o mistério último e profundo da sua existência: quem sou, porque sou, donde venho, para onde caminho.

A verdade é a Luz libertadora que desamarra de tudo o que aprisiona e encerra na pequenez caprichosa, antes colocando diante da grandeza de Deus que eleva. O Espírito que ensina toda a verdade (cf. Jo 14, 26) re-orienta o discípulo do Senhor: revela à criatura a verdade de si própria, abrindo-a ao Criador; leva-o a centrar-se em Cristo; dá-lhe a vida e, Cristo, que nos libertou para a liberdade da glória dos filhos de Deus (cf. Gal 5, 1; Rom 8, 21); leva-o a não querer outra coisa que não a vontade de Deus. E a vontade de Deus é que todos cheguem ao conhecimento da verdade e se salvem (cf. I Tim 2, 4).

4) Anúncio alegre e corajoso (Lc 24, 13-34; 1Cor 15,1-10).

Chamo agora a atenção para outro autor: Lucas. Este mostra-nos como o encontro com o Ressuscitado e o acolhimento do Espírito por Ele dado, provocam nos discípulos um dinamismo irreprimível do anúncio feliz e corajoso da Boa Nova descoberta. Tal como já fizera com o próprio Jesus na Sua vida terrena (cf. Lc 4, 1- 14), também é o Espírito quem impele os discípulos ao encontro com Deus e ao anúncio jubiloso da Vida Nova. Não é possível ficar calado. O coração fica abrasado. A boa notícia tem de ser difundida e traduzida nas diferentes línguas (cf. Act 2, 1-36). É o Espírito enviado por Cristo quem reveste os discípulos da força necessária para o testemunho e a pregação (cf. Lc 24, 46-49).

A vida de S. Paulo é sinal vivo disto mesmo; toda a sua vida resume-se a este anúncio incansável da Boa Nova recebida (cf. 1 Cor 15, 1.10). Um cristão marcado pelo Espírito é assim um missionário, um profeta, alguém enviado a pregar; é alguém capaz de proclamar que a vida vale a pena porque o Senhor Ressuscitou; é alguém capaz de ser sinal de esperança, testemunha da alegria.

5) O povo novo: serviço de comunhão (1 Cor 12).

Se como já vimos, o Espírito Santo nos configura com a pessoa de Jesus Cristo, une-nos não só às Suas vida e missão terrenas, mas também ao Seu lugar no seio da Trindade. Insere-nos assim num dinamismo de comunhão profunda, ao modo da do Filho com o Pai, que consiste no “ser com...”, no “viver com...”. Nesta existência terrena, tal passa pelo “fazer caminho com...”, por “construir com...”. Nesta construção, cada membro procura, não o reconhecimento dos outros ou o dar nas vistas, antes contribuir para o crescimento e o caminhar do Corpo de Cristo. Cada um põe a render os seus talentos, sob a coordenação da Cabeça, para o crescimento do Corpo (cf. 1 Cor 12, 20- 25).

Aquele que se deixa conduzir pelo Espírito é capaz de dar expressão aos apelos e sugestões de novas formas de serviço para o bem de todos, sem entrar em rupturas. É alguém que se empenha por construir em conjunto. É alguém que busca participação sem vedetismo. É alguém que constrói Igreja e não “capelinhas”. Em suma, é alguém capaz de promover a novidade na fidelidade à Tradição, a unidade na pluralidade, e de aceitar as diferenças, orientando-as para a complementaridade.

Quando todos juntos formos caminhando mais visivelmente nestas cinco dimensões, mais nos abriremos ao Espírito para que produza os Seus frutos, antecipando o Reino de Deus neste mundo.

*(Padre José Miguel Pereira, Diocese de Lisboa)*

## 2º Encontro



Texto “Louvor ao Espírito”

Bíblias

Sete papéis para sorteio, cada um apenas com a referência de uma passagem bíblica:

(Entendimento) Rm 12, 2

(Sabedoria) 1Reis 3, 9-10

(Conselho) Sl 16, 7-8

(Fortaleza) Fl 4, 11-13

(Ciência) Rm 1, 19-20

(Piedade) Rm 12, 9-15

(Temor de Deus) Act 9, 31

Excertos do texto do Papa Francisco (Ver textos de apoio)

Sete chamás em cartolina, de tamanho grande

Música “Espírito Vem” de Claudine Pinheiro (disponível online em [www.myspace.com/claudinepinheiro](http://www.myspace.com/claudinepinheiro) ou no cd Capaz de Ti)

Uma vela grande



1. Este encontro é a continuidade do anterior, por isso sugerimos que comece com uma oração de invocação ao Espírito Santo.

Cântico (ao Espírito Santo)

[Todos]

Louvor a ti, Senhor poderoso,  
Espírito Consolador,  
generoso dispensador de todos os bens  
tu és igual ao Pai e ao Filho,  
a ti a glória e a sabedoria.

Tu és luz e portador de luz,  
tu és bondade e fonte de toda a bondade;  
tu és o Espírito que forma os profetas  
e suscita os apóstolos;  
tu dás a vitória aos mártires  
e a força aos confessores.

Tornas inteligentes aqueles que procuram,  
diriges os que erram,  
consolas os que estão tristes



e fortaleces os fracos;  
curas os feridos, reergues os caídos,  
dás coragem aos temerosos.  
Acalmas os coléricos, abrandas os corações duros,  
confirmas os fieis e guardas os crentes.  
Nós te suplicamos. Espírito Consolador,  
desce ao templo dos nossos corações,  
como desceste na sala superior,  
testemunha da santa Ceia.

Vivifica-nos com os teus dons que nos fazem bem,  
inflama os nossos corações com o fogo do teu amor,  
traz-nos a tua sabedoria eterna,  
e que a tua luz brilhante purifique os nossos corações...  
Espírito Santo, vem rezar em nós.

*(Liturgia de Taizé, in Jean Durcase (org) Palavras para rezar. Orações dos grandes orantes)*

2. O animador introduz o tema do encontro: os dons do Espírito Santo.

O Espírito Santo constitui a alma, a linfa vital da Igreja e de cada cristão: é o Amor de Deus que faz do nosso coração a sua morada e entra em comunhão com cada um de nós. O Espírito Santo está sempre connosco, em nós, no nosso coração.

O próprio Espírito é «o dom de Deus» por excelência (cf. Jo 4, 10), um presente de Deus e, por sua vez, transmite vários dons a quantos o acolhem. A Igreja identifica sete, número que simbolicamente significa plenitude, totalidade; são aqueles que aprendemos quando nos preparamos para receber o sacramento da Confirmação e que invocamos na antiga prece da chamada «Sequência ao Espírito Santo».

3. Se possível formar sete grupos. De forma aleatória, cada grupo retira um dos papéis que contém uma referência de uma passagem bíblica. Procuram e lêem a passagem. Tentam associar essa passagem a um dom do Espírito Santo.

Parte-se do princípio que estes jovens, no seu caminho de catequese até aqui, já conhecem os dons do Espírito Santo. Ainda assim, se houver alguma dificuldade, o animador deverá ajudar a chegar à resposta correcta.

4. Já divididos em grupos, será entregue a cada um o excerto do texto do papa Francisco que desenvolve o dom que lhe calhou em sorteiro. Deverão ler e, em grupo, escrever nas chamas de cartolina as principais ideias / palavras que descrevem esse dom.

5. Em plenário, são apresentados os resultados dos trabalhos de grupo.

**Cântico****Espírito Vem**

**NOTA:** Enquanto escutam o cântico os jovens podem colocar as chamas de cartolina em redor de uma vela grande, colocada no centro do grupo.

[Cada grupo poderá rezar, em conjunto, a intenção relativa ao “seu” dom]

Espírito Santo, concedei-me o dom da **Sabedoria**.

Com ela, saberei viver dignamente. Sentirei gosto pelas coisas de Deus. E farei tudo de coração alegre, para ver os meus irmãos sempre mais felizes, como eu mesmo quero ser feliz.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom do **Entendimento**.

Com ele, poderei compreender sempre melhor a vossa Palavra na minha vida, na vida do meu próximo, na Bíblia e nos acontecimentos de cada dia. E assim viverei sempre de acordo com a vossa vontade divina.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom do **Conselho**.

Com ele, poderei encontrar a decisão certa em cada momento. E saberei também aconselhar, ajudando o meu próximo, não só com sugestões, mas principalmente com o meu bom exemplo, com o testemunho de vida cristã e com a minha solidariedade.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom da **Fortaleza**.

Com ele, não terei medo de nada: nem das ofensas, nem dos sofrimentos. E terei forças para não desanimar no caminho que me leva até vós.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom da **Ciência**.

Com ela, conhecerei sempre melhor os caminhos que me levam para vós. Não peço apenas ciência que passa, mas principalmente a consciência tranquila de viver na fé, na esperança e na caridade.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom da **Piedade**.

Aquela afeição filial diante do nosso Pai Celeste. Com esse dom, continuarei a amar a Deus de todo o coração, com todas as minhas forças, com toda a minha inteligência, com toda a minha alegria, mesmo nos momentos de amargura e dor. E saberei amar e animar o meu próximo como a mim mesmo, com medo somente de ofender alguém, seja quem for. Porque vós nos tornastes filhos e filhas de Deus.

Todos: Vinde, Espírito Santo!

Espírito Santo, concedei-me o dom do **Temor de Deus**.

Assim, eu terei um só receio: o medo de ofender e entristecer a Deus Pai. Assim temendo, como filho, ao meu Deus, nunca vou ofender o meu irmão, imagem de Deus, e saberei perdoar sempre, exactamente como eu quero amar e ser perdoado.

Todos: Vinde, Espírito Santo!



Durante a próxima semana, cada grupo deverá procurar um membro da sua comunidade, que aí exerça um serviço concreto - catequista, cantor, leitor, acólito, músico, visitador de pobres e doentes, ministro da comunhão, colaborador em ações de alfabetização, serviço aos estrangeiros, explicações solidárias, serviços às populações mais carenciadas, etc.

Questionar cada uma dessas pessoas acerca dos motivos que a levaram a escolher aquele serviço e o significado que realizar o mesmo tem na sua vida.

Cada grupo deverá registar as respostas e tirar uma foto do “entrevistado”, que deverá imprimir e trazer no próximo encontro. Ou, em alternativa, gravar a conversa em vídeo e apresentá-la.



## Os dons do Espírito Santo

### Sabedoria

Portanto o primeiro dom do Espírito Santo, de acordo com este elenco, é a sabedoria. Mas não se trata simplesmente da sabedoria humana, que é fruto do conhecimento e da experiência. Na Bíblia narra-se que, no momento da sua coroação como rei de Israel, Salomão tinha pedido o dom da sapiência (cf. 1 Rs 3, 9). E a sapiência consiste precisamente nisto: é a graça de poder ver tudo com os olhos de Deus. É simplesmente isto: ver o mundo, as situações, as conjunturas e os problemas, tudo, com os olhos de Deus. Nisto consiste a sabedoria. Às vezes nós vemos a realidade segundo o nosso prazer, ou em conformidade com a situação do nosso coração, com amor ou com ódio, com inveja... Não, este não é o olhar de Deus. A sabedoria é aquilo que o Espírito Santo realiza em nós, a fim de vermos todas as realidades com os olhos de Deus. Este é o dom da sabedoria.

E obviamente ele deriva da intimidade com Deus, da relação íntima que temos com Deus, da nossa relação de filhos com o Pai. E quando mantemos esta relação, o Espírito Santo concede-nos o dom da sabedoria. Quando estamos em comunhão com o Senhor, é como se o Espírito Santo transfigurasse o nosso coração, levando-o a sentir toda a sua veemência e predileção.

Assim, o Espírito Santo torna o cristão «sábio». Mas isto não no sentido que ele tem uma resposta para cada coisa, que sabe tudo, mas no sentido que «sabe» de Deus, sabe como Deus age, distingue quando algo é de Deus e quando não o é; tem aquela sabedoria que Deus infunde nos nossos corações. O coração do homem sábio, neste sentido, tem o gosto e o sabor de Deus. E como é importante que nas nossas comunidades haja cristãos assim! Neles tudo fala de Deus, tornando-se um sinal bonito e vivo da Sua presença e do Seu amor. É algo que não podemos improvisar, que não conseguimos alcançar sozinhos: é um dom que Deus concede àqueles que se tornam dóceis ao Espírito Santo. O Espírito Santo está dentro de nós, no nosso coração; podemos ouvi-lo, podemos escutá-lo. Se prestarmos ouvidos ao Espírito, Ele ensinar-nos-á o caminho da sabedoria, incutir-nos-á a sabedoria, que consiste em ver com os olhos de Deus, ouvir com os ouvidos de Deus, amar com o Coração de Deus, julgar com o juízo de Deus. Esta é a sabedoria que nos confere o Espírito Santo, e todos nós podemos tê-la. Só devemos pedi-la ao Espírito Santo.

Pensai numa mãe, em casa com os seus filhos; quando um deles faz algo, o segundo pensa noutra travessura e a pobre mãe vai de um lado para o outro, com os problemas das crianças. E quando as mães se cansam e repreendem os filhos, qual é a sabedoria? Ralhar com os filhos — perguntar-vos — é sabedoria? O que dizeis: é sabedoria ou não? Não! Ao contrário, quando a mãe pega no seu filho e o repreende docilmente, dizendo-lhe: «Não faças isto, por este motivo...», explicando-lhe com muita paciência, isto é sabedoria de Deus? Sim! É quanto nos dá o Espírito Santo na

vida! Além disso, por exemplo no matrimónio, os dois cônjuges — o esposo e a esposa — brigam e depois não se olham no rosto, ou quando se olham fazem-no de cara torta: isto é sabedoria de Deus? Não! Ao contrário, quando dizem: «Bem, passou a tempestade, façamos as pazes», e retomam o caminho em frente, em paz: isto é sabedoria? [o povo: sim!]. Eis no que consiste o dom da sabedoria! Que haja em casa, com as crianças e com todos nós!

E isto não se aprende: trata-se de um dom do Espírito Santo. Por isso, devemos pedir ao Senhor que nos conceda o Espírito Santo e nos confira a dádiva da sabedoria, daquela sapiência de Deus que nos ensina a ver com os olhos de Deus, a sentir com o Coração de Deus e a falar com as palavras de Deus. E assim, com esta sabedoria, vamos em frente, construamos a família, edifiquemos a Igreja santificando-nos a todos. Hoje peçamos a graça da sabedoria. E peçamo-la a Nossa Senhora, que é a Sede da sabedoria, deste dom: que Ela nos conceda esta graça.

### **Entendimento**

Não se trata da inteligência humana, da capacidade intelectual de que podemos ser mais ou menos dotados. Ao contrário, é uma graça que só o Espírito Santo pode infundir e que suscita no cristão a capacidade de ir além do aspecto externo da realidade e perscrutar as profundidades do pensamento de Deus e do seu desígnio de salvação.

Dirigindo-se à comunidade de Corinto, o apóstolo Paulo descreve bem os efeitos deste dom — ou seja, como age em nós o dom do entendimento — e Paulo diz o seguinte: «Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus preparou para aqueles que o amam. Todavia, Deus no-los revelou pelo seu Espírito» (1 Cor 2, 9-10). Obviamente, isto não significa que o cristão pode compreender tudo e ter um conhecimento completo dos desígnios de Deus: tudo isto permanece à espera de se manifestar em toda a sua limpidez, quando nos encontrarmos na presença de Deus e formos verdadeiramente um só com Ele. No entanto, como sugere a própria palavra, a inteligência permite «intus legere», ou seja, «ler dentro»: esta dádiva faz-nos compreender a realidade como o próprio Deus a entende, isto é, com a inteligência de Deus. Porque podemos compreender uma situação com a inteligência humana, com prudência, e isto é um bem. Contudo, compreender uma situação em profundidade, como Deus a entende, é o efeito deste dom. E Jesus quis enviar-nos o Espírito Santo para que também nós tenhamos este dom, para que todos nós consigamos entender a realidade como Deus a compreende, com a inteligência de Deus. Trata-se de um bonito presente que o Senhor concedeu a todos nós. É o dom com que o Espírito Santo nos introduz na intimidade com Deus, tornando-nos partícipes do desígnio de amor que Ele tem em relação a nós.

Então, é claro que o dom do entendimento está intimamente ligado à fé. Quando o Espírito Santo habita o nosso coração e ilumina a nossa mente, faz-nos crescer dia após dia na compreensão daquilo que o Senhor disse e levou a cabo. O próprio Jesus disse aos seus discípulos: enviar-vos-ei o Espírito Santo e Ele far-vos-á entender tudo o que vos ensinei. Compreender os ensinamentos de Jesus, entender a sua Palavra, compreender o Evangelho, entender a Palavra de Deus. Podemos ler o Evangelho e entender algo, mas se lermos o Evangelho com este dom do Espírito Santo conseguiremos compreender a profundidade das palavras de Deus. Este é um grande dom, uma dádiva enorme que todos nós devemos pedir, e pedir juntos: concedei-nos, ó Senhor, o dom do entendimento!

Há um episódio do Evangelho de Lucas que explica muito bem a profundidade e a força deste dom. Depois de ter assistido à morte na Cruz e à sepultura de Jesus, dois dos seus discípulos,

desiludidos e amargurados, deixam Jerusalém e voltam para o seu povoado chamado Emaús. Enquanto caminham, Jesus ressuscitado aproxima-se deles e começa a falar-lhes mas os seus olhos, velados pela tristeza e até pelo desespero, não são capazes de o reconhecer. Jesus caminha ao seu lado, mas eles sentem-se tão tristes, tão desesperados, que não o reconhecem. Contudo, quando o Senhor lhes explica as Escrituras para que compreendam que Ele devia ter sofrido e morrido para depois ressuscitar, as suas mentes abriam-se e nos seus corações voltou a acender-se a esperança (cf. Lc 24, 13-27). E é isto que nos faz o Espírito Santo: abre-nos a mente, abre-nos para nos fazer entender melhor, para nos levar a compreender melhor as disposições de Deus, as realidades humanas, as situações, tudo. O dom do entendimento é importante para a nossa vida cristã. Peçamos ao Senhor que nos conceda a todos este dom, a fim de nos fazer compreender, como Ele mesmo entende, as situações que acontecem e para que compreendamos, sobretudo, a Palavra de Deus no Evangelho.

### Conselho

Ouvimos na leitura o trecho do livro dos Salmos que diz: «Bendito o Senhor que me aconselha; durante a noite a minha consciência me adverte» (Sl 16, 7). Este é outro dom do Espírito Santo: o dom do conselho. Sabemos como é importante nos momentos mais delicados, poder contar com sugestões de pessoas sábias e que nos amam. Através do conselho é o próprio Deus, com o seu Espírito, que ilumina o nosso coração, fazendo com que compreendamos o modo justo de falar e de nos comportarmos, e o caminho que devemos seguir. Mas como age este dom em nós?

No momento em que o recebemos e o hospedamos no nosso coração, o Espírito Santo começa imediatamente a tornar-nos sensíveis à sua voz e a orientar os nossos pensamentos, sentimentos e intenções segundo o coração de Deus. Ao mesmo tempo, leva-nos cada vez mais a dirigir o olhar interior para Jesus, como modelo do nosso modo de agir e de nos relacionar com Deus Pai e com os irmãos. Portanto, o conselho é o dom com o qual o Espírito Santo torna a nossa consciência capaz de fazer uma escolha concreta em comunhão com Deus, segundo a lógica de Jesus e do seu Evangelho. Desta maneira, o Espírito faz-nos crescer interior e positivamente, faz-nos crescer na comunidade e ajuda-nos a não cair na armadilha do egoísmo e do próprio modo de ver as coisas. O Espírito ajuda-nos a crescer e a viver em comunidade. A condição essencial para conservar este dom é a oração. Voltamos sempre ao mesmo tema: a oração! Mas o tipo de oração não é tão importante. Podemos rezar com as preces que todos sabemos desde crianças, mas também com as nossas palavras. Pedir ao Senhor: «Senhor, ajudai-me, aconselhai-me, o que devo fazer agora?». E com a oração damos espaço para que o Espírito venha e nos ajude naquele momento, nos aconselhe sobre o que devemos fazer. A oração! Nunca esquecer a oração. Nunca! Ninguém nota quando rezamos no autocarro, pelas ruas: rezamos em silêncio com o coração. Aproveitemos estes momentos para rezar a fim de que o Espírito nos conceda o dom do conselho.

Na intimidade com Deus e na escuta da sua Palavra, começamos gradualmente a abandonar a nossa lógica pessoal, ditada muitas vezes pelos nossos fechamentos, preconceitos e ambições, e aprendemos a perguntar ao Senhor: qual é o teu desejo? Qual é a tua vontade? O que te agrada? Deste modo, amadurece em nós uma sintonia profunda, quase conatural no Espírito e podemos experimentar como são verdadeiras as palavras de Jesus apresentadas no Evangelho de Mateus: «Não vos preocupeis com o que haveis de falar nem com o que haveis de dizer; ser-vos-á inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, é o Espírito do vosso Pai que falará por vós» (10, 19-20). É o Espírito que vos aconselha, mas devemos dar espaço ao Espírito, para que possa aconselhar. E dar espaço é rezar para que Ele venha e nos ajude sempre.

Como todos os outros dons do Espírito também o conselho constitui um tesouro para toda a comunidade cristã. O Senhor não nos fala só na intimidade do coração, fala-nos sim mas não só ali, fala-nos também através da voz e do testemunho dos irmãos. É deveras um dom importante poder encontrar homens e mulheres de fé que, sobretudo nos momentos mais complicados e importantes da nossa vida, nos ajudam a iluminar o nosso coração e a reconhecer a vontade do Senhor!

Recordo-me que uma vez no santuário de Luján, estava no confessional, diante do qual havia uma fila longa. Tinha também um jovem muito moderno, com brincos, tatuagens, todas estas coisas... Veio para me dizer o que lhe acontecia. Era um problema grave, difícil. E disse-me: contei tudo à minha mãe e ela disse-me: conta isto a Nossa Senhora e Ela dir-te-á o que deves fazer. Eis uma mulher que tinha o dom do conselho. Não sabia como resolver o problema do filho, mas indicou a estrada justa: vai ter com Nossa Senhora e Ela dirá. Este é o dom do conselho. Aquela mulher humilde, simples, deu ao filho o conselho mais verdadeiro. De facto, o jovem disse-me: olhei para Nossa Senhora e sinto que devo fazer isto, isto e isto... Nem precisei de falar, já tinham falado tudo a sua mãe e o próprio jovem. Este é o dom do conselho. Vós mães tendes este dom, pedi-o para os vossos filhos, o dom de aconselhar os filhos é um dom de Deus.

Queridos amigos, o Salmo 16 convida-nos a rezar com estas palavras: «Bendito o Senhor que me aconselha; durante a noite a minha consciência me adverte. Tenho sempre o Senhor diante dos meus olhos, está à minha direita e jamais vacilarei» (vv. 7-8). Que o Espírito possa infundir sempre no nosso coração esta certeza e encher-nos da sua consolação e paz! Pedi sempre o dom do conselho.

### **Fortaleza**

Existe uma parábola, narrada por Jesus, que nos ajuda a compreender a importância deste dom. Um semeador foi semear; porém, nem toda a semente que lançava dava fruto. A parte que caiu à beira do caminho foi comida pelas aves; a que caiu em terreno pedregoso ou no meio da sarça brotou, mas foi imediatamente secada pelo sol ou sufocada pelos espinhos. Só a que caiu em boa terra germinou e deu fruto (cf. Mc 4, 3-9; Mt 13, 3-9; Lc 8, 4-8). Como o próprio Jesus explica aos discípulos, este semeador representa o Pai, que lança abundantemente a semente da sua Palavra. A semente, contudo, depara-se com a aridez do nosso coração e, mesmo quando é acolhida, corre o risco de permanecer estéril. Ao contrário, com o dom da fortaleza, o Espírito Santo liberta o terreno do nosso coração, liberta-o do torpor, das incertezas e de todos os temores que podem detê-lo, de modo que a Palavra do Senhor seja posta em prática, de forma autêntica e jubilosa. Este dom da fortaleza é uma verdadeira ajuda, dá-nos força, liberta-nos também de tantos impedimentos.

Há inclusive alguns momentos difíceis e situações extremas em que o dom da fortaleza se manifesta de forma extraordinária, exemplar. É o caso daqueles que devem enfrentar experiências particularmente difíceis e dolorosas, que transtornam a sua vida e a dos seus entes queridos. A Igreja resplandece com o testemunho de muitos irmãos e irmãs que não hesitaram em oferecer a própria vida, para permanecer fiéis ao Senhor e ao Evangelho. Também hoje não faltam cristãos que em várias partes do mundo continuam a celebrar e a testemunhar a sua fé, com profunda convicção e serenidade, e resistem mesmo quando sabem que isso pode implicar um preço mais alto. Também nós, todos nós, conhecemos pessoas que viveram situações difíceis, muitas dores. Mas, pensemos naqueles homens, naquelas mulheres, que enfrentam um vida difícil, lutam para sustentar a família, educar os filhos: fazem tudo isto porque há o espírito de fortaleza que os

ajuda. Quantos homens e mulheres — nós não conhecemos os seus nomes — honram o nosso povo, honram a nossa Igreja, porque são fortes: fortes ao levar em frente a própria vida, a própria família, o seu trabalho, a sua fé. Estes nossos irmãos e irmãs são santos, santos no dia-a-dia, santos escondidos no meio de nós: têm precisamente o dom da fortaleza para cumprir o seu dever de pessoas, pais, mães, irmãos, irmãs, cidadãos. Temos muitos! Agradecemos ao Senhor por estes cristãos que têm uma santidade escondida: é o Espírito Santo que têm dentro que os leva em frente! E far-nos-á bem pensar nestas pessoas: se eles têm tudo isto, se eles o podem fazer, por que nós não? E far-nos-á bem também pedir ao Senhor que nos dê o dom da fortaleza.

Não devemos pensar que o dom da fortaleza seja necessário só em determinadas ocasiões e situações particulares. Este dom deve constituir o fundamento do nosso ser cristãos, na normalidade da nossa vida quotidiana. Como disse, em todos os dias da vida quotidiana devemos ser fortes, precisamos desta fortaleza, para fazer avançar a nossa vida, a nossa família, a nossa fé. O apóstolo Paulo pronunciou uma frase que nos fará bem ouvir: «Tudo posso naquele que me fortalece» (Fl 4, 13). Quando enfrentamos a vida comum, quando chegam as dificuldades, recordemos isto: «Tudo posso naquele que me fortalece». O Senhor dá a força, sempre, não a faz faltar. O Senhor não nos dá prova maior da que pudemos suportar. Ele está sempre connosco. «Tudo posso naquele que me fortalece».

Queridos amigos, por vezes, podemos ser tentados a deixar-nos levar pela inércia ou pior pelo desconforto, sobretudo diante das dificuldades e das provações da vida. Nestes casos, não desanimemos, invoquemos o Espírito Santo, para que com o dom da fortaleza possa aliviar o nosso coração e comunicar nova força e entusiasmo à nossa vida e à nossa sequela de Jesus.

### **Ciência**

Quando se fala de ciência, o pensamento dirige-se imediatamente para a capacidade que o homem tem de conhecer cada vez melhor a realidade que o circunda e de descobrir as leis que regulam a natureza e o universo. Contudo, a ciência que deriva do Espírito Santo não se limita ao conhecimento humano: trata-se de um dom especial, que nos leva a entender, através da criação, a grandeza e o amor de Deus e a sua profunda relação com cada criatura.

Quando são iluminados pelo Espírito, os nossos olhos abrem-se à contemplação de Deus, na beleza da natureza e na grandiosidade do cosmos, levando-nos a descobrir como tudo nos fala d'Ele e do seu amor. Tudo isto suscita em nós um grandioso enlevo e um profundo sentido de gratidão! É a sensação que sentimos também quando admiramos uma obra de arte, ou qualquer maravilha que seja fruto do engenho e da criatividade do homem: diante de tudo isto, o Espírito leva-nos a louvar o Senhor do profundo do nosso coração e a reconhecer, em tudo aquilo que temos e somos, é um dom inestimável de Deus e um sinal do seu amor infinito por nós.

No primeiro capítulo do Génesis, precisamente no início da Bíblia inteira, põe-se em evidência que Deus se compraz com a sua criação, sublinhando reiteradamente a beleza e a bondade de tudo. No final de cada dia está escrito: «Deus viu que isso era bom» (1, 12.18.21.25): se Deus vê que a criação é boa, é bela, também nós devemos assumir esta atitude e ver que a criação é boa e bela. Eis o dom da ciência, que nos faz ver esta beleza; portanto, louvemos a Deus, dando-lhe graças por nos ter concedido tanta beleza! E quando Deus terminou de criar o homem, não disse «viu que isso era bom», mas disse que era «muito bom» (v. 31). Aos olhos de Deus, nós somos a realidade mais bela, maior, melhor da criação: até os anjos estão abaixo de nós, nós somos mais do que os anjos, como ouvimos no livro dos Salmos. O Senhor ama-nos! Devemos dar-lhe graças

por isto. O dom da ciência põe-nos em profunda sintonia com o Criador, levando-nos a participar na limpidez do seu olhar e do seu juízo. E é nesta perspectiva que nós conseguimos encontrar no homem e na mulher o ápice da criação, como cumprimento de um desígnio de amor que está gravado em cada um de nós e que nos faz reconhecer como irmãos e irmãs.

Tudo isto é motivo de serenidade e de paz, e faz do cristão uma testemunha jubilosa de Deus, no sulco de São Francisco de Assis e de muitos santos que souberam louvar e cantar o seu amor através da contemplação da criação. Mas ao mesmo tempo, o dom da ciência ajuda-nos a não cair nalgumas atitudes excessivas ou erradas. A primeira é constituída pelo risco de nos considerarmos senhores da criação. A criação não é uma propriedade, que podemos manipular a nosso bel-prazer; nem muito menos uma propriedade que pertence só a alguns, a poucos: a criação é um dom, uma dádiva maravilhosa que Deus nos concedeu, para a cuidarmos e utilizarmos em benefício de todos, sempre com grande respeito e gratidão. A segunda atitude errada é representada pela tentação de nos limitarmos às criaturas, como se elas pudessem oferecer a resposta a todas as nossas expectativas. Com o dom da ciência, o Espírito ajuda-nos a não cair neste erro.

Mas gostaria de voltar a meditar sobre o primeiro caminho errado: manipular a criação, em vez de a preservar. Devemos conservar a criação, porque é uma dádiva que o Senhor nos concedeu, um dom que Deus nos ofereceu; nós somos guardas da criação. Quando exploramos a criação, destruímos o sinal do amor de Deus. Destruir a criação significa dizer ao Senhor: «Não me agrada». E isto não é bom: eis o pecado!

A preservação da criação é precisamente a conservação do dom de Deus; e significa dizer a Deus: «Obrigado, eu sou o guardião da criação, mas para a fazer prosperar, e não para destruir a tua dádiva!». Esta deve ser a nossa atitude em relação à criação: preservá-la, pois se aniquilarmos a criação, será ela que nos destruirá! Não esqueçais isto! Certa vez eu estava no campo e ouvi o dito de uma pessoa simples, que gostava muito de flores e que as preservava. Ela disse-me: «Devemos conservar estas belezas que Deus nos concedeu; a criação é para nós, a fim de beneficiarmos dela; não a devemos explorar, mas conservar, porque Deus perdoa sempre; nós, homens, perdoamos algumas vezes, mas a criação nunca perdoa, e se tu não a preservares, ela destruir-te-á!».

Isto nos leve a pensar e a pedir ao Espírito Santo a dádiva da ciência, para compreender bem que a criação é o dom mais bonito de Deus. Ele fez muitas coisas boas para a melhor coisa, que é a pessoa humana.

### **Piedade**

Meditemos sobre um dom do Espírito Santo que muitas vezes é mal-entendido ou considerado de modo superficial mas, ao contrário, refere-se ao cerne da nossa identidade e da nossa vida cristã: trata-se do dom da piedade.

É necessário esclarecer imediatamente que este dom não se identifica com a compaixão por alguém, a piedade pelo próximo, mas indica a nossa pertença a Deus e o nosso vínculo profundo com Ele, um elo que dá sentido a toda a nossa vida e que nos mantém firmes, em comunhão com Ele, até nos momentos mais difíceis e atormentados.

Este vínculo com o Senhor não deve ser entendido como um dever ou imposição. É uma ligação que vem de dentro. Trata-se de uma relação vivida com o coração: é a nossa amizade com Deus que nos foi concedida por Jesus, uma amizade que transforma a nossa vida e nos enche de entusiasmo



e alegria. Por isso, o dom da piedade suscita em nós, antes de tudo, a gratidão e o louvor. Com efeito, este é o motivo e o sentido mais autêntico do nosso culto e da nossa adoração. Quando o Espírito Santo nos faz sentir a presença do Senhor e todo o seu amor por nós, aquece o nosso coração e leva-nos quase naturalmente à oração e à celebração. Portanto, piedade é sinónimo de espírito religioso genuíno, de confiança filial em Deus e da capacidade de lhe rezar com amor e simplicidade, que é própria das pessoas humildes de coração.

Se o dom da piedade nos faz crescer na relação e na comunhão com Deus, levando-nos a viver como seus filhos, ao mesmo tempo ajuda-nos a derramar este amor também sobre os outros e a reconhecê-los como irmãos. Então, sim, seremos impelidos por sentimentos de piedade — não de pietismo! — pelos que estão ao nosso lado e por quantos encontramos todos os dias. Por que razão digo não de pietismo? Porque alguns pensam que ter piedade significa fechar os olhos, fazer cara de santinho, disfarçar-se de santo. Em piemontês nós dizemos: ser «mugna quacia» («fingido»). Não é esta a dádiva da piedade. O dom da piedade significa ser verdadeiramente capaz de se alegrar com quantos estão alegres, de chorar com quem chora, de estar próximo daquele que está sozinho ou angustiado, de corrigir quantos erram, de consolar quem está aflito, de acolher e socorrer aquele que está em necessidade. Há uma relação muito estreita entre o dom da piedade e mansidão. A dádiva da piedade, que recebemos do Espírito Santo, torna-nos mansos, tranquilos, pacientes e em paz com Deus, pondo-nos ao serviço do próximo com mansidão.

Caros amigos, na Carta aos Romanos o apóstolo Paulo afirma: «Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porquanto, não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adopção pelo qual clamamos: “Aba! Pai!”» (Rm 8, 14-15). Peçamos ao Senhor que a dádiva do seu Espírito possa vencer o nosso temor, as nossas incertezas e até o nosso espírito irrequieto, impaciente, e possa tornar-nos testemunhas jubilosas de Deus e do seu amor, adorando o Senhor na verdade e também no serviço ao próximo com mansidão e com o sorriso que o Espírito Santo sempre nos proporciona na alegria. Que o Espírito Santo nos conceda a todos este dom da piedade.

### **Temor de Deus**

O dom do temor de Deus não significa ter medo de Deus: sabemos que Deus é Pai e nos ama, quer a nossa salvação e nos perdoa sempre; por isso, não há motivo para ter medo dele! Ao contrário, o temor de Deus é o dom do Espírito que nos recorda como somos pequenos diante de Deus e do seu amor, e que o nosso bem está no nosso abandono com humildade, respeito e confiança nas suas mãos. Este é o temor de Deus: o abandono à bondade do nosso Pai, que nos ama imensamente.

Quando o Espírito Santo faz a sua morada no nosso coração, infunde-nos consolação e paz, levando-nos a sentir-nos como somos, isto é pequeninos, com aquela atitude — tão recomendada por Jesus no Evangelho — de quem põe todas as suas preocupações e expectativas em Deus, sentindo-se abraçado e sustentado pelo seu calor e pela sua salvaguarda, precisamente como uma criança com o seu pai! É isto que faz o Espírito Santo nos nossos corações: leva-nos a sentir-nos como crianças no colo do nosso pai. Então, neste sentido compreendemos bem que o temor de Deus assume em nós a forma da docilidade, do reconhecimento e do louvor, enchendo de esperança o nosso coração. Com efeito, muitas vezes não conseguimos entender o desígnio de Deus e damo-nos conta de que não somos capazes de assegurar sozinhos a nossa felicidade e a vida eterna. Mas é precisamente na experiência dos nossos limites e da nossa pobreza que o Espírito nos conforta e nos leva a sentir que a única coisa importante é deixar-nos conduzir por Jesus para os braços do seu Pai.

Eis por que motivo temos tanta necessidade deste dom do Espírito Santo. O temor de Deus faz-nos ter consciência de que tudo é graça e que a nossa verdadeira força consiste unicamente em seguir o Senhor Jesus e em deixar que o Pai possa derramar sobre nós a sua bondade e misericórdia. Abramos o coração, para receber a bondade e a misericórdia de Deus. É isto que faz o Espírito Santo mediante o dom do temor de Deus: abre os corações. Mantenhamos o coração aberto para deixar entrar o perdão, a misericórdia, a bondade e os afagos do Pai, porque nós somos filhos infinitamente amados.

Quando estamos cheios do temor de Deus, então somos levados a seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência. Mas isto não com atitude resignada e passiva, até lamentosa, mas com a admiração e a alegria de um filho que se reconhece servido e amado pelo Pai. Portanto, o temor de Deus não faz de nós cristãos tímidos e remissivos, mas gera em nós coragem e força! É uma dádiva que faz de nós cristãos convictos e entusiastas, que não permanecem submetidos ao Senhor por medo, mas porque se sentem comovidos e conquistados pelo seu amor! Ser conquistado pelo amor de Deus! Isto é bom! Deixemo-nos conquistar por este amor de pai, que nos ama muito, que nos ama com todo o seu coração.

Mas estejamos atentos, pois a dádiva de Deus, o dom do temor de Deus constitui também um «alarme» diante da obstinação do pecado. Quando uma pessoa vive no mal, quando blasfema contra Deus, quando explora o próximo, quando tiraniza contra ele, quando vive só para o dinheiro, a vaidade, o poder ou o orgulho, então o santo temor de Deus alerta-nos: atenção! Com todo este poder, com todo este dinheiro, com todo o teu orgulho, com toda a tua vaidade não serás feliz! Ninguém consegue levar consigo para o além o dinheiro, o poder, a vaidade ou o orgulho. Nada! Só podemos levar o amor que Deus Pai nos concede, as carícias de Deus, aceites e recebidas por nós com amor. E podemos levar aquilo que fizemos pelo próximo. Estejamos atentos a não pôr a esperança no dinheiro, no orgulho, no poder e na vaidade, pois tudo isto não nos pode prometer nada de bom! Por exemplo, penso nas pessoas que têm responsabilidades sobre os outros e se deixam corromper; pensais que uma pessoa corrupta será feliz no além? Não, todo o fruto do seu suborno corrompeu o seu coração e será difícil alcançar o Senhor. Penso em quantos vivem do tráfico de pessoas e do trabalho escravo; pensais que quantos traficam pessoas, que exploram o próximo com o trabalho escravo têm o amor de Deus no seu coração? Não, não têm temor de Deus e não são felizes. Não o são! Penso naqueles que fabricam armas para fomentar as guerras; mas que profissão é esta! Estou convicto de que se agora eu vos dirigir a pergunta: quantos de vós sois fabricantes de armas? Nenhum, ninguém! Estes fabricantes de armas não vêm para ouvir a Palavra de Deus! Eles fabricam a morte, são mercantes de morte, fazem da morte mercadoria. Que o temor de Deus os leve a compreender que um dia tudo acaba e que deverão prestar contas a Deus.

Caros amigos, o Salmo 34 leva-nos a rezar assim: «Quando um pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o de todas as suas angústias. O anjo do Senhor assenta os seus arraiais em redor dos que O temem e os salva» (vv. 7-8). Peçamos ao Senhor a graça de unir a nossa voz à dos pobres, para acolher o dom do temor de Deus e poder reconhecer-nos, juntamente com eles, revestidos de misericórdia e de amor a Deus, que é o nosso Pai, o nosso pai.

*(Papa Francisco, Audiências Gerais, 9 de Abril a 11 de Junho de 2014)*

## 3º Encontro



Bíblias

Caixa, com um espelho colado no fundo, e com tampa



1. O animador faz uma introdução / enquadramento a este encontro, que conclui e actualiza a temática do Espírito Santo abordada nos dois encontros anteriores.

Os dons que recebemos do Espírito Santos não são para interesses privados; mais, eles são para o bem da comunidade de fé no seu todo e para o mundo em geral. Na verdade, a prova de que um dom vem de Deus é se ele contribui para o bem comum e edifica a comunidade.

O desafio que nos é colocado, nos dias de hoje, é fazer as nossas comunidades, as nossas famílias saírem da sua passividade e acomodação para se tornarem sujeitos activos da própria história através da partilha de seus dons.

Estes dons podem e devem transformar-se em fraternidade, solidariedade, justiça. Através de uma vivência comunitária nos grupos de reflexão, grupos de oração, estudo bíblico, etc, criam-se práticas sociais e uma maior consciência de cidadania.

Os sete dons: sabedoria, entendimento, ciência, conselho, fortaleza, piedade e temor de Deus ajudam a entender os planos de Deus na vida de cada cristão. Mas também lhe dão a capacidade de superar o perigo da indiferença e do medo, para amar a Deus como Pai.

Estes dons empenham os cristãos na luta por um mundo mais justo e humano e para perseverar na fé e na esperança, mesmo no meio aos desafios e dificuldades. Eles resumem toda a acção do Espírito Santo nas pessoas.

Os dons doados pelo Espírito de Deus não tornam as pessoas passivas, inertes, acomodadas. Mas, pelo contrário, o cristão que toma consciência de que está inundado por estes dons, transforma a sua vida!

Um cristão crismado que não ajuda a transformar, a mudar a sociedade em que vive, certamente que guardou numa gaveta os seus dons.

2. Ler 1Cor 12, 4-11

3. Partilha do trabalho elaborado durante a semana, mostrando as fotos e os relatos e/ou os vídeos. Tentar identificar os dons exercidos em cada um desses serviços e por cada uma dessas pessoas.

4. Identificar as necessidades da comunidade a que pertencem e as possibilidades de serviços que podem ser prestados por cada um no exercício dos dons do Espírito Santo.

5. Dinâmica do espelho: o animador anuncia que, além dos setes dons, se esqueceram de falar de um, o oitavo, muito importante para a vida da Igreja.

Esse dom está dentro da caixa que vai ser passada de mão em mão. Cada um deverá abrir, ver, e voltar a fechar sem revelar ao resto do grupo o que viu.

6. Partilhando o resultado desta dinâmica, pretende-se que se chegue à conclusão que cada um pode ser Dom do Espírito no serviço à comunidade. Mesmo que já tenham um papel activo, podem sempre ser mais. E perseverar nas dificuldades, pedindo ajuda ao Espírito Santo, que nunca deixa de estar com cada um.

7. Nota: depois de identificar a diversidade de dons que estão presentes na comunidade e as necessidades das mesmas, propõe-se que os jovens desafiem a comunidade a tomar consciência de que esta é depositária de uma grande riqueza de dons e que estes são a resposta de Deus às necessidades da comunidade.

Para tal sugere-se que, no momento Pós comunhão de uma Eucaristia comunitária, os jovens se apresentem e expliquem qual o tema que tem estado a tratar nos seus últimos três encontros. Depois deste enquadramento, em que se deve reforçar a ideia de que a comunidade só ganha pleno sentido com a presença de todos, em comunhão na diversidade de dons e na entrega de cada um, poderá ser distribuída uma oração ao Espírito Santo, que é rezada por todos nesse momento.

A oração poderá ser acompanhada de uma mensagem a convidar cada um a tomar consciência de que foi chamado pelo Senhor a fazer parte de uma comunidade concreta e de que, o mesmo Senhor, o tornou participante dos seus dons, de uma forma única e irrepetível, e que todos precisamos que esses dons sejam generosamente reconhecidos e frutificados.

Este momento pode terminar com um cântico ao Espírito Santo.

 119

 Cântico (ao Espírito Santo)

[Todos, em dois coros]

Espírito Santo – Fonte de Verdade,  
Vós, Sopros de Deus – Fonte da Vida!

Surpreendi-me	no meu dia a dia.
Impeli-me	até alcançar os meus planos.
Moldai-me	no meu conhecimento.
Enchei-me	com todos os vossos dons.
Imergi-me	para que seja purificado.
Despertai os meus talentos	para que os ponha a render.
Actuai em mim	para que o meu “eu” de desvaneça.
Inflamai o vosso carisma	para que dê testemunho de vós.
Buscai-me	quando fugir.
Componde-me	quando enlouquecer sem razão.
Dai-me um empurrão	quando desistir.
Estimulai-me	quando for bem sucedido.
Apressai-me	quando vos procurar.
Aproximai-vos de mim	quando estiver perdido nos meus pensamentos.
Informai-me	quando não compreender.
Parti o meu coração	quando ele endurecer.
Invadi-me	quando estiver indeciso.
Purificai-me	quando for tentado.
Aquecei-me	quando arrefecer.
Inundai-me	quando estiver aborrecido.

Atravessai-me	quando estiver vazio.
Alegrai-me	quando estiver triste.
Abraçai-me	quando estiver só.
Rezai em mim	quando estiver sem palavras.
Consolai-me	quando estiver abandonado.
Curai-me	quando estiver doente.
Segurai-me	quando cair.
Salvai-me	quando estiver desamparado.
Controlai-me	quando arder de desejo.
Regozijai em mim	quando vos amar.



### Os frutos do Espírito ou os carismas que não fazem barulho

Há carismas que não fazem barulho. Chama-se-lhes «frutos do Espírito», com S. Paulo. Estes frutos são dados a todos, pessoalmente e em comunidade. Paulo enumera-os na sua carta aos Gálatas: «Caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, temperança» (Gal 5, 12). Em outros lugares dá ainda outras listas, que se sobrepõem parcialmente: «Bondade, justiça, verdade» (Ef 5, 9); «Piedade, justiça, fé, caridade, paciência e mansidão» (1 Tim 6, 11); «Justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (Rom 14, 17); «Castidade, ciência, paciência, bondade, caridade não fingida, palavra de verdade, poder de Deus» (2 Cor 6, 6-7).

Destes vários textos ressalta a imagem da comunidade iluminada pela alegria do serviço e pela escuta mútua, na paciência e na paz do coração. Comunidades construídas sobre a caridade, de que Paulo fala com ardor no seu «hino à caridade» (1 Cor 13). Viver este amor não é senão fazer-se discípulo de Jesus, que foi «manso e humilde de coração» (Mt 11, 29); é ser com Ele um homem abandonado a Deus e aberto aos outros, homem livre e sem artifícios, ao mesmo tempo exigente e misericordioso, forte e terno, homem de interioridade e acessível a todos. O oposto do homem violento, agressivo, centrado sobre si mesmo, insensível aos outros (ver Gal 5, 19-21).

Na maioria das vezes, o Espírito age no coração dos homens de maneira pouco espectacular. Na maior parte do tempo, ele dá-nos frutos «normais». «São tão normais», acrescenta O Catecismo holandês, «que em toda a parte estão no seu lugar, na cozinha e na sala, na escola e na oficina. Assim, o Espírito Santo está presente nesta realidade “mais vulgar”, o amor cristão, porque no mundo não há nada maior. Poderia acrescentar-se à lista (de Paulo) uma descrição de toda a vida cristã; a fidelidade escondida, a bondade desinteressada (toda uma vida consagrada aos doentes), o dever cumprido sem discursos inúteis (a mãe de família), a confiança inabalável do pecador de que Deus é maior do que o seu próprio coração, e depois a constância na tentação, o serviço caloroso para com um vizinho em dificuldades, o verdadeiro amor de Deus, a perseverança ardente na oração, a paciência na dor, a alegria de uma consciência em paz. É esta a obra do Espírito hoje» (Une introduction à la foi catholique, pp. 257-258).

Deve-se, além disso, lembrar que o Espírito de Deus não age contra a nossa inteligência, não força o nosso temperamento para construir sobre aquilo a que se poderia chamar as ruínas da nossa natureza. Quando o Espírito trabalha, é quase sempre no prolongamento dos dons que já são nossos. É raro um homem manso e tímido transformar-se num lutador indomável. Isto não é de admirar, uma vez que o Espírito Santo e os nossos dons «naturais» provêm da mesma fonte: a generosidade do Pai. Dificilmente poderiam estar em oposição.

### Os dons particulares do Espírito Santo

Há também dons particulares do Espírito Santo; Paulo fala deles aqui e além nas suas cartas. São dados à pessoa, mas não para ela própria: são ordenados ao serviço da comunidade e do mundo.

Esses dons podem variar consoante as épocas da história, consoante as necessidades concretas da evangelização. É por isso que eles estão particularmente presentes no momento em que a Igreja deve ser fundada e deve enraizar-se numa cultura nova, seja na Antiguidade seja hoje nos países de missão ou nas nossas sociedades secularizadas. Esses dons particulares, mais ou menos espetaculares, têm por função ajudar a Igreja a desenvolver-se. É assim que o Catecismo holandês menciona «certas aptidões surpreendentes para animar o povo cristão, um ensino inspirado (teologia), a providência no governo da comunidade, certas expressões artísticas, a educação (pelos pais ou outros)» (pp.258-259). Estes dons são muitas vezes contagiosos, a ponto de inspirarem grupos inteiros.

Há também certos lugares que parecem mais abertos que outros ao Espírito, como sejam Lourdes, Roma ou Jerusalém e muitos lugares de peregrinação: há lugares que o Espírito privilegia e onde brilha o seu poder.

Um dos dons particulares do Espírito é o dom de governo na Igreja. «A autoridade normal é a primeira via que o Espírito utiliza, e nunca ninguém poderá avaliar os tesouros de amor, de alegria, de paz, de amizade, de bondade, de fidelidade, de mansidão e de piedade que se têm espalhado sobre a terra através dos responsáveis da Igreja, poderosas figuras ou personalidades discretas» (Une introduction à la foi catholique, p. 259). Compete a esses responsáveis ordenar os carismas das suas comunidades e provar a sua autenticidade.

### **Carismas para um tempo de crise**

Em tempo de crise - como hoje - o Espírito multiplica os seus dons. Não é, pois, de admirar que na nossa época se dê nos meios católicos uma atenção maior aos carismas. A Igreja dos nossos dias conhece mais do que há algumas décadas comunidades que reflectem bem a situação das primeiras comunidades dos Actos. É evidente que o discernimento se impõe neste domínio. Mas a Igreja, unida aos seus chefes, receberá sempre esse carisma de discernimento tão importante no nosso tempo.

Há também o carisma do ensino e do estudo da teologia, indispensável no nosso tempo em que tantas doutrinas e escalas de valores fazem concorrência umas às outras; temos necessidade do dom da sabedoria e do equilíbrio, quando florescem tantos discursos unilaterais e desequilibrados; do dom da profecia, que permite o discernimento dos «sinais dos tempos» de que tanto se fala; do dom do louvor espontâneo, num tempo de secura e de cepticismo; do dom da compaixão, da atenção aos outros, quando tantos homens sofrem tantos traumatismos e feridas; do dom do serviço generoso, num tempo de cada-um-por-si; os dons de uma catequese entusiasmante, do carisma de consolação dos doentes, do carisma do encorajamento, da solidariedade para com os pobres e os oprimidos, da palavra corajosa, quando reina o terror das ideologias.

### **Os dons extraordinários do Espírito**

Quanto mais rude é a vida do povo de Deus mais Deus lhe concede os seus dons. Pensemos, por exemplo, em tudo o que Israel recebeu no tempo do Êxodo e da permanência no deserto ou por ocasião do exílio.

Quais serão hoje os dons particulares que o Senhor nos dá? Não será a fé que transporta as montanhas, que realiza milagres e que, assim, dá peso ao anúncio do Evangelho? A história da pregação missionária está assinalada por tais milagres, que já Jesus anuncia: «Eis os milagres que acompanharão aqueles que acreditarem: Em meu nome expulsarão os demónios, falarão línguas novas, apanharão serpentes com as mãos e, se ingerirem alguma bebida mortífera, não sofrerão nenhum mal; imporão as mãos sobre os enfermos e eles recuperarão a saúde» (Mc 16, 17 -18).

Entre os dons extraordinários que o Espírito faz à nossa Igreja de hoje, não se pode deixar de

mencionar as novas e diversas formas de vida comunitária. Elas são conhecidas um pouco por toda a parte e de maneiras muito variadas. Há também muitas figuras «espirituais» que marcam a nossa época: D. Helder Câmara, Roger Schutz, Jean Vanier, Chiara Lubich, Madre Teresa, Joseph Wiziński, o abbé Pierre. Neles a acção do Espírito parece quase tangível, e nas comunidades que fundaram as vocações são numerosas.

Outro dom extraordinário é o da cura, tanto mental como psicológica ou mesmo física. Algumas comunidades têm, assim, o dom de curar aqueles que acorrem a elas, marcados pelas feridas de um grave fracasso, da solidão ou da doença. Não é, aliás, raro que a saúde física de uma pessoa melhore sensivelmente com a imposição das mãos e a oração em comum; estes gestos vêm-nos do próprio Senhor e da Igreja primitiva. Tais curas através da oração não são novas. Desde os tempos mais antigos, a Igreja ensina que o sacramento do perdão, a eucaristia e o sacramento dos doentes proporcionam àquele que os recebe «a cura da alma e do corpo». Mesmo nas épocas mais sensíveis à crítica racionalista, a Igreja nunca quis apagar das suas orações litúrgicas esta dimensão corporal da cura.

Quando a família é vítima de violência, como hoje, pode-se esperar que Deus envie mulheres e homens, casais, padres, religiosos e religiosas, que possuam um carisma pastoral adaptado ao casal e à família. De facto, poderia Deus abandonar as famílias, essas células de vida em que todos recebem - ou deveriam receber - vida, alimento e saúde material e espiritual? É por isso que aos homens e às mulheres do nosso tempo é indispensável o testemunho cristão de famílias felizes, acolhedoras, generosas e orantes, de famílias em que a presença de Deus é vivida com simplicidade e naturalidade. Peçamos a Deus que suscite no seu povo apóstolos, evangelizadores para os casais e para as famílias. É o carisma por excelência na Igreja neste fim do século XX.

### **Que é que nos impede de sermos testemunhas do Evangelho?**

Em cada época, o anúncio do Evangelho choca com obstáculos que lhe são próprios. Há joio de todos os tempos, mesmo que a espécie possa variar. Qual será então o joio do nosso tempo e da nossa sociedade de hoje? O que é que em nós é obstáculo à evangelização?

Em primeiro lugar, há o nosso sentido, muitas vezes falseado, da tolerância. Temos tanto medo de impor a outrem a nossa convicção que nem sequer ousamos dizer-lha. Com frequência, ficamos nos preliminares sem nunca chegarmos a proclamar o que constitui o núcleo da nossa fé: o mistério de Cristo e da Trindade. Somos muitas vezes paralisados pelo medo da reacção de rejeição que o nosso testemunho possa suscitar. Mas haverá algum profeta que não tenha encontrado contestação? E nem por isso a sua palavra foi menos fecunda!

Outras dificuldades podem acrescentar-se a este primeiro obstáculo. Se testemunharmos tão pouco o Evangelho, isso não será porque nos falta um coração de criança, de que falava Jesus? Sem esse coração de criança ninguém pode entrar no Reino de Deus; sem esse espírito de infância ninguém se pode tornar testemunha nem apóstolo. Como falar do Pobre, do Humilde, do Menino de Belém, sem nos desprendermos de nós próprios, sem sermos pobres e humildes? «Aprendei de Mim, que sou manso e humilde de coração» (Mt 11, 29).

Mas o obstáculo mais radical à evangelização não será a nossa falta de alegria, de esperança e de fervor? Como levar o Evangelho ao mundo se estamos desencorajados? Sobretudo quando isso é acompanhado de uma relativização da missão que nos vem de Cristo: «Ide, pois, ensinai todas as nações» (Mt 28, 19). A tentação não é nova. Também Pedro, depois da ressurreição de Jesus, já não acreditava na sua missão de anunciar a palavra. Manifestava a sua decepção dizendo: «Vou pescar».

Era para esta tentação que o Papa Paulo VI chamava a atenção na sua exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, datada de 1975: «De tais obstáculos, que são também dos nossos tempos, limitar-nos-emos a assinalar a falta de fervor, tanto mais grave por isso mesmo que provém de

dentro, do interior de quem a experimenta. Essa falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e de esperança. E que o mundo do nosso tempo, que procura, ora na angústia, ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem recebeu primeiro em si a alegria de Cristo, e são aqueles que aceitaram arriscar a sua própria vida para que o Reino seja anunciado e a Igreja seja implantada no meio do mundo» (EN 80).

Também hoje o Espírito trabalha nos nossos corações e no de tantos homens e de tantas mulheres que caminham para o Reino. Por toda a parte nas nossas comunidades o Espírito Santo trabalha - presença discreta ou claramente manifestada - e já nos permite viver a luz do Evangelho e a alegria da Igreja primitiva.

Reencontremos, pois, na alegria «o fogo do primeiro Pentecostes e a alegria do começo».

*(Cardeal Godfried Danneels, O fogo do Espírito)*



**3º BLOCO**

# IV – Celebração - “Reconheceram-n’O ao partir do pão” (cf. Lc. 24, 30-31)

---

Propõe-se uma celebração com base no relato dos discípulos de Emaús (Lc. 24, 13-35), conduzindo os jovens a uma descoberta orante dos lugares de reconhecimento da presença, hoje, do Senhor ressuscitado. Seguindo a pedagogia do texto, esta celebração decorre ao jeito de uma caminhada, porque é no caminho da vida, com Jesus, que entramos no mistério de Deus e o próprio Deus entra na história de cada um de nós.

Para esta celebração, é imprescindível a presença do pároco ou de um outro sacerdote, dado que o esquema proposto termina com a Eucaristia, ou, melhor, com a liturgia eucarística. Convém, por isso, escolher, como final da caminhada, um lugar onde esta possa decorrer dignamente (uma igreja, uma capela ou ao ar livre, em local apropriado), tendo previamente preparado o material necessário para a caminhada (Bíblias, folhas de cânticos, lucernas ou velas, círio, recipiente com água e hissopo) e para a Eucaristia. Se se optar por terminar com um lanche partilhado, convém avisar o grupo com antecedência deste facto, de modo a todos poderem trazer algo para o mesmo.

**1ª etapa: “dois discípulos iam a caminho” (Lc. 24, 13) – início da celebração**

- \* Cântico inicial
- \* Saudação inicial, por parte do sacerdote - Em nome do Pai...»; «A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo...»
- \* Breves palavras de acolhimento
- \* Leitura de Lc. 24, 13-16
- \* Proposta para seguirem dois a dois, partilhando a sua semana, projectos, etc.
- \* Início da caminhada

**2ª etapa: “Pararam entristecidos” (Lc. 24, 17) – rito penitencial**

- \* Leitura de Lc. 24, 17-24
- \* Lançar a questão: o que é que impede cada um de reconhecer a presença de Jesus ressuscitado? Quais os maiores obstáculos que se me colocam para a fé e a confiança? O que ainda é, em mim, causa de desânimo e desalento?
- \* Tempo de reflexão individual. Cada um poderá, após este momento, expressar, por palavras ou num símbolo, o resultado desta reflexão.

\* Rito penitencial: propõe-se que se fala o rito penitencial com a aspersão, significando que, pelo baptismo, todo o homem velho é sepultado com Cristo, de modo o que, pelo seu Espírito, tudo seja recriado, feito de novo. O Espírito Santo, que cada um recebeu pelo baptismo e pela Confirmação, permite o recomeço constante, o nascer de novo (Para este rito, ver diversas propostas no Missal Romano).

\* Cântico

\* Proposta do hino Glória a Deus nas alturas (cantado ou recitado), como reconhecimento do que Deus fez e faz por nós, do Seu amor manifestado na pessoa de Jesus.

\* Desafio a retomar a caminhada, novamente dois a dois, propondo a cada par a leitura de Lc. 24, 25-27 e convidando-os a tentar perceber o significado das palavras e das atitudes de Jesus expressas neste excerto.

### **3ª etapa:** “explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que lhe dizia respeito” (Lc. 24, 27) – Liturgia da Palavra

\* Partilha das reflexões feitas

\* Síntese feita por quem preside, salientando a importância da Palavra de Deus para descobrir quem é Jesus e qual o projecto de Deus que nele se concretiza. É à luz da Palavra que desmontamos os nossos mitos acerca de Deus e nos confrontamos naquilo que somos e que é a nossa vida.

\* Liturgia da Palavra, com textos do dia ou outros escolhidos pelo(s) animador(es) com o pároco. No final da proclamação do Evangelho, como gesto de veneração pela Palavra, poder-se-á dar a beijar a Bíblia ou o livro dos Evangelhos

\* Partilha da Palavra. Pode ser feita só por quem preside ou propor-se que todos façam eco da palavra escutada.

\* Profissão de fé – pode-se rezar o Credo ou optar pela forma dialogada, fazendo de ambas uma adesão pessoal a Jesus que as Escrituras nos ajudaram a descobrir. Neste momento, poder-se-ão acender as lucernas ou velas.

\* Preces partilhadas

\* Reinício da caminhada, propondo que cada par prepare algo para o momento seguinte da celebração (escolha de cânticos, uma oração para depois da comunhão...).

### **4ª etapa:** “Reconheceram-n’O ao partir do pão” (Lc. 24, 30-31) – liturgia eucarística

\* Leitura de Lc. 24, 28-32.

\* Proposta para celebrar a Eucaristia ou, melhor, para a continuar, dado que esta começou logo no momento em que se congregaram, tendo já escutado a Palavra de Deus e reconhecido a misericórdia de Deus que fortalece a nossa fragilidade. Como Jesus fez, também agora a mesa

será posta, para que o Senhor se dê no pão partilhado e os nossos olhos se abram aos caminhos novos que Deus tem para cada um.

\* Na liturgia eucarística, sugere-se a utilização da Oração Eucarística V, por fazer referência ao relato de Emaús. Poder-se-á também, se possível, ir explicando paulatinamente a sequência dos momentos da liturgia eucarística, de modo a perceber-se a sua conexão e o que eles nos dizem do mistério que se celebra. Poder-se-á ainda distribuir a comunhão sob as duas espécies.

**5ª etapa:** “voltaram imediatamente para Jerusalém” (Lc. 24, 33) – ser Igreja.

\* Leitura de Lc. 24, 33-35; realçar brevemente a Igreja como o instrumento de Deus para o anúncio do seu Reino, lançando já o desafio para aprofundar este tema no próximo ano.

\* Compromisso: leitura conjunta do seguinte texto:

Nós Te agradecemos, Te louvamos  
e Te bendizemos, Senhor,  
porque não apenas Te manifestaste  
na riqueza e no poder da Tua vida e da Tua morte,  
nas Tuas palavras e nos Teus milagres,  
nos sofrimentos  
e na glória da Tua ressurreição,  
mas continuas a manifestar-Te  
no mistério da Tua Igreja.  
Nela, Senhor, Tu vives,  
nela, difundes o Teu Espírito,  
nela, espalhas a Tua palavra,  
nela, curas,  
nela, consolas os sofrimentos dos homens,  
nela e por ela Te deste um corpo visível  
que é a luz da História,  
sinal e instrumento de unidade para o género humano.  
E nós, que de bom grado contemplamos  
a Tua vida e a Tua morte,  
a Tua paixão e a Tua glória,  
nós te suplicamos, Senhor,  
poder contemplar o mistério do Teu corpo estendido no tempo  
e, também de poder contemplá-lo como Tua realidade.  
Senhor, Tu que Te entregas a nós, como dom,  
através da Eucaristia  
e, por meio dela,  
nos constróis como Teu corpo histórico no tempo,  
faz com que nós Te possamos contemplar  
no mistério eucarístico e no mistério eclesial.  
Faz com que possamos conhecer  
a grandeza da esperança  
à qual nos chamas pela vida,  
o servir, o mistério,

nesse corpo que é Teu,  
e que difunde o Teu esplendor no tempo,  
à espera da plenitude da glória.

*(Carlo Maria Martini, Orações do Cardeal Martini – Bem cedo Te buscarei, Senhor)*

\* Bênção final

\* Cântico final

Somos testemunhas da ressurreição

Após a celebração, poder-se-á seguir um lanche partilhado, como prolongamento da partilha e da festa em torno da mesa do Senhor.